

THE DARK FORCES WILL EAT YOU UP, PRETTY GIRL.

The background of the cover is a dark, textured blue with white speckles, resembling a night sky or a stormy sea. A large, bright blue lightning bolt strikes diagonally from the top left towards the bottom right. In the center, a man with long, flowing white hair and a woman with long, flowing pink hair are shown in profile, facing each other and looking down. The man is wearing a dark, high-collared coat, and the woman is wearing a dark top with a pink collar. The title 'YOUR KNIFE, MY HEART' is written in large, bold, white, sans-serif capital letters across the middle of the cover, partially overlapping the characters and the lightning bolt.

YOUR KNIFE, MY HEART

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
K.M. MORONOVA

SUA FACA, MEU CORAÇÃO

K.M. MORONOVA

Direitos autorais © 2025 por KM Moronova

Design da capa © 2025 por Sourcebooks

Ilustração da capa © KM Moronova

Design da capa por Nicole Lecht/Sourcebooks

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações — exceto no caso de breves citações incorporadas em artigos ou resenhas críticas — sem a permissão por escrito de sua editora, Sourcebooks.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma para fins de treinamento em tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não intencional por parte do autor.

Todas as marcas e nomes de produtos usados neste livro são marcas comerciais, marcas registradas ou nomes comerciais de seus respectivos proprietários. A Sourcebooks não possui qualquer vínculo com os produtos ou fornecedores mencionados neste livro.

*Para aqueles que sempre se apaixonam por um homem fictício que pode ou não te
deixar sem vida.*

CONTENTS

[Lista de](#)

[reprodução também por KM Morongva](#)

[Aviso de conteúdo](#)

[Prólogo](#)

1. [Emery](#) .
2. [Cameron](#)
3. [Emery](#) .
4. [Emery](#) .
5. [Emery](#) .
6. [Cameron](#)
7. [Emery](#) .
8. [Emery](#) .
9. [Cameron](#)
10. [Emery](#) .
11. [Emery](#) .
12. [Emery](#) .
13. [Cameron](#)
14. [Emery](#) .
15. [Emery](#) .
16. [Cameron](#)
17. [Emery](#) .
18. [Emery](#) .
19. [Cameron](#)
20. [Emery](#) .
21. [Cameron](#)
22. [Emery](#) .
23. [Emery](#) .
24. [Cameron](#)
25. [Emery](#) .
26. [Emery](#) .
27. [Cameron](#)
28. [Emery](#) .

29. ~~Emery~~ .

30. Cameron

31. ~~Emery~~ .

32. Cameron

33. ~~Emery~~ .

34. Cameron

35. ~~Emery~~ .

~~[Uma prévia do segundo livro da duologia Forças das Trevas.](#)~~

~~[Prólogo](#)~~

~~[Capítulo 1](#)~~

~~[Agradecimentos](#)~~

~~[Sobre o autor](#)~~

PLAYLIST

5150—mgk My

Fault—Shaboozey com participação de Noah Cyrus

Monsters—All Time Low, com participação de Demi Lovato e blackbear

La Di Die—Nessa Barrett feat. jxdn

Pesadelo—Halsey

Sangue até a morte — Linkin Park

Fim dos Tempos — Zara Larsson

Não Podemos Parar—Miley Cyrus

Longe de Casa—The Lumineers

Espíritos—Os Strumbellas

Morra Primeiro—Nessa Barrett

ALSO BY K.M. MORONOVA

Série Pine Hollow (completa)

(Romance Sombrio. Deuses/Reencarnação. Por que escolher)

Um Deus de Ira e Mentiras

Um Deus da Morte e do Repouso

Uma Deusa da Vida e do Amanhecer

Série Academia Alkrose

(Fantasia Sombria. De inimigos a amantes. Por que escolher?)

Das Sombras Imortais

Segredos de Alkrose

—

Santuário de Harlow

A Trama de Nossas Almas *(Romance/Thriller Contemporâneo Sombrio) - Livro Único*

Uma Balada de Fantasma e Esperança *(spin-off de A Trama de Nossas Almas)*

Universo das Forças das Trevas

(Romance militar sombrio)

Deixe-me para Trás *(independente)*

Sua Faca, Meu Coração *(Dueto Forças das Trevas, livro 1)*

Minha Lâmina, Suas Costas *(Dueto Forças das Trevas, livro 2)*

Dueto Destinos Cruéis

(Romance sombrio)

Era uma vez o coração de um demônio

—

AVISO DE CONTEÚDO

Aviso de conteúdo

O CONTEÚDO DESTES LIVROS PODE SER PERTURBADOR E IMPACTANTE PARA ALGUNS LEITORES. Este é um romance militar sombrio ambientado em um cenário fictício. As "Forças das Trevas" são uma operação clandestina fictícia que eu criei e não representam, de forma alguma, operações militares reais. Locais/bases específicos são fictícios, mas baseados em fatos reais.

Este livro se passa dez anos antes de *"Leave Me Behind"*, mas é completamente independente.

Se você for sensível ou se ofender facilmente com algum dos assuntos abaixo, por favor, não leia este livro.

Este livro inclui o seguinte: violência física, cenas de sexo explícitas, humor mórbido, cenas sangrentas explícitas, morte, linguagem explícita, comportamento sexista, trauma de guerra, representações de missões militares, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), assassinato, personagens com problemas mentais, automutilação, abuso grave de substâncias, uso forçado de substâncias, profanação de cadáveres.

PRÓLOGO

Cameron

Dizem que os soldados das forças das trevas são como ferramentas nas mãos dos verdadeiros demônios do mundo. Somos um segredo sujo. As armas quebradas, varridas para debaixo do tapete quando chega a nossa hora de expirar.

Só que eu não pretendo morrer aqui no exército clandestino. Não pretendo morrer de jeito nenhum. Vou ser o melhor entre esses soldados corruptos. Quero ser como o Tenente Erik e subir na hierarquia ao lado dele.

Ele é o único que esteve ao meu lado nessa minha vida miserável. O único que já se preocupou comigo.

É por isso que meus polegares estão enfiados até os nós dos dedos no olho de algum idiota qualquer. soquetes. Ele grita e o som doce disso faz minhas pernas bambearem.

“Ah, não me olhe assim. Você está gostando disso tanto quanto eu, Titã”, respondo bruscamente ao meu camarada, que me lança um olhar de desprezo a poucos metros de distância. Seu equipamento tático preto está manchado de sujeira e sangue, assim como o meu. Seus óculos de proteção estão no capacete, deixando um anel limpo ao redor dos olhos, enquanto o resto do rosto está imundo.

“Mori, nunca gostei do jeito que você faz as coisas. Anda logo com isso, porra? Meu estômago está embrulhado só de olhar.” Titan se vira e cobre a boca como se fosse vomitar. De todas as coisas grotescas ao nosso redor nesta cabana abandonada no meio do nada, o que estou fazendo é o que menos me dá náuseas.

Reviro os olhos. *Tudo bem.*

Meus polegares escorregam das articulações do soldado. Eu seguro firmemente minha pistola. com uma mão, enquanto com a outra forçava a mandíbula cerrada dele a abrir.

“Abra. Bem.” Articulo as palavras de forma exagerada, como se estivesse alimentando alguém. uma criança. Meu sotaque britânico fica carregado com a pronúncia lenta.

O homem geme quando o metal da minha arma roça seus dentes ensanguentados. Eu a empurro até o fundo de sua garganta, fazendo-o engasgar e se debater impotente antes de puxar o gatilho. Seu corpo relaxa instantaneamente.

Uma onda de alívio e euforia percorre minhas veias enquanto inclino a cabeça para trás, encarando o teto que desmorona. Uma risada maníaca escapa da minha garganta enquanto limpo as luvas manchadas de vermelho no meu colete, lançando um olhar para Titã.

Seus olhos se estreitaram, desconfiados. *Ugh. Novatos.* Pisquei lentamente, tentando decifrá-lo. O Esquadrão da Fúria é só para os homens mais depravados. E, francamente? Acho que esse cara não tem o que é preciso. Nem de longe. Sei que ele passou nos testes e tudo mais, mas é muito inexperiente. Muito ingênuo e evasivo.

Não sei por que o General Nolan continua prendendo criminosos como ele.
Eles não têm nenhuma promessa. Não de verdade. Não como eu tenho.

Meu sorriso irônico se alarga enquanto Titan desvia o olhar.

Talvez seja melhor para todos se eu simplesmente *me livrar dele. Eis uma ideia.*

Meus dedos tremem sobre o gatilho da minha pistola, e Titan não deixa de notar o movimento.

"Eu juro por Deus, vou cortar sua cabeça fora, Mori. *Não faça isso*", Titan murmura com desdém. Ele levanta seu M16 e aponta para a minha cabeça. Ele sabe do meu segredo obscuro, nem tão secreto assim. Todo mundo sabe, agora que isso virou um problema.

"*Ah, ele é ousado*", penso, deixando um leve sorriso surgir no canto dos meus lábios enquanto levanto as mãos inocentemente. "Não faço ideia do que você está insinuando."

Mas a ideia de deixá-lo sem cabeça não é tão ruim assim. A proteção de pescoço dele pode ser facilmente puxada para baixo, já que não está presa corretamente, e o capacete está muito solto. Percebi isso assim que embarcamos no helicóptero esta manhã. Um puxãozinho para trás seria suficiente para estrangulá-lo. Um corte limpo...

Meus lábios se fecham e eu balanço a cabeça. *Não, eu não vou fazer isso. De jeito nenhum. não.*

Titan não abaixa a arma por um minuto sequer, mas eventualmente baixa a guarda. Arrasto os corpos dos nossos alvos para o canto do prédio abandonado. As Forças das Trevas enviarão alguém aqui para limpar a sujeira assim que concluirmos esta missão.

Pego o novo tipo de pílula que o Nolan está testando em mim e tomo uma.
Coloquei três na minha boca antes de ir embora.

Voltamos à base para nos reagruparmos com o resto do esquadrão. A barba escura e desganhada de Titan ainda tem cinzas grudadas da fogueira que acendemos mais cedo para nos distrair. Meus olhos se desviam para sua garganta, e preciso morder a língua para tentar evitar pensar novamente em sua morte.

Conto quantas vezes pego minha faca de combate e imagino cortar a cabeça dele. Ele não deveria ter me feito pensar nisso. Sempre piora quando eles me atacam de forma específica.

Não vou matá-lo como fiz com meu último parceiro.

Eu não farei isso.

Não vou.

Todos nas Forças das Trevas sabem que eu tenho uma falha fatal. Que Mori, o membro mais prejudicial do Esquadrão Fúria, tem um problema catastrófico.

Veja bem, eu simplesmente não consigo parar de matar todos os meus parceiros diretos. É, acho que sou meio perturbado, mas você meio que precisa ser para estar nas Forças das Trevas, não é? O Tenente Erik me escolheu por um motivo, e gosto de acreditar que foi porque ele viu algo perverso em mim que sabia que nunca encontraria em mais ninguém. Porque ele precisa de alguém como eu no esquadrão, alguém capaz de fazer o indispensável sem questionamentos.

Problemas de abandono. *Eu sei.* Um soldado de 27 anos já é velho demais para isso, certo? Mas terapia não é um luxo que podemos nos dar, não para as forças clandestinas descartáveis.

Quando retornamos à nossa base temporária, o Tenente Erik já acendeu uma fogueira crepitante com o resto do Esquadrão Fúria reunido ao redor dela. Ele não se abala ao me ver coberto de vermelho; apenas olha para meu uniforme manchado de sangue e suspira. O quê? Ele espera que o meu trabalho seja limpo?

Encaro com raiva o julgamento nos olhares dos outros. Thomas e Gage trocam um olhar desconfortável enquanto Kayden pressiona a palma da mão contra a boca.

"Mori... você contou como eu mandei?" Erik pergunta, franzindo a testa e demonstrando sua decepção. Seus cabelos escuros estão despenteados por causa do longo dia.

Ergo uma sobrancelha e aceno com a cabeça. Um sorriso malicioso se espalha pelos meus lábios antes que eu perceba o porquê.

"Então, o que é isso que você está segurando?" Ele parece irritado.

Meus olhos descem até minhas mãos molhadas e pesadas que seguram a cabeça de Titan.
Seus olhos estão opacos e não consigo me lembrar de quando fiz isso.

Que droga.

Se eu continuar fazendo isso, eles mesmos vão me eliminar, independentemente de eu ser o rato de laboratório que sobreviveu por mais tempo ou não.

ESMERIL

O trem para quatro vezes no caminho para Bellingham, Washington.

Os únicos indicadores da minha localização são as placas de aproximação das estações e os anúncios do condutor pelo sistema de som para o trem comum.

passageiros.

Um suspiro cansado escapa dos meus lábios, e me pego desejando ser um dos civis simplesmente viajando para a cidade vizinha.

Estou algemado e acorrentado. Quatro soldados armados estão posicionados nas duas saídas, e algum tipo de general está sentado à minha frente, fumando um charuto. Ele bate nele ocasionalmente, deixando cair cinzas na bandeja abaixo, enquanto ele me avalia.

Não sou especialista no sistema judiciário, mas não acho que criminosos em situações como a minha sejam normalmente tratados dessa forma. Por outro lado, suponho que minha situação seja um *pouco... peculiar*.

Duvido que soldados com uniforme tático preto, acompanhados por um general, normalmente cheguem à cela de um assassino notório às três da manhã, o joguem no chão, o amordaçam, o amarrem e o sequestrem de uma prisão enquanto o chefe da guarda e o diretor assistem fumando seus charutos fedorentos. Certo? Ou estou delirando?

Porque acho que acabei de ser sequestrado em uma operação militar, mas não reconheço seus distintivos, nem suas vestimentas. E não consigo imaginar o governo aprovando algo assim. Sabe, *imagem pública* e tudo mais.

Então, que diabos está acontecendo?

Me remexo no banco de couro, desconfortável com as correntes que mantêm meus tornozelos a apenas dez centímetros de distância um do outro.

Após um curto trajeto de carro para longe da prisão, os guardas me obrigaram a entrar em um prédio onde me fizeram tomar banho e trocar de roupa. Presumi que isso fosse para evitar chamar mais atenção do que o necessário. Logo em seguida, as algemas foram colocadas em mim novamente e embarcamos em um vagão particular de um trem com destino a Bellingham, Washington, de todos os lugares.

É estranho que eles não estejam escondendo o local de mim, não é? Talvez isso não seja realmente um sequestro.

Meus olhos não se elevam para encontrar o homem sentado à minha frente enquanto pondero sobre diferentes cenários. Ele está vestido com uniforme militar preto e bate o dedo na mesa, o que me deixa nervosa.

Ele equilibra o charuto na borda da bandeja e tira outro de uma caixa sobre a mesa, oferecendo-o a mim. Desvio o olhar, lançando um olhar silencioso para fora. Passamos por Seattle há uma hora, e a vista tem sido apenas a baía, barcos de pesca e nuvens de tempestade. O metal parece mais frio em meus pulsos quanto mais contemplo a imensidão do mar, quão grande e vasto é o mundo, e o quanto o meu se tornou menor em tão pouco tempo.

Eu nunca fui verdadeiramente livre para experimentar o mundo como todo mundo. É Mas sempre me provocavam — uma vida livre da família Mavestelli.

"Sabe, fiquei chocada a princípio quando li o que uma jovem encantadora como você fez." Sua voz me assusta por um segundo. Foram horas de puro silêncio, e eu já havia me acostumado com isso.

Sinto uma certa opressão no lado esquerdo do meu peito quando as pessoas dizem isso. Talvez seja porque não sinto o choque da mesma forma que elas. Ou talvez seja a compreensão de que há algo profundamente errado com meu.

Parece que não consigo mais sentir quase nada. Provavelmente é melhor assim, porque não quero nem imaginar o que estaria sentindo agora. Desespero. Medo. Arrependimento. Esses homens não parecem ser do tipo dos guardas de terno com quem meu pai trabalha. As famílias geralmente não usam roupas formais, e esses caras definitivamente têm aparência militar, então não sei que destino me aguarda.

Também não sei se é melhor ou pior.

O homem à minha frente acende o charuto e guarda a caixa de volta no bolso do peito. Finalmente, nossos olhares se encontram.

Seus olhos são castanho-claros, tão opacos que quase parecem cinzentos. Seu cabelo cor de fulvo está raspado nas laterais, um pouco mais comprido no topo, o suficiente para que ele possa penteá-lo para o lado. Uma barba por fazer contorna a metade inferior do seu rosto, tornando seu maxilar mais proeminente. Um perfume esfumado, cor de mogno, preenche o ar ao seu redor — um aroma que associo a homens ricos e problemáticos que frequentam boates e têm dinheiro de sobra para gastar. Ele é bonito para alguém que eu presumo ter por volta de quarenta anos. Mas o jeito como ele me encara, tão vazio, me deixa perturbada.

Quem é ele? Por que um prisioneiro como eu está sendo transferido antes de ter a oportunidade de me defender em tribunal?

Ele pigarreia. "Não esperava que uma jovem da sua criação fosse tão... bem, violenta. Nascida na linhagem Mavestelli, a família mais rica da Costa Oeste, nada menos. É chocante, especialmente vindo o quão pequena você é." Minha garganta seca ao ouvir meu sobrenome sair de sua boca. Há uma escuridão que paira em seu olhar. Como se ele estivesse me testando. Não deixo minha fachada impassível ruir. Ele sacode o jornal que carregava debaixo do braço e lê: *"Mulher de 24 anos finalmente é capturada após os crimes hediondos de dez assassinatos confirmados nos últimos quatro anos."* Eu me encolho ao ouvi-lo ler a manchete com tanta indiferença. Estou acostumada a ouvi-la com mais desprezo e repulsa.

Parece mais apropriado sentir-me horrorizado do que indiferente, o que só aumenta minha suspeita em relação a esse oficial. Calma e inteligência transparecem em seus movimentos. Como se ele já tivesse feito isso um milhão de vezes antes.

Ele usa a ponta da caneta para abrir minha pasta lateral, uma pasta de papel pardo com apenas algumas páginas e um excesso de fotos das minhas vítimas. "Emery Cecilia Mavestelli. Esse é o seu nome completo, correto?" Seus olhos se voltam para mim apenas o suficiente para me ver assentir. Ele ergue levemente a sobrancelha antes de continuar com seu discurso. "Vamos abreviar seu sobrenome para Maves, como consta na maioria dos seus documentos de identidade falsos. Só por precaução, caso haja problemas com os outros cadetes, por você ser quem é."

Soltei um pequeno suspiro.

Maves está a salvo. Depois do fiasco público dos meus crimes, se alguém souber que meu sobrenome é Mavestelli, estou morto. Não dá para saber quantos assassinos de aluguel estão me procurando.

Esse cara me deixa nervosa. Observo os soldados, tentando entender a situação, mas eles nem sequer piscam na minha direção. Enrolo ansiosamente algumas mechas do meu cabelo rosa pastel entre os dedos. Meus pais sempre odiaram que eu o pintasse dessa cor, mas é a minha favorita e combina com o tom oliva da minha pele. Sem falar que é o mínimo que eles podem me deixar fazer por ser a executora deles.

“Bom, hoje é seu dia de sorte, Emery.” Ele fecha a pasta e entrelaça os dedos enquanto pressiona os lábios contra eles, escondendo seu sorriso maníaco.

“Você está sendo arrancado do mundo civil e colocado nas Forças das Trevas. É um ramo militar do qual você nunca ouviu falar e nunca ouvirá, porque não existe.”

Meus olhos se arregalam. *Uma filial secreta?* Pelo menos não estão ligadas a nenhuma das famílias que meu pai prejudicou. Uma pequena onda de alívio acalma meus nervos momentaneamente, porque qualquer coisa seria melhor do que uma família rival me pegar.

“É uma operação clandestina. Um dos segredos mais bem guardados do mundo.” Basicamente, você está conseguindo uma passagem para fora de uma sentença de morte. Eu serei seu guia de transporte até a base no Alasca, e você deverá se dirigir a mim como General Nolan.”

Minhas sobrancelhas se franzem e uma expressão de desagrado se espalha pelos meus lábios. *Um general. Está me escutando? Por que não mandar um cabo de baixa patente ou algo assim?*

“Espera, o quê?” Dou um beliscão na minha coxa para ter certeza de que estou completamente sã. Ele está insinuando que vou ser designada para as forças armadas, um ramo que nem existe. Por que eu? Não vou ser executada como os guardas da prisão estavam me provocando, né?

Nolan olha para mim novamente e aqueles olhos duros permanecem impassíveis. “Emery, você precisa estar muito mais afiado do que isso se quiser sobreviver às Finais.”

Bato com as mãos algemadas na mesa. A xícara de café do general derrama e, no instante seguinte, os quatro soldados de guarda apontam seus rifles para mim.

“Que julgamentos? Que *Forças das Trevas*? Vocês não estão falando coisa com coisa. Foi por isso que me sequestraram da minha cela? Levem-me de volta. Não tenho interesse em participar de mais nenhum circo”, retruquei.

Nolan levanta a mão passivamente ao lado do corpo, indicando aos soldados que abaixem as armas. “Não é uma escolha. A partir de hoje, qualquer vida que vocês tinham antes acabou.” Pelo que a sociedade sabe, você está morto. Enforcou-se na sua cela em

Já era tarde da noite e foram levados sob a supervisão do carcereiro. Eu mesmo assinei sua certidão de óbito esta manhã, então é melhor você se comportar se quiser sobreviver nas Forças das Trevas, Cadete Maves. Você pode considerar os Testes como uma espécie de campo de treinamento, um campo de treinamento mortal. Não tenho certeza se você sequer chegará ao primeiro teste, considerando o que terá que enfrentar primeiro."

Certo. Ele está falando sério. Meu ritmo cardíaco aumenta.

Absorvo a gravidade da minha situação. Processo o que consigo e, em seguida, respiro fundo, tentando me centrar. Não sei exatamente o que tudo isso implica, mas parece que vou escapar de *apodrecer* numa cela pelo resto da vida. Dá vontade de rir; justo quando finalmente aceitei meu destino, é claro que algo assim ia acontecer.

Abro os olhos lentamente e encaro Nolan. "Terei que matar pessoas?"

É estranho dizer essas palavras em voz alta, mas certamente ele sabe tão bem quanto eu que tudo o que eu sempre soube fazer foi eliminar alvos. A linhagem Mavestelli é amaldiçoada — perversa.

Quem quer que sejam as Forças das Trevas, elas fizeram a sua lição de casa sobre mim.

O sorriso de Nolan é sinistro. "Claro, e se você se comportar como eu espero no treinamento básico, será alocado em um esquadrão pré-designado. Bem, há uma pequena parada antes de você entrar no Subterrâneo, mas lidaremos com isso quando chegarmos lá." Há algo no brilho em seus olhos ao dizer essa última parte que me deixa apreensivo.

Ele está tentando me assustar, esperando uma reação. Venho treinando para matar desde que aprendi a ler, mas também fui treinada para manter minhas emoções sob controle.

Minha família não era normal nem afetuosa em nenhum sentido. O nome Mavestelli é apresentado ao público como o de uma família tradicional e rica, de alto perfil, quando na realidade estamos no topo do mercado negro ilegal de tecnologia e informações, tipicamente conhecido como "mundo negro". É perturbador o peso que alguns pedaços de papel ou um produto comum podem ter, os segredos que guardam.

E era meu trabalho garantir que os homens de terno fossem devidamente eliminados caso tentassem nos trair. Claro, eu preferiria estar lendo um dos livros antigos no meu escritório ou pegando os pincéis que não usava há anos para pintar os pensamentos sombrios e melancólicos que me atormentavam, mas qualquer que fosse meu desejo na vida, sempre ficava em segundo plano em relação a ser o executor.

Gregory Mavestelli, meu pai, me preparou não só para exterminar seus alvos silenciosamente com armas silenciadas e facas, mas também para pilotar barcos, aviões e helicópteros. Acho que ele planejava que eu me tornasse seu motorista ou piloto de fuga caso a situação ficasse crítica. Bem, esse poderia ter sido o plano se ele não tivesse me entregado aos federais para um acordo judicial depois que um informante o avisou sobre a operação secreta.

O que eu esperava? Que Greg levasse a culpa enquanto sua família vivesse uma vida desigual? Uma vida tranquila e pacífica? Os Mavestellis nunca conheceram a paz.

E ele morrerá para que continue assim.

Fui sacrificado como bode expiatório.

Como esperado, eu era o único que as autoridades realmente queriam. Precisavam apenas de uma pessoa para satisfazer a demanda pública por justiça. Não se importam em dismantelar toda a operação. As pessoas com sangue literalmente nas mãos são a presa que lhes satisfaz.

Encaro o general sentado à minha frente. "Então, qual é exatamente o objetivo de estar neste esquadrão e fazer o trabalho sujo do governo?"

O que eu ganho com isso? Eu poderia simplesmente recusar e deixar você me matar agora mesmo. Isso nos pouparia muitos problemas, não acha?", digo com um olhar entediado, lançando um olhar para um dos rifles dos guardas e pensando em como seria rápido.

Nolan estreita os olhos pensativamente antes de tirar um bilhete do bolso do bolso e atira-o em mim.

Desdobro o papel e vejo a palavra *renascimento* digitada em letras pequenas no centro. Há também um código de barras na parte inferior.

"É isso que cada pessoa nas forças clandestinas almeja."

Na verdade, retiro o que disse. Acho que alguns de nós gostam de ficar aqui nas sombras para sempre, mas a maioria quer o seu caminho para a liberdade. Uma segunda chance na vida e a oportunidade de conquistar a sua saída do inferno.

Uma risada seca sobe pela minha garganta, e eu cubro os lábios, em vão. "São Você está falando sério? Se eu receber um pedaço de papel idiota, é isso? Estou livre?"

Os olhos de Nolan são frios; seu sorriso me dá arrepios. "Isso mesmo. Fácil."

Deslizo o papel para ele e me recosto na cadeira, cruzando os braços. Não tenho certeza se ele está me contando tudo, mas não tenho muita escolha. "Qual é a pegadinha?"

"Não há pegadinha. Você saca — e depois é liberado se merecer suas cartas."

Se.

Analiso-o cuidadosamente. Da malícia controlada em seu olhar à maneira intrincada como transmite informações, ele me lembra Reed. A ideia de não vê-lo novamente é talvez o único arrependimento que tenho.

Todo vilão experiente e incompreendido tem um mentor, certo? Bem, Reed é o meu. Ele era o prodígio da nossa pequena academia, entre todas as famílias do submundo. Embora tenhamos a mesma idade, ele sempre esteve pelo menos cinco anos à frente em tudo. Inteligente e perverso demais para o próprio bem.

Mas Reed me ensinou a fazer as pazes com meu destino como executor. Ele me ensinou a transformar as mortes em algo belo, a imprimir meu toque pessoal. Às vezes me pergunto se era apenas para ver até onde ele conseguia manipular minha mente. Reed sempre dizia que amava os monstros que vivem dentro das pessoas. Ele gostava, acima de tudo, de trazê-los à tona. E foi exatamente por isso que Greg fez de Reed seu braço direito.

"E quantos soldados das Forças das Trevas conquistaram seus cartões?" Minha perna se agita ansiosamente. Ele me deixa inquieto de uma forma que me faz sentir como se pedras estivessem sendo colocadas nos bolsos do meu casaco e eu estivesse prestes a ser jogado no mar.

"Nenhum até agora." Nolan estala a língua e se inclina para a frente, apoiando-se nos cotovelos em um gesto provocador. "Mas você está se precipitando, Cadete Maves." Você pode nem sequer passar da primeira noite."

"Isso é reconfortante", digo com naturalidade, um pouco incomodada com a falta de explicação dele sobre para onde exatamente vou passar a noite antes do treinamento básico. *Não demonstre que está preocupada.* Forço uma expressão tranquila e levanto o queixo.

Seu sorriso cruel me diz que ele gosta de dar pequenas promessas de liberdade. Mas não tenho certeza se ainda me resta muita força para alcançar os resquícios de esperança. Já dei ao mundo tudo o que tinha.

CAMERON

A câmara de isolamento não é tão ruim depois de trinta dias. Na verdade, até que gosto. Não há nada como ficar sentado com seus pensamentos e conversar com paredes cinzentas, tetos cinzentos e portas gradeadas cinzentas. Ficar se perguntando se você ainda é são ou se algum dia foi.

Estou de costas para o chão frio, com as pernas dobradas nos joelhos, enquanto jogo uma bola de elástico para o ar repetidamente. É meu único entretenimento, além de andar de um lado para o outro no quarto esperando o castigo acabar. Não é que eu odeie ficar sozinha — na verdade, eu prefiro —, mas imaginar o que está acontecendo lá fora na minha ausência está me deixando louca.

Meu esquadrão precisa de mim. Já decepcionei o Tenente Erik o suficiente.

Dou uns socos com a palma da mão na lateral da minha cabeça. *Não vou matar meu próximo parceiro. Não vou.* Repito essas palavras na minha cabeça.

Não é que eu tenha essa intenção.

Meu Deus, quantas vezes já foi? Três? Minha mão congela com o pensamento e a bola de borracha bate na minha testa. Eu pisco e solto o ar lentamente. *Droga.*

Da última vez, precisei ficar isolada por apenas dez dias; quem sabe quanto tempo mais isso vai levar. Sento-me e vou até a pia, segurando as laterais da porcelana antes de me olhar no espelho. Meus olhos verdes estão mais opacos do que o normal ultimamente, e minha pele empalideceu consideravelmente sem a luz do sol.

Ajusto a bandagem sobre minha pálpebra e verifico se o corte cicatrizou mais desde que o Tenente Erik me atingiu no olho. Felizmente, não perdi a visão, embora ainda sangue ocasionalmente pela esclera.

Já está quase cicatrizado. Ainda não consigo abrir completamente, mas não sou de reclamar. Joguei o curativo no lixo.

Me sinto muito bem, apesar de parecer que estou morrendo. Meu cabelo loiro claro e despenteado desbotou quase completamente. Isso é culpa das drogas que as Forças das Trevas me obrigaram a tomar; o tom castanho claro natural do meu cabelo clareou bastante. As olheiras me dão um ar impiedoso.

Bem, não é? Balanço a cabeça negativamente e bato com a palma da mão na têmpora novamente.

Eu vou mudar. Não vou matar o próximo.

Em algum momento, enquanto estou absorta em meu discurso motivacional, a fechadura de metal raspa nas engrenagens e a porta da minha cela se abre. Inclino a cabeça, esperando ver Erik entrando para finalmente me buscar, mas não é ele quem aparece.

General Nolan?

Ele é alguns centímetros mais baixo do que eu, e eu tenho um metro e noventa e três, então ele não é baixo de forma alguma, mas o que me chama a atenção é a mulher de estrutura pequena ao lado dele, com cabelos rosa. Não rosa chiclete. Mais como uma rosa pastel desabrochando no final da primavera, com as pétalas se abrindo ao nascer do sol. Sua pele morena é macia e linda; seus olhos são diferentes de todos que já vi. Eles me penetram, tão dourados quanto uma tempestade encontrando um incêndio florestal.

Minha respiração falha e uma sensação de afundamento me invade o estômago. O que uma criatura tão ágil e delicada como ela está fazendo aqui? Forço meu olhar de volta para o general, esperando que ele não esteja prestes a fazer algo terrivelmente irracional.

Nolan me odeia com todas as forças. Tudo o que eu faço é criar mais papelada para ele, então faz sentido que ele me despreze. Ele está sempre tendo que recrutar novas pessoas do bando de criminosos, mas eu nunca o vi ser *tão* mesquinho.

Por favor, não faça o que eu acho que você está fazendo. Meus olhos percorrem minha cela bagunçada. O colchão com cobertores no chão está desarrumado, e minha escrivaninha no canto está coberta de papéis e livros espalhados descuidadamente, como se eu não tivesse classe.

Eu não estava esperando visitas.

Um aviso prévio teria sido bom. Esfrego a nuca, perturbada.

Nolan pigarreia e me lança um sorriso irônico. "Mori, decidi que você começará a conhecer seus parceiros aqui na solitária, em vez de treinar outros para o abate. Assim, perde-se menos tempo, sabe?"

Ah, sim, ele está furioso comigo. Espera, ele acabou de dizer minha nova *parceira*? Meus olhos se arregalam ao processar essa informação, e meu olhar volta para a pequena mulher ao lado dele. Ela parece submissa, parada hesitante com as mãos juntas à frente do corpo. Estou com dificuldade de imaginar o que alguém tão bem-educada quanto ela esteja fazendo envolvida com os assuntos das Forças das Trevas.

Ele dá um tapinha no ombro da mulher antes de empurrá-la em minha direção.

Ela solta um suspiro e se detém antes de se jogar direto no meu peito. Nossos olhares se encontram quando ela ergue o olhar, tendo que inclinar o queixo para encontrar o meu. Seus lábios macios estão a apenas alguns suspiros de distância.

Meus músculos da mandíbula se contraem e eu lentamente levanto o olhar para o general. "Isso *realmente* não é uma boa ideia." Minha voz é baixa. Ele sabe que eu a matarei nos próximos dez minutos se me deixarem sozinha com ela.

Eu simplesmente não consigo evitar. Sou um soldado perturbado e desequilibrado, e ele sabe disso.

Nolan dá de ombros e acena com a mão atrás da cabeça enquanto murmura: "Um dia. É tudo o que você precisa me provar. Que consegue mantê-la viva por uma noite a sós, e então avançaremos com essa garota."

"Mas-"

"Cala a boca! Estou farto das suas besteiras, Mori. Não vou desperdiçar mais soldados treinados com você. Você vai ser colocado em equipe com qualquer um que você não eliminar logo de cara. Entendeu?" Nolan grita. Sua voz ecoa pelas paredes, causando arrepios.

Assenti com a cabeça, lançando um olhar de soslaio para a pequena mulher ao meu lado. Ela parece tão frágil, com sua estrutura óssea delicada. Acho que eu conseguiria envolver seu pescoço com a mão inteira e— *Não. Não pense assim.*

"Ótimo." Nolan atira o charuto apagado no meu peito. Ele cai no chão, com brasas ainda queimando em tom alaranjado na ponta. Ele enfia a mão no bolso lateral antes de estender a minha para mim. Eu já sei que ele provavelmente tem alguns comprimidos para mim, então levanto a palma da minha mão ansiosamente para tocar a dele. Ele deixa cair três cápsulas; elas são pretas com a inscrição DF em letras brancas pequenas. Isso significa que são para uso exclusivo das Forças das Trevas. Nós sempre somos as cabaías para tudo que está sendo considerado para as forças "lá de cima".

Suplementos, armas, treinamentos, o que você imaginar.

Este é um lote ao qual sou particularmente viciado e que eles estão ansiosos para submeter aos testes finais. Eles querem o que todo exército problemático deseja.

Soldados aprimorados. Esta série diminui minha sensibilidade a qualquer tipo de dor. Consigo enxergar melhor, correr mais rápido, fazer tudo... bem, melhor.

É simplesmente incrível. Eu rolo os comprimidos na palma da minha mão, olhando para eles. como se fossem a minha salvação.

O único problema é que eles me deixam completamente louco.

Nolan me encara com um olhar severo antes de sair. Ele nem se dá ao trabalho de dizer nada para a garota. A porta de metal bate atrás dele, e eu fico na pior situação possível. Um silêncio sepulcral preenche o vazio do pequeno quarto de cimento. Engulo em seco antes de me virar para olhar para minha nova colega de quarto, que em breve estará morta.

Seus olhos são como duas lâminas de aço. A desconfiança arde neles enquanto ela recua. ela contra a parede oposta.

"Fique longe de mim!", ela rosna ferozmente. Não consigo evitar achá-la adorável. Quer dizer, pelo amor de Deus, o cabelo dela é rosa. Ela poderia muito bem ser uma cobrinha de jardim com uma mordida inofensiva. Meus olhos se suavizam enquanto a observo, decidindo que ela é linda demais para estar em um lugar como este. Ela só atrapalharia, como Titan fez.

E veja o que eu fiz com ele.

Eu sorrio sem esperança. "Vou tentar."

ESMERIL

A ADRENALINA PERCORRE MEU CORPO. Já se passaram, talvez , dois minutos , e este homem já está debruçado sobre a pia com as duas mãos pressionadas contra os lados enquanto a cabeça pende em apreensão.

Ele está agindo como se já tivesse me matado, e isso é muito perturbador.

Pelo que acabei de ouvir da conversa entre Nolan e ele, presumo que ele tenha um problema com assassinatos. Apostaria até que foi involuntário, pelo jeito que Nolan falou.

Ótimo. Não é a minha sorte mesmo?

Acho que não vou conseguir escapar dessa. Ele é facilmente o dobro do meu tamanho, e aqueles olhos frios e desconfiados me deixam inquieta. Engulo em seco e pondero minhas opções enquanto observo seus movimentos.

Nolan entregou algo para ele antes de sair. Não sei o que era, mas o cara engoliu tudo sem perder tempo. Podia ser qualquer coisa, mas aposto em algum tipo de droga. Analgésicos, talvez, já que ele tinha um corte recente no olho.

Observo-o atentamente. Ele é, sem dúvida, o ser humano mais atraente que já conheci, e isso me deixa ainda mais desconfiada. Nunca confiei em homens bonitos. Os que conheci me arruinaram de uma forma ou de outra. Seja com mentiras tóxicas ou com um completo desrespeito por mim como pessoa. Homens bonitos são perigosos.

O cabelo dele é loiro claro, praticamente branco. Ele tem o mesmo corte de cabelo que o Nolan, mas mais comprido, provavelmente por ter ficado preso aqui por um tempo.

Só Deus sabe quanto tempo. Uma cicatriz vermelho-escura, ainda recente, desce verticalmente pelo seu olho esquerdo. Ele mantém o olho semicerrado, deixando visível apenas o direito. A cor dos olhos dele é o tom de verde mais lindo que já vi, algo entre verde-sálvia e cinza. Seu olho bom fica se movendo hesitante na minha direção, como que para me lançar olhares furtivos.

Seu moletom cinza-escuro lhe cai bem, mas ele continua levantando os braços e passando os dedos pelos cabelos, ansioso, levantando a barra da blusa e expondo os músculos do abdômen. Meus olhos se demoram neles mais do que deveriam.

Parece que não vou dormir pelas próximas vinte e quatro horas. Envolver meus braços com as mãos numa tentativa frágil de me confortar, mas só há ar e o tecido fino da minha camiseta entre mim e uma fera.

Ele finalmente se endireita e me reconhece. Eu me encolho contra a parede sob seu olhar pensativo.

“Parece que você está presa aqui embaixo com os lobos... droga.” Seu sotaque britânico é leve e melodioso. Temo que seja o mais encantador que já ouvi. Ele afasta algumas mechas de cabelo da testa, me encarando com os olhos semicerrados. “Qual é o seu nome, querida?”, pergunta casualmente enquanto enfia as mãos no bolso central do moletom. Sua voz é como um arrepio do entardecer — uma melodia profunda na qual eu poderia fechar os olhos e me perder.

Hesito em responder, pensando que não faz sentido não lhe contar.
"Esmeril."

Ele sorri de forma irônica ao ouvir minha voz trêmula.

“Meu nome é Cameron, mas a maioria das pessoas por aqui me chama pelo meu codinome, Mori. Pode me chamar do que quiser, não me importo. De qualquer forma, provavelmente não falaremos muito depois de hoje.” Franzi a testa diante do seu tom displicente. Ele realmente vai ser tão ousado assim? Agindo como se eu fosse simplesmente me entregar e morrer. Fechei as mãos em punhos.

Ele fala bem. Corretamente, ao contrário do que eu esperava, considerando sua aparência insensível e, francamente, por estar aqui embaixo, em uma cela das Forças Sombrias. Ele parece um brutamontes completo — aquele moletom não esconde seus músculos — mas é evidente que por trás daquele queixo proeminente e daqueles olhos curiosos também existe um cérebro funcionando.

O que é preciso para ele se irritar? *Só tem um jeito de descobrir*, eu suponha que ele decida testar sua paciência.

“Mori? Como em *morrer*, em latim?” Meu tom condescendente me rende um sorriso ainda maior; seus dentes são brancos e perfeitamente alinhados.

Ele dá de ombros e murmura: "Alguns gostam de interpretar seu significado como ..."
"Conquistar." Um levantar sugestivo da sobrancelha dele faz meu coração bater mais rápido.

"Alguns? Você quer dizer *você*."

Isso me faz franzir a testa.

"Emery, Nolan te disse por que você foi colocada em uma cela de isolamento comigo?" Ele dá um passo em minha direção.

Respiro fundo, obrigando minhas pernas a permanecerem imóveis e a manterem-me firme no chão.
"Não, ele não disse uma palavra sobre você. Mas, pela sua conversa, parece que há algo profundamente, *perturbadoramente* errado com você." Faço questão de enfatizar minhas palavras no final para poder observar as veias irritadas se dilatarem novamente em seus pulsos.

Ele inclina a cabeça para o lado. Um olhar inquisitivo cruza seu rosto enquanto diz sarcasticamente: "Que perspicaz da sua parte. Geralmente, as pessoas acabam na solitária quando há algo de errado com elas, e — notícia de última hora — há algo de errado com você também, se você acabou numa cela comigo."

Meu maxilar range com o comentário dele. Ele é espirituoso. *Não deixe que ele te critique*, repreendo a mim mesma.

Seus olhos são fundos e fixos apenas em mim. Minha coluna se funde à parede enquanto ele dá alguns passos largos até parar a poucos centímetros de mim. Lentamente, ele coloca as duas mãos em cada lado da minha cabeça, abaixando-se até que seus olhos fiquem na mesma altura que os meus.

Meu coração bate tão forte que consigo sentir a pulsação da minha artéria carótida contra a minha pele. Parece que não há oxigênio suficiente no ar para nós dois.

Ele está me encarando, sem dizer nem fazer nada, mas parece que ele está Desvendando todas as minhas camadas e tentando descobrir o que me motiva.

"O que você está fazendo?", sussurro, com a garganta tremendo. Ele não responde, mas seus olhos se voltam para meus lábios antes de examinar minhas feições de perto.
Seu perfume é inebriante; é uma mistura de bergamota e bétula, que me lembra um lugar tranquilo na floresta onde eu costumava sentar sob as estrelas nos vastos hectares da propriedade da minha família.

Fecho os olhos para resistir ao seu olhar perturbador.

"Vou te matar, não é óbvio?" Sua voz é grave, carregada de intenções sombrias. Não tenho dúvidas de que ele cumprirá sua palavra.

Abro os olhos e percebo que a morte está realmente muito perto de me levar. Mesmo assim, o medo não me domina. Eu me perguntava qual seria a expressão do diabo quando finalmente viesse me buscar.

Eu o observo, percorrendo cada centímetro do seu rosto com o olhar. Quem diria que ele seria tão jovem e bonito?

"Você é mesmo?" murmuro indiferente. Ele deve ser mais burro do que eu pensava, achando que eu não vou reagir. A esperança de liberdade que Nolan plantou na minha cabeça me deu algo para desejar para mim mesma.

Algo que eu nunca realmente tive.

Seu olhar se estreita quando estendo a mão em direção à sua cabeça, mirando no ponto sensível de sua têmpora. Ele agarra meu pulso com facilidade e o prende contra a parede. Seu toque é frio, condizente com toda a aura de soldado traumatizado que ele exala. Respiro fundo e encaro aqueles olhos intimidantes, desejando que ele tente acabar com a minha vida sem sentido.

Eu já fui rejeitada pelo meu pai. Tecnicamente, minha mãe também me rejeitou. A bondade dela para comigo nunca significou proteção contra ele. Era mais um paliativo, um pedido de desculpas por eu ser tão submissa. Tecnicamente, ela também me rejeitou.

Deixei meus braços relaxarem em seu aperto, e um sorriso suspeito surgiu em seus lábios.

Cameron me puxa para perto do seu peito. "Você acha que é especial, não é?" "Eu não vou arrancar seu coração", ele sussurra contra a concha da minha orelha, como um amante faria. Meu espírito vacila enquanto uma onda de excitação percorre minhas veias. Não sei por que amo o perigo. Talvez seja a euforia natural que tanto almejo, mas não me sentia tão eufórica desde minha última vítima.

Se ele quer jogar, então vamos jogar.

"Você nem vai me dar uma chance de arrancar a sua?", murmuro de volta docemente, acariciando sua virilha com a palma da mão. Isso o distrai do jeito que eu sabia que distrairia, seus olhos se arregalando enquanto ele respira fundo. Aproveito a oportunidade, pisando com força no arco do seu pé, entre o mindinho e o anelar. A surpresa reluz em seu rosto, e ele grunhe quando seu corpo falha, desabando no chão.

Os pontos de pressão são úteis em combates corpo a corpo, especialmente contra... Inimigos maiores. Quanto maiores eles forem, mais fácil será acertar o alvo.

Cameron me encara, mas em vez de parar um instante para processar o impacto da minha força física sobre ele, como eu imaginava que faria, ele agarra meu tornozelo quando tento ir para o outro lado da sala e me puxa para o chão. Meu traseiro bate com força.

O concreto, e antes que eu consiga chutar suas mãos da minha perna, ele me puxa para baixo dele e prende meus braços ao meu corpo com os joelhos.

Um grito sobe pela minha garganta, mas me recuso a deixá-lo escapar. Mostro meus dentes para... Ele, lutando para se soltar. "Sai de cima de mim, seu idiota!"

Ele se recosta preguiçosamente sobre os calcanhares e ri. Meu pulso dispara, mas tento manter a calma, já que ele ainda não me machucou de verdade.

"Você acha isso engraçado?" Eu ordeno as palavras, rangendo os dentes e me debatendo. meus quadris com toda a força que consigo.

Ou ele subestimou minha força, ou simplesmente presumiu que eu sou um idiota em combate, porque seu corpo relaxado foi arremessado por cima da minha cabeça. Ele bateu com o rosto na parede de concreto. Num piscar de olhos, eu me levantei e recuei até que minha coluna estivesse pressionada contra a porta de aço fria do outro lado da sala.

Cameron permanece ali por alguns minutos, imóvel, com sangue se acumulando ao redor de sua cabeça. Começo a bater o pé, apreensivo com a possibilidade de tê-lo matado. Não pode ser tão fácil assim, não depois de Nolan ter falado tanto bem dele.

Não faça isso, ele está te provocando. Mas depois de mais alguns minutos sem que ele se mexa, a preocupação toma conta de mim. Nolan pode ficar furioso se eu matar esse cara. É óbvio que ele é importante, já que o mantêm por perto mesmo sendo insano. Não é que eu queira que ele morra.

Droga. *Vou me arrepender disso.* Consigo ouvir o Reed me repreendendo, porque isso é exatamente algo que ele me disse para nunca fazer em hipótese alguma.

"Nunca demonstre compaixão pelo seu oponente."

Normalmente não. Eu os mato como devo fazer. Marco-os como bem entendo para preencher aquele vazio na minha alma que me foi roubado. Mas não sou insensível como Reed ou como Cameron parece ser.

Eu só estou tentando sobreviver, porra.

Lentamente, começo a me aproximar dele. Seus dois olhos estão fechados. Seus cílios são longos e escuros em contraste com sua pele pálida, e seus cabelos estão despenteados por causa da briga.

"Ei, você não está morto, está?" sussurro, cutucando seu ombro com o pé. Quando ele não se mexe, me aproximo mais, apenas para perceber que o sangue está saindo de sua boca e não de seu crânio.

Puxa vida.

Os olhos de Cameron se abrem de repente. Ele sorri, com sangue escorrendo pelos dentes. Eu me afasto bruscamente e caio no colchão estendido no chão. Ele se senta.

Ele se inclina lentamente contra a parede, com uma perna dobrada e a outra estendida descuidadamente. Sangue escorre de seu lábio inferior e mancha seu queixo enquanto ele o limpa com a manga do moletom.

Ele me olha com olhos cansados e um sorriso fraco. "Você é espirituosa. Gostei." Ele dá uma risadinha e deixa a cabeça cair como se estivesse bêbado. *Espera*. Eu estava certa, aquelas eram drogas que ele pegou do Nolan. Será que ele está intoxicado por causa delas ou algo assim?

Nos longos momentos em que o observo em silêncio, percebo que sinto mais pena do que medo. Sustento o olhar nele o máximo que posso, mas ficar acordada por mais de vinte e quatro horas na viagem de trem e barco até aqui me deixou exausta.

Cerrei os olhos enquanto o encarava, apoiando a cabeça no joelho, esperando que ele se mexesse e tentasse me atacar novamente. Meus pensamentos começaram a se acalmar lentamente antes de eu ser levada a um sono agitado.

Alguém está tocando minha testa.

Meus olhos se abrem de repente.

Tento me sentar, mas sou impedida por um braço forte. Olho para a direita e vejo Cameron me encarando. Mesmo com o rosto parcialmente coberto de sangue seco, ele ainda parece um deus. Está deitado de lado, relaxado, apoiado em um cotovelo, com a mão pendendo sobre minha cabeça.

Ele toca minha testa novamente, fazendo-me estremecer e lembrar de mim mesma.

Um sorriso se forma em seus lábios, revelando caninos mais afiados do que deveriam. Será que ele os lixou assim? *Meu Deus*. Cada centímetro dele poderia muito bem ser uma arma.

Espera, nem tudo. Um rubor toma conta das minhas bochechas antes que eu consiga controlar meus pensamentos.

"Já estava na hora de você acordar", diz ele, quase em tom de brincadeira. Não consigo dizer se é o sotaque dele que o faz parecer mais jovial do que realmente é, ou se ele simplesmente gosta de brincar comigo.

Franzo a testa enquanto tento me sentar novamente. Ele coloca o braço sobre minha barriga, me mantendo firme no lugar. Solto um suspiro. "Pensei que você fosse me matar", digo sarcasticamente, mesmo sabendo que estou brincando com fogo. Forço meu olhar para longe dele, em direção à porta. Está tudo escuro lá embaixo. A cela também está escura, iluminada apenas pelo pálido luar que entra pelas grades lá no alto.

Devo ter dormido por um bom tempo.

Cameron murmura pensativo, o som entre um rosnado e uma expiração. É profundo e atrai meu olhar para sua garganta tatuada, onde um mar de árvores negras e nebulosas circunda todo o seu pescoço. Ele é como eu imagino que o caos seria, e nunca imaginei ninguém além de mim mesma com essa aparência.

Mamãe sempre odiou o jeito como eu usava meu cabelo, em tranças soltas e bagunçadas. Ela também não gostava que todas as minhas roupas fossem pretas. "*Você parece uma assassina*", ela me dizia constantemente, mas eu era uma. Ela sabia disso. Mesmo odiando o trabalho da família, ela permitia. "*Caos*", ela me chamava quando eu saía de casa com minhas longas tranças rosas, botas de combate e colete. Lá ia eu matar mais um dos alvos marcados do Greg.

Sou um reflexo do que vejo diante de mim — algo perverso e injustamente danificado. Caos. Penso nessa palavra com carinho enquanto observo a malícia em seus olhos.

"Vou me esforçar ao máximo para te guardar para mais tarde. É uma promessa, receio. Não tenho controle sobre quando vou te matar, mas é inevitável", afirma ele com naturalidade antes de me soltar e se virar de costas, com o olhar fixo no teto alto.

"Que promessa cruel." Minha voz demonstra pouco entusiasmo. Não perco tempo; subo em cima do seu peito e pressiono as pontas dos meus polegares na curva do seu pescoço. Meu cabelo cai sobre meus ombros até sua clavícula. *Será que ele desfez minhas tranças?* O pensamento me causa um arrepio na espinha. Uma risada rouca escapa de sua garganta e, para meu completo desespero, ele sorri.

"Você estaria me fazendo um favor, amor", ele sussurra roucamente, inspirando com dificuldade quando aumento a pressão. O som de suas palavras tensas aquece meu corpo. Seu pomo de Adão se move sob minhas palmas enquanto ele engole em seco, e a sensação me causa arrepios. Seu pau incha sob minha bunda.

Minha expressão muda para divertimento. *Jesus, ele realmente gosta da ideia de morrer.*

Observo sua boca, o sangue ainda escorre de seus lábios, e vejo algumas manchas em minha mão.

Meus olhos se estreitam para ele. Pelo seu sorriso nefasto, percebo que ele sabe que eu não quero matá-lo de verdade. Não é a coisa que eu mais gosto de fazer, embora eu tenha aprendido a apreciar a forma como crio algo instigante após a morte. Deixar a polícia correndo em círculos também torna tudo um pouco... interessante.

Era divertido, dava para eles me encontrarem. Mas não é como se eu guardasse rancor das vítimas. Eu só estava fazendo meu trabalho.

A pasta de papel pardo que o General Nolan folheou no trem.

Imagens passam pela minha mente junto com as dez pessoas em sacos para cadáveres dentro dele.

Meus dedos afrouxam e eu solto um suspiro. Tudo o que estou fazendo é deixá-lo excitado. Ele não tem medo de mim. Gostaria de poder dizer o mesmo. Eu o solto, me levanto e vou até a pia para lavar o sangue das minhas mãos.

"Que fofo. Suas mãos nem conseguem dar a volta no meu pescoço todo", ele comenta, sentando-se e massageando a garganta com uma expressão vazia, quase como se estivesse procurando algo ali. Reviro os olhos e seco as mãos na calça.

Por mais desconfortável que seja, prefiro ficar encostada na parede do que perto dele. Ele observa enquanto me posiciono firmemente na outra extremidade da sala.

"Pode ficar com a cama. Eu não durmo muito." Ele se levanta e enfia as mãos no bolso do moletom.

"Prefiro não dormir onde você dormiu", respondi sarcasticamente, virando a cabeça para longe dele.

"Ah, é mesmo, que *mesquinha* ?", ele retruca, piscando para mim. Sinto minhas bochechas queimarem. Ele sabe exatamente o que está fazendo ao me provocar. Levanto-me enquanto ele circula a cela em minha direção. "Ou você dorme na cama, ou eu vou continuar te perturbando a noite toda", afirma ele com indiferença, enquanto levanta um ombro e o abaixa.

Estou achando difícil acreditar que esse cara seja capaz de matar alguma coisa. Precisaria ver para crer, neste momento.

"Tudo bem, só fique longe de mim." Eu me sento na beirada da cama dele e ele cumpre sua palavra, parando do outro lado do quarto e deixando seu corpo desabar no chão.

Enquanto o observo, percebo que sua boca ainda está sangrando muito. Ele continua lambendo os lábios e engolindo.

Não sou nenhuma santa, mas não gosto da ideia de vê-lo sangrando por tanto tempo. Depois de alguns minutos, cedo e pego alguns papéis-toalha na pia. Ele me observa com curiosidade enquanto me ajoelho entre suas pernas estendidas e me sento sobre os calcanhares.

"Abra", ordeno.

Cameron levanta uma sobrancelha, mas abre a boca obedientemente. Localizo a origem do som rapidamente e enfio as toalhas de papel amassadas em sua boca. Ele grunhe e

Ele me lança um olhar perplexo. Na verdade, ele consegue manter as palmas das mãos no chão.

"Tem um kit médico aqui? Você precisa de grampos."

Ele acena com a cabeça, e eu sigo seu olhar até o espelho acima da pia. Encontro uma caixa de suprimentos no armário e vasculho até achar alguns. Estes devem servir bem.

Cameron me observa preparar os grampos em forma de garra com uma expressão calma. Claramente, ele não é estranho à dor.

"Está doendo?", pergunto enquanto retiro lentamente os papéis-toalha ensanguentados de sua boca. Ele balança a cabeça negativamente e permanece imóvel enquanto coloco três grampos na parte interna de sua bochecha. Eles se fecham e devem permitir que o corte cicatrize relativamente rápido.

"Pronto." Passo o polegar suavemente pela parte externa da bochecha dele. Então percebo o que estou fazendo e retiro a mão.

Para meu completo horror, ele percebeu o gesto. Sua mão subiu até a bochecha, onde a minha estivera um segundo antes. Seus olhos curiosos encontraram os meus. "Você não precisava fazer isso." Sua voz estava livre de sarcasmo. Fiquei surpresa ao ver que ele parecia sinceramente grato.

"Eu não queria que você sentisse dor a noite toda", respondi como se não estivesse preocupada com ele.

Ele solta uma risada suave e olha para mim. "Você sabe que eu não sinto dor, né? Droga, ele realmente não te contou nada."

Meus olhos se arregalam e eu o encaro por alguns instantes para ter certeza de que ele não está me enganando. "De jeito nenhum?", pergunto incrédula.

"Não. Pressão, com certeza. Toque, sim. Prazer, *principalmente*. Mas dor, não."

Sinto minhas bochechas corarem. *Ignore o comentário sobre prazer.*

"Como?" Minha curiosidade me atrai para mais perto, examinando-o como se fosse desumano. Ele inclina meu queixo delicadamente, trazendo seus olhos de volta aos meus. Nossos narizes estão a meros centímetros de distância, mechas de seu cabelo claro caem sobre sua testa e roçam as minhas.

Eu poderia perder a noção de tudo se ficasse muito perto dele. Respiro fundo e me sento sobre os calcanhares.

Cameron cutuca a bochecha como se não percebesse que está um pouco inchada. "Eu tomo pílulas experimentais. Somos como cobaias para eles, então geralmente conseguimos as coisas boas antes de todo mundo. Estou tomando um medicamento novo que as Forças das Trevas estão testando para uso no exército normal. Ele neutraliza..."

"Dor e torna meus ossos mais difíceis de quebrar. O único inconveniente é o efeito posterior no cérebro." Ele toca a lateral da têmpora e sorri de canto.

A preocupação toma conta da minha expressão. "Mas como você saberia se estivesse mortalmente ferido? E quem pode dizer quais as repercussões que uma droga como essa pode ter sobre você, além do seu estado mental?", murmuro, observando-o com outros olhos. Será por isso que ele está tão perturbado? Literalmente perdendo a cabeça por causa de uma droga experimental?

Ele parece quase ofendido com isso. "Sou diferente dos outros aqui embaixo, e o tenente Erik sabe disso. É por isso que eles mantêm um cão selvagem como eu por perto. Sou o único que consegue lidar com os comprimidos da morte até agora."

E não, na verdade não se chamam assim, mas é como gostamos de chamá-las, já que matam a maioria dos soldados que as tentam."

A cela parece tão vazia enquanto ele diz essas palavras. Consigo perceber a intenção em seu tom de voz — ele pensa que o valorizam, quando na verdade estão o usando até não sobrar nada.

"Quanto tempo os outros soldados aguentam antes de morrerem depois de capturá-los?"

Um lampejo de orgulho cruza seus olhos. "Quarenta e oito horas. Depois disso, estarão mortos e enterrados."

Meus pensamentos se atropelam. "E há quanto tempo você está tomando isso?"

"Três anos."

Ele é resiliente, isso eu reconheço. Mas ele ainda está perto dos trinta.

Estou supondo. Por quanto tempo ele consegue forçar o corpo dessa maneira antes que ele não aguente mais?

"Isso é muito tempo." Respiro fundo e decido extrair o máximo de informações possível dele enquanto estiver presa nesta cela.

Ele gosta de ler, isso fica óbvio pela pilha de livros em cima da escrivaninha no canto. Muitos deles eu reconheci quase instantaneamente, pois são literatura antiga e poemas enfadonhos. Reed e eu lemos cada um deles pelo menos quatro vezes à luz de velas na biblioteca do meu pai, no verão depois que completei treze anos. Ele era meu único amigo. Depois que seus pais morreram em um incêndio naquele ano, meu pai insistiu que ele morasse em nossa mansão. Greg sempre gostou muito de Reed. Ele via potencial nele.

Reed deveria ter sido o herdeiro do nome Mavestelli. Não eu.

Meu olhar percorre os recortes de jornal espalhados pela mesa de Cameron, muitos com manchetes sobre execuções e corpos encontrados em circunstâncias estranhas. Sinto um arrepio na espinha. Será que ele sabe que sou eu? Não. A imprensa não tinha permissão para tirar fotos minhas. Greg escondeu isso dos jornais, para se proteger, tenho certeza.

Mas por que ele está colecionando artigos sobre os meus crimes? Mordo o lábio inferior.

Reunir informações não precisa ser difícil, lembro a mim mesmo.

"Você fala como se fosse culto, ao contrário da sua aparência. Diga-me, você é um poeta trágico? Afinal, seu codinome é *Mori*. E o que é isso com a literatura antiga?", pergunto, deixando meu olhar voltar para as páginas bege espalhadas pelo quarto, talvez envelhecidas pelo mofo. Três livros em particular estão empilhados no centro da sua mesa, um deles aberto bem no meio.

Eu estaria mentindo se dissesse que seu comportamento não é tão intrigante quanto sua aparência.

Um soldado poeta. Quem diria que um assim pudesse existir?

Por algum motivo, esse pensamento me deixa melancólico. Meus olhos voltam para seus papéis, imaginando sobre o que um homem como ele teria para escrever.

Ele ri baixinho, me encarando com aquele olhar sombrio. "Quem convive frequentemente com a morte costuma ter uma queda por literatura sombria. Você não é tão diferente assim?", dispara, pegando o livro mais próximo e folheando-o. As páginas estão gastas de tanto uso. Não consigo evitar me perguntar quantas vezes ele já leu aquela história. A curiosidade me vence.

"Ah, então você só adora as tragédias."

Cameron fecha o livro e o deixa cair do seu colo no chão. "No fim, todos nós somos tragédias. Até os românticos." Seu sotaque faz as palavras pairarem como um nó de força entre nós.

Meu Deus, esse cara parece ter saído direto do clube dos poetas mortos, e eu, ingenuamente, me sinto atraída por isso. Se estivéssemos em uma biblioteca em vez de uma cela militar secreta, eu pediria para entrar no clube do livro dele, que só tem uma pessoa, e trocaríamos algumas ideias de vez em quando, acompanhadas de vinho.

Soltei um pequeno suspiro e sorri para ele. Seus olhos brilharam lentamente enquanto eu dizia: "Apesar de todos os infortúnios, espero que possamos nos divertir um pouco antes do amargo fim, Mori."

Um sorriso cruel surge em seus lábios antes que ele comece a me ignorar, pegando seu livro de volta e lendo de onde havia parado.

ESMERIL

Ele não disse que não dorme muito?

Cruzo os braços sobre o peito e encaro Cameron. Seus ombros estão caídos para a frente e sua cabeça pende para o lado. *Mentiroso*, penso enquanto me agacho a alguns passos de distância para observá-lo.

A cicatriz recente que corta a parte interna do olho dele parece dolorosa, mas ele não demonstrou nenhum desconforto. Faz sentido, já que ele disse ser incapaz de sentir dor. Fico me perguntando quanto tempo dura o efeito desse remédio. É algo que ele precisa controlar constantemente ou dura por longos períodos? Existe alguma maneira de reverter isso?

Um som metálico de atrito ecoa pela pequena cela. Levanto os olhos quando a porta se abre e encontro o General Nolan me encarando com espanto. Sua expressão logo se transforma em um sorriso de alívio. "Bem, veja só, ele não te matou." Não posso dizer que fiquei exatamente feliz ao ouvir a surpresa em seu tom; isso significa que ele provavelmente apostava que eu não sairia dessa respirando.

Ainda estou agachada em frente a Cameron. Olho para trás e encontro seus olhos sábios me encarando fixamente antes que ele se sente e estique o braço acima da cabeça. Um sorriso fraco. "Estou tão surpreso quanto você, General", murmura Cameron displicentemente.

Ele sorri bastante para alguém em suas circunstâncias. Há um peso tão grande nele que sufoca as partes de mim que conhecem sua dor. Ele deve ter sido descartado em algum momento da vida, como eu fui. De que outra forma...

Alguém já caiu tão fundo quanto nós? Ele levanta a sobrancelha, tentando esconder o que está ali, mas eu vejo seus fantasmas trágicos, dançando perto demais dos meus.

Forço meu olhar a voltar para o chão antes que eu me perca demais em seu olhar.

"Bem, isso foi inesperado. Acho melhor levar vocês dois para o Subterrâneo e direto para o treinamento. Sigam-me", murmura Nolan enquanto se afasta e espera que eu saia da cela à sua frente.

Cameron se levanta e cruza os braços. "Nós dois?"

Nolan acena com a cabeça, um sorriso torto se formando em seus lábios. "O quê, o Tenente Erik não te contou?" Um breve silêncio, então Nolan suspira e passa a mão pelo rosto. "Claro que não. Sua punição se estende também ao período de testes, Mori. Na esperança de que isso reedifique esse seu cérebro podre e permita que você prove ser digno de sua vaga no esquadrão."

Um peso se instala no ar entre eles.

Os olhos de Cameron escurecem e ele range os dentes. "E como isso é justo para os cadetes que não têm o meu nível de treinamento, se eu não consigo me impedir de matá-los?"

"Porque você precisa tirar não só a si mesma, mas também ela dos testes. Sua principal tarefa é não matar sua parceira no calor da batalha. Você passou neste experimento na cela, mas o que acontece quando vocês estão em um ambiente hostil? O que acontece quando vocês duas estão sozinhas em algum lugar no meio do nada?" Nolan estala a língua. Suas palavras fazem os olhos de Cameron brilharem de incerteza.

Cameron não estava brincando; somos experimentos da vida real para eles, e eu sou. Acho que vai ser difícil para ele se controlar. *Ótimo.*

Nolan ri enquanto abre o bolso do peito e tira um frasco de comprimidos. Ele o atira em Cameron. Meus olhos seguem o frasco preto enquanto ele voa pelo ar. Cameron o pega, com a mão firme, enquanto me lança um olhar desinteressado. Observo enquanto ele abre a tampa, pega três ou quatro comprimidos, os enfia na boca e os engole a seco. Ele relaxa visivelmente e deixa os ombros caírem.

Meus olhos se enchem de lágrimas. *Ele é viciado nas mesmas drogas que, segundo ele, estão matando outros soldados.* O que acontecerá com ele se continuar assim? Engulo o desconforto que me invade enquanto o observo tomar esses comprimidos mortais.

Eu não o conheço. Não me importo. Mas não consigo me livrar da sensação de desconforto que... se desenvolve no meu estômago.

Nolan nos conduz por um longo corredor. Lanço alguns olhares para Cameron, que parece indiferente às notícias sobre seu destino. Mais irritado do que qualquer outra coisa.

Além disso, os "Períodos de Teste" não parecem ser algo que deva ser levado levemente. Tenho certeza de que ouvirei muito sobre eles quando estivermos com os outros cadetes no campo de treinamento.

Ao passarmos por um grande ginásio cinza com um grupo de soldados fazendo flexões, Os olhos de Cameron se voltam para os meus e me pegam encarando. Desvio o olhar bruscamente.

"Então, o que aconteceu com o seu olho?" Quebro o silêncio ao entrarmos no pátio da base, onde homens e mulheres vestidos com trajes militares caminham com determinação em todas as direções. A maioria usa o uniforme camuflado verde padrão, mas alguns vestem uniformes da Força Aérea e da Marinha.

O uniforme do General Nolan é de camuflagem preta, e seus distintivos são únicos: um círculo dourado circundando uma caveira com as letras DF no centro. Esse deve ser o símbolo das Forças das Trevas.

"Foi o que ele ganhou por matar o último parceiro em campo", resmunga Nolan, parando de andar por um instante. Eu me assusto e olho para Cameron. Sua boca está contraída em uma linha firme, presumo que seja porque ele não gosta que respondam por ele. "Ele decapitou o último com a KA-BAR dele. Você sabe o esforço que dá serrar uma cabeça só com uma faca de combate, Cadete Maves?"

Minha garganta se move. *Eu sei, na verdade.*

Os olhos de Nolan se estreitam quando percebo que não estou tão enojada quanto ele esperava. "Ele mereceu essa cicatriz. Ele tem sorte de ser nosso recurso mais valioso, senão já teríamos jogado ele num barranco ou deixado para o Esquadrão Riøt lidar com ele."

"Ok, ela já ouviu o suficiente, vamos continuar", reclama Cameron. Cruzando os braços de forma brusca e evitando meu olhar.

Nolan riu com desdém, mas retomou o passo acelerado. Tive que alongar meus passos só para acompanhá-los. "Quantos esquadrões existem?" Não consigo imaginar que sejam muitos; seria mais difícil manter o segredo se houvesse vários para monitorar.

"Há quatro esquadrões de elite ativos no momento: Varsóvia, Riøt, Fury e Malum." Nolan parece estar no piloto automático e demonstra pouco interesse em me explicar o assunto. Cameron também parece mentalmente desligado, olhando fixamente para os soldados que se exercitam e conversam casualmente no outro extremo da área.

Encaro Nolan com expectativa. "Quatro times por algum motivo?"

O general solta uma risada discreta e explica: "Sim. Riøt é de longe o pior esquadrão, e você deveria agradecer por não estar na fila para lutar contra eles."

São eles que enviamos para eliminar traidores, fugitivos ou soldados que perderam sua utilidade. Mantemos eles na região leste do país.

Varsóvia é a equipe de elite, enviada para missões de alto nível e definidas pela sociedade em grandes cidades. Eles são os mais precisos e detalhistas.”

Alguns soldados esbarram no meu ombro ao passarem por nós e me lançam olhares furiosos. *Provavelmente não será a última vez que isso acontecerá.* Cameron franze a testa e parece que vai dizer algo, mas apenas fecha os lábios antes de desviar o olhar.

Nolan também ignora os soldados mal-educados e continua: “Malum é o esquadrão que vai aonde ninguém mais pode ou quer ir. Literalmente, o último recurso. Depois temos Fury, o esquadrão que enviamos para lugares remotos e extremamente perigosos. Suas missões estão no topo da lista das Forças Sombrias. A taxa de sucesso é de 100% e a taxa de mortalidade do esquadrão é de 30%. O esquadrão que enviamos em missões suicidas.”

Meus olhos se voltam para Nolan. Ele me lança um sorriso irônico.

“Deixe-me adivinhar”, digo em tom irritado. “Esse é o meu esquadrão designado.”

O jeito como o olhar de Nolan brilha é nauseante. “Isso mesmo, Maves.”

A maioria das mortes nem sequer são do Mori.” Ele ri da minha expressão tensa. Cameron solta um suspiro profundamente irritado.

Trinta por cento de taxa de mortalidade? Mordo meu lábio inferior. Essas probabilidades não são boas, considerando que também tenho que me preocupar com Cameron, que já prometeu me matar mais tarde. Não consigo determinar se ele realmente quer me poupar ou se apenas gosta de prolongar as coisas para suas vítimas.

Nolan nos conduz até o final de um longo corredor, onde fica uma escada de emergência. Descemos vários andares, e no final deles, uma porta de metal preta nos aguarda. Minhas pernas estão bambas depois de subir e descer dez lances de escada.

Eu não tinha ideia de que era possível construir prédios tão fundo na terra. A cada nível que passamos, o nó na minha garganta aumenta.

O General Nolan tira um cartão do bolso e lê o verso. A cor no painel muda de vermelho para verde e, em seguida, um mecanismo de travamento ruidoso se move. Nolan abre a porta e faz um gesto para que eu e Cameron passemos à frente.

Entramos pela porta e chegamos a uma pequena câmara central. A cerca de três metros de distância, há outra porta de ébano idêntica. Nolan fecha a primeira e certifica-se de que está trancada antes de seguir para a próxima.

Caramba, a segurança é alta. Isso me deixa um pouco nervoso sobre o que pode estar me esperando lá dentro. Cameron está com as mãos nos bolsos da calça de moletom e não parece nem um pouco preocupado. Ele já passou pelo treinamento básico antes, então faz sentido que não esteja ansioso, mas ainda assim é perturbador que ele não esteja nem um pouco apreensivo.

Assim que a pesada porta se abre, sou imediatamente impactado pela imensidão desta instalação subterrânea. O teto tem pelo menos doze metros de altura, com enormes vigas de aço que o sustentam. Soldados armados estão espalhados pela sala sem nenhuma ordem específica, mas todos os seus olhares estão fixos nos cadetes vestidos com uniformes táticos no centro do recinto. As paredes são brancas e a arena em que acabamos de entrar está iluminada como uma prisão. Já que somos todos criminosos hediondos, é apropriado que este lugar seja como uma prisão, com portas de alta segurança e guardas de prontidão.

"Nossa. Quando você disse forças subterrâneas, você quis dizer literalmente *subterrâneas*", digo em tom sarcástico. Meu humor está péssimo esta manhã, culpa do psicopata com quem tive que dividir a cela.

Cameron dá um sorriso irônico ao ouvir meu comentário, mas o General Nolan não acha graça. Ele resmunga e cruza os braços enquanto observa o mar de corpos fazendo exercícios de aquecimento no centro da arena. "Chamamos este lugar de 'Subterrâneo' e, se você gostou do trocadilho, espere até ver como fica *escuro* aqui embaixo", diz Nolan, piscando para mim sem sorrir.
Jesus.

Respiro fundo e me concentro nos cadetes vestidos com uniformes camuflados pretos e cinza-escuros. Os nomes estão impressos nos distintivos em seus peitos, mas estamos longe demais para lê-los, mesmo passando por eles.

"Quanto tempo ficaremos no campo de treinamento?" pergunto. Uma sensação inquietante de presságio me invade enquanto olhares nos seguem do outro lado da arena. Eu realmente não quero atrair atenção indesejada dos outros, então mantenho a cabeça baixa.

Nolan faz uma curva acentuada em uma porta perto do centro da arena e nos conduz por um longo corredor, parando apenas quando chegamos a uma enorme sala repleta de camas de solteiro e colchões.

"Vocês estão chegando perto do fim do curso de noventa dias, então ambos irão para as provas em algumas semanas, no máximo. Sugiro que façam alguns amigos se quiserem ter chances de sobrevivência maiores que 5%. As coisas ficam um *pouco... cruéis* por aqui." Ele deve estar achando isso engraçado, porque um sorriso malicioso surge em seus lábios.

Cameron geme. "Quer dizer, preciso protegê-la se quiser voltar para o meu esquadrão, então acho que não precisamos de amigos." Ele parece tão entusiasmado quanto eu.

"Esta é sua", murmura o general, ignorando Mori.

Tento memorizar a cama de solteiro que Nolan indica. Fica perto do fundo do quarto, próxima aos banheiros. Há pequenas placas com o nome de cada uma delas aos pés.

Nolan pega o que está ali e o enfia no bolso antes que eu consiga ler.

"E quanto a ele?" Eu pressiono meu polegar de volta contra o peito de Cameron, e ele solta um grunhido ingrato.

Os olhos de Nolan escurecem e ele sorri. "Compartilhar é se importar, Cadete Maves."

Dividir a cama? Com a Mori, de todas as pessoas... Belisco a minha coxa para impedir que os palavrões que me invadem a mente escapem.

Há coisas mais importantes em que se concentrar. "Como assim, implacável?" Lancei um olhar impaciente para Nolan.

O general começa a sair pelo caminho que viemos, mas murmura enquanto eu encaro a nuca dele: "Os soldados da resistência não têm muitas regras a seguir, então as mortes são comuns, o bullying é frequente, o assédio, enfim, tudo de ruim que você possa imaginar. Vocês precisam saber se virar aqui *embaixo*" —ele levanta o braço e aponta para o teto de concreto —"para conseguirem chegar *lá em cima*. Boa sorte para vocês dois."

Eu o observo sair, sentar-se na beira da cama e respirar fundo. Cameron se acomoda do outro lado da cama e não diz uma palavra. A gravidade da minha situação finalmente começa a me atingir. Fecho os olhos.

Eu mereço isso. Imagino todas as pessoas que assassinei brutalmente. Mas e todas as pessoas que merecem ainda mais? Como Greg Mavestelli e Reed? Esses pensamentos rancorosos me desanimam. Nunca fui de ficar remoendo o passado. O que está feito, está feito.

Quando abro os olhos novamente, sinto-me um pouco mais centrado.

Estou aqui por um motivo: porque pertenço a outros como eu. Esta é a minha segunda chance. *Pense pelo lado bom.* Não é isso que todos os influenciadores de positividade pregam? Quais são os lados bons das coisas aqui embaixo? Meus olhos, traiçoeiramente, se voltam para o físico sarado de Cameron. Há um.

Passam-se cerca de quatro minutos antes que uma multidão de cadetes entre na sala. Seus olhares se fixam em Cameron e em mim rapidamente. Prendo a respiração diante da pura...

uma sensação indesejável que simplesmente não lhes resta mais nada.

Um deles caminha à frente dos outros. Seu cabelo está tingido de vermelho carmesim, sua pele é pálida, seus olhos são de um castanho escuro e assustador, quase preto. Ele parece ter a minha idade, talvez um ano a mais. Engulo em seco enquanto ele caminha com confiança em nossa direção. Seu passo é tão intimidador quanto suas sobrancelhas grossas e franzidas. Uma bandagem ensanguentada está enrolada em seu pescoço, mais grossa onde fica sua artéria carótida. Parece que alguém tentou matá-lo literalmente dez minutos atrás.

Meus olhos se arregalam quando percebo que Nolan não estava brincando sobre o quão decadente é a situação por aqui.

Putá merda, não me diga que o nome dele estava na placa que o Nolan levou. Me preparo para uma possível briga.

"O que vocês dois estão fazendo na minha cama?" ele grita. Eu me levanto lentamente, com as mãos cerradas ao lado do corpo.

"O General Nolan disse que isto era meu", digo calmamente. O homem ergue uma sobrancelha e olha para trás de mim, para Cameron. "*Nosso*", corrijo. Gotas de suor escorrem pela minha testa com todos os olhares sobre nós. Olhares impiedosos de outros assassinos.

Nolan fez isso de propósito, criando intriga com outro cadete e me obrigando a dividir a cama com Mori. Idiota.

O jovem sorri. Me surpreende o quão sinistro é aquele sorriso. Quer dizer, é só uma cama, droga. Endureço o olhar; ele não deveria me achar uma boba.

Ele se inclina para mais perto de mim enquanto murmura: "Então Nolan acabou de te dar um belo 'vá se foder'. Não há camas livres agora. Acho que isso significa que vocês dois vão dormir no chão."

Cameron observa com um leve interesse, mas mesmo assim, sua expressão fria... É assustador. Ele é o tipo de pessoa com quem eu detestaria arrumar briga.

Meu pulso acelera e minhas bochechas esquentam enquanto os outros cadetes riem entre si por minha causa. "Você espera que a gente durma no chão?", pergunto bruscamente, e ele se encolhe. Provavelmente surpreso por eu não me deitar e morrer só porque ele mandou.

Um lampejo de curiosidade cruza seu olhar, mas ele rapidamente o transforma em um olhar fulminante enquanto encara o chão. "Você não seria a primeira, sua pirralha. Aqui, eu te ajudo." Ele agarra meu pulso e tenta me arrastar para o chão.

Eu deveria ser razoável e tentar não partir direto para a violência, mas a maneira como ele está agindo planta uma semente de ódio bem no fundo do meu coração, e meu punho já está desferido antes mesmo de eu perceber.

Dou-lhe um soco direto na bochecha. Sua cabeça vira para o lado, mas ele permanece de pé. Meus olhos se arregalam enquanto ele leva um momento para se recompor antes de limpar o lábio e voltar a me encarar com aqueles olhos escuros.

"Isso foi sujo", ele debocha. Os outros começam a nos cercar, ansiosos por uma briga. Uma jovem se aproxima por trás dele e toca seu ombro suavemente.

"Damian, você está bem?" Sua voz é delicada, mas ela me encara com hostilidade. Seu cabelo é escuro e trançado firmemente com belas mechas douradas entrelaçadas.

Dou de ombros e cruzo os braços. "Ainda acham que vamos dormir no chão?", pergunto com naturalidade. Os cantos dos lábios de Cameron se curvam num sorriso. A mulher pragueja antes de avançar para cima de mim e levantar o braço para me dar um soco. Desvio para o lado e a acerto nas costelas com tanta força que lhe tiro o fôlego.

Cameron observa-a cair no chão apaticamente, e então seu olhar se fixa nela. volta a olhar para mim. Um lampejo de interesse surge por trás daqueles olhos cínicos.

Damian me encara com desdém. "Que tal disputarmos a cama, já que você está a fim de se exibir?" Sua voz tem um tom malicioso. Ele é quase tão alto quanto Cameron. Eu seria um idiota se aceitasse o desafio, mas todos estão olhando. Então, concordo com a cabeça.

Ele estala os nós dos dedos e ri. "Que vadia burra."

Mordo meu lábio inferior enquanto a raiva me domina. "Me chame de vadia de novo, eu te desafio." Ele deve ter percebido o lampejo de *insanidade* nos meus olhos, porque segura a língua enquanto acena com a cabeça para a arena.

Cameron interrompe, levantando-se num movimento fluido e enfiando as mãos nos bolsos. "Vou treinar com você. É justo, já que ela já te deu um soco." Seu tom é baixo e me arrepia.

Damian o avalia e ri. "Eu enfrento vocês dois. Você parece mais fraco que ela."

Um sorriso malicioso surge nos lábios de Cameron. Acho que esse cara acabou de assinar a própria certidão de óbito.

Nolan disse para fazermos amigos, mas já fizemos dois inimigos.

ESMERIL

A arena parece maior agora que estou bem no centro dela.

Luzes fluorescentes piscam e tremem enquanto máquinas pesadas são usadas em algum lugar acima do solo. Me deixa um pouco desconfortável imaginar este lugar desabando sobre nós, mas não tenho muito tempo para me deter nesses pensamentos enquanto Damian estala os punhos do outro lado do círculo de treino.

Meus olhos percorrem a multidão, procurando por um policial que possa intervir. Finalmente, avisto um pequeno grupo no canto do ringue, apostando que Damian vai me dar uma surra. Sinto um frio na barriga.

Ele não parece tão durão, mas devo ficar em alerta.

Observo alguns rostos na plateia demonstrarem preocupação, alguns até desviando o olhar como se não suportassem presenciar o que estava prestes a acontecer. A dúvida começa a me dominar. Meus olhos se voltam para Cameron. Seu rosto está impassível e frio. Duvido que ele se importe muito com o que vai acontecer nessa luta.

Damian avança para cima de mim enquanto ainda estou olhando para o lado e agarra meu pé antes que eu possa me esquivar. Ele me derruba no chão com um único movimento. Seus olhos brilham com uma ferocidade selvagem, prendendo meu peito ao chão com sua mão calejada e pressionando com força meu esterno.

Um suspiro escapa de mim quando o ar é expelido. Os lábios de Damian se curvam num sorriso convencido. *Ele acha que já ganhou.*

Sua outra mão está no chão perto da minha cabeça, um movimento tolo. Levanto o queixo e me viro, cravando meus dentes em seu braço antes que ele tenha a chance de fazer qualquer outra coisa. Se ele quer brigar sujo, eu vou brigar sujo.

"Que porra é essa!" ele grita, instintivamente me soltando e se afastando.

Eu giro meu corpo violentamente para jogá-lo para o lado. Enquanto ele está atordoado, rastejo por cima dele e prendo seus braços com meus joelhos.

Ele se recupera rapidamente e impulsiona os quadris contra mim. Eu não o esperava. Ter tanto poder por trás disso. Meus olhos estão arregalados enquanto sobrevoa sua cabeça. Em questão de segundos, ambos nos levantamos, ofegantes e com os ombros tremendo.

Seus olhos descem até o braço, avaliando a mordida por um instante antes de voltarem a me encarar. Não cheguei a romper a pele, mas já dá para ver que vai ficar roxo. A bandagem no pescoço dele se soltou um pouco nas bordas durante a luta. *Eu devia acertá-lo ali.*

Seus cabelos estão despenteados por causa da nossa discussão. "Eu ia pegar leve com você, já que é seu primeiro dia aqui embaixo. Mas às vezes me esqueço de que até as bonitas fizeram algo terrível na sociedade para acabar aqui no Submundo", diz ele, com voz rouca. Seus olhos escurecem e ele avança para cima de mim novamente, mas desta vez não tenta me imobilizar no chão. Vejo em seu olhar que ele quer me machucar e me usar como exemplo.

Damian me desfere um soco no estômago. Mal consigo bloquear com o antebraço, mas ele já esperava e me acerta com as costas da mão no lado esquerdo do rosto. Seus nós dos dedos estalam contra minha maçã do rosto e uma dor aguda percorre minha boca até a orelha. O gosto de sangue se espalha pela minha língua. Consigo mover o pé para evitar ser arremessado ao chão.

Ele provavelmente está esperando que eu chore.

Eu me viro para cima dele, acertando-o bem entre os olhos. Seu nariz reto e perfeito agora terá uma protuberância na ponte. Ele grunhe com o impacto, mas logo em seguida solta uma risada maníaca e perturbadora.

"Eu vou te matar, sua vadia." Ele agarra meu cabelo com força e puxa minha cabeça para trás, expondo a parte macia do meu pescoço. O terror percorre minhas veias enquanto minhas mãos voam para o aperto firme que ele exerce sobre meu cabelo.

Damian puxa com mais força e um grito escapa dos meus pulmões. Uma chama se espalha pelo meu couro cabeludo e lágrimas picam meus olhos. Luto com todas as minhas forças até sentir a pressão do aço frio contra minha garganta.

Meu corpo congela e o único som na arena é o da minha respiração ofegante. A dor se espalha pelos meus joelhos trêmulos enquanto eu deixo meu peso cair sobre eles.

É claro que ele está armado com uma faca. Não sei por que esperava que essa luta fosse justa.

Uma risada maliciosa escapa dele enquanto minhas pernas cedem e ele me guia para o chão, ainda agarrando meus cabelos e pressionando sua lâmina ainda mais em meu pescoço. Seu rosto surge no meu campo de visão, e não consigo desviar o olhar daquele olhar terrível, que me garante que isso não acabou entre nós. "E é assim que você estabelece domínio", diz ele em voz alta o suficiente para que todos ouçam. Os outros cadetes vibram e riem, e alguns até o incentivam a cortar minha garganta.

Já treinei milhares de vezes como me livrar dessa posição, mas decido deixar a luta terminar aqui. Se ele acha que isso é tudo que eu tenho, posso pegá-lo de surpresa, e outros também, mais tarde. *Nunca mostre tudo a eles.* Respiro fundo para me acalmar.

O sorriso de Damian só aumenta, tomado pela diversão.

"Você se esqueceu que eu era o próximo?", diz Cameron, com indiferença, enquanto segura o pulso de Damian, obrigando-o a soltar meu cabelo. Levanto-me rapidamente e esfrego a nuca. Os olhos de Cameron encontram os meus antes que ele vire a cabeça bruscamente para o lado, fazendo um gesto para que eu me afaste.

Eu já me fiz de idiota, por que não adicionar o tratamento indiferente de Cameron para ferir ainda mais meu ego? Volto para o círculo de cadetes e me viro para assistir à próxima luta de treino, com pouca energia sobrando.

Tudo o que eu quero é um banho quente e dormir.

Cameron mantém as mãos nos bolsos, nem que seja só para provocar Damian.

Funciona.

O rosto de Damian fica vermelho e ele pragueja, atacando Cameron com a faca. Cameron esquiva-se sem esforço e, ao passar, crava a bota no meio das costas de Damian, fazendo-o cair de joelhos. A faca gira pelo chão.

"Vamos lá, pensei que você tivesse *tanta* confiança em demonstrar domínio?"

A voz de Cameron é baixa e o sarcasmo que transborda de seu tom me causa arrepios. "Quer que eu te mostre como *estabeleço* dominância?" Ele se move para o lado de Damian, que ainda tenta se levantar, e o chuta no rosto.

Um suspiro audível percorre os cadetes antes de se seguir o silêncio.

Damian cai de lado, cuspiendo sangue e engasgando com alguns dentes. Ele fica sem palavras, tentando articular algumas frases. Minha garganta se fecha com os pedaços vermelhos e grotescos que ele cospe no chão entre suspiros desesperados.

Cameron abre um sorriso enorme, e é uma das coisas mais lindas que já vi. Ele se deita nas costas de Damian, finalmente tirando as mãos dos bolsos e segurando o queixo de Damian com uma delas. A outra puxa seus cabelos até que Damian esteja olhando diretamente para mim.

O sangue me foge do rosto quando vejo o quão ferrado está o Damian.

A boca está irritada por causa daquele chute.

“Ela não é sua. Ela é minha, entendeu? Quando você olhar para ela, quero que pense em mim chutando a sua cara”, diz Cameron, me encarando com olhos gélidos e imóveis.

Não há luz neles. Eu me pergunto o que ele vê quando olha para mim. Sei que ele só diz essas palavras porque precisa me proteger aqui embaixo. Meus olhos se voltam para o sangue no cimento. O olhar de Cameron vai me assombrar se eu ficar encarando por muito tempo.

Não ouço Damian respondendo com gorgolejo para Cameron, apenas ouço a respiração profunda de Cameron. Depois de um instante, ele abaixa a cabeça do idiota e se levanta.

Alguns amigos de Damian correm para ajudá-lo a se levantar. Cameron vem na minha direção. E para ao meu lado, murmurando: "Acho que a cama é nossa."

Hesito antes de olhar para ele. "Por que você disse que eu sou sua?"

Meu peito se aperta de raiva. "Todos vão pensar —"

“Eles vão saber que, se mexerem com você, vão ter que se ver comigo também”, responde ele com calma e tato.

Era o que eu imaginava, mas ele não precisava dar um tom tão possessivo. Concorro com a cabeça.

Cameron volta a me encarar e me lança um olhar presunçoso.

“De nada.” Ignoro o comentário dele e pressiono levemente a mão na nuca, fazendo uma careta de dor. Cameron me encara por um instante antes de acrescentar: “Você lutou bem. Estou surpreso que alguém como você saiba se defender.” O elogio dele tem um tom cortante.

“É, bem, uma mulher tem que aprender a ser forte num mundo como este.”

Resmungo. Minha boca está irritada por causa do soco do Damian, e o gosto de ferro ainda persiste na minha língua. Pelo menos ainda tenho todos os meus dentes, ao contrário do Damian.

“Vamos voltar antes que mais algum deles queira brigar com a gente”, disse Cameron. resmunga, cutucando meu braço para que eu volte para o quartel.

Cameron me segue enquanto caminho pelo longo corredor. Lanço um olhar cauteloso para trás, para a multidão de cadetes. Ele tem razão, eles já estão se empurrando e se preparando para os outros lutarem. É assim que todos agem aqui? Brigando como animais e depois fingindo que está tudo bem?

Todos parecem tão alheios enquanto continuam assistindo às lutas violentas.

Alguns voltam a circular pelo Submundo como se fosse normal alguém levar uma surra.

"Por que você precisaria bancar o durão?" A voz de Cameron desvia minha atenção do Under e a traz de volta para ele. "Você parece que nasceu em berço de ouro", ele murmura, com um tom de irritação.

Bem, tecnicamente ele não está errado.

Os Mavestellis são uma das famílias mais ricas do Noroeste. Eu era filho único, o último da linhagem devido à infertilidade do lado masculino da nossa herança genética. Mas, como aprendi da pior maneira, nascer em uma família rica não significa ter vida fácil. Metade do meu tempo eu passava no internato do submundo, e a outra metade em casa, sendo instruído por Reed em técnicas de assassinato. O único consolo que eu tinha era Reed encontrar soluções para todos os meus problemas. Se eu estivesse indo mal nas aulas, ele ameaçava os professores e os obrigava a mudar minhas notas. Quando confessei que não conseguiria continuar sendo o executor, ele encontrou uma maneira de me ajudar a me dissociar e me desconectar do trabalho, transformando algo horrível, como as consequências do submundo, em algo instigante. Não importava o quão perturbador e terrível fosse, isso me ajudava.

Acho que ele se orgulhava de me ajudar a me tornar mais parecido com ele. monstro.

Uma nuvem escura paira sobre meu coração. Não gosto de pensar na minha infância. Também não gosto de pensar na minha vida adulta.

Só espero que minha mãe esteja bem. Sem mim lá, quem vai aguentar os abusos verbais do Greg? O Reed faz o possível para manter meu pai concentrado no trabalho, mas ele só consegue fazer até certo ponto. Tenho certeza de que o Greg saiu impune. Não é como se ele nunca tivesse subornado a polícia e o juiz antes.

"Você *precisou* quebrar os dentes dele?" Mudo de assunto, desviando-me do meu passado, antes que eu tenha a chance de entrar em um espiral de pensamentos. Não é como se eu achasse que Cameron, de todas as pessoas, conhecesse o nome Mavestelli, mas ele é inteligente e eu não quero que ele junte as peças, principalmente porque sei que ele está colecionando os artigos sobre os meus crimes. Pelo menos todos os artigos eram vagos e não revelavam meu gênero ou aparência física.

Ele levanta uma sobrancelha. "Eu não fiz isso, mas foi melhor do que meus polegares nas órbitas oculares dele, não é?"

Um riso nervoso escapa da minha garganta. Ele é comprovadamente louco. "Sim, assim é melhor."

Cameron está sentado na beirada da nossa cama. Não estou nada contente com o tamanho dela; vamos dormir colados um ao outro por semanas. É muito tempo para aguentar alguém que quebra dentes só porque é melhor do que levar dedadas nos olhos.

"Acho que devo te mostrar tudo e explicar as regras. Então me avise quando estiver pronto e podemos começar o *tour*", murmura Cameron, entediado.

Suprimo a vontade de revirar os olhos, lançando-lhe apenas um olhar rápido. Seus olhos são inquisitivos enquanto ele me encara. Seus cabelos loiros claros estão penteados para o lado, e seu perfume me alcança, o cheiro de galhos de bétula quebrados. Sigo as tatuagens de floresta em seu pescoço até a clavícula, onde se transformam em folhas que se espalham pelos ombros, engolindo em seco ao perceber o quão atraente o acho, mesmo depois de tê-lo visto arruinar o rosto de outra pessoa com tanta facilidade.

De todas as coisas, por que ele precisa ser adorável?

Ele continua sendo o mesmo psicótico na cela, mas parece mais relaxado agora. Meus lábios se contraem ao me lembrar dele tomando aqueles comprimidos a seco. Meu defeito fatal é o desejo de consertar coisas quebradas que não querem ou não se importam em ser consertadas. Sou atraída por elas como abutres são por carcaças. Reed não queria ser consertado depois que seus pais morreram no incêndio, mas com o tempo consegui juntar alguns pedaços dele. O suficiente para que ele voltasse a sorrir.

"Vou tomar um banho primeiro", digo baixinho, tirando minha jaqueta cinza com zíper e jogando-a sobre os lençóis.

Cameron parece prestes a dizer algo mais, mas eu o ignoro, desinteressada, e sigo em direção aos banheiros. Ao me aproximar, percebo que são unissex. *Claro que são*. Solto um gemido interno e evito olhar para qualquer um dos homens nus que estão lá dentro. Cameron me segue, murmurando: "Seu uniforme de Subterrâneo estará pronto quando você terminar. As roupas que você usou aqui serão queimadas."

Eu o cumprimentei com um breve aceno por cima do ombro, concentrando-me mais sobre como esse banho quente vai ser incrível.

A água está gelada.

Eu tento várias, e nenhuma delas esquenta. Deve ser uma das muitas maneiras que eles têm de nos punir. Estou começando a achar que prisões de verdade talvez tratem seus detentos com mais justiça do que as pessoas neste inferno, mas pelo menos temos a esperança da liberdade.

Quanto mais penso nisso, mais questiono se os "cartões" são reais. Claro, Nolan me mostrou um pedaço de papel com um código de barras. Mas será que...

Será que tem o valor que ele alega? Toda essa operação clandestina pode ser apenas uma farsa para nos usar como armas até estarmos exaustos e prontos para sermos descartados.

As pessoas são capazes de fazer muitas coisas insensatas por uma gota de esperança.

Desfaço minhas tranças e tento ignorar os homens que ficam olhando fixamente para meu corpo nu. É desconfortável, mas infelizmente já me acostumei. Cameron não olha; mantém o corpo virado para o outro lado, com um pequeno livro nas mãos prendendo sua atenção. Pelo menos ele sabe como se manter ocupado.

Enquanto lavo o cabelo, penso na minha situação. Como enganar um psicopata para que ele não me mate? Ele é astuto e parece razoável, mas o problema é que ele é incapaz de se controlar. Seu charme o torna ainda mais letal. É fácil baixar a guarda perto dele.

Soltei um longo suspiro de frustração. A única coisa que parece importar para ele é ser especial. Sua capacidade de não morrer por causa das drogas, como todos os outros, o diferencia, mas o que acontecerá quando a fase experimental terminar?

Eu me pergunto por que essa característica é tão preciosa para ele. Para quem ele está tentando justificar seu valor? Quem o magoou tanto a ponto de ele recorrer a esse método de busca por aprovação?

Deixei a água fria correr sobre meu corpo dolorido por quase quinze minutos. Todos já tinham saído do chuveiro, exceto Cameron. Ele ainda estava esperando com um livro nas mãos e um uniforme tático preto no colo.
meu.

Ele estende a mão com o uniforme dobrado cuidadosamente quando finalmente me aproximo. Mantenho um braço em volta da toalha e pego as roupas com a mão livre.

"Tinha que demorar tanto?", diz ele sarcasticamente, desviando o olhar do livro para mim. A toalha cai enquanto visto o top esportivo. Seu rosto cora imediatamente ao me observar. Depois de um instante, ele desvia o olhar, apertando as páginas do romance com força.

Hum. Pelo menos ele não é imune ao corpo de uma mulher. Essa é a primeira vez.
Nunca vi nenhuma cor em seu rosto. Guardo essa informação para mais tarde.

Dou risada enquanto termino de me vestir. "Bem, se aquele idiota não tivesse disputado a cama conosco, talvez eu tivesse sido bem mais rápida."

Ele bufa. "Você deu o soco nele primeiro." Esse tom descuidado vai ser a minha ruína.

"Foi ele quem tentou me derrubar no chão."

Cameron olha para trás, esquecendo-se de que estou no meio de me vestir, presumo eu, pela forma como se vira rapidamente. "Hum-hum", resmunga ele.

Depois que me visto, ele me mostra o Subterrâneo.

É enorme. Só a arena já me surpreendeu com a altura dos tetos, mas este lugar é um labirinto de corredores e grandes salas que incluem os alojamentos, uma pequena biblioteca, refeitório, salas de armas e um estande de tiro. É como uma civilização inteira subterrânea. Não consigo deixar de me perguntar há quanto tempo essa operação militar secreta está em andamento.

Há quanto tempo eles estão de olho na minha família, esperando a oportunidade de me capturar? Ou será que me encontraram por acaso, lendo os jornais? Isso me faz refletir sobre a profundidade dessa situação.

O pensamento é perturbador, então tento afastá-lo da melhor maneira possível.

Paramos perto de uma porta de vidro enquanto esperamos uma fila de cadetes correndo passar. Dentro da sala, alguns soldados estão relaxando e conversando.

"É aqui que ficam os soldados das Forças das Trevas sem esquadrão." Cameron Ele segue em frente rapidamente, como se não quisesse chamar a atenção deles.

Avisto um que está vestido de forma um pouco diferente e pergunto: "Quem é ele? O que está com o boné de beisebol preto?" Ele parece um pouco jovem demais para ser o sargento instrutor e tem uma das expressões mais malvadas que já vi em uma pessoa.

Como uma daquelas pessoas que passaram a vida inteira carrancudas e têm rugas permanentes que comprovam sua infelicidade.

Cameron nem precisa parar para olhar. "Esse é o Sargento Instrutor Adams. Acredite em mim quando digo que você *não* quer estar na lista negra dele."

Fique na sua e não diga nada. Você só tem algumas semanas antes dos julgamentos, então provavelmente vai sair ileso." Ele parece falar por experiência própria.

Você o conhece?

O silêncio é resposta suficiente, então não insisto no assunto.

"É só isso que tem para fazer no período de treinamento. Eles já terminaram os exercícios de hoje e o toque de recolher é em trinta minutos, então sugiro que vocês façam tudo o que precisam antes disso", diz Cameron pensativamente, enquanto nos guia de volta ao quartel.

"Deixe-me adivinhar, fica *muito* escuro", penso. Nolan já deixou claro que sim. A escuridão nunca me afetou muito, não como afeta a maioria das pessoas. Acho que nos tornamos mais instintivos nas sombras.

Ao olhar para Cameron, meu maxilar se contrai ao pensar que terei que dormir ao lado dele esta noite.

Instintivo em muitos aspectos.

Ele sorri. "A noite mais escura que você jamais conhecerá, meu amor."

Isso é reconfortante.

Quando voltamos ao quartel, os outros cadetes já estão em seus catres. Alguns estão lendo livros ou jogando cartas com um grupo ao redor das camas, outros estão —

Meus batimentos cardíacos dispararam e eu desvio o olhar bruscamente.

"É, o pessoal transa feito louco por aqui." Cameron ri do jeito que eu encaro o chão. Não sou virgem, mas, caramba, nem escureceu ainda. "Dá pra culpar? A maioria não sai daqui do tribunal — a não ser num saco para cadáveres." Ele fala com tanta confiança, como se não se importasse nem um pouco em sair dali. Muito menos eu.

Eu balanço a cabeça. "Isso tudo é uma grande merda."

Cameron volta a me encarar, ignorando meu divertimento com o que está acontecendo atrás dele. Eu sustento seu olhar.

"Será mesmo? Não sei quanto a você, mas eu estava perdido na sociedade. Esta é a melhor coisa que poderia ter me acontecido." Seu sorriso vacila. Chegamos à nossa cama e ele se senta na beirada.

Suas mãos devem estar manchadas de vermelho como as minhas. Provavelmente mais, dado seu hábito de matar seus parceiros, além de ser um bem precioso das Forças das Trevas.

"O que você fez?", pergunto enquanto largo meu cobertor fino e meu travesseiro antes de me sentar de pernas cruzadas no chão. Por mais desconfortável que o chão seja, aceito o espaço que ele me dá do meu futuro assassino.

Cameron balança a cabeça. "Eu não te contaria mesmo se confiasse em você."

E o que você está fazendo? Você não está dormindo no —

"Sim, sou. Não quero ficar apertada na cama com você." Uma risada escapa da minha garganta. "E por que você não confia em mim?"

Seus olhos escurecem e ele olha ao redor para se certificar de que ninguém está nos ouvindo. "Porque é assim que as pessoas daqui te avaliam. É assim que decidem com quem vão se aliar e quem vão perseguir. Você parece ser do tipo que fala demais, que espalha segredos como se fossem meu sangue." *Fala demais?* Ergo uma sobrancelha, com um olhar fulminante.

Ele roça os dedos no meu queixo, encarando meus lábios fixamente. Eu o encaro com os olhos semicerrados. Ele abaixa a mão, mas não desvia o olhar.

Concordo com a cabeça. Suponho que, se você fosse cruel no mundo real, no Under você valeria ouro para qualquer equipe. Mas, por outro lado, qual foi o seu crime? Todo mundo discorda de alguma coisa. Você estaria se tornando um alvo, não importa o que fizesse.

"Pensei que não precisávamos de amigos, segundo você." Observo-o enquanto ele levanta o capuz do moletom sobre a cabeça, deixando metade de seus músculos definidos à mostra. Minhas palmas queimam em contato com o chão.

"É, não precisamos. Mas também não precisamos de mais inimigos." Ele me encara por um instante longo demais, fazendo meus dedos se contraírem, antes de vestir a camiseta preta padrão que todos os outros estão usando.

"Tenho certeza de que chutar outros cadetes na cara ajuda nesse aspecto."

Ele solta uma gargalhada e balança a cabeça. "Ah, sim, faz sentido."

Lavo o rosto com água fria e seguro as bordas da pia antes de olhar para o meu reflexo. Mechas do meu cabelo estão molhadas e grudam nas laterais do meu rosto. Olhos opacos e cansados me encaram. Respiro fundo para me acalmar.

Só preciso dormir. Minha vida virou de cabeça para baixo em questão de segundos. Quarenta e oito horas, mas vou ficar bem. *É melhor do que a prisão.*

Quando eu estava saindo do banheiro, as luzes se apagaram.

É uma escuridão que eu nunca conheci. Sem janelas, sem estrelas, sem luz artificial de detectores de fumaça. O próprio ar parece carregado de maldade. O banheiro tem um brilho muito fraco vindo da única fonte de luz. Preciso semicerrar os olhos para ver que é uma pequena lâmpada instalada no teto, que mal ilumina o suficiente para enxergar no banheiro. *É só isso que temos?*

Eu congelo onde estou e encaro o abismo de camas e roncos suaves. Mais longe, consigo ouvir mais gente transando. *Caramba, o Cameron não estava brincando.* Todo mundo está vivendo como se fosse o último dia. Para ser sincera, é tudo um pouco excitante, a adrenalina de não saber o que vai acontecer me deixa em alerta. Tenho certeza de que tudo isso será mais interessante quando eu não estiver meio dormindo como estou agora.

Lentamente, começo a caminhar na direção em que me lembro de ter visto nosso berço. Passo por algumas camas antes de tropeçar em uma delas. Faço uma careta e prendo a respiração para não acordar ninguém. Depois de passar por mais alguns berços, penso em voltar e tentar novamente pelo banheiro.

"Estamos perdidos?" Cameron sussurra à minha direita. Eu me viro e mal consigo ver o que está acontecendo. Distinguir sua silhueta no escuro.

Acolho completamente a indireta que ele está lançando e me encolho no chão, feliz por pelo menos ter um cobertor e um travesseiro ruins. Tive que aguentar coisas piores quando treinei para a operação russa que meu pai planejou; ele tinha "assuntos" para resolver e, portanto, eu também. Embora eu fosse o único que tinha que dormir em pedras tão molhadas e frias que meus ossos doíam por dias depois.

Fecho os olhos e tento me concentrar na réstia de esperança de que um dia sairei deste inferno. Que finalmente deixarei de ser jogada de uma situação ruim para outra.

Um ruído vindo de cima quebra minha concentração. Abro um olho e mal consigo distinguir Cameron olhando para mim. Seus olhos sábios parecem refletir até os menores fragmentos de luz.

Ele pensa que eu não consigo vê-lo?

Depois de ele ficar me encarando por alguns minutos, finalmente perco a paciência e o repreendo.

"O quê?", sussurro.

Ele fica quieto. Então murmura: "Você não precisa dormir no chão."

"Melhor do que ser estrangulada enquanto durmo." Deixo escapar uma risadinha e me viro de lado para não ter que olhar para ele.

"Você pode dormir aqui em cima para eu não me sentir um idiota?" Quando não respondo, ele continua: "Eu te pego no colo se precisar." Ele se abaixa para me pegar no colo.

Oh meu Deus.

Sento-me e encaro sua figura indistinta. "Prefiro comer terra. Agora cale a boca." Você vai acordar alguém."

Está tudo escuro, mas nada me impediria de ver aquele sorriso se formar no canto dos seus lábios. Não sei o que ele acha tão engraçado em mim. Franzi a testa ao pensar nisso.

"Então coma terra amanhã, só não durma no chão duro. Você já vai ter o suficiente disso nas provas." Ele dá um tapinha no colchão. Cerrei os dentes, perdendo a vontade de resistir à sua oferta enquanto penso em quanta dor meu corpo já sente.

Após pensar um pouco, decidi pegar meu cobertor e travesseiro e me deitar bem na beirada da cama. É uma cama de solteiro, então não há espaço para dois adultos. Um deles sendo um gigante.

Estamos colados um ao outro, a frente dele contra as minhas costas.

Fecho os olhos e tento fingir que isso não está acontecendo. Tento fingir que não sinto a firmeza do seu peito aquecendo minhas costas. Ele se aproxima bruscamente, com a mão no meu quadril, puxando-me para perto como se não se importasse que

Estamos colados um ao outro. Um pequeno guincho escapa dos meus lábios, e tenho certeza de que pelo menos vinte pessoas ouvem.

“De nada”, ele responde, em tom de brincadeira. Sinto o calor da sua respiração ao meu lado. do meu pescoço, seu braço musculoso repousava sobre meu estômago.

Apenas algumas semanas — lembro a mim mesmo — até que *eu provavelmente morra nos testes*. Só de pensar nisso me dá náuseas.

De repente, seu corpo quente e a cama macia não parecem tão ruins.

CAMERON

Acordar antes das quatro da manhã para tomar os comprimidos está sendo difícil hoje. Primeiro, porque acordei com os braços de Emery em volta do meu peito e a bochecha dela encostada no meu ombro. Segundo, porque eu realmente não queria perder aquele momento. Foi estranho, porque normalmente não gosto muito disso. Conforto.

Encaro meu reflexo no espelho do banheiro, odiando estar aqui novamente, no Submundo. Já se passaram quase sete anos, mas parece que foi ontem que deixei este lugar horrível. Lembranças dos rostos que conheci durante o tempo que passei aqui embaixo passam pela minha mente.

Não quero me lembrar deles. Todas as pessoas que conheci no Submundo... nenhuma delas conseguiu sair comigo. Dou uma risadinha irônica e balanço a cabeça. Por que eles nos dizem para fazer amigos antes das provas? Alianças falsas que se desfazem no momento em que as provas começam. As Forças das Trevas são realmente um testemunho do mal que vive dentro de nós.

Eu engulo os dois últimos comprimidos e deixo o frasco de plástico vazio cair na pia.

Pelo menos o Adams não mudou. Foi bom ver que ele construiu uma reputação por aqui. Mas aposto que o corrói por dentro o fato de alguém tão ferrado quanto eu estar numa equipe enquanto ele está preso nesse ciclo interminável de carnificina. Tem que ser um filho da puta durão pra aguentar isso.

Ouçó uma batida direta na porta do banheiro. Meus olhos se voltam preguiçosamente para a porta, esperando encontrar Nolan, já que ele sabe do meu vício das quatro da manhã.

problema, mas fico surpreso quando o tenente Erik intervém.

Meu corpo reage fisicamente à presença dele — meu coração dispara e meu estômago revira ao me lembrar da facada no meu olho. Eu não sentia a dor, mas sentia a pressão por trás dela, o inchaço da minha carne e a incapacidade de enxergar por dias. Ele é o único homem na Terra que poderia me matar em uma luta mano a mano. Ele conhece todas as minhas técnicas, todas as minhas falhas.

Eu me levanto rapidamente.

"Tenente." Presto-lhe continência e fico em posição de sentido. Erik não gosta de formalidades quando estamos só nós dois. Ele é como um pai para mim, um pai que eu nunca tive. Mas eu sempre insisto em ser formal, parece a única coisa que consigo fazer direito quando tudo o mais que faço falha com ele.

Ele é o mais rigoroso dos quatro esquadrões, sendo o único tenente ainda ativo em missões desde que nosso sargento morreu em combate alguns meses atrás, mas também é o mais paciente. Acho que o Sargento Jenkins, em Riøt, já teria me eliminado há muito tempo se eu estivesse no esquadrão dele. Corre o boato de que ele é implacável para alguém tão jovem. Muitos de nós nunca o conhecemos, e honestamente, eu não o conheço. quero.

"À vontade", murmura Erik enquanto olha ao redor do banheiro comunitário. Seus olhos se fixam no frasco de comprimidos vazio na pia. "Vejo que você ainda prefere se entregar a essa morte lenta", diz ele em tom monótono.

Respeito o fato de ele ser tão difícil de decifrar. Isso me mantém sempre alerta. Mas, no fundo, sei que ele se importa com seus homens mais do que demonstra. Ele não precisa ficar checando como estamos, mas normalmente o faz. Acho que ele é o único oficial que conseguiu manter um resquício de empatia pelos outros, embora jamais admitisse isso.

Ele me enche o saco por causa dos comprimidos desde que comecei a tomá-los. É verdade que ele pôde acompanhar o meu desmoronamento mental ao longo dos anos. Fico pensando o quanto me distanciei do homem que ele conhecia. Acho que ele me deixa continuar tomando porque é o único valor real que tenho aos olhos do general. Nolan me odeia com todas as forças.

"Eu também vou tomar as injeções. O General Nolan tem um novo veneno programado para esta manhã", digo sarcasticamente enquanto lhe atiro o frasco preto vazio.

Erik pega a bola e abaixa a mão ao lado do corpo, impassível. "Sem a minha aprovação?"

Dou de ombros, irritada por ele fingir que algum dia negará os novos testes com drogas. "O General Nolan ofereceu e eu aceitei. Você já se precipitou."

me colocar de volta no Subterrâneo, então não vejo por que isso importa para você. Eu sei que não temos tempo para um treinamento de integração em campo com Emery, mas você ainda poderia ter me avisado que nos reservou para a missão de nível preto em —”

“*Eu sei.* Quem você acha que está organizando as missões com Nolan?”

Os olhos frios de Erik me examinam por um instante antes de ele voltar a atenção para os remédios. “Você se colocou nessa situação, Cameron. Não eu. Você sabe disso... tanto quanto sabe que está se matando com isso.” Ele levanta o frasco de comprimidos para enfatizar.

Meu sorriso é pequeno e derrotado. “Sou diferente, tenente. Eles não vão me matar como os outros.” Um fio de sangue escorre pelo meu nariz e sobre meus lábios. Limpo-o com a manga. Sangramentos nasais são um efeito colateral normal da droga, mas assassinar meus parceiros também é, aparentemente.

Ele ergue as sobrancelhas como se tivesse pena de mim e murmura ao sair: “Não.” Você não é diferente, Mori. Não importa o quanto você deseje ser especial, você simplesmente não é.

Seu comentário é um golpe no estômago.

Encaro as paredes cinzentas da arena, pensando em suas palavras enquanto eu aguardo que Nolan venha me buscar para as injeções.

Erik está errado. Eu sou diferente. Ninguém sobreviveu tanto tempo com esses medicamentos para melhorar o desempenho. Sou o único que apresentou uma resposta positiva a eles. As injeções supostamente representam uma grande melhoria em relação aos comprimidos, principalmente quando usadas em conjunto. Bem, pelo menos esse é o objetivo final. Vamos ver como será o começo.

Serei o que as Forças das Trevas quiserem que eu seja, e com esses estimulantes posso me tornar o soldado ideal que elas desejam, capaz de matar com mais eficiência.

A arma suprema não sente dor.

Nolan não diz uma palavra quando me vê esperando por ele. Ele continua Com as mãos nos bolsos da calça camuflada, ele acenou brevemente com a cabeça.

Passamos pelo quartel e meus olhos são atraídos por um toque de rosa suave.

Ela já acordou?

Eu paro, sem saber bem porquê. Tudo o que sei é que quero observá-la de longe tanto quanto de perto. Há algo em sua postura que exige minha atenção. O vermelho que contorna seus olhos e deixa sua pele com um aspecto suave. A ferocidade que irradia de sua alma.

“Mori.” A voz de Nolan é cortante e me arranca de algum lugar profundo da minha mente.

Saio do meu transe ao observá-la e retomo a caminhada, tentando entender o que estava acontecendo.
A confusão que ela me causa.

Não me lembro da última vez em que não quis magoar alguém.

ESMERIL

Apesar do meu orgulho, a noite passada foi provavelmente uma das melhores noites de sono que tive em muito tempo. Prendo meu cabelo em duas tranças e as jogo sobre o ombro. Algumas mechas rosas emolduram meu rosto, e minha franja termina logo acima da sobrancelha.

Cameron não estava na cama quando eu acordei.

Ainda é cedo, então me surpreende que ele já esteja acordado. Todos os outros ainda estão roncando baixinho ou se revirando na cama, inquietos. Visto meu equipamento tático em silêncio, incluindo o colete. Se há algo que aprendi ontem, é que não confio em ninguém aqui embaixo. São todos praticamente selvagens e prontos para brigar a qualquer momento. Visto um moletom preto com as iniciais DF bordadas no canto da manga esquerda por cima de tudo.

Aqui embaixo está tudo frio.

Penso em como Cameron estava perto de mim ontem à noite. Seu braço me envolveu pela cintura e seus lábios se cravaram na curva do meu pescoço.

Sinto minhas bochechas queimarem e balanço a cabeça para afastar os pensamentos sombrios que se formam em minha mente ao me lembrar de sua ereção pressionada contra minha bunda em algum momento.

Um movimento rápido chama minha atenção para a porta que dá acesso à arena. *Cameron?*

Meus passos são silenciosos enquanto me esgueiro pelo vasto salão de cimento e espreito ao virar da esquina. O salto de uma bota de combate desaparece de vista, descendo por um corredor diferente. Dou uma olhada por cima do ombro para me certificar de que ninguém acordou antes de seguir a pessoa.

Não consegui explorar sozinha ontem à noite, então a curiosidade me mantém em movimento. Não me lembro de ter visto essa trilha no pequeno passeio que o Cameron fez.

Um sinal sonoro vindo da esquina me faz parar na beirada antes de espiar. Dois homens estão parados em uma porta de metal com um teclado numérico ao lado, igualzinho ao que dá acesso ao Subterrâneo.

O homem mais baixo à frente é, sem dúvida, o General Nolan; eu reconheceria aquele corte de cabelo impecável em qualquer lugar. O mais alto atrás dele é mais difícil de identificar, pois está usando um moletom preto com o capuz levantado. Meus olhos se estreitam quando ele vira a cabeça o suficiente para que eu veja suas sobrancelhas escuras e o maxilar anguloso.

Cameron? Para onde ele vai?

Os dois atravessam a porta, que se fecha atrás deles. Não há janelas para espiar nem outras formas de ver para onde foram a partir daqui. Chego a procurar uma abertura de ventilação na esperança de encontrar uma maneira de ouvir algo e obter informações, mas o lugar está trancado a sete chaves.

O que há por trás daquela porta? Se Cameron sabia que existia, por que não...? Ele incluiu isso na visita guiada de ontem?

Pare de pensar nele, digo a mim mesma enquanto como uma tigela de cereal sem graça na cantina. Já faz uma hora e ainda não consigo tirá-lo da cabeça.

Esta área é idêntica ao alojamento, exceto pelas camas e pelas mesas. Sento-me sozinha e tento ignorar os olhares que a garota com Damian me lança do outro lado da sala. Ouvi um dos outros cadetes chamá-la de Bree. Ela está agarrada ao braço de Damian como se ele fosse dela.

Um sorriso discreto se espalha pelos meus lábios. Não consigo evitar, sinto prazer com a raiva dela em relação a meu.

Uma bandeja bate na minha mesa e me assusta pra caramba. Pisquei e imediatamente torci o nariz para Cameron. Ele deslizou para a cadeira ao meu lado e me deu um sorriso irônico. Seus olhos sábios estão mais claros hoje. Será que acabaram os comprimidos? O capuz ainda está levantado como antes, mas consigo ver suas roupas táticas por baixo. Ele também está usando o colete, então me sinto confiante em mantê-lo.

"Ei", ele murmura enquanto leva uma colherada de cereal à boca.

Olho em volta, todos estão em silêncio e o encaram com olhares cautelosos. Sinceramente, não os culpo. Não depois do chute que ele deu na cara do Damian ontem. Mas algo me diz que é mais do que isso.

"Por que todos estão olhando para você?", sussurro.

Ele não se incomoda com a minha pergunta, nem levanta a cabeça para ver com os próprios olhos. "Imagino que já tenha se espalhado a notícia de que sou um soldado do Esquadrão Fúria."

Não sei por que surgiu a ideia de que até mesmo os cadetes possam ter ouvido falar dele. O pequeno problema de matar pessoas não tinha me ocorrido antes.

"Isso é popular nas Forças das Trevas, hein?" digo em tom brincalhão, decidida a mostrar a todos, inclusive a Damian, que não tenho medo de Cameron. Ele abaixa a cabeça para dar outra mordida e, ao fazê-lo, vejo uma pequena marca de agulha em seu pescoço.

Ele tomou uma injeção? Aposto que foi mais uma dessas medicações pouco convencionais.

"Popular não é a palavra que eu usaria", diz Cameron sarcasticamente enquanto empurra o resto do cereal para o centro da mesa. Ele apoia o queixo na palma da mão e me lança um olhar. Há uma tristeza tão silenciosa em seus olhos que quase não a percebo.

"Espere aí, isso significa que seremos mais visados nos testes?"

"E você achava que *eu* era o elo entre nós?", retruquei. Um dos soldados apitou e todos começaram a se levantar das mesas. Seguimos o grupo.

"Eu sempre sou o problema. Você pode lidar com isso enquanto estivermos aqui embaixo." Cameron cutuca meu braço e eu o encaro com raiva.

"Você vai conseguir se conter e não me matar? Afinal, esse é o seu verdadeiro teste, não é?" Cruzo os braços para parar de esbarrar nele.

"Por que você parece tão desapontada?", pergunta Cameron, com um olhar vazio, enquanto estende a mão e passa o dedo por uma das minhas tranças, como se achasse graça.

"Isso vai ser divertido."

Cameron opta por não participar da corrida matinal ao redor da academia. Não é muito justo que ele possa evitar coisas que não lhe apeteçam, mas aceito essa pequena trégua. É uma oportunidade de obter informações de outra pessoa que não seja ele.

O aviso de Reed ecoa na minha mente: *"Nunca confie apenas na palavra de uma pessoa."*

Cameron me observa dar algumas voltas correndo, encostado na parede ao fundo, conversando com o Sargento Instrutor Adams. Seu olhar se desvia para o meu com frequência enquanto ele fala, e eu preciso me forçar a parar de olhar.

Algumas vezes sou empurrado por outros cadetes que ainda não conheço. Faço questão de memorizar seus rostos para garantir sua eliminação nos testes.

Um deles olha para trás, me encarando de cima a baixo com um olhar carrancudo. *Arnold*, pelo que ouvi os outros o chamarem. Ele é intimidador. *Marquem-no*.

Damian corre até mim nas voltas finais. Ignoro seu sorriso cada vez maior enquanto me recuso a reconhecê-lo. Bree se posiciona do outro lado, me encurralando entre os dois. Meus olhos descem até os dentes de metal de Damian, implantados para substituir os que Cameron arrancou de seu rosto ontem.

Eles realmente nos tratam como cobaias aqui embaixo, noto enquanto observo como seu rosto está pouco inchado. Seus olhos estão vermelhos, provavelmente por causa da droga que ele está usando, e sua pele está extremamente machucada, mas ele não parece incapacitado. Duvido que esses dentes sejam permanentes, mas estão no lugar e ele não parece estar sentindo dor.

É impressionante. Percebo que estou encarando e forço minha atenção de volta para a frente.

"O que *Mori* está fazendo aqui embaixo?", pergunta Damian em tom seco.

Estou em dúvida se devo conversar com eles. Qual é o pior que pode acontecer? Já resolvemos tudo ontem, então só pode melhorar daqui para frente... espero. "Ele está no treinamento básico, assim como todos nós", murmuro, mantendo o foco apenas no chão.

"Eu entendo, mas por quê?", diz ele, já perdendo a paciência.

Dou uma olhada rápida nele e levanto uma sobrancelha. "Não nasci ontem. Não vou te contar o que você quer saber só para usar isso contra mim depois." Mais uma vez, me irrita com o comentário de Cameron sobre eu ter falado demais. Não vou deixar que ele esteja certo.

Damian ri. "Pelo menos você está mantendo a boca fechada. Vou descobrir o motivo por outra fonte, então. Ainda temos algumas semanas aqui, então não deve ser muito difícil conseguir informações de um policial."

"Por que todos têm tanto medo dele?" Obviamente, eu já sei *o motivo*, mas espero uma explicação mais específica. O que exatamente esse homem fez de tão hediondo que seu nome se tornou conhecido até mesmo pelos novatos que ainda nem entraram para o esquadrão?

Bree bufa. "Você realmente não sabe?" Eu a encaro inocentemente e balanço a cabeça negativamente. Ela me observa atentamente antes de seus olhos se voltarem para Damian. "Ele é o equivalente a uma história de terror contada ao redor da fogueira aqui. Os guardas usam o nome dele para nos assustar pra caramba. Ele já despedaçou homens com os dentes." Ela estremece e olha para Cameron.

Não acredito nisso. *Cameron? O mesmo cara que não queria que eu dormisse no chão?* Nem pensar.

Sigo o olhar dela e, por mais que eu o encare, não vejo o que eles veem. Não vejo um monstro, vejo algo ferido e machucado. Selvagem e raivoso, vindo de um mundo cruel, apenas tentando proteger o que restou de si.

"Os dentes dele, é?", pergunto com ceticismo.

Damian estala a língua. "Não acredita em nós? Divirta-se descobrindo da pior maneira." Ele não tem moral nenhuma. Mas acho que você vai precisar de alguém como ele para te carregar durante os julgamentos." Seus olhos brilham com a ameaça. Eles realmente acham que vou ter moleza com o Cameron. Isso deve significar que eles não sabem que ele mata os próprios parceiros. Eles só acham que ele é desequilibrado na forma como mata seus alvos.

Bree riu da provocação dele. Honestamente, Damian é a menor das minhas preocupações. Estou mais preocupada com Bree e com o jeito como o olhar dela não revela nenhuma ideia ou plano que ela possa estar tramando.

Mudando de assunto, pergunto: "Algum de vocês sabe alguma coisa sobre a porta de metal no final do corredor, perto do quartel?" Eles provavelmente estão aqui há algum tempo, então um deles deve saber alguma coisa.

Os olhos de Damian se arregalam e ele balança a cabeça. Seu cabelo está grudado no lado por causa do suor. Nossas respirações são ruidosas entre nós três enquanto corremos ao virar uma esquina. "Só ouvi boatos de que alguns soldados entraram lá há algumas semanas e nunca mais voltaram. Por quê?" Ele me analisa como se eu estivesse escondendo alguma informação.

"Só por curiosidade. Acabei indo pelo caminho errado hoje de manhã e encontrei... Mas voltando aos testes. Tem algo específico que eu deva saber, já que cheguei atrasado?", pergunto.

Bree suspira enquanto seus olhos se tornam frios e sua expressão se torna inexpressiva. "Eles realmente não te disseram nada antes de te jogarem aqui, não é?", diz ela, quase como se estivesse com pena de mim. Eu balanço a cabeça negativamente. Viramos mais uma esquina para a última volta. "As missões para as quais enviam as Forças das Trevas são extremamente perigosas, e eles não têm tempo nem recursos para desperdiçar com criminosos que não conseguem acompanhar o ritmo. Então, antes da formatura, eles realizam os Testes de Recrutas. Pelo que ouvimos, são três percursos de obstáculos, e todos eles exigem que tentemos nos matar."

Engulo em seco, olhando em volta para ver quantos outros recrutas estão ali. Deve haver uma centena de nós. Parece que vai ser um caos total.

"O que acontece depois dos testes? O General Nolan me disse que só havia quatro esquadrões. Não há espaço suficiente neles para o que sobrar de nós."

"Ali", digo mais como uma afirmação do que uma pergunta, levando em consideração que os esquadrões provavelmente são compostos por menos de oito soldados cada.

Damian intervém: "A taxa de mortalidade é alta. Quase três novos recrutas são necessários mensalmente para substituir os que estão nos esquadrões existentes. Às vezes, soldados são promovidos a oficiais, mas já faz um tempo desde a última vez." Os materiais que sobram serão reciclados aqui. Ele acena com a cabeça para os homens uniformizados com fuzis M16 enquanto nos observam fazer a ronda. "Mas vocês já têm o destino definido, não é?" Seus olhos se estreitam com um sorriso irônico. Não deixo passar o olhar que se volta para Cameron.

Sinto um baque. *Vou ser morto pelo meu próprio companheiro de esquadrão.* "É. Sou o novo parceiro do Mori." As palavras escapam antes que eu consiga contê-las. Levo as mãos à boca e os olhos de Damian se voltam para Bree com satisfação.

Eles simplesmente me enganaram.

"Eis a confirmação que eu procurava", diz ele em tom alegre. Isso me deixa de queixo caído. "Espere até os outros saberem disso."

Bree ri baixinho ao ouvir as palavras dele, mas tudo o que eu sinto é desespero.

Um apito corta o ar e paramos, tentando recuperar o fôlego. Ignoro os dois o máximo que posso, fervendo de raiva por ter falado demais. *Cameron tinha razão, eu falo demais.* Gemei só de pensar nisso.

"Não se culpe. Nossa especialidade é extrair informações das pessoas."

Damian pisca o olho como quem diz que isso não é uma questão de vida ou morte para ele.

Bree sorri. "Precisamos provar nosso valor de qualquer maneira possível. Eles estão sempre observando e *anotando* nossos pontos fortes. Então, não se deixe manipular tão facilmente", ela diz, como se realmente estivesse tentando me ajudar.

Não posso ficar realmente chateado com eles quando sou eu quem precisa melhorar.

Esses dois vão contar para os amigos e logo todo o pessoal do Under vai saber. Sabemos. Seremos os principais alvos.

Meu olhar encontra o de Cameron do outro lado da sala. Ele vai ser Irritado por ter piorado ainda mais a nossa situação.

O sargento instrutor grita por cima de todos e ordena que nos organizemos em fila. Os cadetes se movem por instinto, sabendo exatamente para onde devem ir. Me perco no frenesi, mas encontro um lugar entre duas pessoas antes que uma mão firme agarre meu ombro e me puxe de volta.

"Este é o meu lugar", diz um homem, estalando os dedos e tomando o meu lugar.

Olho em volta do grupo, todos estão perfeitamente alinhados. *Meu Deus*. Cameron nunca me disse onde eu deveria ficar. Procuro por ele freneticamente, mas não o vejo mais encostado na parede do fundo.

"Vá para o fundo", Damian sibilou de algumas pessoas ao lado.

Dou meia-volta, indo para o fundo do grupo, quando meu olhar nervoso se volta para o Sargento Instrutor Adams, que está à frente. Seus olhos castanho-escuros me encontram rapidamente e ele apita tão alto que o som vibra até meus ossos.

"Você, venha aqui agora mesmo, porra." Sua voz é estrondosa e me causa arrepios.

Olhares de todas as direções se voltam para mim. Eu me esquivo cuidadosamente entre eles. corpos até que eu esteja diante dele.

"Qual é o seu nome, cadete?", ele pergunta bruscamente. Eu encaro o chão com o meu olhar perdido. minhas mãos estavam cerradas ao lado do corpo.

"Emery Maves, senhor", digo num tom muito mais baixo do que pretendia, mas minha voz não se firma. Adams é ainda mais assustador de perto do que de longe. Seu boné de beisebol está abaixado, projetando sombras sobre seus olhos castanho-escuros.

Sua jaqueta tática preta é impecável, com a insígnia dourada das Forças Sombrias presa à braçadeira e outra ao peito. Cicatrizes profundas marcam a lateral do seu pescoço; tento não encará-las. Como ele ainda está vivo depois de algo assim? Engulo em seco.

"Cadete Maves, você está tendo dificuldades para encontrar seu lugar aqui?"

Isso não é justo. "Hum... eu não recebi instruções —"

Ele me interrompe com sua voz estrondosa, fazendo-me estremecer.

"Cadete Maves, é responsabilidade sua encontrar seu lugar aqui no Sub-18. Agora, vá para o seu canto lá atrás e fique por lá. Não quero ver você fora da linha de novo, entendeu?" Algumas risadas escaparam dos meus colegas, fazendo meu maxilar se contrair.

"Sim, senhor", consigo dizer, com a voz embargada, antes de me virar e seguir para o fundo do grupo. Em meio ao mar de uniformes pretos, um lampejo de cabelo loiro chama minha atenção.

Cameron me lança um olhar lento; ele está parado no fundo do grupo. Nossos olhares se cruzam brevemente, e então ele desvia o olhar bruscamente. Não posso ficar brava por ele não ter me contado uma das centenas de coisas que deveríamos saber. Afinal, ele não está em seu juízo perfeito.

Ele, relutantemente, volta a me encarar. Sustento seu olhar intenso o máximo que posso, esperando que ele desvie o olhar primeiro. Claro que ele não desvia. Há uma tempestade de segredos e pensamentos sombrios por trás daqueles olhos, e isso faz meu coração se incendiar. Eu queria que ele não fosse tão bonito, culto e misterioso.

Seria mais fácil temê-lo se eu não encontrasse nele muitas das características que mais admiro.

Eu paro ao lado dele e me viro para a frente, como todos os outros.

"Já te disse o quanto detesto a sua falta de noção?", sussurra Cameron.

Idiota. Retiro o que disse. Não admiro nada nele.

Olhando fixamente para a frente, sussurro de volta: "E eu já lhe disse que sua opinião é, no mínimo, delirante? Vi aquela marca no seu pescoço no café da manhã; você provavelmente está tão lúcido quanto um porco bêbado." É uma alfinetada desnecessária, mas não consigo conter a satisfação ao ver seu queixo inclinar-se em minha direção com o meu comentário.

Seu olhar me penetra com o olhar.

"Tem certeza de que quer me irritar? Eu sou *Mori*, lembra? O cara

"Quem mata todos os seus parceiros." Seu tom de voz baixou.

Eu não me importaria de dançar com a morte.

"*Mori*, como em morrer. Você se matará antes de me matar." Minha voz é leve, mas cortante.

Ele dá uma risadinha, e o som é tão adorável enquanto reverbera por todo o meu corpo. Os cadetes à nossa frente se remexem desconfortavelmente. "Mori, como em conquistar, *amar*." Sua voz é fria e suave ao mesmo tempo, carregando o peso da sua promessa de me matar, mas com um toque de ternura.

Uma onda de calor me aquece por completo. Meus olhos se voltam para os dele, mas as palavras morrem na minha boca quando minha atenção é atraída pelo fio de sangue que escorre pelo seu nariz e pinga do queixo. O sangue é tão escuro que quase parece preto.

Um alarme me invade, e ele deve ter percebido o pânico no meu rosto, porque seu corpo se contrai antes que ele pisque e limpe rapidamente o nariz com a manga.

"*Cameron*", sussurro com urgência.

"Não é nada." Ele olha para frente e me dispensa. Hesito em desviar o olhar; a mancha de sangue sob seu nariz me causa um aperto no peito. Ele não está bem.

Odeio essa vontade que tenho de consertar coisas quebradas. Coisas que não me cabem consertar.

Não é problema meu. Se ele morrer, será bom para mim, repreendo-me, mas a preocupação persiste em minha caixa torácica.

O sargento instrutor se dirige ao grupo. "Os testes começam em três semanas, cadetes. Como vocês sabem, a maioria de vocês vai morrer no primeiro teste. Metade de nós morrerá no primeiro teste."

O que restar ficará para o segundo turno, e o resto de vocês para o último. Espero que apenas alguns sobrevivam, então não sejam muito amigáveis com ninguém. Já vi algumas das execuções mais cruéis nesses testes, cometidas por recrutas que juraram lealdade uns aos outros, mas que isso sirva de testemunho para aqueles que sobreviverem.

Até mesmo seus próprios companheiros de equipe podem te eliminar.”

Juro que os olhos dele alternavam entre mim e Cameron para enfatizar seu ponto de vista antes de passar por cima das outras pessoas. Agora que penso nisso, ele parece ter a mesma idade que Cameron. Será que eles fizeram parte do treinamento básico juntos? Parecem se conhecer bem, pelo jeito como conversavam casualmente mais cedo. Isso explicaria o silêncio de Cameron ontem à noite quando perguntei sobre o sargento instrutor.

“Continuaremos com nossas rotinas e exercícios até o dia em que partirmos para o campo de testes”, explica Adams, com firmeza. Ele divaga sobre assuntos cotidianos, mas minha mente está presa em seus comentários sobre o número de nós que morreremos somente no primeiro teste. Um nó se forma no meu estômago.

Após a reunião, Adams nos manda para a sala de armas para o treinamento da tarde. Ela é toda revestida de vidro à prova de balas nos quatro lados. A parede adjacente ao corredor é a mais grossa, protegendo os oficiais de patente superior que observam do outro lado. Cameron está com o capuz levantado e fica entre Adams e alguns outros oficiais enquanto eles observam os recrutas e anotam coisas em seus blocos de notas.

Bree tinha razão, estamos constantemente sendo avaliados quanto aos nossos pontos fortes. Eles querem ver nossos truques.

Não tenho a menor dúvida de que Cameron não precisa treinar conosco, porque provavelmente conseguiria matar todos nesta sala sem nem pestanejar. Esse pensamento perturbador me faz estremecer.

Seria proveitoso vê-lo em ação. Eu poderia aprender seus movimentos e trejeitos. A luta de treino com Damian não contou porque Cameron literalmente manteve as mãos nos bolsos o tempo todo. Tudo o que aprendi com aquela luta foi o quão facilmente ele consegue nocautear alguém sem usar as mãos.

Imagino que isso seria conveniente numa situação de reféns. Eu o visualizo com as mãos amarradas nas costas, eliminando todos os inimigos. Por que ele está sem camisa nessa imagem? Dou um beliscão na minha coxa para apagá-la da minha cabeça.

O pior é que não acho que seja irracional acreditar que ele possa fazer isso.

Meu estômago revira ao ver quatro homens enormes pegarem as maiores facas KA-BAR que encontram no arsenal e cravarem as lâminas em bonecos de treinamento balístico. São aqueles que eu costumava ver quando Reed apresentava o programa *Forjado no Fogo*. Eles têm um material transparente e macio, semelhante à carne, por fora e esqueletos de gesso por dentro. Minha expressão de preocupação se intensifica ao ver sangue falso jorrar dos pescoços e estômagos dos bonecos.

A situação não parece muito melhor no estande de tiro. Todo mundo pega os M16 e M15, descarregando seus pentes nos alvos à distância. Eu me arrepio com a precisão da maioria deles. O centro de cada alvo de madeira está cheio de círculos e oco.

Eu não fazia ideia do nível de habilidade dos competidores aqui. Caminho até uma das mesas no centro da sala, onde armas menores estão dispostas para uso. Meus olhos se fixam em uma pistola compacta. Ela é preta e tem as letras DF gravadas no canto inferior. A última vez que segurei uma arma foi há alguns meses, antes de ser detido. Preciso fechar os olhos por causa da sensação elétrica que percorre meus ossos enquanto seguro a arma.

Eu estava com saudades dessa sensação.

Bree solta uma risadinha curta, alta o suficiente para chamar a atenção de algumas pessoas, inclusive a minha. Ela me olha de cima a baixo, me julgando por ter pegado uma arma enquanto todos os outros estão se exibindo para conseguir bons companheiros de equipe nos testes.

“Você está me atrapalhando, nanico.” Um dos cadetes mais fortes me empurra para o lado e pega o que parece ser um fuzil de assalto ACE 32, mas este modelo tem alguns acessórios extras no cano, que presumo serem silenciadores. Há também um encaixe lateral para uma faca de combate. Uma ótima adição, considerando que a arma é feita para longas distâncias. Essa coisa é uma fera. Dou uma olhada na etiqueta no suporte. Raze 48.

Na verdade, eu não sou *tão* baixa assim. Tenho cerca de 1,65 m. Todo mundo aqui é que é anormalmente alto. Eu lanço um olhar fulminante para o cara, que é a personificação da imagem que eu tenho de um brutamontes babaca. O nome dele é sussurrado enquanto ele passa pelos outros.

Wraith. Duvido que seja seu nome verdadeiro, mas vou memorizá-lo e adicioná-lo à lista de pessoas que pretendo eliminar nos julgamentos. Assim como Arnold, que tenho certeza de ter visto andando com Wraith no pouco tempo que estou aqui.

Ele atravessa a sala com ar de superioridade, como se tivesse um cabo de vassoura enfiado no traseiro, até chegar ao estande de tiro. Todos param o que estão fazendo para observá-lo, então eu me junto a eles e espero para ver o que há de tão interessante ali.

Bree fica ao meu lado e suspira. "Dá para ver que ele vai se divertir muito matando pessoas nos julgamentos." Seu comentário fica sem resposta, mas eu aceno distraidamente com a cabeça enquanto o observo.

Wraith deita-se no chão e dispara uma bala contra o alvo mais distante, a pelo menos 150 metros de distância, contra a parede. A bala atravessa a madeira e racha o cimento. Ele repete o feito mais quatro vezes, atingindo quatro alvos consecutivos. Ele é bom, isso eu admito, mas se esse é o seu único talento secreto, então ele está se revelando um lutador de um truque só. Wraith se levanta, sabendo que todos o observam, e me lança um sorriso malicioso.

Basicamente, o olhar dele diz: "*Vou te matar nos julgamentos*". Ótimo. Cameron estava certo ao presumir que seríamos o alvo. Eu sou o elo mais fraco entre nós dois, pelo menos aos olhos de todos os outros.

Dois podem jogar este jogo. Eu sou até bem bom nele, e nem preciso revelar meus melhores métodos de matar.

Caminho despreocupadamente até um dos bonecos de treinamento balístico e olho diretamente para Wraith, certificando-me de que nossos olhares estejam fixos enquanto levanto o braço até que o cano da arma encontre a têmpora, a parte sensível do crânio. Não só é ali que se encontra a artéria temporal superficial, como também é um ponto de junção de vários ossos do crânio. Uma falha letal em nosso projeto. Aperto o gatilho e o cérebro falso do boneco explode por todo o lado esquerdo da sala de armas.

A sala inteira fica em silêncio.

"Não preciso estar longe para estourar sua cabeça. Estarei bem ao seu lado, sussurrando algo desagradável enquanto te mando embora", digo com um sorriso doce. Já disse coisas insanas antes de acabar com meus alvos com um simples puxão de gatilho. Carrasco também tem personalidade.

Observo as bocas escancaradas. Será que eles acham que eu não sou capaz de matar alguém? Como pensam que eu consegui um ingresso para vir até aqui? Dá vontade de rir. Só porque sou pequena e tenho cabelo rosa não significa que sou fraca.

Os olhos de Cameron se enchem de uma nova curiosidade. Bree sorri e cutuca Damian com o cotovelo, cujo queixo está caído diante da minha audácia.

Wraith estremeceu, e a fúria tomou conta daqueles olhos escuros. "Você nem vai saber o que te atingiu", ele cuspiu de volta para mim. Não deixei passar despercebido o desconforto que transpareceu em sua expressão. Normalmente, pessoas como ele não gostam quando...

Eles avaliam mal suas presas. Ele é tão previsível que chega a ser ridículo. Com certeza será uma força a ser reconhecida, mas sua arrogância e ego serão sua ruína.

Volto para a mesa de armas e guardo a pistola no lugar, decidindo que será melhor observar por hoje e reservar meu treinamento para as primeiras horas da manhã, antes que todos acordem. É tolice abrir mão da sua vantagem quando você vai lutar contra todos os outros ao seu redor.

Procuro focar-me nas pessoas que mais utilizam facas de combate, seguindo os seus padrões e a forma como lutam. O combate corpo a corpo não é exatamente o meu forte. Uma janela do outro lado da rua com um rifle de precisão? Ótimo. Um fuzil de assalto para abater um grupo de guardas? Esplêndido. Mas luta com facas é onde sempre deixei a desejar. Estou começando a me arrepender de todas as vezes que disse ao Reed que não precisava praticar porque sempre teria uma arma.

Nunca vou me esquecer da forma como os olhos da minha mãe mudaram depois de ver meu trabalho. Ela não deveria estar no armazém por pelo menos mais uma hora, e eu tinha acabado de arrancar os nomes do cara. Abri a boca dele de cada lado, dos lábios até a mandíbula. Decepei o maxilar, deixando-o pendurado como a serpente de língua de prata que ele era. Achei apropriado, poético na forma como ele seria lembrado e encontrado. Foi naquele dia que perdi o amor dela. O assassino perverso do marido dela.

Ela nunca mais me olhou da mesma forma, e eu me certifiquei de ser mais cuidadosa para que ela nunca mais tivesse que presenciar aquilo pessoalmente. Eu já estava acostumada demais com os elogios de Reed por usar minha paixão no trabalho. O conselho dele era sensato, porque realmente me fez sentir melhor.

Matar dois coelhos com uma cajadada só.

Depois de observar atentamente a luta com facas, encontro um lugar para me sentar junto à parede e me concentro em observar os outros para aprender quais são seus pontos fortes e fracos. Memorizá-los será difícil, já que somos muitos. Tento me limitar apenas aos cadetes que acho que têm alguma chance, pois a maioria deles provavelmente será eliminada no primeiro teste. *Eu inclusive, possivelmente*. Franzo a testa ao perceber esse pensamento intrusivo.

Meus olhos não demoram a encontrar Damian.

Ele escolhe uma faca de combate preta, do tamanho da metade do seu antebraço. A luz brilha na lâmina polida antes que ele comece a golpear um boneco de treino com ela. Ele maneja a lâmina divinamente, com movimentos suaves como ondas. Passaram-se apenas cinco segundos e ele já terminou, respirando com dificuldade. O boneco ficou completamente sangrado, com todas as artérias principais comprometidas.

Os pontos de articulação e os ligamentos que controlam as pernas e os braços foram rompidos. Se fosse uma pessoa, ela não conseguiria mover os membros.

Damian é inteligente por conhecer as partes do corpo e por sua habilidade psicológica em extrair informações das pessoas. *Anotado.*

Bree não está muito longe, conversando docemente com um grupo de cadetes que parecem completamente encantados com seu sorriso. Ela sabe como manipular os outros muito bem. Seus traços encantadores e os elogios gentis que faz a eles também contribuem muito. *Um encanto.*

Ele e Bree formam uma dupla assustadora. Aposto que já combinaram de ficar juntos durante os testes e têm várias opções para reforçar a equipe, considerando a quantidade de cadetes que conversam casualmente com eles. Com certeza estão revelando segredos, como eu fiz antes de perceber. Me arrependo da minha própria tolice.

"Dá para ficar pensando no que todos eles faziam no mundo real, não é?"

Meus ombros se tensionam com a presença inesperada de Cameron. Devo ter me distraído, porque não o vi entrar. Ele encosta as costas na parede e desliza até se sentar ao meu lado. Nossos braços se roçam e o calor de suas coxas se espalha para as minhas. Eu me arrepio, mas permaneço imóvel e tento manter uma expressão calma. Há muitos olhares sobre nós, e precisamos parecer uma equipe eficiente.

Envolvo meus joelhos com os braços casualmente para que não nos toquemos mais e o observo. As histórias que Damian e Bree compartilharam mais cedo definitivamente me deixaram mais cautelosa em relação a ele, mas me sinto segura com todas as pessoas na sala. Não que eu ache que elas me ajudariam se ele atacasse, mas Cameron parece ser o tipo de cara que mataria em particular.

Cameron finalmente tirou o capuz. Seu cabelo está penteado e fora do rosto, pela primeira vez em muito tempo. Será que ele fez um corte francês hoje de manhã, junto com a injeção? Tento imaginar como seria um barbeiro de Dark Forces, e por algum motivo só me vem à mente Sweeney Todd.

A parte de baixo do cabelo está mais curta do que ontem, revelando tatuagens na lateral da cabeça. "MORI" está escrito em letras maiúsculas logo atrás da orelha. A tatuagem é tão pequena que caberia no meu dedo indicador, mas combina com ele.

Cameron ergue o queixo e deixa a cabeça cair para trás contra o vidro. Isso faz com que seu pomo de Adão fique mais proeminente enquanto ele observa, tranquilamente, os outros cadetes praticarem. Ele pega um isqueiro Zippo preto e acende um cigarro. Meu olhar se fixa em seus dedos tatuados, alguns com anéis desenhados no meio e...

polegar, enquanto ele abre e fecha o isqueiro mais algumas vezes. O som de clique que o metal faz é estranhamente satisfatório.

"Há quanto tempo você está nas Forças das Trevas?" Não espero que ele me conte muitos detalhes, mas estou curioso.

Um murmúrio baixo escapa de sua garganta enquanto pensativo. "Cerca de sete anos, e acredite, você não quer saber o que eu fiz para chegar até aqui." Seu sotaque britânico faz parecer quase inofensivo. Quero ver do que ele é realmente capaz.

Cameron inala lentamente e segura a fumaça nos pulmões por um instante antes de soltá-la e voltar sua atenção para mim.

Não desvio o olhar do seu olhar penetrante. Em vez disso, procuro entender o que teria levado um homem tão bonito e inteligente a se tornar assim. Será que ele pensa o mesmo quando olha para mim?

"Você vai mesmo me matar lá fora, em campo? Seria uma pena se eu conseguisse passar pelos testes só para cair nas suas mãos em uma missão", murmuro contra meu braço. Seus olhos se estreitam, tornando as olheiras mais visíveis.

"Não sei." Ele faz uma pausa e me observa, os olhos percorrendo o contorno dos meus lábios e a curva do meu pescoço. "Espero que não." Ele estende o cigarro para mim e coloca a ponta que acabou de tocar entre os meus lábios.

Uma estranha sensação de tremor percorre meu peito ao ouvir suas palavras e seu gesto.

Eu o observo por um instante antes de inspirar lentamente e saborear o amargo. Tabaco com um toque amadeirado.

Solto a fumaça, sem nunca desviar o olhar do dele. "Por quê?"

Um sorriso suave surge em seus lábios. "Ainda não tenho certeza. É apenas uma sensação."

ESMERIL

OS DIAS PASSAM RÁPIDO NO SUBTERRÂNEO.

As manhãs consistem em exercícios ao redor da arena, seguidos de combate corpo a corpo e treinamento com armas. Temos tempo livre para fazer o que quisermos, durante o qual a maioria das pessoas opta por praticar mais, tentar fazer acordos com os esquadrões temporários para os testes ou descansar... o que geralmente envolve ficar com alguém nos chuveiros ou nos alojamentos.

Aproveito meu pouco tempo livre para estudar as táticas dos outros enquanto treinam ou para ouvir as conversas sobre alianças, assim posso evitar certos grupos e ficar de olho em quem pode estar disposto a trabalhar em conjunto. Embora seja difícil imaginar isso quando Cameron está sempre por perto, lembrando a mim e a todos os outros que estou presa a ele.

Reprimo um gemido ao pensar que provavelmente acabarei dependendo apenas dele. como um "amigo" nos julgamentos.

A biblioteca é um dos poucos lugares tranquilos aqui no Subterrâneo.

Ou ninguém se importa com a leitura, ou subestimam o poder da inteligência. Concluo que são as duas coisas. Bem, todos, exceto um cadete que está aqui quase tão frequentemente quanto eu. Ele é quieto e reservado, sempre lendo pelo menos dois livros da pilha que tem no final da mesa.

Não é bem uma biblioteca. Parece mais um depósito com pilhas de papel mofadas, com apenas alguns corredores de livros, paredes de tijolo cinza e uma luz fraca e intermitente que me dá dor de cabeça constante.

Dou uma olhada por cima do ombro para Cameron. Ele está encostado na parede a poucos metros de distância, me observando, como esperado. Meus olhos encontram os dele por um instante antes de eu voltar a escrever no meu diário. "Por que você não vem se sentar em vez de ficar me encarando daí?", murmuro enquanto anoto a melhor maneira de quebrar a mão de alguém. Não sei onde conseguiram esses livros; eles são absolutamente implacáveis e eu adoro isso.

Cameron é um homem interessante. Se há algo que aprendi na última semana, é que ele é muito bom em manter distância de todos, inclusive de mim. Ele prefere observar e ficar sozinho. Embora eu esteja começando a gostar da presença dele. A única vez que ele se permite ficar perto de mim é quando estamos dormindo ou comendo. Nosso beliche duplo se tornou um verdadeiro monstro.

A afeição é a morte dos tolos. Rabisco as palavras furiosamente. Anotei algumas vezes no meu bloco de notas para me lembrar de não ser idiota.

Mas tola eu me tornei. Estou muito confortável em adormecer com seu peito largo contra minhas costas. Nossas pernas se entrelaçam com frequência, e quase sempre acordo com sua mão em minha cintura. Tenho sido poupada de acordar com sua ereção matinal contra minhas coxas porque ele sempre acorda antes de todos, inclusive eu.

E eu pretendo descobrir o que ele anda fazendo tão cedo pela manhã.

Cameron finalmente cede e senta-se do outro lado da mesa, de frente para mim. Eu preferiria que ele se sentasse ao meu lado para não sentir tanto o seu olhar, mas não tem jeito. É melhor do que ele ficar em pé, fazendo cara feia de idiota.

O outro cadete nos lança um olhar rápido antes de voltar a atenção para os livros. Só consegui perceber que ele tem cabelo castanho e sardas. Ele mal levanta o olhar o suficiente para que eu me lembre de mais alguma coisa sobre ele.

"Afim, o que você está pesquisando? Duvido que encontre algo aqui que lhe ajude nos julgamentos." Cameron cruza os braços e se recosta na cadeira até que seus joelhos roçam acidentalmente nos meus. Ele coloca de lado o livro que carrega consigo o tempo todo. Percebo algumas páginas arrancadas de outros romances dentro dele. *Estranho.*

Meus olhos se voltam para os dele, e uma respiração me falta diante da preguiçosa facilidade com que ele se move. Ele consegue ser tão lindo enquanto me lança um olhar tão apático.

"Pelo contrário, encontrei muitas dicas sobre anatomia humana e sobrevivência em temperaturas frias, incluindo como fazer corda com raízes de pinheiro", retruco, forçando meus olhos a voltarem para o meu caderno. Percebo que seus pés estão de cada lado da minha cadeira e preciso ignorar a onda de desejo que me invade ao perceber o quão alto ele realmente é.

Ele ergue uma sobrancelha e sorri, mas não se dá ao trabalho de dizer muito mais enquanto continuo lendo. Cameron eventualmente fica entediado o suficiente para pegar um dos livros da minha pilha de livros não lidos e começa a folheá-lo. Eu me assusto quando ele arranca uma página e a adiciona à sua coleção.

A curiosidade me vence e levanto os olhos para ver o que o está intrigando tanto. Encantado, ele sente necessidade de arrancar páginas.

É um livro de arte que comprei simplesmente porque as ilustrações me fizeram lembrar das minhas próprias criações. É verdade que não há imagens de pessoas mortas e mutiladas, posicionadas de forma sombria, mas o tema ainda é obscuro. As pessoas são pintadas em posições estranhas, com expressões tristes e melancólicas. Ansiando por felicidade e liberdade, interpreto. *Por que ele escolheria isso?*

"O que você está fazendo?"

Cameron nem se dá ao trabalho de olhar para mim enquanto arruma as páginas soltas do jeito que quer antes de fechar o livro. Só consegui vislumbrar mais uma página, um recorte de jornal com uma imagem que reconheci como sendo de uma das minhas cenas de crime em Seattle. Há algo tão satisfatório em saber que ele está investigando minha história, mas não percebe que estou sentada à sua frente.

"Duvido que você consiga apreciar as artes das trevas como eu", murmura ele arrogantemente enquanto continua folheando o livro da biblioteca, procurando mais coisas para colecionar.

Sorrio para mim mesma e volto a ler. Continuamos assim até meia hora. Chega uma hora antes de as luzes se apagarem.

Depois de tomar banho e trançar meu cabelo, sigo Cameron de volta para nossa cama. Ele criou o hábito de ficar perto das pessoas no chuveiro, encostado na parede de azulejos com a cabeça virada para o outro lado. Será que ele realmente acha que alguém vai tentar alguma coisa no *chuveiro*?

Se há algo que aprendi sobre Cameron, é que ele é o mais O homem mais paciente que já conheci. E essa pode ser uma característica muito perigosa.

"Você não precisa ficar grudado em mim como cola, sabia? Eu sei me cuidar", sussurro enquanto me deito ao lado dele.

Cameron não responde por alguns minutos. Assim que as luzes se apagam e o vasto cômodo fica em silêncio, com exceção de gemidos distantes, ele finalmente murmura: "Eu sei que você pensa isso."

A raiva me invade as veias. Tento cutucá-lo com o cotovelo, mas ele agarra meu antebraço, a palma da mão quente contra minha pele.

"Por que você está sempre tentando me irritar? Você está mesmo curioso para saber como é quando eu fico bravo?", ele avisa, roçando os lábios na minha orelha como fogo.

Meu corpo fica imóvel. Ele ri baixinho da minha hesitação, solta meu braço e deita a cabeça novamente.

Mordo o lábio inferior e respiro fundo seu aroma de bétula. "Por que você acorda tão cedo?" O que ele poderia estar fazendo às quatro da manhã?

Cameron respira fundo algumas vezes antes de responder: "Os estimulantes têm Sempre me impedia de dormir. Na maioria das noites, mal consigo três horas de sono."

Fico boquiaberta. *Não é à toa que ele sempre parece cansado.* "Que horror." Tento imaginar como seria dormir apenas três horas por noite durante mais de dois dias. Ele deve estar sofrendo muito.

Então, um pensamento mais preocupante começa a me ocorrer. *O que ele está fazendo? A noite toda enquanto eu estiver dormindo?*

Ele solta um grunhido baixo. "Não é tão ruim assim."

"Então você não fica me observando dormir de um jeito esquisito, né?" Eu me remexo até ficar de frente para ele, peito a peito, na esperança de que ele consiga ver o olhar fulminante que está recebendo.

Cameron ri baixinho e dá um peteleco na minha testa. "Não seja tão vaidoso. Você é..." "Não sou tão bonitinho quanto penso."

Ok. Ai.

Eu solto um suspiro e rolo para o outro lado. Cameron não diz nada. não há mais nada a fazer e deixa que a escuridão absorva o silêncio entre nós.

Enquanto escuto sua respiração tranquila, decido que, se estiver acordada quando ele se levantar de manhã, irei segui-lo.

Acordo a cada hora, consciente de que Cameron ainda está ao meu lado. Depois de ter certeza de que são quase quatro da manhã, nem me dou ao trabalho de voltar a dormir. Encaro a escuridão e reviso os pontos mais vulneráveis do corpo humano para manter a mente alerta. É difícil resistir à tentação de dormir novamente, mas me mantenho lúcida.

Cameron finalmente se posiciona atrás de mim.

Fecho os olhos de repente, embora tenha quase certeza de que ele não consegue ver que estou acordada no escuro. A cama afunda quando ele se levanta e vai para o banheiro.

Espero alguns minutos antes de me levantar silenciosamente e vestir meu moletom preto. A escuridão não está tão ruim quanto na primeira noite, pelo menos consigo enxergar.

Agora, as linhas e formas rígidas das coisas. A memória me serve bem para saber quantos passos são necessários para alcançar a parede do banheiro.

A água do chuveiro chia e para de correr enquanto eu espio dentro do banheiro. Ele está na cabine mais próxima da entrada, e consigo vê-lo com clareza suficiente para distinguir suas feições.

Não vi Cameron tomar banho com o resto de nós desde que chegamos aqui. Fiquei me perguntando a que horas ele costuma tomar banho. A pequena luz no teto facilita a visão dentro do banheiro, em comparação com o alojamento. Observo Cameron se aproximar de uma das pias, com uma toalha enrolada na cintura.

Um suspiro escapa dos meus lábios ao ver as cicatrizes em suas costas e costelas. Algumas parecem marcas de chicote, outras parecem ser buracos de bala e ferimentos de faca, e as grandes, irregulares e profundas, são de algo desconhecido para mim.

Um nó se forma na minha garganta. Ele tem sido tudo, menos o monstro que eu imaginava. Já ouvi falar tanto dele. Com certeza ele não é tão mau a ponto de merecer essas cicatrizes.

Se ele tem tantas feridas antigas por fora, só posso imaginar quantas estão escondidas em seu coração. Meus olhos se estreitam de compaixão. Feridas do coração são difíceis de curar.

Cameron se veste, joga o cabelo para trás e coloca um boné de beisebol. Ele se encara no espelho por um instante. Não consigo decifrar sua expressão, mas ele cerra os punhos com força antes de enfiar a mão no bolso e tirar um frasco de comprimidos. Um pressentimento ruim me invade quando ele agita o frasco na mão, toma um punhado de comprimidos, muito mais do que antes, e os engole antes de deixar a cabeça cair.

A culpa me invade ao vê-lo tão vulnerável. Mas o sentimento desaparece tão rápido quanto surge quando Cameron se endireita e caminha em direção à porta do banheiro. *Droga.*

Rapidamente, me afasto alguns passos e me abaixo o máximo que consigo. Ele passa direto por mim em direção à saída do quartel. Espero até que ele esteja na metade do caminho antes de começar a segui-lo. Não há como ele me ver tão longe no escuro. O único indício de sua presença é o som suave e ecoante de suas botas de combate contra o concreto.

Demorei mais de dez minutos para descobrir para onde ele tinha ido, mas finalmente cheguei à sala de armas. Quase gritei ao ver alguém parado junto ao vidro, olhando fixamente para dentro da sala.

“Cadete Maves, o que você está fazendo acordado?” A voz soa vagamente... Me parece familiar, mas não consigo me lembrar de onde. Só sei com certeza que não é Adams.

"Eu estava seguindo o Mori", admito, envergonhada. *Como ele me conhece?*
Qual o nome dele? Ele deve ser um dos guardas daqui.

Uma risadinha discreta. "Bem, venha ver você mesmo. Eu sabia que seria só uma brincadeira."
É uma questão de tempo até que você fique curioso o suficiente sobre nossa anomalia."

Com hesitação, aproximo-me o suficiente do policial. Ele levanta algo, e meus olhos se esforçam para ver o que é. Um par de óculos de proteção? Pego-os e os coloco na cabeça.

"Sou o Tenente Erik. O líder do Esquadrão Fúria", diz ele. Espera aí, o cara que fez aquela cicatriz horrível no olho do Cameron? Eu já não gosto dele.

Coloquei os óculos de visão noturna. São de fósforo branco, e levo um instante para me acostumar com a visibilidade repentina de tudo. O tenente também está usando óculos, e não consigo distinguir suas feições, já que tudo está em preto e branco. Ele parece um homem de meia-idade comum, talvez na casa dos quarenta. Tem um sotaque parecido com o do meu pai.

Volto minha atenção para a sala de armas. Cameron está lá dentro, treinando no escuro. Meus olhos se arregalam ao vê-lo pegar casualmente uma faca de combate, ouvir brevemente e, em seguida, arremessá-la contra os bonecos de treino de tiro. Ele acerta cada um deles na garganta, com a faca cortando a artéria carótida e voando em direção à parede atrás.

"Como—" começo a dizer, mas Erik me interrompe.

"Temos pequenos dispositivos sonoros do outro lado da sala que simulam o som da sola de uma bota em cascalho. Duvido que você já os tenha ouvido durante o dia, quando todos estão praticando e fazendo barulho, mas eles disparam a cada trinta segundos, mais ou menos, para alertar os soldados mais atentos sobre a presença de alguém."

Meus lábios se entreabrem. É assustador, mas impressionante que Cameron consiga lutar no escuro assim. Vai ser bom lembrar disso quando estivermos em campo juntos.

Espera aí. Isso significa que ele sabia que eu estava espionando ele? Meu Deus. Ele Provavelmente ouviram meus passos. Resisto à vontade de levar a mão à testa.

Meu medo e silêncio persistem porque Erik murmura: "Você deve ter cuidado ao tentar desvendar todas as suas camadas. Mori não é do tipo que compartilha quem ele é com os outros. Ele deve gostar de você, ou pelo menos não se importar, para permitir que você o observe tão de perto." Suas palavras ressoam em meu coração.

Isso significa que se Cameron não gostasse de mim, eu já estaria morta?
É estranho ouvir falar dele por meio de outras pessoas que o conheceram.

significativamente mais tempo do que eu. Às vezes parece que estão falando de uma pessoa completamente diferente da que eu conheço.

Permaneço em silêncio ao lado do Tenente Erik enquanto observamos Cameron treinar sozinho. Ele faz tudo por conta própria. Isso me faz pensar o que ele guarda a sete chaves. Por que ele prefere ser... bem, solitário?

Cameron muda para o combate corpo a corpo, e é perturbador ver a precisão de seus golpes, mesmo usando apenas a silhueta de um boneco. Ele atinge todos os principais ligamentos e artérias — pontos onde a pessoa não só sangraria até a morte, como também perderia o controle dos membros. É quase idêntico ao estilo de ataque de Damian. Perdi muita coisa durante a primeira parte do treinamento básico.

Espero conseguir acompanhar, porque minha especialidade principal são pistolas, rifles e artes pós-tumais. Esta última definitivamente não me ajudará aqui.

O suor brota na minha testa e uma onda de calor se acumula entre minhas coxas enquanto observo os músculos de Cameron se contraírem. Meu próprio peito se expande a cada respiração profunda que ele dá entre os ataques. *Por que sua capacidade de matar alguém com tanta crueldade me excita tanto?* Mordo o lábio para tentar impedir que os pensamentos sensuais me dominem. Sou tão perturbada, e sei que ele também é.

"Ele já está quase no fim. É melhor você voltar antes que ele termine. Ele costuma ficar mais instável durante e depois do esforço." Erik olha na minha direção.

É assustador não conseguir ver seus olhos por trás dos óculos de proteção. Fico imaginando como ele seria sob a luz do dia. Tudo o que consigo distinguir é seu nariz reto e maçãs do rosto proeminentes. Uma boca firmemente cerrada e uma voz estranhamente nostálgica.

"Obrigada", digo enquanto tiro os óculos de proteção e os devolvo para ele.

Ele faz uma pausa antes de, sem dizer uma palavra, pegá-los de volta.

Volto correndo para o quartel, usando os dedos como guia ao longo da parede. Meus olhos levam alguns minutos para se ajustarem à escuridão do Submundo, e mesmo assim, só consigo distinguir formas tênues.

Já que estou de pé, decido tomar um banho e me arrumar. Depois de ver Cameron desferir seus golpes mortais com tanta facilidade, preciso me esforçar mais nos treinos se quiser acompanhá-lo.

A pequena luz do banheiro teria me parecido tão insuficiente antes de eu estar aqui, mas é mais do que suficiente comparada à escuridão total. Esfrego meu corpo e lavo o cabelo. A água fria não me incomoda tanto quanto nos primeiros dias. Mas certamente me ajuda a despertar.

A umidade entre minhas coxas é inegável. Faz pelo menos quatro meses que não transo, e não quero ficar com a imagem do Cameron suando e respirando com dificuldade o dia todo.

Meus dedos deslizam pela minha barriga e eu pressiono as omoplatas contra a parede fria, soltando um suspiro enquanto rolo a ponta do meu dedo sobre o meu clitóris. *Não imagine ele fazendo isso com você. Não imagine Cameron com os dedos dentro de você*, eu me repreendo, mas não adianta. Eu o imagino perfeitamente com seus dedos tatuados enfiados até os nós dos dedos na minha vagina.

Um gemido abafado escapa dos meus lábios enquanto me masturbo com os dedos, imaginando-o lambendo meu clitóris e massageando minhas paredes internas até que eu esteja tão perto do orgasmo que eu — Alguém tosse.

Porra.

Me afasto da parede e termino de me enxaguar rapidamente, desesperada para chegar à bancada onde deixei minhas roupas. Meu corpo inteiro congela ao ver Cameron encostado na pia ao lado das minhas coisas, braços cruzados e expressão fria. Está escuro demais para ver a cor de suas bochechas e se ele viu o que eu estava fazendo, mas não vou fingir que não viu.

Não sou *tão* iludido assim.

Sinto minhas bochechas queimando. Nem consigo pensar em palavras para dizer, porque estou tão... Completamente mortificado com a minha situação.

As palavras de Erik ecoam na minha mente. *Ele fica mais instável durante e depois do esforço físico.*

Minhas pernas voltam ao lugar sozinhas quando Cameron se impulsiona na pia e caminha firmemente em minha direção. Estou completamente vulnerável, nua e nervosa. Por favor, *por favor*, não deixem que eu seja assassinado no chuveiro logo depois de me masturbar.

Os olhos de Cameron não se desviam dos meus, o que é quase pior do que se ele simplesmente me olhasse de cima a baixo como qualquer outro cara. Tenho quase certeza de que ele não está em si agora. Os músculos da mandíbula estão definidos, as veias do pescoço saltam.

Ele para a um braço de distância e se inclina até que seu nariz esteja a um centímetro do meu.

"Por que você saiu da cama escondida para me espionar?" Sua voz é rouca, mas são seus olhos semicerrados e intimidadores que me fazem sentir um frio na barriga. Minhas coxas ainda estão pingando por causa do orgasmo que eu ainda não tinha consumado.

Engoli em seco. "Eu queria saber o que você fez tão cedo... Me desculpe." Mal consegui terminar a frase. Meus ombros tremiam numa mistura de medo e excitação.

Ele me observa antes de levantar a mão, a mesma que vi destruir os bonecos de teste balísticos há menos de dez minutos, e desliza o dedo indicador pela minha bochecha. Meus braços enrijecem ao lado do corpo enquanto me preparo para que ele cumpra sua promessa e acabe com a minha vida.

Seus olhos percorreram meu lábio trêmulo antes de encontrarem meus olhos assustados. Ele olha fixamente novamente. Respira fundo e solta uma risada arrepiante.

"Eu não achei que você fosse capaz. Eu sou *tão* paciente, mas você conseguiu."

Eu tremo e gaguejo: "F-fiz o quê?"

"Você me irritou, meu amor", ele diz com os olhos mais escuros que já vi. Sua voz é sinistra e me envolve. Não consigo evitar que minhas coxas se apertem e se esfreguem para conter o líquido quente que está escorrendo. Será que gosto de brincadeiras com medo? Não sei. Mas a sensação é de que sim.

Cameron não deixa escapar o movimento das minhas pernas inquietas. Seus olhos descem rapidamente e ele me observa atentamente antes de se arregalarem, e seu maxilar se contrai como se quisesse me despedaçar.

"Vaza daqui", ele finalmente diz antes de se endireitar e forçar a saída. corpo passou por mim em direção ao chuveiro.

Meu corpo parece congelado no lugar, mas me obrigo a ir até a pia e pegar minhas roupas. O chuveiro liga atrás de mim e eu o ouço jogar as roupas no meio do chão. Visto meu moletom e coloco minha roupa íntima.

Preciso sair daqui enquanto ainda posso— Um baque alto ecoa pelo cômodo. Me viro bruscamente, olhos arregalados e coração disparado, esperando que Cameron me ataque. Mas, ao não ver sua alta estatura, olho para baixo e o encontro caído no chão, sob a correnteza.

Está escuro aqui, mas o sangue dele é visível contra os azulejos brancos. Há
É tanta coisa acontecendo que acabo me esquecendo de mim mesma, dele, de quem somos e de onde estamos.
Ele está ferido.

Diminuo rapidamente a distância entre nós e me ajoelho ao lado dele. Seu braço está apoiado no chão enquanto se esforça para se levantar.

"Cameron!" Tento falar baixo, mas sai mais alto que um sussurro. A última coisa que precisamos é que alguém acorde e leve...

Aproveitaram-se de nós enquanto estávamos desprevenidos. Minhas roupas ficaram instantaneamente encharcadas pela água corrente.

"Estou bem." Ele tosse e mais sangue espirra de sua boca.

É tanta coisa. O pânico começa a se instalar em meus ossos. "Não sinto nada disso", ele murmura, rangendo os dentes enquanto tenta continuar me encarando.

"Você *não* está bem." Envolvero-o com um braço pela cintura e o viro cuidadosamente para que ele não fique mais de frente para o azulejo. A água fria do chuveiro ainda cai sobre nós, mas usar um moletom encharcado é a última coisa com que me preocupo agora.

Eu o guio lentamente até que sua coluna esteja pressionada contra a parede por estabilidade. Ele reclina a cabeça e tosse novamente.

"Não estou sentindo dor", diz ele, e então dá uma risada amarga. Seus olhos sábios estão quase fechados. Não consigo me concentrar no jeito como eles se suavizam quando ele me olha, senão vou enlouquecer.

"Você está completamente iludido, Cameron. Só porque você não sente dor não significa que você é invencível." Eu reprimo as palavras que realmente quero dizer.

Você está sofrendo. Só que não admite.

O sangue não para de escorrer do nariz e dos cantos dos lábios dele.

Me dói o coração vê-lo assim. Ver outro ser humano que se importa tão pouco consigo mesmo. Não sei como estancar o sangramento quando ele vem de dentro.

Afasto o medo que sinto dele e estendo a manga da minha blusa para apertar seu nariz.

Precisamos que um coágulo se forme, é a única coisa em que consigo pensar.

Um lampejo de espanto cruza seus olhos diante do gesto. Com a mão ainda em seu nariz, estendo a mão e desligo o chuveiro.

A água fria para de correr, e é como se um silêncio se instalasse sobre nós. Presto atenção a qualquer passo que indique que alguém acordou.

"Não se preocupe, ninguém vai vir", murmura Cameron, com a voz um pouco anasalada porque estou apertando seu nariz. Suas sobrancelhas se franzem e ele desvia o olhar. Seus cabelos molhados estão grudados na testa. Ele está completamente encharcado. Com gotas de água nos cílios, seus olhos se voltam para cima, fitando minha alma. "Por quanto tempo você vai fazer isso?"

Só agora me dei conta de como minha respiração estava ofegante, e meu coração ainda está acelerado pela adrenalina. "Até você... parar de sangrar." Respiro fundo e forço minhas pernas a relaxarem contra o chão frio, uma de cada lado de seus quadris.

Ficamos assim por alguns minutos antes de eu soltar o nariz dele para ver se funcionou. Só escorreram alguns filetes de sangue. Limpei-os com a manga encharcada e soltei um suspiro de alívio quando não saiu mais sangue.

Cameron está com as duas palmas das mãos no chão, e as veias estão saltando. Ele está evitando contato visual comigo tanto quanto eu estou evitando o dele.

"Pronto, acho que isso deve resolver." Ofereci-lhe um sorriso fraco, pressionando meus dedos frios contra sua bochecha e torcendo para que ele não tivesse outro episódio daquela merda. Meu palpite é que o sangue preto seja outro efeito colateral dos comprimidos da morte. Quanto tempo lhe resta antes que isso o mate?

Não vá lá.

Ele finalmente direciona o olhar para o meu. Algo diferente surge em seu olhar, algo que eu nunca havia notado antes. Uma expressão lânguida e despreocupada. É então que percebo o rubor em suas bochechas.

Eu fico hiperconsciente do meu corpo. E do corpo nu dele. E do fato que estou sentada no colo dele usando apenas roupa íntima molhada e um moletom com capuz.

CAMERON

Preciso de toda a minha força de vontade para manter minhas mãos onde estão, firmemente plantadas no chão e não enterradas em seus quadris, onde eu quero que estejam, terminando o que ela começou.

O jeito como ela se dava prazer, com a cabeça jogada para trás daquele jeito, era demais para mim. Eu queria agarrar seus cabelos com força e puxar sua cabeça para trás para que ela gritasse na minha boca. Devorá-la e dar a ela o que ela desesperadamente tentava fazer sozinha. Eu queria estar vinte centímetros dentro dela e fazê-la chorar com meu nome na língua.

É uma pena que ela não tenha terminado.

Meu Deus, esta situação não é nada boa.

Eu poderia explodir. Sinto isso se acumulando na parte de trás da minha cabeça. Estou rangendo os dentes. A situação piora quando a ficha finalmente cai e ela, sem dúvida, sente meu pau duro contra sua calcinha molhada.

O rosto dela empalidece e ela olha para baixo, entre nós, para o meu corpo nu. Pelo menos ela não consegue ver meu pau com o capuz do moletom cobrindo nossas partes íntimas, mas eu sei que ela o sente perfeitamente encaixado sob sua buceta quente.

Solto um gemido interno quando suas bochechas ficam vermelhas e ela tenta se levantar rápido demais. Ela está agachada no meu quadril há pelo menos cinco minutos, então não me surpreende que suas pernas cedam e ela caia de volta no meu colo, arrancando um gemido do meu peito.

Meu pau se ergue com o movimento, subindo direto pela frente da calcinha dela e curvando-se ao longo de sua barriga por baixo do moletom. Nossos olhares se encontram enquanto

Um pequeno suspiro escapa de seus lábios.

Que se dane.

Ergo uma sobancelha e deixo minhas mãos pousarem em seus quadris. "Você não terminou antes, né, meu bem?", sussurro, mantendo meus olhos fixos naqueles lábios carnudos. Quero beijá-la, e isso não é bom. Beijar é íntimo demais.

Preocupação excessiva... e isso não tem nada a ver comigo.

Então, em vez disso, eu a inclino para a frente, fazendo com que suas mãos voem em direção às minhas ombros. Ela se agarra com todas as suas forças.

"Cameron!" ela ofega, mas seus quadris continuam a se mover suavemente sobre meu pau, sem qualquer pudor.

Eu sorrio e afundo meus dedos ainda mais na bunda dela. "Vai em frente, você me deixou todo excitado." Abaixo a cabeça e acaricio seu pescoço com a língua. Ela inspira profundamente e continua a esfregar o pau com força no meu.

Seus gemidos suaves intensificam meu orgasmo mais do que suas unhas cravando em meus ombros. Não consigo dizer se ela está tentando me machucar ou não com elas. Eu quase queria sentir a dor disso. Não tenho dúvida de que nós dois sairemos desse banho com hematomas.

Meu pau pulsa enquanto me aproximo do orgasmo. "Porra, Emery", gemo enquanto mordo seu ombro, segurando-a para que haja mais atrito entre nós.

Ela abafa um gemido e se agarra a mim com tanta força que quase me tira o fôlego. Ela se desfaz no meu pau, e o calor e a euforia que tomam conta de sua expressão lasciva me levam ao clímax. Gozo logo em seguida, jorrando líquido quente por toda a minha barriga.

Emery olha fixamente para meu pau pulsante como se desejasse que ele estivesse dentro dela. Então ela sai do transe em que se encontrava e olha para mim com sua habitual expressão irritadiça.

Seus olhos se arregalam duas vezes mais enquanto o horror a invade como uma camada de gelo. *O quê? Ela não faz isso com frequência?* Quero rir, mas me contento com um sorriso presunçoso.

Emery tenta abrir a boca algumas vezes para dizer algo, mas nada sai. *Juro que essa garota vai me matar.* Passo a ponta do meu polegar sobre o lábio inferior dela ao pensar nisso. Ela pisca e parece um pouco decepcionada quando me levanto e ligo o chuveiro para me enxaguar direito. Ofereço minha mão para que ela também possa se lavar, mas ela simplesmente...

me encara.

Soltei um longo suspiro. "Jesus, Em, me dá logo essa sua mão." Tentei soar assertiva, mas saiu como uma risada ofegante. Ela piscou algumas vezes antes de abrir um dos sorrisos mais genuínos que já vi nela e rir comigo.

"Meu Deus, isso é tão confuso", ela sussurra enquanto eu a ajudo a se levantar. Ela dá uma risadinha. Ela mal conseguia se manter de pé devido ao peso do seu moletom encharcado.

"Levante os braços", ordeno enquanto puxo as mangas dela para ajudá-la a sair. O tecido molhado cai no chão com um *baque surdo*. Ficamos frente a frente, indefesas e vulneráveis. Tudo o que eu detesto ser, mas por algum motivo encontro conforto em sua presença terna. Não quero me esconder quando ela está por perto. Seus olhos pertencem somente a mim.

Tenho vontade de me inclinar e roubar um beijo dela. Depois, mais cem, só para descobrir que sensação estranha é essa que ela desperta em meu peito. O medo de descobrir me impede.

Com essa pequena criatura atípica, quero admirá-la de uma distância segura. Não consigo parar de desejar que ela não tenha medo de mim. Mesmo sabendo que é o medo que a mantém alerta perto de mim. Sou perigoso.

"Vamos nos vestir", digo depois que terminamos de nos enxaguar. Aliso o cabelo molhado. mechas de cabelo longe do meu rosto.

A preocupação ainda está estampada em seu rosto, mas ela escuta e se veste. Quando termino, ela já está toda limpa e com roupas secas.

"Você não precisa me esperar aqui. Vá treinar um pouco. Já te encontro lá dentro." Eu a incentivo a sair para que eu possa tomar mais comprimidos. Uma coceira começa na base da minha garganta e faz meus dentes queimarem. A injeção da semana passada ajudou um pouco com a vontade, mas, meu Deus, tenho tido sangramentos nasais terríveis, e essa foi a primeira vez que desmaiei por causa de um, o que me deixou tonta. Não consigo dizer se alguma parte do meu corpo está falhando porque não sinto dor, mas algo está errado.

Anoto mentalmente para avisar o Nolan mais tarde. A próxima injeção precisa de ajustes.

"Certo", ela diz lentamente, me olhando de cima a baixo antes de finalmente se levantar. "Te vejo lá dentro." Emery sai e, no instante em que está longe o suficiente, deixo minhas mãos caírem na pia. Sinto um nó no estômago. É uma sensação tão estranha. De qualquer forma, é o suficiente para que uma constatação perturbadora se instale em meu coração. Sangue escorre do meu nariz novamente enquanto ouço a voz de Erik ecoar em minha mente mais uma vez.

Você não é especial.

Meu maxilar se contrai e eu me endireito, limpando o nariz com as costas da mão, e então tomo mais quatro comprimidos.

ESMERIL

Já se passaram cinco dias desde o nosso encontro constrangedor no banheiro. Mas nenhum tempo será suficiente para eu esquecer o quão quente e comprido era o pau do Cameron. A sensação das mãos dele apertando meus quadris e me balançando para frente e para trás sobre ele.

Engulo esses pensamentos enquanto Bree me rodeia no tatame de treino. Vários grupos estão reunidos em torno de diferentes ringues de luta. Damian e Cameron ficam perto do nosso, com semblantes sérios na maior parte do tempo. A energia no Submundo mudou nos últimos dias. Falta pouco mais de uma semana para sermos enviados para onde quer que os testes estejam sendo realizados. Imagino que seja em algum lugar aqui no Alasca, já que esta base fica no meio do nada.

Bree tenta me dar um soco na garganta. Eu me esquivo a tempo e a chuto na canela com tanta força que seu joelho cede. Ela grita de dor e cai no chão. Rapidamente, pressiono meu braço contra suas vias aéreas até que ela desmaie.

Mesmo que não seja meu estilo de luta preferido, é o único jeito que o Sargento Instrutor Adams permite que uma luta termine. Essas lutas são diferentes do duelo autoimposto com o qual Damian nos desafiou no primeiro dia.

Damian pragueja e cerra os punhos ao lado do corpo. Cameron apenas observa com um leve divertimento. Não consigo arrancar nada dele. É impossível decifrá-lo. Mesmo depois daquela noite, ele age como se nada tivesse acontecido. *Sei que é assim que eu deveria me sentir também.* Forço meu olhar a voltar para Bree.

Ela me dá uma cotovelada na lateral, e o golpe me deixa sem ar. *Droga!* Ela aproveita a vantagem e desliza o queixo por baixo do meu antebraço, depois me morde.

Cerrei os dentes, recusando-me a gritar e dar-lhe essa satisfação. Em vez disso, agarrei-lhe os cabelos e comecei a bater com a cabeça dela no chão. Ela me soltou. Rapidamente, separei-nos e dei uma olhada no meu antebraço. Havia um pequeno filete de sangue.

"Sua vadia, acho que você quebrou meu nariz!" Bree grita enquanto avança para cima de mim. Tento me levantar, mas ela pisa na minha mão direita com todo o seu peso. O solado grosso das nossas botas de combate é uma arma por si só.

Uma dor lancinante percorre meus dedos enquanto ela torce o pé sobre minha mão.

Desta vez, não consigo conter meu grito; ele sai distorcido e quebrado. Bree levanta o pé para pisar na minha mão novamente, mas é impedida por uma palma grande. Ela solta um grunhido de surpresa ao ser jogada para o lado.

Cameron se ajoelha ao meu lado e olha para minha mão, levantando meu pulso delicadamente e procurando por ossos quebrados. No momento, tudo na minha mão direita parece estar em pedaços.

Fazendo uma careta, pergunto: "O que você está fazendo? Você não deveria interferir nessas partidas." Olho por cima do ombro e vejo Adams nos lançando um olhar inquisitivo antes de desviar sua atenção para outro lugar.

"Está tudo bem", diz Cameron enquanto me pega no colo e começa a me levar em direção à enfermaria. Todos nos observam com olhares severos e de desprezo. Quer dizer, estou recebendo tratamento especial; eu também ficaria irritado.

Wraith e seu grupo interrompem completamente suas atividades para nos observar sair da sala. Arnold fica ao lado dele e me encara com um olhar fulminante. Ele me olha como se eu fosse o cadete mais fraco que ele já viu.

Me irrita com a atenção negativa que estamos atraindo. "Minha mão está machucada, não minhas pernas, Cameron." Tento me soltar de seus braços, mas ele apenas me aperta mais. Suas sobrelanceiras estão firmemente franzidas e seu olhar está fixo na porta da enfermaria. Não adianta discutir com ele.

É uma enfermaria de autoatendimento. O que é preocupante, mas essas são as regras por aqui. Os médicos cedidos às Forças das Trevas só ajudam em casos como o dos dentes do Damian, onde eles podem implementar novas tecnologias e testá-las em nós.

Os ferimentos leves ficam por nossa conta. Aqueles que estão muito perto da morte são deixados para morrer. Não há muita coisa entre esses dois extremos.

Cameron me coloca na mesa e começa a vasculhar o ele vasculha os armários até encontrar bandagens e pomada.

"Levante o pulso", ele diz suavemente. Faço uma careta ao levantar o braço, uma dor aguda percorre minha mão. A pele está vermelha e alguns dos meus nós dos dedos estão sangrando. O inchaço ainda não começou, mas sei que será impossível trançar o cabelo mais tarde. O que deveria ser a menor das minhas preocupações, mas por algum motivo é a primeira coisa que me vem à mente.

Cameron trabalha diligentemente, aplicando-me uma injeção de cortisona para ajudar com o inchaço antes de espalhar delicadamente uma pomada na minha mão e envolvê-la com o mesmo cuidado. Uma mecha prateada de cabelo cai sobre sua testa. Ele olha para mim, seus olhos verde-sálvia encontrando os meus, e reconfigurando meu coração de uma só vez, num ritmo completamente diferente.

O nariz dele está quase encostando no meu. O aroma de bétula aos poucos se tornou um conforto para mim, e eu nunca vou admitir isso para ninguém.

"Por que você interrompeu a luta?" Eu abaixo o olhar e viro o queixo para longe dele. Ambas as mãos dele estão pressionadas contra a mesa, uma de cada lado, me encurralando. "Eu poderia tê-la finalizado."

Ele solta um suspiro baixo. "Se eu não tivesse segurado a bota dela, seus nós dos dedos teriam se estilhaçado. Nunca mais sarariam direito. *De nada*", diz ele com desdém.

Sinto minhas bochechas queimarem e uma onda de raiva me invade. "Não preciso da sua ajuda lá fora!", grito na cara dele, e seus olhos se arregalam ao perceber minha fúria.

"Emery, eu era apenas —"

Eu o empurro para o lado e passo por ele sem ser notado. "Agora todo mundo nos odeia." Mais porque estamos recebendo tratamento especial. Todos eles acham que eu sou fraco!

Quantas vezes meu pai já me disse que sou fraca? Que tudo o que eu faço nunca é suficiente porque sou pequena e mulher? Eu range os dentes.

Sei que estou exagerando na minha reação com o Cameron, mas estou tão irritada agora que não sei se consigo parar.

Balanço a cabeça negativamente e marcho em direção à porta antes que eu diga algo muito cruel. Assim que a abro, ele bate com a mão acima da minha cabeça e mantém a porta fechada. O calor do seu corpo irradia pelas minhas costas.

Ele permanece em silêncio por um momento longo demais, estendendo minha alma enquanto espero que ele diga algo.

"Ninguém acha que você é fraca, Em." Sua voz é um sussurro grave. Tenho uma reação física ao ouvi-lo me chamar de *Em*. Sinto como se meu peito estivesse sendo sufocado.

Mentiroso. Você acha que eu sou fraco.

Eu me viro, com a intenção de empurrá-lo para trás para poder ir embora, mas seus olhos são suplicantes.

"Diga", ele murmura.

Eu congelo. "Como assim?" Minha voz perde toda a fúria. Eu sei que ele só está tentando me manter em condições adequadas para as provas. Eu sei disso, e ainda assim... não quero me acostumar com ele me protegendo quando será ele quem vai me matar no final.

É uma tortura o que ele está fazendo comigo.

"Que você não é fraco."

Analiso sua expressão antes de deixar escapar uma risada insensível diante de sua seriedade. "Cameron, eu sei que não sou fraco. Mas todos lá fora? Eles acham que eu sou... Você tem ideia do que eu fiz com essas mãos?" Ele sabe. Só não sabe quem eu sou. Não sabe o que Reed e o mundo fizeram de mim.

Seus olhos não vacilam. "Eu não sei. Por que você não me diz?"

"Isso te deixaria doente."

"Já estou doente." Um sorriso malicioso se espalha por seus lábios, embora o assunto da nossa conversa não tenha graça nenhuma. "Prometo que já fiz coisas *muito* piores." Sua voz não condiz com a dor que vejo em seus olhos. Fantasmas de violência e sangue cintilam ali, coisas das quais ele se arrepende, mas que continuará a fazer impiedosamente, assim como eu.

Fazemos o que for preciso para sobreviver. Simples assim.

A verdade é que *eu* não estou pronto para falar sobre isso. Gosto de ser o artista grotesco desconhecido. Assim que a cortina se abre e todos me veem, a magia desaparece.

Ele deve ter percebido a angústia no meu olhar, porque se afasta da porta, embora permaneça a poucos centímetros das minhas costas.

Ao abrir a porta para sair, ele murmurou: "Você vai ter que me contar uma hora ou outra. Assim como eu terei que te contar."

Paro na porta, virando levemente a cabeça para olhar para trás, mas me contenho e levanto o queixo. "Não confio em você, assim como você não confia em mim", repito as palavras dele.

Ele não me acompanha quando o deixo na enfermaria.

Eu estava certa sobre minha mão estar inútil esta noite. Meus dedos estão tão inchados que não consigo nem fechá-los em um punho, muito menos ter a precisão necessária para trançar meu cabelo. Decidi deixá-lo solto esta noite depois do banho.

Já está escuro e as luzes se apagaram. Já percorri esse caminho tantas vezes que consigo voltar facilmente para nossa cama. Há uma sensação incômoda no fundo da minha mente de que não devo me acostumar com este lugar. É horrível e perigoso, mas é o mais perto que cheguei de um lar em anos.

A presença de outras pessoas é subestimada. Sei o que é ficar sozinho por semanas a fio numa casa grande e vazia ou num esconderijo no exterior. O único tempo de qualidade que passei com alguém foi com o Reed, quando ele pôde viajar comigo durante o meu período de mentoria com ele. Aquilo me fez sentir em casa.

Agora também me sinto em casa aqui, e saber que isso vai durar pouco me deixa arrasado.

Cameron não esperou no chuveiro como costuma fazer. Sei que é porque gritei com ele sobre isso e, embora me sinta mal, é melhor que não sejamos próximos. Ele *não pode* ser o que me faz sentir segura.

Ele me chamou *de Em* hoje. Eu quase o chamei de *Cam* várias vezes. Estamos ficando íntimos demais. O único conselho do meu pai ecoa na minha memória: "*Em-bee, familiaridade com o inimigo será a sua ruína*". Firmo minha resolução. Não posso baixar a guarda. Provavelmente foi exatamente isso que aconteceu com todos os antigos parceiros de Cameron. Eles se acomodaram demais com o charme dele.

Sento-me na beira do catre e jogo o cabelo para um lado antes de me deitar, atenta à minha mão latejante. Cameron fica quieto por um longo tempo. Presumo que esteja dormindo, então me assusto quando ele passa os dedos pelos meus cabelos soltos.

"Sem tranças hoje à noite?"

"Você sempre toca no meu cabelo quando pensa que estou dormindo?", retruco.

Ele dá uma risadinha. O som da vibração contra minhas costas faz um pequeno sorriso surgir nos meus lábios. Não sei como ele consegue esquecer tão bem a mágoa de antes, mas estou aliviada.

"Aqui, sente-se." Cameron já está se mexendo, então eu concordo e me sento na beirada da cama. Ele afasta meu cabelo do meu ombro, seus dedos deslizando suavemente sobre a maciez do meu pescoço antes de alisar meus fios com carinho.

Minha respiração falha e uma sensação que há muito tempo havia afastado se enrola em mim. Peito. Afeto. Suave. Terno. Tudo o que Mori não deveria ser.

Tudo isso eu tenho certeza que ele não é.

"O que você está fazendo?", sussurro, sentindo um arrepio percorrer meus braços enquanto ele separa meu cabelo em duas mechas. Ele massageia meu couro cabeludo enquanto solta meus cachos naturais. Meus dedos se cravam nos meus joelhos e um calor intenso me invade. Não consigo ouvir nada além do som do meu coração acelerado.

"Eu tinha uma irmã adotiva", murmura Cameron, com a respiração quente na minha nuca. "Eu fazia tranças no cabelo dela o tempo todo." *Eu não sabia que ele tinha estado em um lar adotivo.* É a primeira coisa concreta que descobri sobre o passado dele, e estou ávida por mais informações.

Sempre desejei ter tido um irmão ou irmã com quem pudesse crescer sem coração. Alguém para... Compartilhar o peso do mundo colocado sobre os ombros de um herdeiro Mavestelli.

"O que aconteceu com ela?", pergunto suavemente. Roncos baixos vindos das camas ao nosso redor soam quase como um zumbido rítmico na escuridão. Um hino sinistro para o Submundo.

Cameron trança meu cabelo com cuidado, lentamente, como se estivesse saboreando cada segundo. "Ela morreu de intoxicação alcoólica aos vinte e dois anos." Sua voz se torna tensa. "Eu sempre disse a ela que a bebida seria sua ruína se ela não procurasse ajuda. Bem, ela mesma colheu o que plantou."

"E ela te disse a mesma coisa sobre seus comprimidos?" Meu tom é suave, mas cortante mesmo assim.

As mãos de Cameron param brevemente antes que ele termine de trançar o cabelo.

"Não. Eu estava limpo quando a conheci. Ela saiu do abrigo quatro anos antes de mim", diz ele. Viro-me para encará-lo na escuridão total. "Você pode me atacar o quanto quiser. Nada que você diga vai me fazer parar. É assim que eu sou."

"Eu sou a porta de entrada para desbloquear soldados aprimorados." Ele leva o polegar ao meu queixo e me cutuca de forma brincalhona, embora sua voz pareça séria.

"Você é muito mais do que isso", murmurei, sem corresponder ao seu bom humor.

Ele fica imóvel por um instante. Gostaria de poder ver seus olhos claramente agora; eles revelam mais segredos do que eu imagino que ele jamais revelará.

Sua voz é suave. "Você não viu nem uma fração do que eu sou."

ESMERIL

São quatro da manhã quando Cameron termina o banho e se dirige à sala de treinamento. Penso em segui-lo para observar, mas não quero arriscar ver o Tenente Erik novamente. Pelo menos, não até que eu seja um membro efetivo do Esquadrão Fúria.

Preciso voltar a dormir, porque, de repente, sinto uma mão calejada agarrar meu pescoço. Meus olhos se abrem de repente. As luzes estão fracamente acesas, o que significa que são quase seis da manhã, então consigo ver claramente quem é meu agressor.

Espectro.

"Você acha que pode conseguir um passe livre aqui só porque está em dupla com o Mori?" As mãos dele apertam meu pescoço com mais força, me fazendo soltar um grito fraco enquanto tento me livrar de seu aperto.

Bree e Damian trocam olhares como se estivessem considerando ajudar, mas alguns outros homens estão ao redor da cama, com um brilho de desejo nos olhos, rezando pela minha morte.

Cruzo os braços, segurando os cotovelos com as mãos, e pressiono os antebraços com toda a força contra os de Wraith, numa tentativa de atingir seus pontos de pressão para abrir suas mãos, mas ele relaxa os braços a tempo e aumenta a pressão.

Pontos pretos começam a turvar minha visão. Meus pulmões ardem, mas não consigo respirar. O som do meu coração diminui e meus músculos começam a amolecer.

Não quero que a última coisa que eu veja seja o olhar odioso de Wraith.
Eu não quero morrer.

O cansaço fecha minhas pálpebras, e no instante seguinte sou banhado por um líquido quente. É assim que a morte se sente?

Meus olhos se abrem lentamente enquanto o ar volta a preencher minha garganta.

O som retorna aos meus ouvidos na forma dos gritos de dor de Wraith. Minha visão clareia e me deparo com o caos. Arnold está puxando Wraith da cama, com o horror estampado no rosto. Algo está errado com o braço de Wraith... está sangrando. Meus olhos se arregalam enquanto a lucidez retorna à minha mente com uma respiração profunda.

O braço de Wraith é puxado para trás bruscamente, o osso do úmero protuberando de forma ofensiva da carne e jorrando sangue por toda parte.

Eu pisquei os olhos, o movimento parecendo mais prolongado que o normal, como se tudo estivesse em câmera lenta. Foi então que olhei para a beira da cama e vi Cameron respirando fundo, as pupilas dilatadas, e uma barra de metal apertada em sua mão. Suas artérias carótidas estavam salientes, seu maxilar relaxado enquanto seu peito subia e descia com força.

Cameron me encara fixamente por um instante antes de deixar cair a barra de metal. Ela bate ruidosamente no chão de cimento, e a multidão ao nosso redor se encolhe.

Ele parece prestes a surtar e começar a matar pessoas. Nunca o vi tão mentalmente perturbado. Minha garganta está em chamas, mas consigo me sentar e levantar lentamente. Hesito em pegar a mão de Cameron, mas me firmo e a seguro, guiando-o para fora do quartel, para um lugar mais seguro, longe dos olhares famintos dos outros cadetes. Ignoro a sensação pegajosa do sangue de Wraith secando na minha pele.

Claro, todos acabaram de ver Cameron quebrar o braço de Wraith com uma barra de metal, mas também viram meu estado debilitado e, potencialmente, a falta de controle de Cameron no momento. Precisamos ir para um lugar mais reservado.

Eu nos guio até a biblioteca. Mal se ouve luz aqui tão cedo. O cheiro de livros antigos e o silêncio repentino me acalmam. Solto a mão de Cameron e suspiro.

"Você está bem?", pergunto enquanto me encosto em uma estante de livros.

Quando ele não responde, eu olho para ele e meu coração dispara. Ele leva as mãos à testa como se estivesse perdendo o controle e solta um gemido selvagem.

"Câmera—"

Suas mãos voam para os lados da minha cabeça e sacodem a estante atrás de mim. Um choque me invade e meu maxilar treme enquanto ele soca várias vezes a poucos centímetros da minha cabeça. Livros caem no chão em pilhas ao nosso redor.

"Você vai acabar matando todo o esquadrão! Você é tão patético que me dá nojo. Seria melhor se eu... se eu simplesmente..." Ele grita na minha cara tão alto que meu corpo inteiro enrijece e lágrimas brotam nos meus olhos.

Eu sabia que ele estava deitado na enfermaria ontem.

Dou-lhe uma bofetada na cara. Ele congela e demora um segundo para me encarar. Meus punhos se fecham ao lado do corpo enquanto me preparo para lutar até a morte, mas seus braços tremem enquanto ele lentamente me encurrala de volta. A dor em sua alma é palpável através de seus olhos semicerrados e da forma como seus dentes estão cerrados no lábio inferior.

Abro as mãos e respiro fundo para me acalmar enquanto o abraço apertado, envolvendo seus ombros com meus braços. Sua respiração falha e seu corpo se acalma, os músculos relaxando.

"Por favor, pare", sussurro, fechando os olhos com força enquanto deixo seu aroma terroso aquecer meus sentidos.

Ele fica imóvel por alguns segundos, como se estivesse paralisado pelo que está fazendo. Então, uma de suas mãos pressiona minha lombar e, um instante depois, a outra envolve meu pescoço delicadamente. Cameron não diz nada enquanto nos abraçamos no silêncio do Submundo.

"Acordar."

Sento-me ereta, com os olhos arregalados e o pânico me dominando. Será que Wraith está me atacando de novo? Será que o Submundo está entrando em colapso? Depois de piscar algumas vezes, percebo que estou encarando a figura de Cameron na escuridão.

"Que horas são?", sussurro, esfregando os olhos para espantar o sono.

"Quatro. Vista-se", ele murmura, jogando minhas roupas para mim. Faço o que ele diz e o sigo o mais silenciosamente possível pelo Subterrâneo até o bloco de armas.

Sua mão envolve meu pulso o tempo todo, guiando-me sem esforço para que eu não o atrase. *Gostaria de enxergar tão bem quanto ele.* Mas não estou disposta a tomar os comprimidos da morte por isso.

Cameron não me solta até estarmos no tatame de treino. Eu semicerro os olhos. Meus olhos ainda mal conseguem distinguir sua figura.

"Você vai me dizer o que estamos fazendo aqui?"

Ele coloca a mão sobre minha cabeça e me vira de costas para ele. Solto um suspiro enquanto ele separa meu cabelo e começa a trançá-lo. "É evidente que você tem habilidade para matar, senão não estaria aqui, mas também é muito óbvio que você se sente muito mais confortável com uma arma do que com combate corpo a corpo. Imagino que você sempre teve várias armas com silenciador para te ajudar em tudo o que fazia, além de..."

É um plano longo e metódico, mas você será um peso morto nos testes e na equipe se não conseguir aprimorar suas habilidades em combates a curta distância e na tomada de decisões rápidas." Ele termina minhas tranças e as joga sobre cada ombro.

É constrangedor ser repreendida tão descaradamente, mas ele tem razão. Eu também não sabia que era tão óbvio. Sinto minhas bochechas esquentarem, mas concordo com a cabeça. "Então você vai me treinar pessoalmente?", digo em tom de brincadeira.

Ele dá uma risadinha, e é bom ouvi-la depois de ele ter ficado tão quieto ontem, após o ataque de Wraith e seu deslize na biblioteca.

"Vou te ajudar a não ser um estorvo constante." Ele faz uma pausa e acrescenta: "Assim também será menos provável que eu consiga te encurralar de novo."

Sua voz é consideravelmente mais modesta e arranca um sorriso irônico dos meus lábios.

"Ah, a verdade."

"Ah, cala a boca." Ele ri. Seu sotaque torna impossível não sorrir.

Ele cutuca meu ombro, então eu recuo. "Fique em posição. Vou te ensinar como escapar facilmente de imobilizações e antecipar ataques usando apenas a audição. Seus sentidos estão completamente desorientados e você depende muito da visão. É doloroso de assistir, de verdade."

"Ok, menos insultos e mais produtividade. Eu realmente preciso dormir, ao contrário de você." Eu lanço um olhar fulminante, na esperança de acertar o alvo. Quando ele não responde, o pânico me invade.

Um som de bota raspando e arrastando no chão vem do meu lado direito. Levanto o braço, sem ter ideia do que ou para onde ele está mirando. Ouço o som do braço dele cortando o ar pouco antes de sua mão tocar a minha nuca.

"Morto", diz ele, com um divertimento excessivo para o meu gosto.

"Isso é ridículo. Ninguém briga assim", argumento e bato na mão dele.

Ele cantarola e consigo perceber pelo seu sorriso na voz. "É exatamente essa a questão. E acredite ou não, muitos acreditam. Você não aguentaria um segundo em um quarto escuro ou em uma noite sem lua com outros soldados letais. E se entrar óleo nos seus olhos ou"—ele gesticula em direção ao olho—"você for cortado no olho e não conseguir enxergar? Como você vai lutar? Vai simplesmente desistir e morrer?"

Isso lhe rende uma carranca.

"Você está no covil do diabo agora, lembra? Não temos mais 'etiqueta para matar' ou qualquer outra merda que vocês costumavam ter."

"Quer dizer que eu lutava com moral, como uma pessoa com um mínimo de classe?", digo sarcasticamente. Tem que haver algum tipo de ética, não é? Gosto de pensar que eu tinha moral. Se eu não precisasse torturar alguém, pelo menos lhe daria uma morte rápida.

Cameron ri, sua respiração quente em meu ombro. Minha cabeça vira bruscamente para o lado. Não o ouvi se mexer. *Concentre-se em ouvir*, repreendo-me.

"É, a gente não tem isso. Você acha que alguém se importa com a forma como você mata o inimigo ou como eles te matam nas Forças das Trevas?" Ele desliza o dedo pela minha espinha, e um arrepio percorre minha pele. "Qual é, Em, você sabe que não é assim. Como mais a gente conseguiria fazer as coisas?"

Um golpe na parte de trás do meu joelho o faz ceder e me derruba de quatro. Cerrei os dentes e balancei o braço para trás, decepcionado ao perceber que estava mirando no nada.

Ele dá um tapinha no topo da minha cabeça. "Morto."

Eu gemo.

"*De novo*. Levante-se", ordena Cameron.

Sim. De novo. E de novo. E de novo.

Até meus joelhos doerem e o dorso das minhas mãos ficar machucado por causa de bloqueando alguns de seus golpes.

Eu desabo no chão, respirando com dificuldade e olhando furiosamente. As luzes finalmente se acendem e me animo ao pensar que tudo acabou. Me irrita um pouco vê-lo tão despreocupado, com as mãos nos bolsos e sem uma gota de suor na testa. Mal consigo respirar.

"Ainda não terminamos", diz ele, com um olhar vago, enquanto me encara com os olhos semicerrados.

"E agora?" Tenho receio de me levantar. Ele sorri de canto, o brilho em seus olhos aquecendo meu corpo por dentro. Agora eu queria que estivesse escuro de novo para não ser distraída por seu charme cruel.

Cameron se aproxima, passando a perna por trás da minha e envolvendo meu peito com o braço. "Escapa dessa manobra. Vamos continuar até o café da manhã ou até você conseguir me vencer nisso." Ele suspira. "Esses olhares ressentidos não vão te render nenhuma piedade, Em." Ele dá uma risadinha.

Tão perto, ele está olhando diretamente nos meus olhos, incendiando tudo dentro de mim. Sua camisa está levantada, sua pele tocando a minha logo acima da cintura. Respiro fundo e afasto qualquer pensamento lascivo, especialmente o dele me esfregando em seu pau.

"Concentração." Sua voz falha e suas sobrancelhas se franzem em contenção.

Pelo menos não sou o único que está sofrendo.

Eu me desloco bruscamente para o lado, tentando me livrar de seu aperto, mas ele percebe e empurra o pé em sua direção, me derrubando no chão.

Idiota. Eu ferveo de raiva enquanto me levanto e voltamos à mesma posição. Dessa vez, faço questão de roçar meu quadril na virilha dele. Seus olhos se estreitam e ele tensiona o maxilar. Aproveito o momento em que sua concentração está quebrada. Dessa vez, dou uma cotovelada na barriga dele e giro em seu aperto.

Ele solta um grunhido, e quando penso que vou conseguir me soltar, ele agarra meu braço e me derruba no chão novamente. Desta vez, ele cai sobre mim, com o joelho entre minhas coxas e as mãos prendendo meus dois pulsos ao chão.

Ambos respiramos superficialmente. Uma mecha de seu cabelo macio cai sobre o seu rosto. testa, bloqueando um de seus olhos enquanto ele permanece acima de mim.

Meu peito se aquece e fico hiperconsciente de cada ponto onde ele me toca. Ele traça uma linha lânguida na lateral sensível do meu pulso, seu joelho afasta minhas pernas o suficiente para pressionar meu centro enquanto ele se inclina.

Ele inclina a cabeça em direção ao meu pescoço e, contrariando todos os sinais de alerta que me atormentavam, eu... Inclino a cabeça para trás e exponho minha garganta a ele, na esperança de...

Cameron morde meu pescoço.

"Ai!"

Ele solta minha carne e sorri contra minha pele. "Morto."

Pelo amor de Deus, esse homem é demente.

"Deixe-me adivinhar, você já usou esse golpe antes." Viro a cabeça para o lado enquanto ele se inclina para trás e solta meus pulsos. Ele deve ver o meu rosto tão vermelho quanto eu consigo senti-lo.

Ele dá uma risadinha. "Está dizendo que não? Seus dentes são uma arma vital." Ele se levanta e me oferece a mão. Eu esperava ver um sorriso cínico no rosto dele e me surpreendo ao vê-lo sorrindo genuinamente para mim.

Pego na mão dele e ele me puxa para cima rapidamente.

"Está ótimo por hoje. Eu esperava que você conseguisse engolir antes do café da manhã, mas faremos isso todas as manhãs até o início dos testes." Ele puxa uma das minhas tranças e acena com a cabeça em direção à porta. "Vamos comer."

ESMERIL

Amanhã seremos enviados para os testes.

Uma conexão mais profunda se formou entre mim e Cameron desde que Wraith tentou me matar. Os treinos de madrugada têm sido um verdadeiro inferno, mas adquiri muita experiência e confiança em combate corpo a corpo.

Cameron é responsável por cada hematoma, corte e músculo dolorido, mas mesmo assim, me pego desejando mais tempo na escuridão com ele. Mais tempo em nosso silêncio íntimo enquanto ele me prova como é fácil para um soldado treinado das Forças das Trevas me eliminar. Como é fácil para *ele* tirar minha vida se quiser. *Quando* quiser.

Quantas pessoas já caíram pelas mãos dele? Quantas mais cairão depois de mim? O pensamento é repugnante. Evoca imagens terríveis de pessoas que também trai no passado. O olhar delas, quando te conhecem pessoalmente, é sempre o que fica na memória por mais tempo.

Embora eu seja grata pelas sessões de treino pessoal dele, me preocupo com a forma como nossa dinâmica mudou. Como, conscientemente, baixo a guarda quando estou perto dele. Gostaria que os olhares prolongados e furtivos que ele lança não causassem essa angústia no meu peito.

Durante o jantar, o sargento instrutor nos avisa que seremos transportados logo pela manhã. O primeiro teste só começará ao pôr do sol, depois que todos chegarmos ao local remoto.

Wraith ainda precisa participar, mesmo com o braço destruído. Nove dias com o braço engessado não são suficientes para se recuperar de um ferimento como esse antes de ser arremessado.

para as provas, que presumo que serão realizadas ao ar livre, em algum lugar aqui no Alasca. Há muitas paisagens vastas e montanhas onde ninguém imaginaria que esses eventos estariam acontecendo.

Já estou com receio do frio que vai fazer e pensando em maneiras de me manter aquecido sem fogo.

Uma das maneiras envolve compartilhar calor corporal, o que duvido que seja uma opção. Olho de soslaio para Cameron enquanto ele se acomoda no catre. Olheiras profundas marcam sua noite mal dormida. Não sei como ele consegue se controlar tão bem, considerando todas as suas deficiências. Pelo menos seus sangramentos nasais não foram tão graves quanto aquele no banheiro. Nunca vi alguém desmaiar e quase perder a consciência por causa de um sangramento nasal. Ele disse que é um efeito colateral comum dos comprimidos, mas isso não me tranquiliza.

"Todo esse tempo que você passou na biblioteca te deixou mais preparado para os julgamentos?", Cameron murmura atrás de mim, com um toque de sarcasmo na voz. Cada momento livre aqui embaixo, que não estou na sala de armas, passei na biblioteca absorvendo conhecimento sobre tudo, desde psicologia e assassinato até sobrevivência. Ele passa a mão pelos meus cabelos para afastá-los do rosto, eu acho. Fecho os olhos e saboreio essa sensação agradável enquanto posso.

Encaro a escuridão, sabendo que todos aqui provavelmente estão acordados e temendo o amanhã tanto quanto eu. Fomos completamente deixados no escuro sobre o que esperar. Cameron me disse que muda a cada ano, então ele também não tinha certeza do que esperar, mas certamente não parecia tão preocupado quanto nós.

"Talvez, dependa do que as provas envolverem", sussurro de volta. Nós dois sabemos que estamos sozinhos lá fora; todos os outros aqui embaixo querem nos matar. Ele apenas acena com a cabeça e fica em silêncio por alguns minutos. Então, mudo de assunto. O nervosismo sempre me deixa falante. Isso ajuda a evitar que a ansiedade aumente.

Reed me disse que, quando sinto os demônios da ansiedade se acumulando dentro do meu peito, em vez de tentar afastá-los, devo acolher o medo que eles trazem. Que a rejeição da emoção leva a coisas piores, como ataques de pânico.

É claro que ele sempre tinha razão. Então, em vez de reprimir minha ansiedade, eu a expresso verbalmente.

"O que você queria fazer da vida? Sabe, antes de tudo piorar", pergunto. Conseguimos, com sucesso, contornar a situação.

vidas pessoais. Bem, vidas passadas no nosso caso, já que os soldados das Forças das Trevas estão mortos para o mundo de cima.

Um risinho suave escapa de seus lábios e aquece meu pescoço. "Eu ia estudar para ser professor. Mudei-me para os Estados Unidos aos dezessete anos e sempre quis lecionar em uma universidade antiga. Não importava onde, eu só me importava que os prédios fossem antigos e tivessem muita história. Uma floresta e montanhas por perto para caminhar. Uma casa escondida, longe de tudo." Ele passa os dedos pelos meus cabelos novamente e, desta vez, sei que não é para afastá-los do seu rosto.

A imagem que ele pintou desabrocha na minha mente como aquarela.
tela. Sua vida monótona e tranquila teria sido adorável.

"Parece encantador", murmuro baixinho.

"E você?" Seu sotaque fica ainda mais carregado quando ele sussurra. Meus dedos dos pés curvar-se ao ritmo do tremor de sua voz.

"Eu me imaginava escrevendo histórias."

Seus dedos se afastam do meu cabelo e traçam a curva do meu pescoço. "Felizes? Ou tristes?"

Respiro fundo ao seu toque, as pontas dos seus dedos causando arrepios por toda a minha pele. Minhas coxas se apertam, tomadas pela necessidade. *Não pense no incidente do chuveiro.* "Você sabe que teriam sido histórias tristes. Provavelmente violentas. Talvez com um toque de romance. Eu gosto mais dessas histórias." Minha voz está rouca.

Os dedos de Cameron param, certamente sentindo meu movimento perto dele, antes que ele se incline para a frente e pressione os lábios contra minha orelha. "É por isso que você me sobrecarrega com esses olhos desejosos e inquietantes? Você acha minha história triste? O que você anseia, Emery? Diga-me, e seja lá o que for, eu lhe darei." Ele coloca a mão na minha cintura, onde ela se aprofunda no meu abdômen.

Meu coração acelera e meus lábios se entreabrem ao seu toque. "Não me falta nada", digo com toda a convicção que consigo reunir. Minhas coxas se roçam descaradamente.

Ele fecha o pouco espaço que existe entre nossos corpos e encosta o joelho entre minhas pernas. Um leve suspiro escapa de mim quando sua mão desliza suavemente sobre a curva do meu quadril e para com o polegar logo abaixo do meu cócs. Arqueio as costas com o contato e, instintivamente, empurro meu quadril contra sua virilha.

"Nada?", ele diz sarcasticamente, movendo a mão agonizantemente devagar por baixo da borda da minha calcinha até chegar ao meu clitóris. Eu solto um pequeno gemido.

enquanto ele desliza dois dedos entre minhas dobras e me encontra completamente molhada. "Isso está longe de ser nada, meu amor."

Eu deveria dizer para ele parar. Eu não deveria ceder à sua autodestruição. Mas, meu Deus, como eu quero, e acho que não tenho forças para deixar esse momento escapar. Meus momentos estavam contados no instante em que entrei na cela com ele.

"Cameron, espere", eu sussurro.

Ele para de mover as mãos e me dá um beijo no pescoço. "Você..."

"Quer que eu pare?" Suas palavras são como gotas de desejo na minha pele.

"Não, mas... o que exatamente é *isso* entre nós?" Quero que ele diga que é mais do que uma brincadeira. Mais do que apenas uma forma de se aliviar antes dos horrores das provas que virão, porque há um peso que me oprime por trás de tudo o que ele faz. Cada olhar pesado e cada sorriso fraco. É perturbador, mas preciso saber.

Ele introduz os dedos em mim, umedecendo-os novamente antes de começar a circular meu clitóris num ritmo preguiçoso que faz meus olhos revirarem para trás.

"Nunca vai haver nada entre nós", diz ele friamente. Meu peito afunda com suas palavras, mas ele não interrompe suas provocações. "Você é só mais uma parceira para mim. Nada mais. Quero te proporcionar bons momentos enquanto você ainda estiver por perto. É melhor você se satisfazer até o fim, não acha?"

A frieza volta a me invadir enquanto me lembro de mim mesma.

"Sim. Claro", murmuro. Não deixo a dor daquelas palavras persistir. O prazer e os gemidos suaves que se seguem, enquanto ele afunda dois dedos dentro de mim, dissipam qualquer pensamento que eu ainda pudesse ter. Cameron mordia meu pescoço e roça os quadris contra minha bunda enquanto me penetra com os dedos até eu perder o êxtase.

Ele geme enquanto minha respiração fica mais curta. Sua camisa sobe e sua pele nua roça nas minhas costas. Deixo minha cabeça inclinar para trás e abafa um gemido mordendo meu lábio inferior.

"Você me faz me perder, sabia?" Ele respira na minha nuca, aprofundando o dedo em mim até me fazer tremer em seus braços.

Meu orgasmo atinge o ápice quando ele esfrega o pau duro na minha bunda. Cubro a boca para abafar o gemido que sobe na minha garganta enquanto gozo na mão dele.

Cameron sorri contra minha nuca e pressiona os lábios ali antes de retirar lentamente a mão da minha calça. Gostaria que ele não oferecesse beijos tão suaves com tanta facilidade. Parece quase uma zombaria.

"Durma um pouco, Emery."

Quando não respondo, ele se vira de lado, de modo que nossas costas ficam encostadas. Eu encaro a escuridão do quartel. Depois de quase uma hora, a respiração de Cameron se acalma e eu sei que ele adormeceu. Ele deve estar exausto, porque nunca o ouvi respirar tão rítmico antes.

A inquietação me aflige. Nada que eu faça deitada me acalmará para dormir.

Decido percorrer o labirinto do Subterrâneo guiado apenas pelas pontas dos dedos que deslizam pela parede. Existe a possibilidade de eu nunca mais ver este lugar. *Logo depois de começar a me sentir em casa.* Meus lábios se fecham ao passar pela sala de armas. Sei que não vamos acordar às quatro da manhã para treinar amanhã, mas não consigo evitar a saudade de mais uma manhã com as críticas e provocações de Cameron.

Um pequeno choro ecoa pelo corredor e chama minha atenção. Sigo o som até a enfermaria. Há uma luz fraca aqui, como no banheiro, e é suficiente para revelar Bree sentada no centro do chão com os joelhos encolhidos contra o peito.

Não há motivo algum para eu tentar consolá-la. Tenho quase certeza de que ela e Damian tentarão me matar amanhã de manhã, mas mesmo assim, continuo ali.

Não é como se algum de nós tivesse pedido para estar aqui embaixo.

"Você está bem?", pergunto baixinho, tentando não assustá-la.

Mesmo assim, ela se assusta e se levanta rapidamente. Lágrimas escorrem por suas bochechas, mas ela ergue os punhos como se estivesse pronta para lutar comigo.

Eu bufo. "Não estou aqui para tentar te matar, Bree. Eu ouvi você chorando."

Ela se irrita com minhas palavras. "Eu não estava chorando." Meus olhos se voltam para o chão, onde vejo algumas gotas de água brilhantes. Ela geme. "O que você quer?", dispara.

"Também estou apavorada com o que vai acontecer amanhã. E não ajuda em nada o fato de quase não terem nos dado nenhuma pista." Esboço um sorriso fraco. Os olhos dela se arregalam um pouco antes de se estreitarem novamente.

"Do que você tem tanto medo? Mori vai te proteger." Ela parece tão convicta. Será que todos pensam assim? Imagino que faça sentido que Nolan não tenha concordado com as condições de Mori para sua nova sentença lá na prisão.

"Na verdade, a única tarefa dele é *não* me matar", murmurei. Com uma certa vontade de que ela... Ouço e não ouço muita coisa. Mas os olhos dela brilham e ela me encara.

"O quê?", ela diz, como se tivesse acabado de ser informada de que não vai morrer amanhã.

Eu não devia ter dito nada. Minha mão instintivamente vai para a nuca, onde Cameron me beijou.

"A principal tarefa dele é não *me matar*. Então não se preocupe com ele. Preocupe-se com todos os outros cadetes lá fora." Ofereci-lhe um leve sorriso. Reed sempre me repreendia por tentar animar os outros. Às vezes, eu até tentava fazer as pessoas sorrirem pouco antes de serrar suas cabeças. Uma última dose de endorfinas antes de apagar as luzes.

O cabelo castanho de Bree está preso em tranças apertadas, e ela gira uma delas enquanto... Ela me avalia. "Por que me dizer isso?", pergunta ela, cautelosa.

Dou de ombros. "Porque se você está tão apavorado com o Mori, pode acabar baixando a guarda perto de alguém que esteja atrás de você... e eu prefiro que você sobreviva do que metade dos idiotas que estão aqui embaixo com a gente."

Bree respira fundo e deixa os braços caírem ao lado do corpo. "Obrigada, Emery... e boa sorte lá fora." Ela se aproxima e coloca a mão no meu ombro. "Meu conselho para Mori? Faça-o se apaixonar por você. Use seu corpo. Use tudo o que puder para sobreviver." Eu aceno com a cabeça e ela sorri antes de sair e desaparecer no corredor escuro.

Sento-me no canto da enfermaria e deixo minha cabeça cair para trás contra as gavetas de medicamentos, um sorriso se formando no canto dos meus lábios. Ela não sabe que Cameron basicamente acabou de me dizer que me vê apenas como seu próximo brinquedo destrutivo.

Estou completamente ferrado.

As luzes acendem com um zumbido alto, e o sargento instrutor sopra seu apito enquanto caminha de um lado para o outro nos corredores com camas. Sento-me rapidamente, surpreso com a rotina diferente daquela à qual me acostumei.

"Todos uniformizados em cinco minutos. Vamos embarcar em exatamente vinte."
"Faltam poucos minutos e quero vocês na fila, prontos para embarcar no trem", ele grita.

Estamos todos nos levantando às pressas. Visto meu moletom rapidamente e tento correr para o banheiro antes que ele seja invadido por outros cadetes, mas Adams segura meu antebraço. Meu coração dispara enquanto encaro o enorme soldado. Ele é absolutamente assustador de perto, em parte porque está sempre gritando.

"Cadete Maves, correto?" ele pergunta, e surpreendentemente sua voz não é tão áspera quanto de costume. Encaro seus olhos cinzentos e frios e aceno com a cabeça. "Você e Mori devem tomar banho e se preparar, depois me encontrem na frente da arena. Vocês dois têm um compromisso *especial*." Não deixo passar o brilho de pena em seus olhos antes que ele olhe para Cameron ao meu lado.

"Sim, Sargento Instrutor", respondo. Não dou atenção a Cameron enquanto vou direto para o chuveiro. A última coisa que quero fazer agora é pensar no que aconteceu entre nós ontem à noite e na minha pergunta idiota.

É um caos no banheiro, com todos tentando se enxaguar rapidamente e se preparar mentalmente para a provável morte de hoje.

Há um punhado de cadetes ansiosos com sorrisos maliciosos estampados no rosto. Eles observam todos atentamente, como se estivessem tentando se lembrar das pessoas em suas listas mentais. Os únicos dois que me encaram com desejo nos olhos são Wraith e Arnold. Sustento seus olhares por um instante antes de desviar o olhar bruscamente. Arrepios percorrem meus braços e preciso respirar fundo antes que minha ansiedade tome conta.

Hoje é o primeiro teste. Eu consigo.

Esbarro em Cameron, nossos corpos nus cobertos de sabão. É a primeira vez que o vejo no chuveiro ao mesmo tempo que o resto de nós. Meus olhos se arregalam, mas ele apenas sorri de canto. Não sei como encará-lo. Tudo pode acontecer depois de hoje. Ele pode tentar me matar, e terá as armas para isso. Estaremos no meio do nada, e ninguém estará lá para me salvar, exceto *eu mesma*. Nolan nunca disse que eu não poderia matar Mori. A ideia planta uma pontada de culpa dentro de mim por sequer pensar nisso.

Não é como se não nos matássemos uns aos outros se a oportunidade surgisse, certo? Se me obrigassem, eu o faria sem hesitar. Dou-lhe um sorriso convincente.

"Não me matem hoje", brinco, enquanto dou o último enxágue no cabelo e o torço.

"Não me tente." Ele pisca para mim.

Quando termino de me vestir, trançar o cabelo e entrar na arena, metade dos outros cadetes já está enfileirada, esperando. Sigo as ordens do sargento instrutor e caminho até a frente, onde ele nos aguarda.

Cameron já está ao lado dele. Ele está vestido com um uniforme tático preto fosco da cabeça aos pés. Seu colete à prova de balas tem um emblema no peito com a inscrição *Mori*. Esta é a primeira vez que o vejo vestido com algo além de um moletom com capuz e calças esportivas. Já consigo perceber uma mudança em sua mentalidade, agora que está vestido para matar.

O olhar de Cameron permanece impassível quando ele me vê caminhando em sua direção. Ele está fumando um cigarro e tem pintura de guerra escura no rosto. Está borrada e o deixa com uma aparência mais rústica do que o normal. Observo os cadetes e percebo que a maioria também está com a pintura. *Devo ter perdido o comunicado.*

Cameron tem uma lata fina de tinta no bolso e me oferece um pouco, mas eu recuso.

"Provavelmente vai entrar nos meus olhos e eu vou ficar cego lá fora", resmungo.

Ele ri baixinho com os lábios pressionados sobre o cigarro. "Pelo menos lembre de prender esse seu cabelo rosa, então. Você é como um farol." Eu concordo com a cabeça, mesmo ele usando aquele tom debochado de novo.

"Por que nossos arranjos são diferentes?", sussurro enquanto estou ao lado dele. Cameron apaga o cigarro com a ponta dos dedos e o joga em um de seus muitos bolsos.

"Porque sou perigoso, e sair da base sem a presença do meu esquadrão ou do meu tenente só é permitido se eu estiver cumprindo os regulamentos de Nolan", diz ele com indiferença. Sua cicatriz no olho fica ainda mais visível com a roupa que veste.

"Ótimo, e por que eu tenho que seguir essas regras?", retruco, embora eu realmente não me importe de estar com ele. Prefiro arriscar ficar sozinha com Cameron do que com o resto dos cadetes.

Cameron sorri de canto. "Bagagem."

Reviro os olhos, mas não consigo deixar de sorrir com o comentário dele.

Todos ficam nos encarando enquanto estamos ao lado do sargento instrutor. Isso só aumenta o ódio deles. Eles acham que estamos recebendo um tratamento melhor com o transporte. Talvez estejamos mesmo. Podemos viajar separadamente enquanto eles são obrigados a ficar juntos com todos aqueles brutamontes. Eu preferiria andar a pé do que ser forçado a viajar em um vagão de trem com Wraith e Arnold.

Adams se dirige aos demais cadetes para que se preparem para embarcar no trem e Os soldados começaram a conduzi-los em direção a uma porta nos fundos da instalação.

Cruzo o olhar com Damian e Bree enquanto seguem a fila que sai. Wraith não está muito atrás deles. Seus olhos se voltam desconfiados para Cameron antes de uma expressão endurecida tomar conta de seu rosto. Seu braço quebrado é culpa dele, mas ele não parece ser o tipo de pessoa que assume a responsabilidade por isso.

De alguma forma, duvido que isso vá lhe causar muitos problemas nos julgamentos.

"Para onde leva aquela porta dos fundos?", pergunto, pensando que deve haver uma escadaria lá atrás que leva para cima.

Cameron se coloca na minha frente, me obrigando a olhar para ele. "Aquele porta dá para o metrô de transporte. Ele nos levará para fora da base e até os caminhões que esperam do outro lado. Não podemos deixar uma centena de criminosos circulando pela base militar lá em cima sem levantar suspeitas." Ele dá uma risadinha e coloca a mão no topo da minha cabeça. Eu me encolho sob o peso dela e olho para ele enquanto ele bagunça meu cabelo.

Eu afasto a mão dele da minha cabeça, mas antes que eu consiga me afastar, ele me agarra pelo ombro com o braço. Meu rosto só chega à altura do peito dele, então é isso.

Onde estou encurralado por enquanto.

Adams nos observa atentamente e, em seguida, acena para que nos aproximemos enquanto os últimos cadetes saem da arena.

“Muito bem, vocês dois, já que Mori é considerado um soldado de alto risco, vocês viajarão no compartimento traseiro com as portas trancadas. A viagem durará cerca de dez horas. Assim que chegarem ao posto de controle de veículos, vocês serão transportados em um veículo blindado para o restante do trajeto.”

Cameron bate os dedos no meu braço displicentemente, como se já estivesse entediado, mas meu coração está disparado. *É muito tempo para ficarmos sozinhos.*

“Onde exatamente os julgamentos estão sendo realizados, senhor?” Minha voz está surpreendentemente firme.

Adams me olha como se eu fosse idiota. “Obviamente, não vou lhe dizer a localização exata, Cadete Maves. Mas temos um terreno no norte das Montanhas Rochosas, aqui no Alasca. É uma área densamente arborizada e fácil de conter. Há apenas uma estrada que atravessa toda a região. Nesta época do ano, toda a encosta da montanha fica intransitável devido ao mau tempo, então recebemos autorização para usá-la”, explica ele, enquanto nos empurra.

Cameron o encara com raiva, mas se move comigo, finalmente tirando o braço do meu ombro. O clima aqui é muito mais extremo do que aquele a que estou acostumada em Montana. É novembro e a viagem de barco até aqui já foi horrível o suficiente. Agora temos que sair e lutar no frio.

“Sabe, vocês dois até que poderiam combinar bem.”

Nós dois o repreendemos com um “O quê?” Nossos olhares se encontram, o de Cameron irritado, o meu de surpresa.

Adams solta uma gargalhada. “Bem, vocês dois têm um ar sinistro, mas quando estão juntos, parecem duas pessoas normais, discutindo e irritando um ao outro até não poder mais.”

Cameron faz uma careta e olha para mim como se detestasse a ideia.
Será que seria tão ruim assim ser normal? Meu Deus.

Viro-me de costas para ambos e sigo em frente com passos firmes, optando por...
Ignore esse comentário e a expressão de Cameron.

Assim que atravessamos a porta, nos deparamos com um trem, como prometido. As paredes desta sala são cinza-escuras e absorvem a luz das lâmpadas de luz quente penduradas no teto, tornando o espaço particularmente sombrio. O trem é preto e elegante, com um design aerodinâmico para altas velocidades. Todos os outros já embarcaram; somos os últimos.

"Espero que você esteja certo sobre nós nos darmos bem", diz Cameron.
Caminhamos até a lateral do último compartimento.

Adams acenou com a cabeça em despedida. "Vejo vocês dois nos julgamentos. Ah, e mais uma coisa, Emery." Ele estendeu a mão, mostrando uma venda. "Você precisará usar isso até chegar ao exterior da base. Seu compartimento é o único sem uma janela de escurecimento funcional. Não queremos que você veja alguns dos nossos segredos aqui embaixo enquanto estiver passando." Ele piscou, e foi a vez em que o vi mais humano.

Ótimo.

Estou vendado e trancado no último compartimento com Cameron. Enquanto esperamos o trem começar a se mover, a realidade de que, depois de hoje, metade dos cadetes da unidade estará morta me atinge em cheio.

Eles só precisam sobreviver um ao outro.
Terei que sobreviver a eles e a Mori.

CAMERON

O compartimento em que fomos jogados é, na verdade, bem agradável.

Há uma janela na lateral do trem, adjacente ao sofá. Uma mesa de centro está pregada no meio do espaço e cobertores estão empilhados perto da parte de trás. A iluminação consiste em dois pequenos abajures, um de cada lado do sofá.

Tento conter meu sorriso enquanto observo Emery torcer nervosamente uma de suas longas tranças rosas entre os dedos. A venda está realmente incomodando-a, e percebo que ela está tentada a tirá-la. Ela parece mais ansiosa agora do que quando foi jogada em uma cela comigo.

“Por que você não se senta? Você vai acabar caindo desse jeito”, eu murmuro enquanto me recosto no sofá e abro as pernas para relaxar.

Emery tropeça enquanto tenta encontrar o caminho pelo compartimento. Mordo o lábio inferior para não rir. Sua expressão de frustração é adorável. Assim como a expressão quando ela está sonhando. Já observei essa mulher por incontáveis horas — todo o tempo que ela passou com o nariz enfiado em livros, a frustração quando não conseguia se defender dos meus golpes de treinamento, o cansaço quando se revirava enquanto dormia.

Ela também nunca saberá disso — o quão bem eu a conheço. Apenas a expressão dela. Seu perfume floral praticamente me dominou por completo.

“Onde você está?”, ela sussurra, com um toque de medo na voz. A situação se concentra no centro. me tira dos meus pensamentos.

Inclino a cabeça para trás, fecho os olhos e sorrio. Ela é divertida demais para ser provocada, então não digo nada para ajudá-la.

Ela solta um pequeno gemido quando ouço seu joelho bater na lateral de uma escrivaninha ao meu lado. O que eu não esperava era que ela caísse acidentalmente no meu colo quando o trem sacudisse.

As tranças dela caem sobre meu ombro. O corpo pequeno de Emery se encaixa tão bem no meu peito. Não consigo acreditar como meu torso é mais largo que o dela. Não que eu não tenha notado isso todas as noites, mas é diferente quando não estamos na cama no escuro.

Emery solta um suspiro e tenta se sentar o mais rápido possível, empurrando a bunda contra minha virilha no processo. Eu reprimo um gemido com a pressão no meu pau e passo um braço em volta da cintura dela para que ela não caia no chão.

"Calma aí e relaxa." Eu rio e a respiração dela se acalma enquanto ela se força a respirar fundo algumas vezes. Os músculos de Emery estão rígidos e seu lábio inferior treme. Meu Deus, eu queria cravar meus dentes nele.

"Você tem o hábito de cair em cima do meu pau", digo lentamente, roçando meu polegar sobre a parte inferior das costas dela.

"Você acha que estou fazendo isso de propósito?", ela dispara. Sua voz se eleva. Quando eu a irrita. Tão fofa.

"É difícil não fazer isso", provoco, admirando a forma como seus lábios se contraem em frustração.

Eu a puxo para perto até que seu peito esteja contra o meu. Ela é tão pequena que sua cabeça mal alcança meu peitoral. Suas pernas se entrelaçam em meus quadris, criando uma tensão entre nós. Envolver-a delicadamente com meus braços e inclino a cabeça para o lado para observá-la.

"Não sei se consigo esperar muito mais, meu amor. Conte-me uma coisa sobre você." Começa a me incomodar o fato de eu não ter nem um tostão furado." Minha voz soa desesperada para que ela me dê alguma coisa, *qualquer coisa*. Estou começando a me arrepender de ter dito para ela ficar de boca fechada sobre o passado dela.

"Você não tem o direito de saber coisas pessoais sobre mim", diz ela, com rigidez.

Dou uma risadinha e enrolo a trança dela entre meus dedos. *É engraçado que ela ache que pode esconder informações do melhor interrogador do Esquadrão Fúria*. Mas vou entrar no jogo. Existem maneiras de fazer as pessoas falarem sem tortura.

"Você quer saber uma coisa sobre mim primeiro?", pergunto. Ela não responde, mas o jeito como suas mãos se fecham em torno das minhas costelas me diz que eu a despertei. "Detesto a ideia de ser descartável. De ser inútil."

E essa reação negativa que estou tendo com a nova cepa da droga? É a coisa mais assustadora que já tive que enfrentar. Não quero ser inútil para eles.

Meu coração acelera com a confissão.

Será que ela vai me desprezar? Será que eu me importo? Na verdade, não sei ao certo, e isso
Esse pensamento é muito perturbador.

Ela hesita antes de murmurar: "Tive que desistir do meu sonho de ser artista por causa dos negócios da minha família." Seu coração acelera, como se estivesse nervosa por compartilhar essa parte de si. "Não tive escolha, e a preparação para o trabalho que me foi atribuído começou desde cedo."

Minha sobancelha se ergue. Se ela fosse advogada ou alguma corretora esnobe, eu...
Não perguntaria, mas ela está na categoria Under, então claramente esse "trabalho" era suspeito.

"Um emprego suspeito?"

Ela acena lentamente com a cabeça contra meu peito. É evidente que ela não quer ir mais fundo, então mudo de marcha.

"Bem, eu conheço um soldado lá em cima que faz tatuagens por baixo dos panos. Você pode ser aprendiz dela, se quiser. Você poderia tatuar minhas costas se eu não te matar antes disso. Tenho certeza de que o pelotão deixaria você tatuar as deles também. Sonho parcialmente realizado?"

Ela dá uma risadinha. "Que porra é essa? Isso é pra me fazer sentir melhor?"

Ainda bem que ela não consegue ver meu sorriso. "Sim."

Emery balança a cabeça contra meu peito, rindo. "Você é muito estranho, Cameron."

Fecho os olhos. Gosto de ouvir meu nome nos lábios dela. Ela é a única que realmente o usa. "Diz a mulher que tapou meu nariz sangrando debaixo do chuveiro enquanto sentava no meu pau", provoco.

Ela ri contra meu colete, pressionando a bochecha contra meu coração, e eu me pergunto se ela consegue ouvir as batidas irregulares através dele. *Não seria incrível?* Penso. Se o colete pudesse parar uma bala, mas não o som de algo tão terno quanto um coração.

"Pode tirar a venda agora. Eu não conto para ninguém", murmuro, fechando os olhos e sentindo a vontade de tomar mais comprimidos aumentar. A fome insaciável me consome por dentro. Minha perna começa a se mexer ansiosamente. O frasco está na minha bolsa do outro lado do quarto, mas eu realmente não quero me mexer. Eu gosto de segurá-la.

Emery tira a venda e se ergue para poder me olhar. Nossos olhares se encontram, e eu consigo vê-la tão claramente quanto no momento em que a vi pela primeira vez. Mas a ferocidade que antes eu via em seu olhar se dissipou. Agora ela parece sombria, como uma pétala murcha que logo morrerá. Ela é tão linda.

Por mais que eu tente refutar o pensamento, ele retorna com uma dor incômoda.
Com raiva.

Fico pensando o que uma gracinha como ela pensa de um soldado como eu.
O que será que ela vê? Fico pensando.

Emery se senta sobre os calcanhares, bem em cima da ereção que tenho ignorado nos últimos minutos. Seus olhos se arregalam, desviando o olhar para baixo como se só agora estivesse processando a necessidade intensa e pulsante nas minhas calças.

Penso na noite passada e em como fui estúpido por ceder à atração que sinto por ela. Tudo o que quero desde então é tocá-la novamente. Tenho medo de que, se o fizer, nunca será o suficiente.

E isso me assusta demais.

Ela me dá um sorriso fraco e apologético antes de se virar para o lado e ficar de pé. Eu seguro seu pulso. *Droga*. Não sei por que fiz isso. Nossos olhares se encontram e uma surpresa transparece neles.

Engoli em seco ao sentir a estranha sensação quente que se espalhou pelo meu peito. Meu pau pulsava dolorosamente sob ela. Minha respiração ficou ofegante e eu vacilei. *Eu não deveria fazer isso. E se eu perder o controle e a matar?*

Estou prestes a dizer para ela ir sentar do outro lado do compartimento, mas seu olhar está cheio de tormento enquanto ela mexe os quadris sobre mim.

Uma onda de eletricidade percorre minhas veias, e uma fome profunda se instala dentro de mim.

Já não me importo. O que tiver de acontecer, acontecerá.

Eu me inclino para a frente e meus lábios se chocam contra os dela.

Os comprimidos se tornam uma reflexão tardia. Tudo o que sei é que, enquanto meus lábios espalham sua maciez... O que a diferencia é o seu perfume. Aquele maldito perfume floral que me deixa louco.

Eu quero mais. Eu quero tudo.

ESMERIL

Cameron solta um gemido profundo que beira o rosnado. Seus dedos se cravam em meus quadris e ele me puxa para mais perto enquanto nossos beijos se tornam mais fervorosos. Seus lábios são tudo o que eu imaginava, me proporcionando pura euforia enquanto ele me devora como se nunca tivesse provado nada parecido comigo antes. Um gemido suave escapa dos meus lábios e ele o saboreia avidamente enquanto desliza as palmas das mãos sobre minhas coxas.

O jeito como ele me abraça é suave demais. Sincero demais depois das palavras duras que ele disse ontem à noite. Sinto vontade de arrancar a própria pele para me livrar da dor que ele está causando no meu peito. Mas eu quero isso.

Quero tirar tudo dele, da mesma forma que sei que ele vai tirar tudo de mim.

Eu balanço meus quadris sobre seu pênis inchado. É muito maior do que me lembro de ter visto no chuveiro, principalmente porque está sendo comprimido pela calça.

Embora, suponho que ele estivesse um pouco incapacitado naquela noite.

Ele geme e aprofunda nosso beijo, perseguindo minha língua com a sua. Passo meus dedos por seus cabelos e deslizo minhas mãos pela nuca até sua garganta tensa, pressionando levemente sua traqueia. Um ronco percorre seu peito.

“Não posso prometer que serei gentil. Se continuarmos nos beijando assim, não sei se consigo parar. Em, você está me ouvindo?” ele sussurra contra meus lábios, *sorrindo*, para surpresa de todos.

Assinto com a cabeça, minha testa pressionada contra a dele. *Preciso de algo mais intenso agora.* Algo perverso para anular o toque terno que ele está me dando.

"Que se dane, Cameron. Como se eu não fosse ninguém. Como se você não fosse se lembrar de quem eu sou daqui a um ano."

Ele se encolhe diante das minhas palavras insensíveis, hesitando por um instante antes de seus dedos deslizarem até a cavidade da minha clavícula. Eu me assusto quando ele pressiona ali. "Você acha que eu sou um monstro, não é? Que sou incapaz de me lembrar de uma mulher com quem transo?" A rouquidão em sua voz faz um calor se acumular em meu corpo.

Ele parece estar com raiva. Isso eu consigo lidar.

"Não quero delicadeza. Não vinda de você." As palavras soam cruéis ao saírem dos meus lábios, mas ele as beija displicentemente. Ele se ajeita no sofá e deixa meu corpo cair sobre as almofadas, desabotoando o colete e tirando a camisa por cima da cabeça.

"Algo me diz que você nunca conheceu nada além de homens perversos. Eu não sou exceção", diz ele enquanto desabotoa meu colete também. Ele fica ainda mais bonito na penumbra. O calor do abajur na mesinha de cabeceira o banha em uma profusão de tons ricos. Cameron levanta minha blusa lentamente até expor meus seios. Ele os encara como se estivesse faminto. "Caramba, seu corpo é tão sexy."

Ele está se apoiando sobre meu corpo com as mãos pressionadas no sofá ao meu redor. Ele tem o dobro do meu tamanho. Todo músculo, tatuagens e cicatrizes fascinantes que percorrem seu torso.

Levanto a mão e toco numa cicatriz particularmente longa que se estende por todo o seu esterno. Parece que alguém tentou arrancar-lhe o coração. *Literalmente.*

"Onde você fez essa?" pergunto, traçando o contorno da pele irregular e sensível. Uma tatuagem grande cobre a área, quase para realçar sua presença. Ele aproxima a boca do meu seio e puxa meu sutiã para o lado.

"É bastante desolador", afirma ele.

"Eu gosto de ambientes sombrios", insisto.

Um sopro roça seus lábios e aquece minha pele. "Eu sei que você sabe... Bem, dez anos atrás minha mãe tentou me matar", ele murmura sobre meu mamilo.

Um arrepio percorre meus braços, tanto pela confissão quanto pelo fato de ele acariciar meu seio languidamente com a língua. "Ela pegou a maior faca do nosso conjunto de cozinha e me perseguiu pela casa. Eu gritei e implorei para que ela parasse enquanto ela enfiava a lâmina na minha jugular."

Ele encosta a bochecha no meu peito enquanto desliza o dedo calejado na base da minha garganta, onde há uma depressão entre as clavículas. Respiro fundo enquanto ele desliza o dedo delicadamente pelo meu esterno. "Ela

Não tive forças para enfiar aquela faca além dos meus ossos, mas aquela mulher miserável me esfolou até o processo xifoide." O dedo dele termina na minha virilha.

Cameron olha para mim de relance, seus olhos muito mais escuros do que o normal.
—tempestades após tempestades, travando guerras atrás delas.

"Pensei que ia morrer naquela noite." Uma risada raivosa escapa dele.
"Mas decidi que não era a minha hora. Dezesete anos é muito jovem para morrer."

Ele cobre meu pescoço com beijos quentes, cravando os dentes na pele macia abaixo do meu queixo enquanto pressiona a palma da mão contra minha virilha. Eu me contorço sob ele com a pressão e solto um gemido ofegante. Nunca me senti tão triste por alguém e ao mesmo tempo tão excitada por essa pessoa.

Os caninos de Cameron são afiados, e a leve dor lhe causa um arrepio.
meu.

"O que você fez?" Consigo articular as palavras enquanto ele suga meu pescoço. Um nó se forma na minha garganta ao imaginar o jovem Cameron tentando escapar de sua mãe empunhando uma faca.

Ele solta minha pele e habilmente desabotoa minhas calças. Os olhos de Cameron permanecem fixos nos meus enquanto ele se inclina para abaixar as calças. Luto para sustentar seu olhar enquanto ele liberta seu pênis saliente.

"Eu estava trabalhando na construção de uma casinha de passarinho para ela naquela manhã." Havia pregos espalhados pelo chão do meu quarto por causa da briga", ele diz com a voz mais suave e assombrosa que já ouvi. Como se o evento não tivesse sido nada traumático. "Um prego ficou preso na minha palma quando caí, então eu o arranquei e enfiei no olho dela."

O horror me invade e minha boca se abre. Ele pressiona dois dedos dentro de mim e roça minhas paredes internas. O que deveria ter sido um suspiro se transforma em um gemido ofegante. Minhas costas se arqueiam enquanto ele me penetra com maestria. Ele retira os dedos, sorrindo ao ver o quanto estou molhada, antes de se inclinar novamente e provocar minha entrada com a ponta do seu pênis, beijando meus lábios entreabertos e roubando-me o choque.

"Quer saber o que eu fiz depois disso?", ele pergunta, penetrando-me lentamente. Respiro fundo ao sentir o tamanho da cabeça do seu pênis, meu coração dispara tanto com a história quanto com a sensação de estar sendo penetrada.

"Diga-me", sussurro em meio ao seu beijo venenoso.

Cameron penetra mais alguns centímetros em mim, e juro por Deus que nunca fui tão atormentada em toda a minha vida. O jeito como ele está abrindo e esticando minha vagina faz meus quadris se moverem levemente, implorando por mais.

Eu gemo em protesto quando ele para.

"Shhh." Outro beijo febril. "Eu achei o martelo. Quando ela gritou e agarrou o olho sangrando, eu balancei aquele martelo com toda a minha força. Acertei o prego bem na cabeça e o mandei direto para o dela."

Put a merda. Ele morde o lábio inferior para se conter.

Ele está sorrindo, provavelmente porque sabe que é mórbido, mas eu vejo mesmo assim.

E é simplesmente lindo.

A maioria das pessoas não se sente atraída pela escuridão nos outros. Eu, porém, não consigo evitar me encantar por ela. Não quero desviar o olhar. Não quando se trata dele.

Cameron envolve minhas coxas com as mãos e afunda os dedos nos meus quadris. Eu gemo enquanto ele penetra ainda mais fundo em mim.

"Desculpe, Cameron", sussurro. Ele para e me encara, e um lampejo de dor surge em seu olhar antes de ser dissipado por algo que não consigo descrever. Suas sobrancelhas se franzem e sua expressão se torna gélida.

"Você sabe que eu não sou burro, né?" Essa mudança repentina de tom me faz olhar para ele. *De onde veio isso?*

"O que você quer dizer?", pergunto inocentemente, tentando me acostumar com a altura dele. Isso está me desfazendo e me deixando meio lúcido.

Ele ri cruelmente e lambe os lábios. Seus olhos têm aquele brilho escuro, exatamente como quando perdeu o controle na outra noite. "Você acha que eu não sei o que você está fazendo?" Ele empurra os quadris contra mim com toda a força, arrancando um grito da minha garganta. "Você só está tentando me adoçar, esperando que eu me apegue a você se transar com você, não é?"

Com os braços em volta das minhas pernas, ele abaixa o peito sobre o meu, levantando meu quadril do sofá antes de impor um ritmo brutal e penetrar fundo no meu abdômen.

Eu nem consigo reagir enquanto ele me fode como se me odiasse. Minhas unhas se cravam em suas costas com a dor e o prazer que ele me causa. Uma pontada de medo atravessa minha mente e só faz meus músculos se contraírem ainda mais em volta dele. "Ai, que droga!", eu grito, me agarrando com todas as minhas forças. Ele ri baixinho e empurra seu pau até o fundo, esfregando os quadris contra os meus.

A ponta do Cameron penetra meu colo do útero com tanta força que me faz gritar: "Você é grande demais!"

Ele geme enquanto me contorço embaixo dele e move os quadris mais devagar, mais fundo.

Sua língua quente desliza pela minha garganta. "Oh, querida, eu gosto quando você fala assim." "Está um calor infernal." O suor escorre de sua têmpora até o queixo.

Sou envolvida pelo seu aroma intenso de bétula enquanto ele me penetra. Meu orgasmo se intensifica, chegando cada vez mais perto do ápice, antes que ele pare abruptamente e se retire de mim. Fico vazia por quase um instante, até que ele me levanta pela cintura, senta-se no sofá e me coloca de volta sobre seu pênis encharcado.

Meus olhos se demoram em sua grossura, pulsando sob mim e mostrando exatamente o quão excitado ele está por estar dentro de mim novamente. Ele me solta e abre os braços sobre o encosto do sofá, com um sorriso presunçoso nos lábios. Esse lado dele é tão descontrolado. É a coisa mais excitante e eufórica que já experimentei.

"Vá em frente", ele incentiva, com os olhos desviando-se rapidamente para o seu pênis e depois voltando para mim.

Meu sorriso deve ser sinistro, porque sua sobranalha se ergue tensa enquanto coloco minhas mãos em volta de sua garganta e lentamente me sento de volta sobre seu pau. A pressão que exerço em seu pescoço aumenta à medida que me afundo mais sobre seu pênis.

"*Porra*, me sufoca, Emery. Me faz gozar dentro de você como um bom soldadinho." Seus olhos estão semicerrados enquanto ele me observa foder e sufocar ele. Nessa posição, seu pau é quase demais para aguentar. O prazer faz meus olhos se fecharem enquanto nossos gemidos suaves permeiam o ar entre nós. Percebo que ele está perto quando ele aperta o encosto do sofá com mais força e as artérias do seu pescoço se dilatam com a contenção.

"Já está quase pronto?", pergunto, com um sorriso malicioso.

Os olhos de Cameron se estreitam diante do desafio e suas mãos descem até minha cintura, puxando-me com força até que eu esteja completamente sentada em seu pau. Minhas costas se arqueiam enquanto ele impulsiona os quadris dentro de mim. Eu grito com a pressão. É tão bom que meus olhos reviram.

"Pronta para receber meu sêmen, Em? Não vou parar até você encharcar meu pau com seu doce esperma." Ele pressiona nossos quadris um contra o outro e a fricção contra meu clitóris, enquanto estou completamente sentada sobre ele, me leva ao ápice do orgasmo. Agarro seus pulsos enquanto ele continua me embalando. Meus gemidos são constrangedoramente altos, mas o barulho do trem os abafa e eu não poderia me importar menos se alguém nos ouvisse agora.

"*Cameron*", eu sussurro, descendo com força e deixando meu peito se chocar contra o dele.

Ele penetra em mim mais algumas vezes antes de me imobilizar sobre ele. Seu corpo inteiro se tensiona e ele fica tão imóvel que consigo sentir seu pênis pulsando, ejaculando bem fundo dentro de mim. Seu gemido é baixo e selvagem, despertando algo em mim que eu nem sabia que existia. Fecho os olhos e me deleito com a sensação dele no meu baixo ventre.

A mão dele pressiona meu estômago, aumentando a pressão e puxando meu Olhos baixos. Há uma pequena protuberância onde fica a ponta do seu pênis.

Sua voz é absolutamente dominante. "Nunca consegui ver meu pau através do abdômen de alguém antes." Ele pressiona novamente, e a pressão faz minhas paredes se contraírem em torno de seu pênis ainda *bem* ereto. Nós dois gemer.

"Pare com isso", digo com um sorriso, afastando sua mão. Ele olha para mim, e nesse instante saímos do túnel e a luz do sol atinge seus olhos sábios como um raio de sol. Ele me encara como se eu também fosse algum ser sombrio e etéreo. A loucura em seus olhos desapareceu.

Depois de um instante, volto a mim e percebo que estamos nos encarando. Lentamente, me levanto, fazendo uma careta por causa da dor que já sinto entre as coxas. *Ótimo, vou sentir isso durante todo o primeiro julgamento.*

Pretendo sentar-me do outro lado do sofá, mas Cameron coloca a mão na minha lombar e me abraça contra o peito. Ele nos inclina para trás até estarmos deitados nus no sofá, eu em seus braços. Penso em tentar me desvencilhar, mas estaria mentindo se dissesse que não gosto do calor daquele abraço.

"Não estou tentando *te bajular*, sabia?", retruco, irritada por ele presumir isso. Sua mão desliza suavemente pela minha omoplata. Nunca antes me permiti ficar tão vulnerável a outra pessoa. Nunca fui abraçada com tanta delicadeza nem observada com o olhar penetrante de Cameron.

Isso me faz sentir fraco.

Será que isso o faz sentir o mesmo?

Ele respira fundo e enrola uma mecha do meu cabelo em volta do dedo.

"Eu sei." Sua voz é baixa e suave. Ele não tenta dar mais detalhes, e eu também não peço que o faça.

Nós dois sabemos que ele está perdendo a cabeça.

ESMERIL

Em algum momento, devo ter sucumbido ao meu cansaço, porque acordo com meu corpo batendo no chão enquanto o compartimento chacoalha.

O pânico percorre minhas veias e me deparo com Cameron respirando pesadamente sobre mim, os olhos arregalados em confusão. Rapidamente me afasto até sair de baixo dele. Seus olhos opacos me seguem como os de uma besta sem alma.

“Cameron”, digo bruscamente, mas ele me encara sem me ver.

Uma pontada de dor atravessa meu coração ao vê-lo assim. Ele claramente não está bem. Um fio de sangue escorre de seus lábios e rola pelo queixo. Ele rasteja em minha direção, com uma intenção letal estampada em seus olhos fundos.

Coloquei a mão atrás de mim, sentindo algo pesado na bolsa dele. O som familiar de comprimidos chacoalhando me atingiu. *Isso pode funcionar.*

Ele se abaixa até onde suas calças estão e desembainha sua faca de combate.

É um deslize. Meu coração dispara enquanto ele me encara com um sorriso ameaçador.

Abro rapidamente o zíper da mochila dele e mexo nos comprimidos. A tampa se desenrosca e as cápsulas se espalham pelo chão quando o trem diminui a velocidade bruscamente. O impacto joga Cameron para o lado e seus olhos se fixam nos comprimidos. Ele pisca algumas vezes, olhando para mim e depois de volta para eles. A claridade retorna aos seus olhos e ele pega quatro, enfia-os na boca e engole. Ele se deixa cair de costas e permanece ali imóvel.

O trem diminui a velocidade gradualmente até parar completamente. Permaneço onde estou, respirando com dificuldade e observando Cameron até ter certeza de que ele voltou a si.

Minhas pernas tremem enquanto me visto com cuidado. Depois de reunir mais coragem, dou uma espiada por cima do peito dele até que nossos olhares se cruzem.

Um sorriso irônico se espalhou por seus lábios. "Essa foi por pouco, não foi?"
piadas, mas não tem nada de engraçado.

"Você estava prestes a me matar com o seu pênis ainda para fora." Joguei as roupas dele fora. Eu o golpeio com toda a força que consigo em seu peito. Ele os apara com uma risada baixa e rouca.
"Isso teria sido algo." Seu tom bem-humorado não tem a mesma indiferença de costume.

Estou aliviado por não ter que temer pela minha vida por enquanto.
"Vista-se. Acho que estamos no posto de controle."

"Sim, senhora", diz Cameron, jovialmente. Seu pequeno sorriso, porém, não chega aos olhos. Tento não me concentrar nisso. Ele provavelmente odeia não conseguir se controlar, e eu não conseguiria nada fazendo-o se sentir mal por isso.

Volto meu olhar para a janela e contemplo a vasta e branca imensidão do lugar onde nos encontramos.

Como esperado, fomos os últimos a sair do trem e levados às pressas para o único caminhão restante. Era um veículo tático antigo, para piorar a situação. Parecia completamente deslocado neste mundo nevado. Não havia nada por perto além do trem e de um pequeno galpão que devia ser o posto de comando do condutor.

descansar.

Quatro soldados armados nos levam de carro pelo resto do caminho. Viajamos devagar quando atingimos altitudes mais elevadas e o caminhão precisa atravessar trinta centímetros de neve. As estradas não foram limpas, mas as marcas de pneus dos outros caminhões abriram um bom caminho. O motorista e Cameron conversam casualmente de vez em quando, enquanto eu cochilo algumas vezes no ombro de Cam.

Não é uma viagem muito longa, dura cerca de três horas.

Quando finalmente avistamos a muralha da floresta, a lua já está no centro do céu. Lobos uivam à distância, e o ar está tão frio que arde nas minhas narinas.

Estamos no meio do nada.

Os outros caminhões já estão quase todos descarregados quando saltamos do veículo. Nosso equipamento tático pouco adianta contra as temperaturas congelantes que roubam o ar dos meus pulmões e ardem nos meus olhos. Procuro por Bree e Damian, mas não os vejo em lugar nenhum na multidão. Eu não diria exatamente que eles são nossos inimigos, o que significa que talvez valha a pena mantê-los à vista. Meu encontro com Bree na noite passada me dá uma réstia de esperança.

"Vocês dois podem se juntar aos outros. Vamos começar", disse o Sargento Instrutor. Adams diz isso enquanto caminha ao lado dos soldados que nos trouxeram até aqui.

Cameron lhe lança um sinal de positivo displicente antes de nos guiar em direção ao grupo. Eu o sigo hesitante, observando a mochila de Cameron e rezando para que ele tenha se lembrado de pegar seus remédios no trem. Ele não tomou nenhum durante a viagem de carro, e eu não tenho ideia de quanto tempo leva para ele ter um surto como aquele. Não sei se eles ajudam ou pioram a situação, mas certamente chamam sua atenção quando ele perde o controle.

Ele percebe que estou caminhando alguns passos atrás dele. "Vamos lá, temos que ficar juntos", diz Cameron casualmente enquanto se inclina e pega minha mão. Abaixo o queixo para não ter que ver todos os olhares que estamos recebendo. Inveja. Eles acham que estou sendo protegida por ele. *Se ao menos tivessem visto ele tentando me matar no caminho para cá.*

"Você precisa piorar as coisas? Eles já nos odeiam", sussurro enquanto solto minha mão da dele.

Cameron apenas esboça um sorriso enquanto estamos na extremidade do grupo. Seus cabelos loiros gélidos ondulam com a brisa. Percebo que nunca os vi sob a luz do luar. São sedutores e realçam ainda mais cada traço marcante de suas bochechas e nariz. A lua é enganadora, fazendo-o parecer inofensivo.

Concentrar-se, lembro a mim mesmo.

Avisto Bree e Damian perto do centro do grupo. Ela foi gentil comigo ontem à noite, mas ainda não sei se posso confiar nela. Principalmente não confio em Damian. Mas eles são as únicas pessoas com quem tenho algum tipo de relacionamento. Minha atenção volta-se para o sargento instrutor enquanto ele sobe uma pequena colina à frente do grupo.

"Atenção, cadetes. O primeiro teste começará em breve. Vocês devem descer até o porão à esquerda, onde receberão equipamentos, comida, implantes e máscaras. Explicarei o restante do teste assim que vocês concluírem o processo e saírem do outro lado."

Todos ficam paralisados por um instante. Ninguém quer ser o primeiro a ir embora. descer até o *porão*. Eu certamente não.

O terreno que leva até lá é íngreme e desce até uma espécie de bunker. É tão bem escondido que me dá arrepios. Meu pai tinha lugares assim instalados em seus esconderijos. Ele os espalhou pelo mundo todo, caso precisasse fazer negócios em algum lugar específico. Será que meu pai construiu isso para eles? Não duvido. A planta parece similar às obras dele. Se foi ele quem construiu, então sim.

Se ele o construiu, então será que sabe sobre as Forças das Trevas? Minha garganta se contrai desconfortavelmente só de pensar nisso.

Alguns homens, aparentando estar perto dos trinta, lideram o grupo, caminhando em ritmo constante com o peito estufado. É claro que, à frente do grupo, estão Arnold e Wraith.

Todos mantêm uma boa distância deles, o que me lembra de como mataram um cadete no banheiro durante a segunda semana em que eu estava na infantaria. Nem foi nada demais, ninguém reagiu. Os guardas simplesmente removeram o corpo como se nada tivesse acontecido.

Eles vão ser um saco de lutar se a gente se deparar com eles. Bem, na verdade, *quando* a gente se deparar com eles, porque eu sei que eles vão tentar nos encontrar de um jeito ou de outro.

Entramos no bunker, que é basicamente uma enorme sala subterrânea. Minhas pernas parecem de chumbo, relutantes em dar mais um passo sequer no porão, mas os cadetes atrás de mim continuam me cutucando.

Cameron olha para mim com uma sobrancelha arqueada. "O que foi?"

Eu balanço a cabeça. "Tenho a sensação de que isso vai ser um banho de sangue."

A boca de Cameron se fecha ao perceber meu nervosismo. "Depende do julgamento. Descobriremos em breve." Sua calma, porém, não me tranquiliza.

A entrada é feita de uma parede metálica preta com uma abertura tipo porta de garagem para entrarmos. Sou atingido por uma rajada de ar quente dos aquecedores acima e sinto o cheiro de aço. As paredes são de metal prateado e refletem a luz forte em todos os ângulos. É quase impossível manter os olhos abertos. Há uma fileira de mesas e soldados de cada lado da sala. Sou direcionado para a esquerda, enquanto Cameron é empurrado para a direita.

Engulo em seco, ansiosa, encarando a longa mesa preta e as pessoas do outro lado com expressões sérias. Um soldado enfia uma sacola preta nos meus braços sem dizer uma palavra, e então sigo em frente, até a próxima pessoa. Outro me atende antes de me entregar uma máscara diferente das que foram dadas aos outros.

O meu tem um rosto de caveira rígido, enquanto os outros são apenas de tecido preto.

Que porra é essa?

Dizem-nos para colocar as máscaras sobre o rosto e prender o cabelo.

Se a jaqueta for comprida, usamos e depois prendemos os capacetes em cima da cabeça.

Logo na saída, me entregam uma faca de combate preta. O policial agarra meu pulso e levanta minha manga. Ele prende uma faixa preta flexível ali, com o número cento e um piscando na tela.

"Abaixe a cabeça", ordena o soldado ao lado dele, com voz rouca. Ele tem uma seringa enorme na mão. Sinto as pernas bambas, mas obedeco e fecho os olhos enquanto ele me fura com a agulha. Arde por alguns segundos, depois a dor passa. "Próximo." Ele me empurra e eu fico esfregando o pescoço, com os olhos arregalados ao ver o pequeno caroço que agora se forma ali.

Um rastreador? *Meu Deus, estão nos tratando como animais.*

Estou correndo para acompanhar as pessoas à minha frente. Não consigo distinguir nenhuma delas, nem mesmo as mulheres dos homens. A preocupação se instala no meu queixo. Nunca vou saber qual delas é Cameron. Não quando estamos cobertas da cabeça aos pés e só temos a luz do luar para enxergar.

Um cadete caminha ao meu lado, suas pernas compridas indicando que poderia ser Cameron, mas não tenho certeza. Ele prende os polegares nas alças do colete. A máscara preta é feita de tecido grosso e esconde tudo completamente, exceto os olhos. O rosto dele é de caveira, assim como o meu.

Mori. Um símbolo da morte.

Estamos sendo escolhidos a dedo de propósito. Meu sangue gela, e já consigo ver os outros olhando para nós mais do que para qualquer outra pessoa. Obviamente, porque nos destacamos como malditos bastões de luz.

Cameron olha para mim enquanto eu ainda estou massageando o pescoço, com a curvatura em seu rosto. Olhos que insinuavam um sorriso.

"O que você está olhando?", pergunto em tom de brincadeira, franzindo a testa e olhando fixamente para a frente.

Seus dedos se abrem inocentemente, os polegares ainda presos às alças do colete enquanto ele diz: "Nada, só admirando o quão bem o Nolan nos sacaneou nesse primeiro julgamento. Mas não se preocupe. Não mato ninguém há mais de um mês, então estou bem cansado. Vou deixar um pouco para você." Ele pisca para mim. "Bem-vinda à matilha, querida. Espero que esteja preparada para sujar um pouco as mãos de sangue."

"Minhas mãos estão definitivamente mais do que um pouco vermelhas", resmunguei de volta.

Só não venha atrás de mim. Eu o encaro enquanto ele olha fixamente para o meu pescoço. O tenente Erik disse que fica descontrolado depois de esforço. Sexo era uma coisa. Já consigo ver suas pupilas dilatando com a excitação de matar.

"Sim, eu quis dizer fresco." Ele me dá um tapinha brincalhão no ombro.

Meus olhos se voltam para minhas mãos. Sei que, ao final deste primeiro dia, elas estarão manchadas. Manchas não me são estranhas. Cerro os punhos. *Farei o que for preciso para sobreviver.*

Cameron passa a mão enluvada pelo meu pescoço. "Como aqueles rastreadores que a gente pega?"

Eu sabia. "Ele faz alguma coisa além de rastrear?", perguntei em voz baixa.

Ele me encara por um instante antes de murmurar: "Digamos que você não quer deixar nada ao acaso nos julgamentos." Ele leva a mão ao pescoço e imita uma explosão com a voz e a mão.

A bile sobe pela minha garganta. "O quê?", sussurro, quase gritando. "Tem um maldito explosivo em nossos pescoços?"

Cameron dá uma risadinha e dá um tapinha no meu capacete. "É, eles não vão simplesmente liberar todo mundo aqui. Você vai ficar bem contanto que fique dentro dos limites da pista", diz ele tranquilamente, e a falta de preocupação em sua voz é, no mínimo, um pouco reconfortante. Enquanto nos aproximamos do grupo, caminhando com dificuldade pela neve, ele continua observando cada movimento meu.

Encaro-o com raiva. "O quê?"

"Estou apenas memorizando suas características." Ele observa os outros cadetes e parece estar avaliando-os também, demorando o olhar nos que parecem mais ameaçadores. Eu deveria tentar seguir o exemplo dele e aprender o máximo possível, mas minhas mãos tremem de ansiedade. É a mesma sensação de estudar para uma prova por meses e, no momento em que recebe a prova, ter a impressão de ter esquecido tudo.

Reed nunca me treinou para esse cenário. Estou acostumado a ter um método muito bem planejado com alta tecnologia. Não a enfrentar uma centena de outros cadetes que estão tentando sobreviver como eu.

Eu sei que Cameron já passou por provas antes, mas como ele pode não estar nem um pouco preocupado? Ele está agindo como se não fosse uma questão de vida ou morte, nossa e dos outros cadetes. Ou talvez ele simplesmente não se importe. Chegamos até os outros recrutas e ficamos no fundo.

Adams está esperando à frente do grupo, exatamente como prometeu, e assim que o último cadete se junta a nós, ele pigarreia. "Teste Um: Quão bem vocês conhecem seus parceiros? No campo de batalha, vocês não terão o luxo de perguntar quem é seu companheiro de esquadrão e quem é o inimigo. Vocês precisam saber, sem sombra de dúvida, quem é quem em uma fração de segundo. Como foram informados nas últimas semanas, vocês podem se juntar a quem quiserem para este teste em particular. Mas quão bem vocês conhecem os soldados aos quais juraram lealdade? Vocês conseguem encontrá-los antes que sejam mortos, que vocês os matem ou que eles os matem?"

Ouviram-se exclamações de surpresa entre os cadetes e as cabeças começaram a virar, olhando desesperadamente por suas equipes pré-formadas.

Adams sorri ao ver o pânico que se instala nos recrutas e diz arrastado: "No geral, vocês terão vinte e quatro horas para reduzir o número em suas pulseiras para cinquenta. Se isso não acontecer até amanhã à noite, os implantes em seus pescoços detonarão aleatoriamente até que restem apenas cinquenta cadetes. O mesmo vale para qualquer um que tentar escapar e sair dos limites. Vocês ouvirão quatro bipes de aviso antes de morrerem, mas não se preocupem, vocês têm centenas de hectares de mata para se esconder e brincar."

Isso vai ser uma carnificina. Alguns dos recrutas maiores já estão segurando suas facas com entusiasmo e pulando na ponta dos pés, prontos para o massacre. Um deles, Wraith, protege o braço. Pelo menos ele será fácil de encontrar no meio da confusão, com seu ferimento.

"Nesta rodada, não haverá armas de fogo. Apenas os cadetes que demonstrarem capacidade de matar com as próprias mãos serão dignos de integrar um esquadrão. Também avaliaremos seus instintos de sobrevivência e intelecto. Seu equipamento tático possui cápsulas de aquecimento que fornecem calor suficiente para evitar a hipotermia, então, por sorte, morrer congelado não será uma opção."

Que dom divino. Reviro os olhos. Adams parece tão orgulhoso de si mesmo por essa.

"Há câmeras por toda parte nesta floresta, então não façam nada que eu não faria." Presumo que isso signifique que tudo está em aberto, pelo jeito que ele está rindo do próprio comentário. "Na minha contagem regressiva de dez, vocês podem começar o julgamento, e nem um segundo antes. Aqueles que quiserem correr para se proteger, recomendo que o façam agora, antes do fim da contagem." O Sargento Instrutor Adams faz uma pausa.

Ninguém se mexe. Acho que todos estão tão chocados quanto eu.

Então ele grita: "Nove. Oito."

Como se uma bala tivesse me atingido no peito, corro para a mata. Não faço ideia se Cameron está me seguindo; meu único objetivo é me afastar o mais rápido possível do local da contagem regressiva, porque vai ser brutal. Sempre haverá aquele grupo de pessoas que querem provar que são superiores ao resto de nós, que querem mostrar que não temem a morte. *Deus, Cameron provavelmente é uma dessas pessoas.*

Não quero estar nem perto disso.

Meu movimento provoca desordem, pois outros cadetes também começam a correr em direção às árvores. Chego ao primeiro pinheiro antes que o sargento instrutor faça a contagem regressiva até um, virando-me a tempo de ver mais da metade dos recrutas começarem a se atacar com facas de combate, rasgando a garganta e o estômago uns dos outros.

O horror me atinge como um martelo de guerra enquanto assisto à selvageria com que se matam. Os movimentos são tão rápidos e perversos que nenhum deles consegue sequer distinguir quem está sendo esfaqueado. Vermelho.

Só se vê fumaça vermelha e vapor saindo da área, acompanhados de gritos tão altos que me embrulham o estômago.

É provável que as equipes planejadas já tenham sido desfeitas. Não vejo o sargento instrutor envolvido, mas tenho certeza de que ele está se divertindo muito com isso.

Minha respiração fica tão ruidosa que não consigo ouvir nada além dela e das batidas do meu coração. Um movimento à minha esquerda desvia minha atenção do derramamento de sangue e a direciona para um cadete grande que corre direto na minha direção enquanto eu, ingenuamente, observo a carnificina se desenrolar no campo.

Porra!

Saio em disparada pela floresta. O chão está completamente congelado, mas pelo menos há menos neve sob a copa das árvores. A cada passo, rezo para não pisar em uma placa de gelo e escorregar.

Galhos estalam atrás de mim. O soldado está em meu encalço.

Arrisco um olhar por cima do ombro, na esperança de que seja apenas Cameron tentando me assustar, mas os olhos do homem são escuros, cheios de uma fome de matar. Forço minhas pernas a se moverem mais rápido.

Um vulto preto no chão quase me faz tropeçar, mas consigo saltar por cima dele a tempo. O homem atrás de mim, porém, não. Ele tropeça no corpo e cai de joelhos, soltando um grunhido alto.

Esta é a minha chance.

Eu me viro e avanço em sua direção enquanto ele está atordoado, sacando minha faca e cravando-a profundamente no lado esquerdo de suas costas. A lâmina atravessa uma costela e, embora a guarda pare na carne, sei que perfurei seu coração.

O homem grita. É um som agonizante, tão gutural e cru que quase me faz sentir mal. Uma versão passada de mim se importaria por eu ter acabado de matar um estranho, mas eu estripei aquela desgraçada há muito tempo. Se for eu ou eles, escolho eu.

Não estou esperando que ele morra. Ainda estou muito perto do local da contagem regressiva. E receio que outros possam tê-lo ouvido gritar.

Arranco minha lâmina de suas costas sem piedade e arranco a faca de sua mão também, embainhando a minha, já que está coberta de sangue e escorregadia. Se eu for atacado novamente, preciso ter uma boa empunhadura. O sangue é tão escorregadio quanto óleo quando está fresco, e pode ser a sua ruína.

Com um olhar rápido ao redor, minha respiração se torna um rastro de fumaça antes de eu correr na direção de onde vêm os gritos. Meu corpo inteiro está encharcado de suor frio, e meu coração bate forte nos meus ouvidos. Perdi completamente o foco. Preciso me acalmar e deixar essa adrenalina passar. Desejo desesperadamente tirar minha jaqueta tática, mas sei que está frio demais e que vou ter hipotermia se fizer isso.

Não estou acostumado com essa bagunça imprevisível. Todos os meus treinamentos e "trabalhos" anteriores eram tranquilos, invadindo pequenos bunkers ou prédios. Isso? Isso é enlouquecedor. Não é à toa que Cameron resolveu tomar as rédeas da situação e me ensinou a matar um homem com meus dentes. Achei que ele fosse maluco por sequer pensar que isso fosse necessário, mas estou começando a me acostumar.

Onde diabos está Cameron? Penso preocupado enquanto impulsiono minhas pernas para me mover mais rápido. Os lamentos e gritos ao longe começam a diminuir à medida que me aprofundo na floresta.

Depois do que pareceu uma hora, finalmente me encosto em uma árvore para descansar e recuperar o fôlego. É difícil ouvir qualquer coisa por causa da minha própria pulsação, mas me acalmo o suficiente para escutar. Após alguns minutos de silêncio, olho ao redor da árvore atrás de mim e examino a área.

Uma fina camada de neve cobre tudo, desde o musgo nos galhos de pinheiro até as pedras no chão. Meus passos são visíveis. *Droga.* Aperto a faca com força. É só uma questão de tempo até alguém me encontrar.

A pulseira no meu pulso vibra, atraindo meu olhar para ela. Estava em cento e um quando o teste começou, e já baixou para oitenta. Meus dentes rangem. Espero sinceramente que Cameron tenha sido esperto o suficiente para não ficar naquele lugar na contagem regressiva. Não que ele precise que eu me preocupe com ele, mas consigo imaginá-lo sendo imprudente.

Espero por quase trinta minutos antes de me mexer novamente. Minhas pernas queimam e eu gostaria de ter dedicado mais tempo a exercícios cardiovasculares enquanto estava na prisão aguardando minha sentença. Mas como eu poderia saber que estaria nessa situação?

O silêncio aqui fora é de alguma forma pior do que os gritos.

Pelo menos eu sabia para que lado não ir naquela época. Agora, cada direção é uma aposta. É estranho não conseguir ouvir nada. Continuo indo para o sul e tento permanecer o mais silencioso possível. Cada galho e pedaço de gelo que se quebra sob minhas botas ameaça revelar minha posição.

Sei que Cameron está lá fora me observando. Sinto o olhar dele na minha nuca. É perturbador. Uma parte de mim achava que ele estaria me seguindo de perto para que eu soubesse onde ele estava, ou até mesmo caminhando ao meu lado, mas é inquietante saber que ele é tão bom em esconder sua presença.

Será que eu reconheceria o Cameron se o encontrasse por aqui, apenas pelas suas características? Enquanto ele se movesse e não falasse? Nossas máscaras são diferentes das de todos os outros na frente, mas por trás poderíamos ser qualquer um. Não tenho tanta certeza de que conseguiria distingui-lo dos demais.

Será que ele tentaria me matar? Dou uma risadinha irônica. Claro que tentaria. Seus olhos, no trem, me atravessaram. Eu não era uma pessoa. Eu não era Emery para ele. Ou talvez eu fosse, e ele não se importasse.

A gola da minha camiseta aperta meu pescoço enquanto alguém segura a parte de trás do meu colarinho. Meus olhos se arregalam e, antes que eu possa soltar um grito de surpresa, uma luva fria cobre meus lábios. Fecho as pálpebras com força e espero o corte final na minha garganta.

Não vem.

A pessoa guia meu olhar em sua direção, obrigando-me a recuar. Um som de desmoronamento atrai meu olhar para onde um penhasco se abre a apenas um passo de distância. O suor se acumula em meus lábios enquanto o soldado continua a me afastar da beira do precipício.

Depois de estarmos a poucos metros de distância, eles finalmente me soltam. Eu me viro, pronta para desembainhar minha lâmina caso este soldado pretenda lutar. Mas, assim que meus dedos roçam o cabo e meus olhos encontram os dele, eu congelo, reconhecendo o belo tom de verde antes mesmo de perceber sua máscara.

"Cameron."

Ele tem uma expressão carrancuda, que se manifesta apenas pelo franzir de suas sobrancelhas e um olhar severo. Juntos, eles se entregam. Aqueles olhos frios mantêm seus pensamentos um mistério para mim.

Eu o acolho, confusa e tentando decidir se ele é ou não são. Neste exato momento. Minha mão ainda paira sobre a faca embainhada.

Cameron estreita os olhos como se eu o tivesse ofendido, antes de desviar o olhar bruscamente. "Você esperava que alguém salvasse a sua pele?", ele rosna.

Sorria para o seu sotaque e deixe que o pequeno alívio da sua presença familiar a envolva. sobre mim.

Não importa quanto tempo eu passe sob a influência desse homem, não consigo decifrá-lo. De certa forma, gosto disso no Cameron.

Um suspiro escapa dos meus lábios. "Acho que não. Você esteve me seguindo esse tempo todo?" Eu o sigo quando ele se vira e caminha silenciosamente pela beira do penhasco em direção ao lado leste da floresta.

Por que ele está tão quieto? Minha sobrancelha se ergue.

Ele puxa para baixo o tecido preto da máscara, tira do bolso o isqueiro Zippo e um cigarro e acende na primeira tentativa. A proteção de caveira no topo da máscara permanece no lugar, e ele parece a própria Morte. Uma baforada de fumaça sai de seus lábios enquanto ele murmura: "Claro."

Eu já sabia que ele era, mas como ele conseguiu me surpreender e me salvar ao mesmo tempo é algo que me escapa. "Depois de todas as nossas madrugadas, eu ainda não conseguia te ouvir se aproximando." Minha voz está baixa, mas hoje não me importo com o meu orgulho.

Cameron dá uma risadinha e solta uma baforada de fumaça. "Não é como se você pudesse me dominar, mas você também está muito absorto em seus pensamentos. Precisa se concentrar. E se eu quisesse te matar?" Ele vira a cabeça o suficiente para me encarar de soslaio. Sinto minhas bochechas corarem com a crueldade zombeteira que reside em seu olhar.

Ele está falando sério. Mas há algo mais nisso que me incomoda profundamente. Algo repleto de sofrimento.

Engulo minha hesitação. "Então me considero sortuda por você ao menos gostar o suficiente de mim para não cortar minha garganta." Minhas palavras devem tê-lo atingido em cheio, porque ele se encolhe e desvia o olhar. Nós dois sabemos que ele quase fez isso na biblioteca e no trem.

"É, que sorte a sua." Ele parece derrotado enquanto retoma a caminhada, deixando a mão que segurava o cigarro cair ao lado do corpo.

Caminhamos em silêncio por um tempo sob as estrelas que espreitam por entre as copas das árvores. Eu as observo, imaginando onde eu estaria agora se não tivesse matado pessoas antes desta vida. Não que eu realmente tivesse escolha, mas também não me importei de fazê-lo. Como dizem, colhemos o que plantamos.

Opa. Dei de cara com as costas do Cameron.

Ele ignora e acena com a cabeça para uma vala. "É um bom lugar para se esconder um pouco", diz ele, enquanto seu olhar desafiador volta a me encarar.

Encaro a vala e tudo o que consigo imaginar é que ela será meu túmulo. Será que alguém conseguiria me encontrar se eu fosse deixada lá no fundo? Reed ficaria envergonhado se eu acabasse em uma vala.

Meus dentes rangeram. "Não estou me escondendo."

Ele sorri. "Não?"

"Não."

Cameron me encara. "Então, vamos caçar?"

CAMERON

Os olhos de Emery são cautelosos, mas determinados. "É, eu não quero ficar aqui sentada esperando tudo acabar. Tenho uns idiotas na minha lista." *A fofa da Em tem uma lista, afinal?* Sorrio ao sentir o aroma floral da sua pele enquanto ela passa por mim. É doce como os seus lábios.

"Ah, é? E como você vai fazer isso? Não se sente mal por matar pessoas que nem conhece?" Eu pergunto, tentando entender melhor o que se passa na cabeça dela. Ela tem sido ótima em manter o passado em segredo, me dando apenas algumas pistas aqui e ali. Isso só aumenta minha curiosidade, minha vontade de saber o que ela fez de tão horrível que não conta para alguém como eu. Será que eu já não compartilhei o suficiente para ter pelo menos uma vaga ideia de quem ela é?

Isso me rende um olhar de desprezo por cima do ombro dela. Ela fica em silêncio por um instante antes de murmurar: "Isso nunca me impediu antes". A raiva em seu tom é palpável. Quero me deleitar nela, consumir seus fragmentos mais sombrios.

"Você está me dizendo que não se arrepende do que fez no passado? Não acredito", pergunto, diminuindo o passo enquanto ela faz o mesmo. Ela se vira completamente, os olhos semicerrados, me examinando. Gostaria de poder ver sua boca contorcida de raiva e toda a fúria que guarda no fundo do coração, escondida sob aquela máscara.

"Acredite no que quiser, *Mori*."

Não gosto quando ela me chama assim.

"Certamente a história sobre minha *querida* mãe me rendeu algo do seu passado?" Dou um tapinha no capacete dela, e ela inclina a cabeça para o lado enquanto passo por ela. Ela solta um suspiro alto, e isso me faz sorrir.

Você para de me incomodar se eu te contar alguma coisa?

Viro-me para encará-la, caminhando de costas casualmente enquanto cruzo o dedo sobre o coração.

Emery me observa brevemente antes de desviar o olhar para o lado, para não ter que me encarar.

“Mavestelli é um nome mortal de se carregar. Um fardo, dizem muitos. Mas se me perguntarem, eu diria que é apenas um nome. É o sangue de homens e as cinzas de outras famílias que deram aos Mavestelli o poder que agora detemos.”

Ela diminui o passo, seu olhar encontrando algo nostálgico à distância, talvez.

"Maves é abreviação de... Mavestelli?", pergunto, perplexo.

Ela me olha, com olhos tão frios que seu olhar por si só me queima. "Eu era a executora de Greg Mavestelli. Matei para ele desde os dezesseis anos e não parei até sermos pegos. Bem, mais precisamente até ele me entregar para salvar a própria pele." Um suspiro de choque escapa de mim. Ela continua: "Deixei muitos dos corpos daquele jeito para zombar dele. Para chamar a atenção das autoridades para a nossa família. Eu queria que acabasse, mas pensei que nós dois iríamos para a prisão por isso. Não só eu."

Meus olhos se arregalam ao observá-la. Ela não parece capaz de ser uma Executor, e nada menos que da família Mavestelli.

Ouvi falar pela primeira vez do carrasco Mavestelli através do Esquadrão Malum. Disseram-me que eles tinham sido enviados numa missão para interferir no comércio de um produto ilegal. Os detalhes nunca foram divulgados, mas todos sabíamos que era uma missão perigosa. Depois de descobrir quem era o executor dos Mavestelli, fiquei obcecado com a forma como matavam e o que faziam com os corpos.

Estudei o carrasco durante anos, colecionei recortes de jornais sempre que possível e aprendi alguns de seus métodos. Será que ela viu os que estão na minha mesa e no meu livro? Só de pensar nisso, minhas bochechas esquentam.

Só que eu não sabia que a carrasco era ela — a doce e tímida Emery. Ela me parece mais familiar agora, embora eu a conheça por outro nome.

“O Carrasco da Separação. Acho que já ouvi falar de você.” Eu distorço um pouco a verdade.

“Minha infâmia ainda circula no mercado negro e no submundo, então não me surpreende que você já tenha ouvido falar desse nome.” Seu tom é displicente, mas me pergunto se é assim que ela realmente se sente.

Dizer que já ouvi falar dela é um eufemismo. Depois que tomei conhecimento da identidade do executor, comecei a seguir o rastro de sangue deixado para trás. Muitos corpos.

Foram excluídas da sentença oficial, se dez foi tudo o que ela recebeu. Eu rastreei pelo menos trinta até ela. Eu era fascinado por suas representações sombrias da morte. Eram artísticas, belíssimas.

Sozinho.

Sua marca registrada era desenhar X rosa sobre os olhos com caneta em gel.

“Você gostava de deixar suas vítimas em poses estranhas com X's cor-de-rosa. *Uma lunática com um marcador*, criticavam os jornais, mas eu sabia que a culpada era uma artista de coração. Acabei gostando bastante da sua arte. Suas últimas vítimas eram uma história à parte, uma mariposa escapando do casulo. Descartando pedaços de si mesma. Era... brilhante. Era morbidamente fascinante”, digo com um sorriso genuíno, mas os olhos dela apenas se estreitam ao ouvir isso.

“Não finja que entendeu o que eu estava tentando dizer. Eu queria fazer coisas bonitas na minha vida, não matar pessoas, então me conformei com um meio-termo”, ela dispara. As palavras dela no trem me vêm à mente. Negócios da minha família. Eu não imaginava que era isso que ela queria dizer.

Acho que as mentes mais sombrias às vezes vêm em embalagens bonitinhas. Não consigo conter o sorriso que se abre em meus lábios ao observá-la.

Abro a boca para responder com alguma alfinetada, mas a neve estala a poucos metros à nossa esquerda. Viramos a cabeça imediatamente naquela direção.

É uma noite escura, com apenas uma meia-lua iluminando o mundo abaixo, mas a neve brilha intensamente e revela os quatro homens vestidos da cabeça aos pés com equipamento tático.

Instintivamente, minha mão busca minha faca de combate, mas eu congelo, lembrando a mim mesmo que, se eu começar a matá-los, posso não conseguir parar. Meu punho se fecha a poucos centímetros do cabo, e eu cerro os dentes. Seus olhos arregalados me encaram, ponderando o que farei neste momento.

“Você não pode enfrentar todos eles sozinha. Precisa fugir. Vou guiar alguns para longe e matá-los onde eu não consigo te matar também”, sussurro, e então saio correndo pelo mesmo caminho que viemos, na esperança de que a maioria me siga. *Nolan está realmente testando minha força de vontade com ela.*

Deslizo para a vala que tínhamos passado antes e espero por eles. Meu maxilar se contrai ao ouvir apenas um deles vindo atrás de mim. Ele corre desajeitadamente, arrastando um pouco a pata traseira na neve e fazendo barulho desnecessário.

Meu Deus, você não duraria um minuto nas Forças das Trevas. Às vezes acho que eles prendem criminosos só para o abate. Esse com certeza se encaixaria nessa descrição.

Ele passa por mim sem pensar duas vezes.

Aperto minha faca e subo a encosta furtivamente, alcançando o desgraçado barulhento. Ele está completamente alheio à minha presença. Normalmente, é nessa hora que a excitação alimenta meu êxtase, mas não a sinto enquanto envolvo seu queixo com a mão e o forço para cima, fazendo-o encarar o céu. Não a sinto quando enfio minha faca em sua garganta e o abro do pescoço até o esterno. Nem mesmo sinto quando seus gorgolejos ofegantes o afogam em seu próprio sangue.

Eu deixo seu corpo cair, o vapor subindo enquanto o sangue encontra a neve.

Que porra é essa?

Encaro minhas mãos. Sempre adoro essa parte. Faz tanto tempo desde a última vez que matei alguém, então por que não é...? Um grito estridente

corta o silêncio entre as árvores, e me lembro que três desses homens estão atacando Emery. Deveriam ter me seguido, mas não me surpreende que tenham ido atrás da menor de nós. Agora que sei que ela é a carrasco que idolatro, fico aliviada por ter dedicado tempo a treiná-la em combate com facas. A carrasco só usava balas para matar suas vítimas. Ela teria ficado um pouco surpresa com isso.

Silenciosamente, movo-me pela neve e pela vegetação rasteira. Não é difícil localizá-los com todo o arrastar de pés e os palavrões.

Eu me ajoelho ao lado de uma árvore próxima, observando três figuras negras lutando ferozmente na neve. O vermelho já mancha a área ao redor delas. Um dos cadetes está morto. Sei que não é Emery, pois ela é muito menor do que todos eles.

Seu pé direito tem o péssimo hábito de se enganchar atrás das pernas para capturar sua presa.

Eu que a ensinei isso.

Ela também segura sua lâmina mais perto do seu centro de gravidade do que qualquer outra pessoa. Eu a observei por horas na sala de armas, admirando-a mais do que deveria, mas eu a reconheceria mesmo que ela estivesse no meio de um exército de homens.

Um sorriso se espalha pelos meus lábios enquanto a observo derrotar os dois homens maiores como se não fossem nada. Ela é derrubada do homem que estava embaixo dela, rolando para se levantar e saltando com a lâmina em punho. Sem nem pestanejar, ela corta o calcanhar de Aquiles do cadete que estava de pé, fazendo-o cair no chão com facilidade. Ele grita enquanto o sangue jorra da parte de trás de sua bota.

Uma sensação de calor se instala na minha garganta. A excitação que eu antecipava, mas que nunca chegou, inunda as cavidades do meu peito e se deposita na grossura do meu pênis. Nunca me excitei com o assassinato de outra pessoa. Apenas com o meu próprio.

Mas isto? Isto é algo completamente diferente. Um arrepio percorreu meu corpo.

Ignoro minha ereção o máximo que posso enquanto a observo rastejar sobre o soldado, cortar as alças do colete e serrar seu abdômen. Ele grita e se debate enquanto ela perfura sua aorta. A pressão sanguínea ali é tão alta que jorra de seu peito e espirra para o ar rapidamente. Ele fica imóvel sob ela em segundos e emite alguns gorgolejos antes de desmaiar.

Um gemido escapa dos meus lábios enquanto meu pau pulsa. Enfio a mão na calça e masturbo meu pau necessitado. O líquido pré-ejaculatório já está escorrendo e molhando minha cueca. *Porra. Isso é tão excitante.* Eu sabia que ela estava se segurando um pouco na roupa íntima, mas isso? Eu jamais poderia ter previsto isso.

O último recruta restante a encara com repulsa estampada nos olhos antes de se virar para fugir. Quase grito para que ela não os deixe escapar, que estou quase chegando ao clímax porque ela é perfeita em todos os sentidos imagináveis e quero ver mais. Mas ela se adianta, levantando-se graciosamente e, num movimento fluido, desfere um golpe certo com seu KA-BAR na coluna do recruta em fuga.

Eles soltaram um grito rouco e caíram na neve como um pássaro abatido.

Engoli em seco enquanto observava Emery caminhar lentamente em direção a eles e levantar a cabeça. e enfiar a própria faca na órbita ocular.

Dizer que estou perplexo seria um eufemismo. Estou absolutamente fascinado pela capacidade dela de matar sem o menor remorso. De matar com tanta selvageria quanto eu.

Abro o zíper da minha calça e tiro meu pênis para fora para me masturbar até o fim, fechando os olhos por um segundo enquanto o prazer aumenta e está prestes a explodir de dentro de mim. Meus gemidos são suaves, e eu a imagino embaixo de mim novamente. Seus seios macios e o jeito que meu pau estava enfiado dentro dela mais cedo hoje. *Porra.*

“Olha só para você”, diz Emery com sua voz enfeitiçante. Meus olhos se abrem o suficiente para encará-la, obscura pela luxúria e adrenalina. A parte de tecido preto de sua máscara é puxada para baixo, revelando seu rosto manchado de sangue. Engulo em seco, incapaz de parar de me masturbar enquanto a encaro. “Tão fraco para uma perversa como eu, não é, Cameron?”

Eu hesito. Ninguém nunca falou comigo assim antes, mas eu adoro isso. Quero mais. Quero vê-la matar todo mundo. Para sempre. É uma sensação que eu nunca senti antes.

Meu aceno de cabeça, tomado pela luxúria, faz com que um sorriso surja em seus lábios, e ela se ajoelha, colocando a mão sobre a minha, sobre meu pau duro e pulsante. Meu coração dispara.

bater.

"Foda-se a minha boca, Mori", ela sussurra, com os olhos seguindo os meus.

Ela é tão louca quanto eu. Ou está fingindo ser. Acho que tanto faz para mim.

Minha mandíbula cai e eu me levanto, olhando para essa maravilha de ser enquanto ela leva a ponta do meu pênis à boca. Eu gemo com a umidade e o calor dos seus lábios enquanto me envolvem.

"Porra, Emery, o que você está fazendo comigo?" Eu sussurro, com a voz embargada, enquanto ela me engole até o fundo da garganta. Ela aperta com tanta força que meus testículos se elevam e meus quadris se movem involuntariamente contra a cabeça dela.

Ela solta um gemido alto com o movimento. Eu rio baixinho. Claro que ela gosta.

Dura e implacável. Não esperaria que ela quisesse de outra forma.

Desaperto o capacete dela e o atiro na neve, agarrando um punhado de seu cabelo rosa e enrolando-o na minha mão. Quero dizer a ela o quanto amo essa cor nela. O quanto me dá vontade de puxá-lo. Ela geme, sabendo o que estou prestes a fazer. Seguro-a com firmeza e começo a penetrá-la na garganta. Os sons úmidos que saem de seus lábios aquecem meu estômago. Meu orgasmo já está jorrando em sua garganta antes mesmo de eu conseguir realmente fazer o que quero com ela. Minhas pernas tremem enquanto ela engole meu pau pulsante algumas vezes.

Eu gemo sem pudor. "Me poche até a última gota, amor." Ela geme enquanto lentamente tira meu pau da boca e lambe a ponta como se estivesse faminta por mais.

Emery levanta aqueles grandes olhos cor de mel para mim, e por um segundo ficamos apenas nos encarando. Minha cabeça lateja com mil pensamentos diferentes ao mesmo tempo. Mas um deles se destaca mais que os outros.

Essa é perigosa pra caralho.

ESMERIL

Cameron se encosta no tronco de um pinheiro enquanto fecha o zíper da sua jaqueta. Eu puxo minha máscara de volta para cima do rosto e coloco o capacete.

Um sorriso irônico se espalha pelos meus lábios, embora ele não consiga vê-lo. Não consigo acreditar que ele sinta tanto prazer com a violência, mas vi uma oportunidade de reforçar o bom comportamento e o recompensei. Talvez Bree estivesse certa, posso usar isso a meu favor. Mais algumas dessas e ele estará completamente sob meu controle, certo? Olho por cima do ombro para ele, e ele rapidamente desvia o olhar.

Sim, isso definitivamente vai funcionar.

A pulseira em meu pulso vibra. Restam setenta e cinco cadetes, e algo me diz que os vinte e cinco restantes se moverão mais lentamente do que os primeiros.

Espero sinceramente que nenhum daqueles soldados que acabei de matar fosse Bree ou Damian. Sinceramente, não posso dizer que prestei atenção suficiente a nenhuma das características passivas deles durante as poucas semanas que passei no Under.

“Vinte e cinco é muita coisa a esta altura do julgamento”, resmunga Cameron, olhando também para a sua pulseira. “Deveríamos nos mexer e encontrar algum lugar para descansar. Você vai precisar quando o sol nascer de novo.”

O luar brilha mais forte à medida que as nuvens se dissipam. Um ar mais frio se instala entre os pinheiros. Onde vamos descansar aqui? Mal consigo mover as pernas, com o frio intenso penetrando em meu corpo, apesar das roupas térmicas que usamos.

Eu aceno com a cabeça. “Você passou por esse teste na primeira vez que participou da categoria Under?”

Ele balança a cabeça e sorri. "Não. Mas console-se sabendo que este é muito mais fácil do que aquele que eu tive." Ele me encara por um instante antes de acrescentar: "Você sempre matava com tanta ferocidade quando estava em um *trabalho*?"

Quase rio ao ver o brilho nos olhos dele. Eu estava preocupada com a forma como ele reagiria. reagiram ao descobrirem quem eu era. Mas acho que isso acabou jogando a meu favor.

"De jeito nenhum. Você acha que é assim que homens de terno caro brigam? Essa foi a coisa mais suja que eu já fiz." *Eu também me diverti muito.* E só de pensar nisso já me dá arrepios. Sou tão ruim quanto ele. Nossos olhares se encontram novamente. Eles brilham de interesse. "Foi... estimulante, para dizer o mínimo."

"Sim, eu vi isso. Onde foram parar todos aqueles valores morais pelos quais você tanto reclamava?" "Antes de ir?" ele provoca, e isso lhe rende um olhar zangado.

"Cale-se."

Ele abre um largo sorriso por baixo da máscara, as bordas se enrugando onde seus lábios estariam. Eu gostaria de poder ver. "Diga-me, como homens de terno lutam?", ele pergunta.

"É como se eles não conseguissem usar os ombros. O tecido os impede de esticar o braço para trás tanto quanto deveriam." Uma risada escapa dos meus lábios.

Os olhos de Cameron se arregalam e ele agarra a barriga enquanto cai na gargalhada. "Você está falando sério?" Ele tenta conter algumas risadas, mas elas acabam escapando de forma nasalada e me fazem rir de novo.

"É, às vezes eu enfiava um canivete no cu deles e eles nem conseguiam tirar." Meus olhos se enchem de lágrimas ao lembrar de um cara particularmente "sarado" que dava voltas tentando tirar uma faca do próprio traseiro. Tirei uma foto e acabei tendo que atirar nele porque não conseguia me concentrar na tarefa.

"Pff." Cameron se inclina e acena com a mão. "*Pare. Chega*", implora. "Nunca mais quero ser chamado de cruel. Isso supera até mesmo arrancar olhos."

Eu balanço a cabeça, sorrindo. "Estou surpreso que você nunca tenha tido que lutar contra um deles."

Cameron esfrega o queixo. "Não cresci em uma família rica. Todos os meus adversários eram comuns e selvagens, como a maioria de nós aqui. As missões para as quais somos enviados sempre envolvem outros soldados de algum tipo. Não pegamos os pomposos como você, embora eu gostaria de ter visto pelo menos uma vez." Seus olhos se arqueiam com um sorriso cansado.

Somos de dois mundos completamente diferentes, ele e eu. Embora ambos fossem indiscutivelmente terríveis à sua maneira, o dele era muito mais cruel.

O pequeno vislumbre que ele me deu antes.

"Sinto muito pelo que sua mãe fez com você..." Isso não me sai da cabeça desde que ele me contou isso mais cedo, mas eu não tinha certeza se era apropriado tocar no assunto novamente. Você não merecia isso.

Ele pisca lentamente e respira fundo. "Era inevitável. Ela nunca gostou de mim, dizia que eu me parecia demais com meu pai. Ele nos abandonou antes mesmo de eu aprender a falar. Aconteceu que as coisas simplesmente aconteceram dessa forma." Seus dedos deslizam pelo peito e repousam sobre a cicatriz.

Não entendo como ele consegue estar tão calmo e aceitar o que aconteceu, mas fico feliz que ele tenha feito as pazes com a situação.

"Vamos encontrar um lugar para descansar, está bem?", diz ele com desdém, e eu concordo com a cabeça, preocupada por tê-lo chateado.

Cameron nos guia pela floresta. Ele é tão silencioso que a cada poucos minutos me esqueço de sua presença. A mata se transformou num murmúrio silencioso de inverno, e nem mesmo os ratos parecem se mexer.

Que bom que estamos procurando um lugar para descansar por pelo menos trinta minutos e recarregar as energias. Finalmente, encontramos um toco oco. Cameron o examina e acena para mim. "Você deve conseguir dormir um pouco aqui dentro."

Consigo entrar lá dentro. É espaçoso o suficiente para que, quando me inclino para trás na lateral, eu fique completamente escondido. "E você?", pergunto, preocupado em dormir enquanto há pessoas lá fora nos procurando.

Ele balança a cabeça. "Estou bem." Ele me observa mais uma vez antes de desaparecer. Cameron é mortalmente silencioso aonde quer que vá. Sei que ele não está indo muito longe, mas gostaria que ele ficasse.

No instante em que meu queixo toca meu peito, eu adormeço.

Acordo com a sensação de que apenas alguns minutos se passaram, mas o céu clareou consideravelmente. *Droga*. Eu não queria dormir tanto. Há uma camada de gelo nos meus cílios, mas meu corpo está quente o suficiente graças ao equipamento para que eu não esteja tremendo. Acho que o sargento instrutor não estava mentindo sobre os trajes terem cápsulas de aquecimento.

Escuto a floresta enquanto ela lentamente recupera a vida.

Um estalo nítido de um galho me alerta. Está perto, em algum lugar à minha esquerda.

Não é o Cameron, disso eu tenho certeza. Observo tudo pelo buraco no porta-malas. com a mão firmemente agarrada à minha faca de combate.

Um grito agudo ecoa pelas copas das árvores à distância e os passos se aceleram, mas agora vêm direto para o oco onde estou escondido.

Não tenho outra escolha senão matar essa pessoa.

Movo-me rapidamente para o centro da abertura, preparando-me para saltar do vão e lutar até a morte. Eles congelam no lugar e me encaram como se pudessem ver sua morte se aproximando. Estou prestes a arremessar minha faca direto em seus corações, mas nosso olhar encontra o deles. Eles têm uma frieza familiar.

"Bree?" murmurei, e meu peito imediatamente se esvaziou de alívio. Ela já estava correndo para a abertura antes que eu pudesse abaixar minha faca. Ela agarrou as duas extremidades da entrada e me examinou.

"Você está machucada?", pergunta ela em tom urgente.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Eu estava descansando."

Ela me lança um olhar do tipo *"você está louco?"*. "Vamos, você vai ser esfaqueado até a morte aqui dentro se ficar." Ela me oferece a mão para me ajudar a sair. Eu a aceito e saio num movimento só.

Penso em dizer a ela que Cameron não permitiria, mas decido deixá-lo de fora. Meus olhos percorrem a área. *Onde diabos ele está, afinal?*

"Você se separou do seu grupo?", pergunto, procurando Damian com cautela. Ainda estou incerta quanto a ela também, mas duvido que ela tente algo no primeiro teste.

Ela acena com a cabeça. "Tudo desandou no momento em que o sargento instrutor começou a contagem regressiva. Eu não esperava que eles fizessem algo assim, mas faz sentido. Se esta fosse uma missão real e fôssemos separados, deveríamos nos conhecer melhor do que qualquer outra pessoa."

Por mais que eu deteste dar crédito às Forças das Trevas, ela tem razão. Realmente não há maneira melhor de nos ensinar uma lição cruel. Para eles, não é problema, já que precisam apenas de um punhado dos melhores.

Fico feliz por ter reconhecido seu olhar frio.

Dou uma olhada no meu relógio. Ainda restam setenta. *Droga. Poucas pessoas foram eliminadas desde ontem à noite.*

"Precisamos matar mais vinte pessoas, senão vamos deixar tudo ao acaso", digo. Meu estômago revira e se contorce de fome e pavor. Pelo menos não estou tão cansado quanto antes.

Os olhos escuros de Bree encontram os meus novamente. "Imagino que você não goste de deixar as coisas ao acaso, não é?" Ela estabelece um ritmo rápido, porém silencioso, afastando-se dos gritos anteriores.

"Claro que não. Veja onde estou", digo categoricamente.

Ela sorri de forma irônica, sua máscara sugerindo isso. "Eu também não sou de arriscar. Então vamos tentar ficar escondidas e encontrar um grupo de cadetes que possamos eliminar se for preciso."

"Vamos direto ao ponto."

Um sentimento de culpa me consome ao pensar em caçar e perseguir outros cadetes, caso precisemos equilibrar o número de efetivos.

Mas pelo menos ela não está querendo terminar tudo o mais rápido possível.

Um pensamento sinistro me ocorre. *Quem garante que Bree não me matará se a situação ficar crítica? Ela arriscaria que seu rastreador fosse acionado, ou me mataria?* Acho que eu poderia me fazer a mesma pergunta. Será por isso que ela está sendo tão amigável?

"Onde está Mori?", ela pergunta enquanto nos abaixamos sob um tronco caído, parcialmente sustentado. lá em cima, numa das extremidades, junto ao entalhe de outra árvore grande.

Olho em volta, inquieta com sua ausência e sabendo que ele está lá fora nos observando. "Não tenho certeza."

Bree ri. "Bem, isso é perturbador."

"Nem me fale." Ela não faz ideia de quão silencioso ele realmente é. Como ele consegue se aproximar sorrateiramente de alguém por trás, sem fazer barulho, e cortar sua garganta antes mesmo que a pessoa perceba o que está acontecendo?

Ficamos em silêncio até que outro grito ecoe pelos pinheiros. Raios da manhã. Raios de sol agora atravessam a vegetação rasteira e aquecem o ar.

Dou uma olhada para trás e vejo a parte de trás do calcanhar de Cameron enquanto ele se move pelas sombras que restam da noite. Penso em mencionar sua presença para Bree, mas decido que é melhor não chamar a atenção para ele. *Só por precaução.*

"Estou ouvindo vozes, entre naqueles arbustos", Bree dispara. Sua voz é cortante. E eu me vejo obedecendo-a prontamente.

Nos agachamos entre os arbustos perenes e nos escondemos. Três cabeças aparecem na leve inclinação do terreno, a cerca de seis metros de distância. Pelo jeito que andam, parecem ser dois machos e uma fêmea.

Por um lado, fico pensando se outros cadetes se juntaram aleatoriamente depois do caos de ontem. Só por uma questão de segurança em grupo. Mas um grupo é mais fácil de identificar do que uma pessoa sozinha. A responsabilidade é maior.

Suas vozes são altas e descuidadas. Eu me arrepio e quase quero matá-los agora para que não atraiam mais pessoas para perto de nós. Pelo menos seus gritos alertariam os outros de que pessoas estão morrendo e não apenas sendo idiotas e falando alto.

Bree parece sentir a mesma urgência. Olho para ela e observo seu maxilar se contrair algumas vezes, impientemente, sob a máscara.

A mulher ri, fazendo com que meu olhar volte para o grupo. Minhas bochechas coram de ansiedade, mas enquanto ela dá alguns passos à frente dos outros, uma das...

O homem levanta a faca e a crava na junção do pescoço e do ombro dela, onde fica a artéria jugular.

Uma onda de espanto me invade e minhas pernas começam a tremer com a adrenalina. "Idiotas", sussurro, sentindo a traição por ela. Ela morre rapidamente e eles continuam andando como se nada tivesse acontecido.

As sobrancelhas de Bree permanecem franzidas enquanto ela os observa cruzar nosso campo de visão. "É, são pessoas que eu não me importaria de eliminar. Vamos ficar de olho neles."

Acordado.

"Você seria uma ótima sargento um dia", digo. Ninguém está dizendo que somos amigas, de forma alguma, mas além da Cameron, ela é a pessoa mais próxima que tenho de uma.

Bree hesita antes de finalmente olhar para mim. "Se eu sobreviver até lá", ela disse. diz ela quase solenemente, mas consigo ver um leve sorriso brilhando em seus olhos.

Seguimos os dois homens durante quase uma hora. A floresta volta a ficar silenciosa à medida que o sol aquece o ar alguns graus.

Um pequeno riacho serpenteia por uma clareira entre as árvores. A descida até a margem é íngreme, coberta de pedras e com gelo aderido ao musgo adormecido.

Eu me agacho ao lado de Bree enquanto observamos os dois homens deslizarem pela encosta gelada. e atravessar a água que lhe chegava aos joelhos.

Deve estar congelando. Uma carranca surge em meus lábios. Aqueles dois têm um desejo de morte.

"Droga. Acho que vamos ter que deixá-los ir." Respiro fundo, avaliando a inclinação e concluindo que definitivamente não é lógico segui-los.

Bree balança a cabeça, um brilho selvagem reluzindo em seu olhar. "Não podemos deixá-los ir. E se não encontrarmos mais ninguém por aqui? Você quer arriscar que seu rastreador exploda?"

Eu me encolho e aliso minha mão sobre o carço na nuca.

"E quanto à hipotermia? Não podemos arriscar algo assim aqui fora, Bree." Isso seria prejudicial em uma missão real e —

"Sem mencionar que você ainda tem três provas pela frente, incluindo esta, e a hipotermia certamente seria o seu fim." Bree engasga ao ouvir a voz de Cameron atrás de nós. Nós duas olhamos para ele por cima dos ombros.

Ele não desvia o olhar dos dois homens no riacho lá embaixo. "Eles morreram no instante em que entraram na água."

Os olhos de Bree se estreitam em desconfiança, mas ela não diz nada.

Não a culpe por ser cautelosa perto de Cameron. Ele é instável, na melhor das hipóteses.

"Onde você esteve?", pergunto, reprimindo o arrepio que me sobe ao peito agora que consigo vê-lo à luz do dia. Há manchas de sangue seco em seu colete e na lateral de sua máscara. Sei que meu uniforme provavelmente não é muito diferente. Seus olhos estão brilhantes e alertas, lançando-se um breve olhar para mim antes de voltar a observar a área ao redor.

"Garantindo que ninguém esteja nos seguindo. Vejo que você tomou a decisão imprudente de expandir nossa equipe." Ele encara Bree com olhos vazios. Duvido que ele poupe a vida dela se tiver a oportunidade.

"É apenas o primeiro teste. Precisamos de todos os aliados que pudermos conseguir", respondi.

Cameron não parece convencido, mas não se dá ao trabalho de comentar mais nada. Seus dedos permanecem ao lado do corpo, prontos para sacar a lâmina se necessário.

"Então vamos encontrar mais cadetes para nos seguirem. Não acho que a sorte esteja do nosso lado hoje", murmura Bree, observando Cameron antes de se levantar e caminhar paralelamente ao riacho abaixo.

Pelo menos o lado que está virado para a água deve estar a salvo de um ataque. Seria impossível passar em silêncio pela água e subir a encosta escorregadia.

Cameron parece ter os mesmos pensamentos. Seus olhos permanecem fixos no outro lado e atrás de nós.

Quando o sol está a pino, encontramos um grande grupo de cadetes, todos homens. A maioria deles é quase tão alta quanto Cameron e está coberta de sangue em seus equipamentos táticos. A julgar pela postura, provavelmente são os sobreviventes do massacre da contagem regressiva. Cinco deles lideram o grupo e quatro vêm atrás. Todos riem alto e claramente estão se divertindo.

O homem alto e magro à frente do grupo tem o braço dobrado de forma manca, do mesmo jeito que Wraith segura o dele. Não parece que o braço quebrado tenha lhe causado qualquer problema.

"Acho que não devemos chegar perto deles", diz Bree, com preocupação evidente na voz. *Pelo menos ela não é amiga deles, isso seria um problema.* Cameron passa o polegar pela alça do colete e me olha indiferente, esperando minha resposta como se dependesse de mim.

"Se chegarmos ao limite, acho que prefiro matá-los do que qualquer outra pessoa. Pelo menos eliminaríamos alguns deles do mapa", digo enquanto observo.

Os homens ignorantes gritam e se empurram de brincadeira. Parecem uma matilha de lobos, exatamente como Cameron sempre menciona. Agora faz sentido por que ele escolheu dizer isso.

Cameron acena com a cabeça. "Então vamos segui-los."

Bree geme, mas mesmo assim nos segue.

Olho para o meu pulso. Sessenta e cinco cadetes restantes. O declínio diminuiu significativamente e restam apenas algumas horas.

O sol se põe novamente atrás das montanhas, e somos mergulhados na escuridão para o desfecho. A forte nevasca reduz nosso campo de visão, mas também deve nos ajudar a permanecer escondidos até que possamos nos aproximar o suficiente para atacar. Tivemos sorte com o clima e as sombras da noite. É praticamente impossível ouvir qualquer coisa sob o manto de milhões de flocos de neve que amortecem o ar e desviam o som dos passos.

Sempre achei milagroso como a neve conseguia silenciar o mundo. Parecia tão mágico até eu aprender sobre o som e como ele se propaga pelo ar e ricocheteia nas coisas.

Isso faz com que seja muito fácil matar nessas tempestades.

Bree congela, com suas botas de combate meio enterradas na água que se acumulava rapidamente. neve.

"O quê?" pergunto, no exato momento em que sinto minha pulseira vibrar.

Meus olhos desviam o olhar para baixo. O número baixou para cinquenta e sete, mas um

A mensagem aparece em vermelho na parte superior da tela.

Restam cinco minutos para o término do primeiro teste .

Cameron nem olha para a banda, apenas nos encara com um olhar perspicaz. Afinal, ele tem experiência nisso. Imagino como deve ter sido sua primeira experiência no Undertaker. Consigo visualizar seus olhos ferozes, os dentes à mostra, a fúria e o sangue se misturando. neve.

Um arrepio percorre meu corpo enquanto tento afastar a imagem da minha mente.

Ele desembainha sua faca de combate. Ela está manchada de vermelho borgonha.

"Vamos acabar logo com isso", diz ele em voz calma. Como se não estivéssemos prestes a assassinar outros cadetes.

Bree muda de posição e me lança um olhar preocupado. "Todos entenderam a mensagem. Talvez não precisemos participar", murmura esperançosa. Fico pensando se ela acha que Damian está com eles por acaso e teme que um de nós o mate sem saber.

O maxilar de Cameron se contrai, seus olhos ficam frios e distantes. "Não. Não vou arriscar." Ele aperta a faca com mais força e me lança um olhar duro.

Minha expressão é de profunda agonia. Sinto isso até os ossos.

"Você já perdeu alguém para os rastreadores antes", digo em voz baixa.

Seus olhos desviam-se, procurando algo inexistente no chão, antes de voltarem a me encarar. Ele não confirma verbalmente, mas a resposta é óbvia.

Desembainho minha faca e olho para Bree. "Você não precisa participar se não quiser, mas eu não vou morrer por acaso." Uma onda de excitação percorre minhas veias. Nunca tive uma equipe como esta antes.

Todos os trabalhos que tive que fazer no passado exigiam apenas uma pessoa: eu.

A adrenalina do que estamos prestes a fazer percorre minhas veias.

Bree balança a cabeça antes de sua máscara se inclinar para o lado, num gesto que parece... como um sorriso. "Que se dane. Vamos lá."

O grupo de homens se move lentamente, concentrados como se estivessem caçando um grupo. Além disso. A pulseira no meu pulso vibra novamente. Aviso de dois minutos.

Só precisamos de mais cinco mortes.

Aperto meu KA-BAR, pronto para partir para uma luta feroz, mas antes que eu possa correr em direção à minha primeira vítima, um grito rasga a noite.

Viro a cabeça bruscamente para o lado, meus olhos se fixando no corpo de Bree caindo no chão com uma faca cravada em sua coxa. Permaneço por um instante para ver se ela precisa de ajuda, mas ela já está lutando contra o cadete e o derrubando no chão da floresta com facilidade.

Cameron não se dá ao trabalho de verificar a origem do grito, ele parte direto para o ataque. Ele avança sem parar contra o grupo à sua frente. Com todos usando máscaras e estando escuro, ele se camufla imediatamente, exceto pela máscara de caveira. Mesmo assim, a neve ajuda a disfarçá-la também.

Confusão e horror explodem no grupo enquanto eles se apressam para pegar suas lâminas.

"*Foi uma jogada inteligente da parte dele*", penso antes de ouvir a neve ranger à minha esquerda. Minha cabeça gira e levanto o braço a tempo de bloquear uma facada que visava minha garganta. A força do soldado me joga no chão. Um arrepio percorre meu pescoço e lombar. Chuto o chão para ganhar vantagem sobre o cadete, imobilizando-o antes de cravar minha faca em sua garganta exposta. Seus olhos em pânico piscam furiosamente enquanto seu sangue jorra para todos os lados.

Antes que eu pudesse ver a luz se apagar em seu olhar, outro soldado me derrubou, afastando-me dele. Um grito escapou da minha garganta quando uma faca cortou horizontalmente minha orelha e penetrou na terra atrás dela. *Foi por pouco.*

Agarro seu braço para impedi-lo de se mover. Uma dor aguda percorre meu ouvido, mas luto contra as lágrimas que queimam nos cantos dos meus olhos. *Um baque.* Meus olhos se arregalam, assim como os do homem. Nossos olhares se voltam para sua garganta, onde uma lâmina de 18 centímetros está cravada.

Ele balbucia algo antes de seu corpo ser jogado para o lado como um saco de farinha. Cameron está de pé sobre mim, pernas afastadas e olhos selvagens de insanidade. Sua respiração forma nuvens no ar, sangue escorrendo de sua lâmina.

O medo me invade, e me pergunto se ele vai aproveitar este momento para me matar ou não. Cameron fecha os olhos com força e bate com a extremidade do cabo de sua faca de combate na cabeça, como se tentasse clarear a mente.

"Em", ele murmura, abrindo lentamente os olhos e me oferecendo a mão.

"Cameron." Pego em sua mão e solto um suspiro quando ele me levanta rapidamente, me amparando em seus braços. Seus olhos se demoram no sangue que enche minha orelha e escorre para a neve. Ele passa os dedos delicadamente sobre o ferimento, parecendo atordoado.

"Mori?" sussurro. Isso chama sua atenção, mas ele ainda parece um pouco desatento.

Ele respira fundo antes de dar um passo para trás e se virar para encarar os homens restantes, que agora lutam entre si em meio à confusão. Limpo o queixo e me preparo para matar outro cadete.

"Maves!" A voz de Wraith ecoa no ar como um grito de guerra. Olho por cima do ombro, bem na hora em que a pulseira no meu pulso começa a vibrar de novo. O KA-BAR de Wraith voa em minha direção, seu brilho prateado quase congelando o tempo e todos os pensamentos em minha mente.

Fechei os olhos, desejando que a morte me acolhesse, mas em vez de dor, fui recebida por um abraço caloroso. Sobressaltei-me, encarando o olhar vazio de Cameron enquanto ele observava meu rosto com a mesma curiosidade.

Mas... a faca.

"O primeiro teste terminou", murmura Cameron.

Eu me encolho, olhando para a pulseira. O número cinquenta aparece na tela. no topo, juntamente com o aviso do fim do primeiro julgamento.

A respiração de Cameron está irregular, e suas sobrancelhas se franzem em inquietação enquanto ele pressiona a mão contra a árvore atrás de mim para não cair. Meus olhos se voltam para seu ombro, onde está o cabo da faca de Wraith.

Um horror me invade o estômago. *Ele me protegeu.*

"Cameron!" digo com urgência, tentando movê-lo para que eu possa avaliar sua condição. ferida. Ele pisca sonolento, mas uma ternura transparece em seu olhar.

"Não é nada", ele sussurra na minha têmpora.

Quanto sangue ele já perdeu? Por que ele fez isso?

"Você está machucada." A culpa transparece na minha voz. Por que ele faria isso comigo? Minha mente parece pesada como chumbo, e a frustração toma conta quanto mais tempo ele me mantém pressionada contra a árvore.

"Estou bem." Ele ri fracamente, pressionando a mão contra minha bochecha e afastando algumas mechas soltas do cabelo. "Não sinto nada. Nunca sinto nada."

Meus olhos se enchem de lágrimas. "Você pode não sentir nada, mas está magoado(a)." Cam, você está sangrando e sofrendo. Você está queimando por dentro.

Um pequeno sorriso surge por baixo da máscara. "Não sei o que é sofrer."

Sustento seu olhar por um instante antes de murmurar: "Sim, você tem."

Suas sobrancelhas se juntam, uma vulnerabilidade transparecendo em seus olhos cor de sálvia.

"Emery!" Bree manca até nós, com a máscara abaixada e o capacete pendurado frouxamente nas costas. "Nós conseguimos, porra." Ela sorri e olha para nós duas antes de seus olhos se fixarem na faca cravada no ombro de Cameron. Seu rosto empalidece.

Cameron finalmente se mexe e me permite examinar seu ferimento. É profundo. Saber que ele não consegue sentir nem um pouco faz meu peito se apertar de dor por ele.

"Isto é grave. Há alguma enfermaria aqui no bunker?" pergunto, insistindo. Minha mão suavemente em seu ombro. Ele nem sequer se mexe.

Cameron acena com a cabeça. "Sim, autosserviço, igualzinho no Under." Ele estende a mão para trás, tentando pegar o objeto, mas eu seguro sua mão.

"Deixe aí. A lâmina é a única coisa que impede que sangue incontrolavelmente. Eu a removerei corretamente quando chegarmos ao bunker." Abaixo a mão dele até a lateral do corpo.

Ele me observa antes de assentir, meio relutante. "Só não me transforme em uma das suas histórias. Posso *pegar* a faca se precisar." Ouço o sorriso irônico em sua voz e solto um suspiro de alívio. Acho que ele não se importa se está fazendo piadas assim.

Wraith se aproxima com um sorriso convencido. "Droga, eu estava mirando em você, pirralho." Ele finge que sua mão é uma arma e atira em mim.

"Vai se foder", respondi bruscamente.

Ele levanta as mãos inocentemente e sorri. "Calma. Guarde essa energia para o segundo teste." Wraith dá um tapinha no ombro de Bree. Ela o empurra.

Ele se afasta e lança olhares fulminantes. "Tanto faz, vocês são todas umas vadias mortas mesmo, então aprendam a se divertir enquanto podem." Ele volta para o seu grupo. Ainda restam alguns deles, o que não me deixa nada confiante para as provas restantes.

Damian finalmente nos encontra e abraça Bree. "Graças a Deus. Eu não conseguia te encontrar lá dentro e pensei que o pior tivesse acontecido." Ele a examina da cabeça aos pés para ter certeza de que ela não está ferida. Seus olhos param em sua coxa. Sua calça preta está quase completamente encharcada, mas ela já improvisou um torniquete com o cinto de outra pessoa. "Droga. Precisamos voltar lá para dentro e cuidar disso. Me desculpe por não estar lá, Bree." Seus lábios tremem e acho que ele pode chorar.

Bree acena com a mão, dispensando-o. "Está tudo bem. Estou bem, e não é como se o sargento instrutor fosse apressar as coisas só por minha causa." Damian acena pensativamente com a cabeça, mas se ajoelha de costas para ela.

"Sobe aí", ele murmura. Ela sorri e pisca para mim antes de passar os braços em volta do pescoço dele. Eu o observo carregá-la à nossa frente, conversando baixinho e compartilhando o que cada um sentiu falta durante a separação.

Cameron me lança um olhar de soslaio, com uma carranca que não condiz com a suavidade em seu olhar. "Eu *nunca* vou te carregar, então não crie expectativas. Se você cair no campo, está morta", diz ele, ríspido. Apenas sorriu para mim mesma e aceno com a cabeça. Os olhos de Cameron permanecem sobre os dois enquanto conversam docemente.

Espero que ele queira que eles sobrevivam a isso tanto quanto eu.

ESMERIL

Todos se reúnem no vale onde ocorreu a contagem regressiva. Os corpos foram removidos, como evidenciado pelos grossos rastros de sangue que riscam a neve e levam ao bunker. A carnificina do que aconteceu aqui ainda permanece — com ou sem corpos.

Minhas narinas se dilatam com o cheiro metálico no ar. É fresco da neve. preservado pelo frio.

O sargento instrutor Adams permanece no mesmo lugar de ontem, com as mãos cruzadas atrás das costas. Seu olhar é tão insensível e indiferente ao fato angustiante de que só restamos metade de nós. Ele parabeniza aqueles que sobreviveram enquanto passamos por ele, exaustos, seguindo as ordens dos soldados para entrar no quartel subterrâneo.

Muitos dos cadetes que conseguiram entrar estão sofrendo de alguma forma. Um grupo de três mal consegue andar; suas botas estão congeladas e o gelo cobre metade das suas calças. *Devem ter atravessado o riacho como os outros dois.* Ainda bem que não caímos na sepultura de gelo. Quem sabe quanto tempo eles vão aguentar, seja qual for a provação que nos aguarda.

Bree e Damian estão caminhando algumas pessoas à nossa frente. Ela olha para trás uma ou duas vezes, com um brilho de curiosidade nos olhos. Será que ela está pensando em se juntar a nós? Eu não me oporia a trabalhar com ela e Damian, embora esteja cansado demais para pensar muito nisso agora.

Somos conduzidos por um longo corredor que desce gradualmente até que eu tenha certeza de que estamos a seis metros abaixo da superfície. Meus pulmões se enchem de ar quente e o conforto penetra em meus ossos enquanto passamos pelos alojamentos. É idêntico a

Tudo, desde a disposição das camas e a planta do quarto até o banheiro compartilhado nos fundos, me chamou a atenção em cada detalhe, até as luzes luminescentes piscantes às quais já me acostumei.

Cameron e eu nos dirigimos à enfermaria, onde já havia algumas pessoas tentando se curar sem sucesso. Não sei o que me causa mais repulsa: a selvageria dos julgamentos ou a forma como as amizades e alianças foram rompidas, deixando os feridos à própria sorte.

Cameron deve ter percebido meu desejo de ajudar, porque murmurou: "Cuide de..." Primeiro eles, eu espero. Não estou com dor."

"Tem certeza?", pergunto, deixando meu olhar procurar primeiro os feridos mais graves. Cameron sorri e acena com a cabeça enquanto se encosta na parede.

Consigo ajudar rapidamente aqueles que mais precisam. Leva apenas quinze minutos, mas parece que uma hora se passou até que eu consiga tratar a última pessoa e a envie para o quartel para descansar.

Cameron finalmente se desvencilha da parede e se senta na beirada da mesa.

"Obrigada por esperar", murmuro cansada, pegando um rolo de gaze e desinfetante. Os pontos já estão preparados na bandeja.

Cameron coloca a mão no meu ombro, incentivando-me a olhar para ele.

"Você é uma pessoa gentil", ele murmura.

Desvio o olhar e caminho até atrás dele para remover a faca. "Estou aqui por um motivo, lembra? Não sou nenhum santo", lembro-lhe. O colete dele está a apenas alguns centímetros do furo, então consigo resolver cortando apenas o tecido da camiseta.

"Além de você ser um monstro como eu, pelo menos demonstra bondade aos outros quando eles precisam. É mais do que posso atribuir a qualquer outra pessoa aqui embaixo", ele diz suavemente. Minhas mãos param ao ouvir suas palavras antes de eu retomar o corte de sua camisa e preparar o ferimento. Pego o desinfetante em uma mão e fecho o cabo da lâmina na outra. Ele afirma não sentir dor, mas isso não torna a situação menos angustiante para mim, sabendo o que seu corpo está passando.

"Pronto?", pergunto mesmo assim.

Ele acena com a cabeça.

Usei toda a minha força e arranquei a faca. Seu corpo se contraiu — involuntariamente, presumo — e ele se agarrou à lateral da mesa para se firmar.

ele mesmo. O sangue jorra e encharca todo o seu lado até a mesa onde sua mão está apoiada.

"Sinto muito", sussurro, sabendo que ele se machucou para que eu não precisasse. Meu estômago se revira enquanto despejo o desinfetante sobre o corte. Seus músculos se contraem, provocando outro jorro de sangue, antes que eu junte o punhado de gaze na bandeja e a pressione com toda a força que consigo.

Gostaria de poder fazer mais por ele, mas não tenho formação em procedimentos médicos. Só sei fazer soluções rápidas. Ele teve sorte de o ferimento ter ocorrido lateralmente, evitando órgãos vitais e atingindo apenas o músculo.

"Eles vão examinar nossos ferimentos profissionalmente depois dos julgamentos?", pergunto, removendo a gaze encharcada de sangue e pressionando outro pedaço grosso dela sobre o ferimento.

"Sim, eles nos dão algumas semanas para nos recuperarmos também. Você ficaria surpreso com o quão diferentes as coisas são do outro lado."

Sua respiração está irregular, provando que seu corpo está respondendo corretamente à dor, mas sua mente está desconectada dela. Devo admitir, é um estudo inteligente. Medicamentos capazes disso poderiam potencialmente criar um exército invencível. As mentes dos soldados seriam mais difíceis de quebrar, com certeza — especialmente em situações de tortura. Mas isso só se eles conseguirem impedir que os comprimidos matem seus soldados.

O que aconteceria se algo assim se tornasse público? Só de pensar nisso, já me dá arrepios.

Cameron deixa a cabeça cair para acalmar a respiração. Passo a mão suavemente pela nuca dele para verificar se está suada devido à perda de sangue. Ele se encolhe ao meu toque e se enrijece.

"Desculpe, eu só estava —"

"Não. Foi... bom." Ele parece cansado.

Retiro a gaze e fico aliviado ao ver que o sangramento diminuiu. É impossível dizer se há danos internos irreversíveis, já que ele não sente nada. Termino de cuidar dos ferimentos da melhor maneira possível e coloco uma bandagem impermeável sobre a gaze para que ele possa tomar banho. Deus sabe que nós dois precisamos de um. Espero que, como ficamos tanto tempo na enfermaria, os chuveiros já estejam vazios. Já devem passar das duas da manhã.

"Pronto", digo, afastando-me da mesa e caminhando até ficar de frente para ele. Ele levanta a cabeça e limpa a manga debaixo do nariz. Há uma mancha de líquido marrom-escuro ali. Está ainda mais escuro do que antes.

A preocupação no meu rosto deve ser óbvia. Cameron esboça um pequeno sorriso. "Estou bem. Vai ser preciso muito mais do que uma facada para me matar", ele murmura, os olhos voltando-se para o meu corte na orelha. É um ferimento tão pequeno comparado ao dele. Não sei por que ele continua olhando para aquilo como se fosse a pior coisa que ele já viu. visto.

Alguns pontos e tudo ficará bem até podermos sair daqui.

Enxágua as mãos na pia, olhando fixamente para a pele e as unhas manchadas de vermelho.

"Você está sempre bem, Cameron", sussurro sombriamente, e isso me despedaça. Ele tem no coração que acredita nisso.

Quase me derreto de felicidade quando a água quente sai do chuveiro. Faz semanas que não sinto a mesma coisa. É um luxo que eu não esperava depois das crueldades do inverno.

Um suspiro escapa dos meus lábios enquanto enxágua a sujeira e o sangue da minha pele. A água suja escorre pelos ralos enquanto esfrego cada centímetro do meu corpo, da cabeça aos pés. O ambiente é silencioso na maior parte do tempo, apenas um murmúrio suave e o som da água batendo nos azulejos, vindos dos poucos outros que ainda estão aqui.

A maioria dos cadetes já está em suas camas, aconchegados e roncando, sob o efeito dos analgésicos, preparando-se para o próximo julgamento que começa amanhã ao pôr do sol.

A única coisa que eu quero agora é uma refeição quente e dormir.

Termino meu banho e atravesso o quarto até os bancos para pegar minhas roupas limpas. As roupas e os uniformes do primeiro teste foram recolhidos em uma lixeira e estão queimando lá fora.

Cameron senta-se no banco de madeira, encostando as costas na parede.

Seus olhos se voltam para os meus.

"Você devia estar dormindo", sussurro. Ele terminou de se enxaguar há dez minutos, então por que não foi para o nosso catre? Bem, acho que agora temos camas suficientes, então não precisamos mais dividir uma, mas secretamente espero que ainda precisemos.

Ele não responde. Cameron apenas fecha os olhos e reclina a cabeça. Engulo o nó na garganta e ignoro sua presença enquanto faço uma trança no cabelo e escovo os dentes. Recuso-me a me olhar no espelho de corpo inteiro no fundo do banheiro. Não quero saber o quão machucada e ferida estou.

As pontas dos dedos deslizam pela lateral do meu pescoço, assustando-me e fazendo com que eu levante o olhar da pia. Cameron coloca uma mecha de cabelo solta em uma das...

laços na minha trança.

"Rosa combina com você. Já te disse isso?" ele murmura enquanto seus olhos percorrem meu rosto.

Respiro fundo. Estou fraca diante da sua gravidade; tão perto, certamente vamos colidir. Percebo seu braço pendendo inerte sobre o lado ferido. Uma onda de preocupação me invade. "Cameron... seu braço."

Ele força um sorriso tenso. "Não há nada que possamos fazer agora, meu amor. Provavelmente estará melhor amanhã, então vamos dormir um pouco enquanto podemos."

Procuro não deixar que os pensamentos invasivos sobre seu ombro ferido nublem minha mente enquanto o sigo até os catres. Trocamos um olhar incerto, então ele acena com a cabeça para que eu me aproxime de sua cama. Eu me aproximo, rápida e instintivamente, desejando estar perto dele. Aconchego-me sem pudor em seu peito. Seu calor me envolve, convidando-me a fechar os olhos.

Em algum momento preciso adormecer, porque acordo com ele saindo rapidamente da cama e correndo para o banheiro.

Eu escorrego enquanto corro atrás dele, sem sentir a dor do cimento no meu joelho por causa da adrenalina que corre furiosamente pelas minhas veias. Quando chego à entrada do banheiro, o som de Cameron vomitando me atinge em cheio. Minhas pernas tremem enquanto olho para o chão. Na penumbra, há um pequeno rastro de sangue que leva até onde ele está agora, curvado sobre o vaso sanitário como uma criança doente.

Prova de que ele está sofrendo.

Prova de que ele é uma pessoa.

Meus joelhos tocaram o chão suavemente ao lado dele. "Cameron, o que está acontecendo?" Minha voz está fraca e distorcida pelo medo.

Seu corpo estremece enquanto ele expulsa mais líquido escuro antes de tombar para o lado.

"Cameron!" Eu o abraço. Seu corpo está pesado, e o medo me invade. O pensamento de ter que tentar carregá-lo para fora daqui me causou arrepios.

Os olhos de Cameron estão quase fechados, mas ele sorri, os dentes manchados de um vermelho escuro, cor de romã. Meu coração dispara. Olho para o vaso sanitário e vejo o mesmo líquido escuro por toda a bacia.

Meus olhos se enchem de lágrimas. "Onde estão seus remédios, Cam? Eles vão ajudar?" Eu aliso o cabelo dele para trás e tento mantê-lo acordado. Sua cabeça cai em meus braços e ele não reage.

Engulo o pavor e os pensamentos negativos que gritam que ele vai morrer e o arrasto pelo chão até que ele esteja debaixo do chuveiro. Abro a torneira e deixo a água quente cair sobre seu corpo.

Por favor, fique bem. Por favor.

Seus olhos se abrem de repente e ele respira fundo algumas vezes, de forma irregular.

"Emery?" ele sussurra com a voz rouca.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, escondidas pelo chuveiro. "Pensei que você fosse morrer", digo com a voz embargada. Seus olhos se suavizam antes de ele os fechar completamente.

"Isso nunca me aconteceu antes", ele sussurra tão baixinho que eu quase...

Não se deixe levar. Sua expressão se contorce e um gemido vibra no fundo de seu peito.

"Você está bem? Diga-me o que fazer e eu farei." Levanto-me para pegar os comprimidos dele.

Ele segura meu braço e me guia de volta para a correnteza.

Nos encaramos. "Faz parte dos estimulantes. O General Nolan me avisou que isso poderia acontecer."

A raiva me consome. "E você concordou prontamente com isso?" Sei o quanto minha voz soa irritada, porque estou *irritada*. Embora eu não saiba por quê. Não é da minha conta o que ele faz com o próprio corpo, mas a ideia de vê-lo sofrendo assim... Cerrei os dentes e desviei o olhar. Levantei-me e dei alguns passos para trás.

"Emery, espere." Ele geme enquanto se senta.

"Não consigo assistir a isso, Cameron."

"Assistir a quê? Eu já disse que não estou sentindo dor —"

"Pare com isso!" grito, erguendo as mãos para o ar. "Não consigo ver um ser humano passando pelo que você está fazendo com o seu corpo. É... doloroso para mim. Dói ver você não sofrer." Desvio o olhar à força e recomeço a andar.

Ele me segura pelo pulso antes que eu chegue à porta. Paro, mas não me viro para olhá-lo. Sua respiração ofegante me faz cerrar os dentes. Ficamos ali parados por vários instantes, congelados, esperando que as palavras nos encontrem na escuridão.

"Por que isso te machuca?", ele pergunta, com uma curiosidade genuína na voz que chega a incomodar. É como se ele achasse muito estranho que alguém pudesse realmente se preocupar com ele.

"Porque eu me importo com você." As palavras saem da minha boca com gosto de sal.

Ele aperta meu pulso com mais força antes de soltar. Minha mão cai ao meu lado, mas eu não me mexo. Escuto enquanto ele diminui a distância entre nós. Ele está tão perto que consigo sentir o calor do seu corpo irradiando como brasas nas minhas costas.

“Nunca *mais* diga isso.” Seu tom frio me faz estremecer. “Eu te despedaçarei se você fizer isso.” Ele desliza um dedo pela minha espinha, e um arrepio percorre meu corpo. “Entendeu?”

Meu maxilar treme. Ele é tão imprevisível e autodestrutivo. “Eu não... Eu não entendo, Cameron. Por que você não consegue...” Ele me

empurra para frente, quase me derrubando no chão. Eu me recomponho e me endireito, girando para olhá-lo. Em um instante, sua mão está em volta do meu pescoço, me pressionando contra a parede fria.

Eu me esforço, mas é inútil. Seu aperto é de pedra. Seus olhos estão sem vida.

“Sou incapaz disso”, diz ele, perigosamente, lentamente, a um sopro dos meus lábios. Incapaz de sentir? Emoções? De acreditar que os outros possam ter compaixão por ele?

Minha garganta arde como se eu tivesse ingerido ácido. “*Mentiroso.*”

Seu rosto se contorce de raiva, e ele balança a cabeça como se estivesse espantando pensamentos ruins. “Não vou repetir.” Sua voz treme de emoção, acentuando seu sotaque. Cameron me encara por um instante antes de afrouxar o aperto e sair do banheiro.

Eu desabo no chão e fecho os punhos contra os azulejos duros.

Vai se foder também, Mori.

CAMERON

Meu pulso dispara enquanto saio do quartel e passo direto pelos homens de guarda. Eles me lançam um olhar cauteloso, mas decidem que não sou problema deles. Estou acostumado a que me evitem ao máximo. Eles sabem o que eu sou... e fico feliz por isso. Prefiro o abraço do isolamento ao julgamento deles.

"Aonde você vai, Mori?" Adams murmura de sua mesa, na entrada dos portões. Ele está recostado na cadeira, abaixando um caderno e girando uma caneta entre os dedos, entediado. Seus olhos percorrem meu corpo, avaliando meu desarrumado. Estou bem ciente do líquido preto que cobre minha camisa e do sangue que mancha meus lábios com um tom vermelho-arroxeadado. Ele volta a olhar para o bloco de notas, com um olhar ríspido. "Dando uma volta para resolver a crise, pelo visto. Continue, então."

Tenho quase vontade de discutir com ele, mas a dor de cabeça que me atormenta neste momento não permite. Passo por Adams a passos largos e subo a rampa de volta para o mundo lá em cima. Está tudo quieto agora que todos os cadetes estão no subsolo dormindo, mas o silêncio não me traz nenhum conforto.

Ela disse que se importa comigo. Dou um tapa na lateral da minha cabeça e acelero o passo enquanto corro em direção à floresta. Ela está mentindo para tentar me fazer baixar a guarda perto dela, eu sei. Ela é igual a todas as outras.

Assim como fiz com todos os outros, deixei que se aproximassem demais.

"Ninguém se importa com você, Cameron. Quando você vai entender isso?"

"Algo tão sujo e inútil quanto você jamais poderá ser mais do que o que você é: nada." As palavras ecoam na minha cabeça, mas não consigo me lembrar de quem as disse. A voz parece a da minha mãe, mas já a ouvi de tantas outras pessoas.

Na minha cabeça, tudo se mistura. Ela vai tentar me matar, assim como minha mãe fez. Ela está esperando o momento certo, aguardando a oportunidade perfeita para me pegar desprevenida.

Eu sei disso. *Eu sei disso.*

"Pare!" grito, cerrando os dentes e apertando os punhos contra os cabelos.

Começo a correr. As árvores ficam borradas enquanto eu as atravesso, tentando fugir do meu passado. Fugir dos meus pensamentos. Não paro até que meus pulmões estejam em chamas e meu corpo tão rígido que eu tropeço e caio sobre raízes.

A neve cai em cascata ao meu redor e me paralisa. Sinto como se mãos congeladas se estendessem e agarrassem meus braços, pernas e garganta. Não consigo respirar.

"Cameron, comporte-se bem. Está bem?" disse minha mãe. Ela segurou minha mãozinha delicadamente, enluvada. Como se não quisesse sentir o calor da minha pele na dela. Ela me levou a um prédio estranho, o interior cinza e frio. As paredes eram de blocos de concreto e cadeiras de madeira antigas enfileiravam-se no corredor. A placa dizia "Admissão", mas eu não sabia o que significava.

"Tudo bem, mãe", respondi baixinho enquanto me sentava. Ela não se sentou ao meu lado. Ficou de pé, ansiosa, batendo o pé e olhando para o relógio algumas vezes.

Depois de um tempo, uma mulher abriu a porta do escritório e a chamou para entrar. Minha mãe me olhou com severidade enquanto murmurava: "Não saia daí." Então ela desapareceu atrás da porta.

Esperei por um longo tempo. Até que o sol reapareceu por trás das montanhas e a neve começou a cair novamente. Eu sabia que deveria ouvir e esperar, mas precisava usar o banheiro e decidi ficar perto da porta de vidro observando a neve por um tempo.

"Cameron, querido", chamou uma voz feminina. Virei-me e olhei por cima do meu ombro. e encontrou uma estranha com uma prancheta nos braços.

Não respondi. Meus olhos passaram por ela e seguiram pelo corredor, onde vi um vislumbre da bolsa da minha mãe. Eu não devia falar com estranhos, e minha mãe estava bem ali. O medo me invadiu, e caminhei pelo corredor em direção à mulher e à minha mãe, mas ela se afastou. Ela não olhou para mim.
meu.

"Cameron, querido, você pode vir comigo um instante?" A mulher tentou falar comigo novamente e tentou agarrar meu braço quando passei por ela.

Comecei a correr e a gritar: "Mãe! Socorro!" Ela não se virou para me encarar. Continuou caminhando em direção à saída. Será que ela não me ouve?

"Mãe? Mãe!" gritei repetidamente, mas ela apenas apertou a bolsa com mais força e fechou a porta atrás de si.

O som daquelas portas pesadas reverberava por todo o meu ser, criando rachaduras e frestas que eu jamais conseguiria preencher completamente.

Eu não sabia que era uma escola para crianças problemáticas quando ela me deixou lá. Levei anos para superar o abandono que ela me causou. E mais alguns para me abrir para os outros novamente. Ela me visitava duas vezes por ano.

Uma vez no meu aniversário e novamente durante o Natal.

Algo endureceu dentro do meu coração durante o tempo que passei lá. Eu tinha Clara, que era o mais próximo que eu poderia ter de uma irmã, mas ela era cinco anos mais velha do que eu e foi embora muito antes de mim. As únicas coisas que aprendi com ela foram como afogar as mágoas no mundo com antidepressivos e como fazer tranças no cabelo direito. As surras e a falta de amor me tornaram fria. Então veio a notícia da morte de Clara, apenas alguns anos depois de sua partida.

"Pessoas como nós não vivem muito", ela me disse certa vez, e o pensamento... repetia-se frequentemente na minha mente.

Quando minha mãe me trouxe para casa, eu já tinha dezesseis anos. Já estava morta por dentro.

Eu não facilitava para as pessoas me dizerem que me amavam ou que sequer se importavam comigo. Porque eu sabia o quanto essas palavras doíam quando eram retiradas. O quanto isso dilacerava minha alma quando elas traíam suas próprias promessas. Eu fugia com frequência, às vezes só para ver se minha mãe se importaria. Ela não se importava.

Quando completei dezessete anos, comecei a mudar minha vida, canalizando minha raiva para coisas produtivas, como aulas de marcenaria. Cheguei até a ganhar uma bolsa de estudos nos Estados Unidos para cursar Pedagogia.

Eu queria nunca ter mexido naquela casinha de passarinho. Eu devia ter deixado aquela desgraçada me matar. A tristeza foi passageira depois que deixei minha mãe no chão do meu quarto com um prego na cabeça. Eu não me senti mal, e sabia que ela tinha razão o tempo todo.

Havia algo terrivelmente errado comigo.

Foi terrivelmente fácil esconder o destino dela. Ninguém se importava com aquela mulher malvada, ela não tinha ninguém para reportar seu desaparecimento além de mim. Eu já tinha tudo planejado para minha partida antes que ela tentasse me matar, então foi fácil esperar os poucos dias antes de ir embora.

É engraçado como a sua escuridão se infiltra no mundo ao seu redor. Incapaz de escondê-la por muito tempo antes que ela se espalhe para as coisas próximas. Três anos foram tempo suficiente para que ela se infiltrasse no meu novo ambiente.

Um homem me encontrou na lama, espancado e ensanguentado depois de uma briga com uns bêbados que roubaram meus sapatos. Eu tinha entrado numa fase ruim de consumo de álcool. Combinou demais com meus remédios. Me deu o tipo certo de barato.

Ele sentou-se ao meu lado e não disse uma palavra. Limpei o sangue do meu rosto e praguejei contra a dor que se espalhou por todo o meu corpo. Deus, como eu odiava a dor. Estava tão cansada de sofrer, por dentro e por fora.

Ficamos sentados em um silêncio constrangedor por tempo suficiente para me irritar. "O que você quer? Eu não tenho dinheiro", resmunguei enquanto me obrigava a levantar, apenas para estremecer de dor e cair de volta no chão.

O homem me observava atentamente. Seus olhos eram os mais opacos que eu já vira, muito parecidos com os meus. "Você não tem nada pelo que viver, não é? Eu sei reconhecer um afogado quando vejo um", sussurrou ele, e soou como uma provocação.

A raiva percorreu minhas veias e agarrei a gola de sua camisa.

"Nada me impede de matar um intrometido como você."

"Vai se foder." Joguei-o para trás e engasguei com um grito quando uma dor aguda subiu pelo meu antebraço. Sangue escorria do corte perto do meu pulso.

Eu estava tão cansado de viver na miséria.

Eu queria que acabasse.

O homem ergueu as sobrancelhas e um sorriso vazio se espalhou por seus lábios.

"Tecnicamente, eu não posso te prender a menos que você tenha feito algo hediondo."

Ele enfiou a mão no casaco e tirou uma pistola com silenciador. Era preta e lisa, quase impossível de ver no escuro. As iniciais DF estavam gravadas no cabo. Franzi a testa e encarei-o. "Vai deixar aqueles bêbados saírem impunes pelo que fizeram com você?", perguntou, com a voz aveludada, quase como se não estivesse insinuando que eu os matasse, o que, na verdade, estava.

Meus olhos voltaram a se fixar na pistola, minhas mãos tremendo sobre os joelhos.

"Me levem para onde?", perguntei, com desconfiança evidente no meu olhar.

Sua expressão relaxou. "Não posso te dizer a menos que eu decida te acolher."

Deixo isso a seu critério."

Estreitei os olhos para ele, peguei a arma e me delicieei com o peso que ela continha. "Qual é o seu nome?"

Ele riu enquanto enfiava as mãos nos bolsos. "Vance Belerik, mas me chamam de Erik. Você não encontrará meu nome em lugar nenhum, a não ser em obituários e na internet."

"Alguma lápide." Uma onda de curiosidade me invadiu, mas apertei o revólver com mais força.
"E então? O que você vai fazer?"

Para mim, nem sequer foi uma questão.

*Eu poderia ter contado a ele sobre minha mãe e o prego que enfiei no rosto dela.
Eu poderia ter levantado a camisa e mostrado a ele a cicatriz horrível no meu peito que eu
havia negligenciado. Mas eu nunca tinha tido uma arma como essa para ferir alguém. Nunca
tive a coragem de fazer os outros pagarem por seus crimes.
Erik me seguiu enquanto voltávamos para o bar. Estava quase vazio, exceto pelos quatro
idiotas que me espancaram e pelo dono do bar que os apoiou.*

*Matei todos eles. Foi mais fácil do que eu imaginava. O terror neles...
O olhar acalmou algo profundo dentro de mim. O monstro.*

E eu me senti mais vivo do que nunca.

Meus olhos se abrem lentamente. Sou recebida pela escuridão e por um frio que penetra até os ossos, o suor grudado na minha pele ameaçando congelar. O cheiro de fumaça de cigarro invade meus pulmões. Viro a cabeça para o lado e encontro o Tenente Erik empoleirado em uma pedra, dando uma longa tragada casualmente. A culpa é dele por eu ter adquirido esse hábito.

"O que te deixou em modo de fuga?", ele murmura, soltando um suspiro. Quando meus olhos se estreitam, tentando entender como ele me encontrou, ele dá de ombros. "Adams me ligou e avisou que você está em crise."

Isso não explica por que você está aqui, no meio do nada.

Deixo meu olhar se demorar nas copas das árvores e tento sentir a dor como a senti tão vividamente em minha memória. É estranho sentir falta da dor. A ausência dela faz você se perguntar se está realmente vivo. Se tudo não passa de um sonho nebuloso.

Erik joga um cigarro recém-aceso no meu peito. Eu o pego distraidamente e trago a fumaça.

"Ela disse que se importava comigo", digo baixinho. Essas palavras me embrulham o estômago. A imagem mental da minha mãe me abandonando por anos só para me trazer de volta para casa e tentar me matar vai me assombrar para sempre.

Os humanos são incapazes de amor altruísta. Há sempre uma transação em mente, algo que eles querem de você. Disso eu sei. *Todos nas Forças das Trevas sabem, então por que Emery não se conforma?* Cerrei os dentes.

Erik não olha para mim; simplesmente continua fumando. Talvez seja por isso que me sinto tão à vontade perto dele. Ele nunca parece interessado no que eu faço ou em como me sinto. É mais fácil confessar as coisas para esse tipo de pessoa.

"Qual o problema nisso? Pelo menos você sabe que ela não vai tentar te eliminar." Erik parece irritado comigo. Seu cabelo está penteado para o lado, escuro em meio à neve ao nosso redor. Seus olhos castanho-dourados me estudam — têm uma tonalidade semelhante à de Emery.

Mas como ele sabe disso? Ela é inocente e terna demais perto de mim. Eu conheço a verdadeira ela — a carniceira que vive em suas veias. Vi com meus próprios olhos hoje. Não tenho dúvidas de que ela aproveitará a oportunidade se ela surgir.

"Você sabia que ela é uma Mavestelli?" Meu tom de voz é baixo enquanto o observo, calculando sua resposta.

Erik nem sequer pisca. Dá uma tragada profunda no cigarro, solta a fumaça e suspira. "Sim. Não muda nada." Atira a bituca do cigarro na neve antes de se levantar com a postura rígida.

Eu compartilho da irritação de Erik e mudo de assunto. "Por que você está aqui fora, tenente? Pensei que o Esquadrão Fúria estivesse se preparando para uma missão?" Esfrego a nuca para tirar a neve do meu cabelo, mas encontro sangue.

Droga. Será que faz quanto tempo estou sangrando?

Erik dá de ombros. "Foi uma missão pequena. Já faz alguns dias que voltamos, por isso acompanhei vocês para observar os testes deste período." *Ele estava observando?* Eu o encaro com raiva. "Não podemos fazer muita coisa sem você, maluco. Não se estresse com qualquer coisinha com a nova integrante do esquadrão. Use-a como usa todos os outros, só não a mate." Ele se levanta e me lança um olhar longo e severo. "Não podemos nos dar ao luxo de ter mais baixas nas missões de nível preto, e temos uma importante chegando, então não me decepcione. Precisamos de você, Mori." Ele me oferece a mão, e eu a aceito. Erik me puxa para cima e me dá um tapinha nas costas.

uma vez.

"Estou tentando, tenente. Ela é espirituosa, e eu gosto muito dela. Acho que ela será a única que sobreviverá a mim." Minha voz está rouca. Algo quente escorre pelos meus lábios e queixo. Os olhos de Erik se voltam para o meu nariz antes que eu consiga limpar o sangue. "Estou bem", digo. A essa altura, parece robótico.

Erik caminha à minha frente, guiando-nos de volta ao bunker. "Eu me pergunto como..."

"Você continuará acreditando nisso por muito tempo", ele retruca.

Já estou começando a questionar isso, estou pensando em contar para ele.

Emery garantiu isso.

ESMERIL

Todos aproveitam ao máximo os banhos quentes. O que é de se esperar depois de todos os banhos frios que tivemos que suportar no Subsolo. Eu não sou exceção. Acordo mais cedo que a maioria e aproveito o calor e o vapor enquanto posso.

Cameron não voltou ontem à noite. Demorei bastante para pegar no sono, mas finalmente consegui. As poucas horas que dormi não parecem muito, mas duvido que consiga descansar mais, principalmente agora que os outros estão se levantando de seus catres e correndo para o chuveiro.

Sigo para o refeitório e encontro Cameron sentado, comendo um pãozinho. A comida aqui é muito melhor do que a que tínhamos no Under. É perturbador que estejamos quase sendo recompensados por sobreviver a uma primeira prova tão horrível. Estou com medo de como será a segunda.

Cameron me lança um olhar carrancudo quando coloco duas xícaras de café na mesa. Empurro uma para ele sem me preocupar em ver se ele está agradecido ou não. É apenas um gesto gentil depois de como terminamos ontem à noite.

Ele não diz nada enquanto comemos. Sua xícara de café esfria antes que Bree e Damian se sentem à nossa mesa.

"Bom dia", Bree diz animadamente. Depois de semanas sendo só eu e Cameron, estou surpresa por os dois estarem aqui. Os olhos de Bree estão claros e ela parece animada para o dia começar. Ela manca um pouco, considerando o ferimento que sofreu, então espero que ela tenha encontrado algum analgésico na enfermaria. Gostaria de ter a mesma mentalidade que ela. A minha está presa entre morrer pelas mãos de Wraith ou de Cameron.

Forço um sorriso tenso. "Bom dia."

Damian boceja, e isso me faz bocejar também. "Vocês estão prontos para morrer hoje?"

Os olhos de Cameron permanecem impassíveis. Seus braços estão cruzados firmemente sobre o peito.

Bree suspira ao pousar o prato. "Você não consegue ser positiva por um tempo, tipo..."

"Dois segundos?" ela murmura antes de tomar um gole de chá.

Damian levanta o queixo para mim como se estivesse tentando decidir o que quer fazer. Pego um pedaço de bacon do meu prato e ofereço a ele, já que os madrugadores já tinham devorado tudo. "Aqui. É melhor você comer alguma coisa gostosa antes de bater as botas", brinco.

Ele me observa antes de sorrir e aceitar a oferenda. "Viu? Emery

"Entendeu?" Ele pisca para mim. Espero que isso signifique que estamos em trégua por enquanto.

Bree balança a cabeça e ri. "Contanto que eu possa comer em paz, não me importo."

Cameron bufa, chamando minha atenção. Seus olhos estão semicerrados e ele lança olhares fulminantes para Damian. "Pisque para ela de novo e eu arranco seu olho fora." Ele pisca sarcasticamente para Damian enquanto diz isso, reforçando seu argumento.

Damian estremece e olha rapidamente para a comida. *Pelo menos ele sabe que deve temer Cameron.* Se chegasse a esse ponto, não tenho certeza se conseguiria matar algum dos dois, mas Cameron não hesitaria. Ele não se importa com nada além de sua utilidade para as Forças das Trevas.

"Quando você acha que eles vão anunciar o segundo julgamento?" Bree muda de assunto enquanto empurra o prato para o lado.

Olho para Cameron, já que ele seria o único que teria uma vaga ideia. Ele sente meu olhar e me encara. "Depende do desafio. Adams pode anunciá-lo antes do almoço ou minutos antes do início da prova, como ontem à noite." Ele tira um de seus anéis pretos e o gira entediado sobre a mesa como um pião.

As vibrações do anel me causam arrepios. "Dessa vez, teremos armas além de facas de combate?", sussurro, percebendo que as mesas mais próximas podem ouvir e algumas pessoas estão olhando para nós. É injusto termos que fazer perguntas para Mori. Isso só os deixa mais irritados.

Cameron dá de ombros e deixa seus olhos encontrarem os meus. Um lampejo de pedido de desculpas cruza seu olhar antes que ele volte a olhar para a xícara de café frio. Ele passa o dedo pela borda da caneca. "Geralmente no segundo

Recebemos rifles e pistolas, mas isso muda todos os anos, então não criem muitas expectativas.”

Nossa mesa fica em silêncio, mas depois de alguns minutos o Sargento Instrutor Adams se dirige a todos na sala. O pavor segue esse cara por onde passa, apesar do seu sorriso malicioso; tudo o que ele tem para compartilhar são más notícias.

“Atenção, cadetes. Com apenas cinquenta de vocês restantes e nenhum rastreador detonado para garantir o fim da primeira prova, estamos permitindo que vocês escolham suas equipes para a segunda prova. Vocês precisarão de cinco membros por esquadrão. Se eu fosse vocês, os escolheria com sabedoria, porque nesta prova apenas quatro equipes chegarão ao fim. Nenhum companheiro de esquadrão ficará para trás. Isso significa que todos os cadetes do seu esquadrão devem cruzar a linha de chegada com vocês, vivos ou mortos. Mas todos devem estar presentes de alguma forma, ou sua equipe será eliminada.” Sua voz ecoa pelo refeitório. Apenas o som de garfos sendo pousados e algumas risadas horrorizadas quebram o silêncio entre os cadetes.

Assim, eles destruíram a boa vontade e as tréguas que os cadetes tinham mantido juntos no primeiro período. redondo, e agora esperam que a gente remonte as peças? Que crueldade.

Adams sorri maliciosamente. "As armas serão distribuídas cinco minutos antes da meia-noite, assim que forem vistas. Tenham seu esquadrão organizado e pronto até lá." Ele desce da mesa e é seguido por alguns de seus soldados de confiança enquanto sai da sala.

Volto minha atenção para a nossa mesa.

Damian gagueja: "Então é isso? Se uma pessoa morrer, então todo o esquadrão —"

Cameron leva a mão ao pescoço e faz um gesto de explosão. "Vão se ferrar, mas só se você não arrastar o cadáver deles até o posto de controle", responde ele, com indiferença.

O rosto de Bree empalideceu e Damian pareceu, pela primeira vez, sem palavras. Os outros cadetes devem estar na mesma sintonia, porque há um silêncio de alguns segundos antes que o caos se instale.

A maioria das pessoas está tentando consolidar suas alianças depois que elas foram brutalmente desfeitas ontem. Não é surpresa que Arnold e Wraith sejam os que mais recebem pedidos para se juntarem a eles. Eles perderam alguns companheiros em nossa emboscada de ontem, mas ainda têm um grupo forte que pode ser facilmente dividido em dois com a adição de novos membros.

Os olhos de Wraith estão fixos em Cameron. Uma escuridão cortante se espalha pelo olhar daquele homem. Vingança, ou talvez orgulho. Arnold parece menos perturbado e mais sedento de poder, saciado com as pessoas a seus pés.

Um nó se forma na minha garganta quando Wraith se levanta e caminha em nossa direção, ignorando todos os cadetes que tentam falar com ele. Bree inspira profundamente e afunda na cadeira. Endireito os ombros e cerro os punhos sob a mesa.

Cameron sorri de canto enquanto Wraith se senta ao seu lado. Os dois, lado a lado, parecem gladiadores entre plebeus. Seus ombros são largos e os músculos se destacam em seus maxilares enquanto se avaliam mutuamente.

"Você e o pirralho deviam entrar para o nosso esquadrão", diz Wraith com confiança, seus olhos se voltando para mim como se fosse um pensamento tardio. Eu o encaro com um olhar fulminante, que é facilmente ignorado. Ele realmente acha que nos aliaríamos a eles depois de tudo o que ele fez? Sem mencionar a faca de combate que ele enfiou nas costas do Cameron?

Idiota.

Cameron coloca o pé na beirada da cadeira entre as pernas de Wraith e a chuta, derrubando-a. Wraith voa para trás e cai no chão. Todo o refeitório fica em silêncio, com exceção dos suspiros dos puxa-sacos.

Wraith se levanta em questão de segundos, furioso, e se aproxima de Cameron como se fosse lhe dar um soco. Arnold se levanta da mesa e começa a caminhar na direção dele como se uma briga estivesse prestes a começar. *Droga, isso é feio.*

Bree e Damian se levantam e se afastam alguns passos da mesa. Permaneço sentado, desembainhando uma das facas extras que guardei caso precisasse dela aqui embaixo. Meu aperto se intensifica quando Wraith me lança um olhar cauteloso.

"O que você tem aí, pirralho?" ele dispara, batendo com a mão boa na mesa e estendendo a mão para mim. Cameron é mais rápido — ele agarra a nuca de Wraith e bate com a testa dele na mesa.

Wraith geme enquanto seu corpo cai da beira da madeira. Cameron o agarra pela gola e o puxa para cima para poder ver seus olhos enquanto murmura: "Vaza daqui antes que eu te mate com as minhas próprias mãos." Os olhos de Wraith se arregalam de medo com o puro desprezo na voz de Cameron.

Arnold fica do lado do seu camarada e nos encara com desdém. "Vocês são todos uns filhos da puta." "Morto." Ele cospe aos pés de Cameron antes de voltar para a mesa deles.

Os olhos de Cameron estavam tomados pela fúria. Ele acenou para mim. "Vamos lá." Engoli em seco a adrenalina que pulsava em minhas veias e me levantei para segui-lo. Os outros nos observavam com os olhos semicerrados antes de retomarem a frenética tarefa de formar as equipes.

Dou um puxão na parte de trás da jaqueta de Cameron, chamando sua atenção por cima do ombro. "Não deveríamos ficar e montar uma equipe?" Eu enxugo o meu...

Com as mãos suadas na calça, tento acalmar o rugido do meu coração. Não estou acostumado a missões em equipe. Não consigo confiar minha vida e minha confiança a outros.

"Não importa com quem acabemos ficando. Não vou deixar que morramos lá fora", ele murmura, olhando para frente enquanto caminhamos pelo corredor onde fica a enfermaria. Cameron nos leva a uma sala de treinamento, apenas mais uma porta adiante. Minha sobrancelha se ergue. *Por que estamos entrando ali?*

As luzes aqui estão fracas, mas ainda assim consigo ver como esta sala de armas está intacta e nova. Parece que não foi mexida por muitos anos, ou então a equipe de limpeza das Forças das Trevas é simplesmente impecável. Os bonecos no final do estande de tiro têm apenas alguns pequenos amassados e o chão está livre das muitas manchas e marcas que a base inferior apresentava.

"Vocês já passaram por esse julgamento antes?", pergunto enquanto fico perto dos rifles. Tem uma ACE 32 prateada, modificada como aquela que eu vi no Under, com detalhes em branco. Ela me atrai e decido soltar um pouco a mira, já que provavelmente terei que atirar para matar hoje à noite. É bom ter uma arma de longo alcance de novo, mas isso também vai dar vantagem para os outros.

Cameron pega dois coletes e joga um em minha direção antes mesmo que eu perceba. Ele jogou a bola. Eu a peguei e lancei-lhe um olhar de desagrado.

"Sim, na verdade. E eu sei que os cadetes inteligentes o suficiente para se prepararem adequadamente tiveram as melhores chances de vencer. Pegue aquela fita adesiva na prateleira e enfaixe as mãos. Vista aquele colete também", ordena distraidamente. Seus olhos percorrem as mesas de armas em busca de algo.

Faço o que ele diz e enrolo as palmas das mãos com a fita adesiva médica, mas decido deixar o colete de proteção de lado até terminarmos aqui. "Podemos levar essas coisas para os testes?", pergunto, sentindo uma inquietação ao perceber que ele parece ter mudado completamente de mentalidade agora que sabe qual é o teste. Ele se move metodicamente, pegando uma faca extra para guardar na bota e um carregador de munição reserva.

Cameron acena com a cabeça. "Armas incluídas", diz ele em voz mais baixa.

Meus olhos se arregalam. "Por que Adams não disse nada então?"

"As Forças das Trevas recompensam os soldados que são ousados. Determinados. Dispostos a fazer o que for preciso para garantir a sobrevivência da sua equipe, mesmo que isso signifique trapacear."

Eu devia ter imaginado. "As Forças das Trevas não fazem nada que não seja suspeito, não é?" Deixei meu olhar cair de volta para o ACE 32 em minhas mãos. É um lugar apropriado para pessoas como nós. Nada é justo no submundo sombrio do mundo. Lembro-me da vez em que eliminei quatro guardas com uma garrafa de

Eu coloquei veneno no vinho deles. Eles pensaram que estavam sendo recompensados pelo chefe. Pobrezinhos.

Cameron dá uma risadinha, um som grave que atrai meu olhar. Seu sorriso é fraco, mas mesmo assim o admiro. "Ser misterioso é meio que a nossa especialidade. Ou você se envolve com os pagãos, ou receio que as Forças das Trevas vão te devorar, linda."

Eu o encaro com um olhar fulminante e levanto meu rifle, mirando nos alvos de treino no final do estande de tiro. "Não me chamam de Carrasco da Separação à toa, *Mori*", murmuro enquanto aperto o gatilho. O ACE 32 dispara suavemente, silenciado pelo supressor na extremidade, e a bala desliza pelo ar com perfeição.

A cabeça do primeiro boneco explode quando a bala atinge o centro da testa. Decapito o segundo com um golpe direto nas vértebras e rompo o coração do terceiro.

Aperto firmemente o rifle com uma das mãos e pego uma das pistolas que estão sobre a mesa ao meu lado enquanto me viro, puxando o gatilho contra a parte inferior da garganta de um boneco de treino balístico atrás de mim.

Cameron está de braços cruzados, mas não consegue esconder a luxúria do seu olhar enquanto me observa. Ele se afasta da parede e me rodeia, seu corpo a centímetros do meu. Sou invadida pelo seu perfume e respiro fundo. O fato de ele *quase* me tocar está me enlouquecendo. Tudo o que eu quero são suas mãos cruéis em minha pele novamente.

"Você parece uma santa, Em. Esse é o problema. Você é doce o suficiente para ser devorada de uma só vez. Só porque você pode matar não significa que você saiba o que é perder um camarada. O que é se afundar nas coisas horríveis que você fez. Lá fora, na civilização, você estava apenas matando pessoas ruins designadas para você. Aqui dentro, você vai tirar a vida daqueles que você *escolher* matar. De cadetes que estão apenas tentando sobreviver como você. De quem quer que o General Nolan nos mande atrás. Você consegue suportar isso?" Cameron caminha lentamente ao meu redor até ficar de frente para mim novamente, olhando nos meus olhos.

"Acabei com vidas ontem e dormi como um bebê, ou você já se esqueceu?" Estou mentindo. Dormi muito mal. Mas delírio e dissociação são os únicos métodos que conheço para manter a mente sã. Reed me ensinou isso, e me salvou de mim mesmo.

Ele inclina a cabeça e sorri. "E você tem sentido esse vazio desde então. Consigo ver a culpa se acumulando em seus olhos. Você está apenas escolhendo."

Não para processar isso. O desapego vai te manter vivo, então pelo menos você é inteligente o suficiente para fazer isso."

Mordo o lábio inferior. Como ele vê isso? Me irrita que ele saiba de tudo isso só de olhar para mim. Será que sou tão transparente assim? Não tento ser. Não consigo ser tão insensível quanto ele. Eu não perdi tudo da mesma forma que ele.

"Viu? Esse é o seu problema. Você se entrega de corpo e alma como se isso fosse lhe render alguma coisa. Se importar com os outros não lhe trará *nada*. Deixe-me ser a sua primeira decepção nesse sentido. Você *vai* perder essa parte de si mesmo. E que seja logo, porque no fim das contas, você não será melhor do que eu." Ele diz as palavras sem demonstrar nenhuma emoção.

Olho para o chão e tento evitar seu olhar, mas seus dedos frios encontram meu queixo e ele inclina minha cabeça de volta para ele.

"É um bom lugar para estar, Em."

"Sério? Porque você não parece nada bem, Cameron. Você diz que sou eu que não consigo processar as coisas, mas e você? Eu também consigo te desmascarar, sabia?" Ele se encolhe ao ouvir minhas palavras como se tivesse levado um soco e estreita os olhos.

Dou um passo para trás para criar distância entre nós, mas ele a encurta tão rápido quanto a encurtou, me encostando na parede. Respiro fundo enquanto ele abaixa a cabeça contra a parede até que seus lábios roçam minha orelha e sussurra: "Cuidado com essa sua língua astuta". Sua respiração aquece meu pescoço e espalha calor por todo o meu corpo.

"Ou o quê?" pergunto suavemente, virando minha bochecha em direção a ele até que nossa pele... encontra.

A garganta de Cameron se move lentamente enquanto ele entrelaça seus dedos nos meus e leva minha mão para trás das minhas costas. Ele sussurra sobre meus lábios: "Vou te castigar até que você aprenda a lição. Até que você não consiga mais falar."

Seu aperto na minha mão afrouxa enquanto seus olhos se desviam para meus lábios.

"Você quer ser carinhoso *agora*? Depois da noite passada?", pergunto friamente, e sua compostura finalmente se desfaz.

"Isto não é ternura. Isto é fome."

Ele cede ao seu desejo carnal e me beija como se fosse a primeira e a última vez.

Ele desliza a mão pela minha garganta enquanto a outra segura minha mão firmemente atrás das minhas costas. Fiel à sua palavra, Cameron me consome fervorosamente. Nossos lábios se movem no mesmo ritmo, e nossos corações batem com força.

contra o peito um do outro. Sinto como se o conhecesse mais do que qualquer outra pessoa, mas ao mesmo tempo, nada.

Um gemido escapa dos meus lábios quando ele deixa sua língua afundar na minha boca, explorando cada centímetro do meu corpo. Suas mãos o acompanham, soltando meu pulso e percorrendo as curvas e reentrâncias da minha pele como se fosse a primeira vez que me toca. Desta vez, é mais delicado, quase sombrio, no jeito como seu polegar traça a borda do meu seio.

Cameron afasta a cabeça e range os dentes. As veias do seu pescoço estão salientes enquanto ele se controla para não se entregar ao que quer que seja isso entre nós.

Eu pressiono meus lábios contra seu pescoço e o envolvo lentamente com meus braços, deslizando meus dedos por suas costelas. Ele estremece enquanto murmuro: "Do que você tem medo, Cam? Eu sou apenas uma mulher. Você é incapaz de se importar, lembra?"

Seu corpo enrijece e, por um instante, penso que venci nossa pequena batalha de inteligência. Mas ele aproxima o nariz do meu e fita minha alma. "Você acha que vou te poupar no fim, Emery, não é? Estou apenas tentando manter seus frágeis pedaços unidos até a última canção ser cantada. Até que eu seja a última coisa que você veja."

Não é uma visão tão ruim, penso, tentando impedir que o frio me percorra as veias.

Dou risada sobre seus lábios enquanto o beijo novamente. "Que poeta. Você enlouqueceu, receio", digo entre suspiros. Ele geme e me empurra contra a parede, agarrando meus cabelos e irradiando calor pela minha pele.

Cameron desliza a mão por baixo da minha blusa e massageia meu seio. "Só você parece me levar a esse ponto de loucura. As coisas que eu quero fazer com você são bestiais." Ele morde meu lábio inferior enquanto abre o zíper da minha calça. Eu gemo com a ardência dos seus dentes, seguida pelo toque suave da sua língua.

Ele me beija mais uma vez antes de se afastar e manter o olhar fixo em mim enquanto se ajoelha diante de mim. Permaneço de pé, com as costas encostadas na parede.

"Não se mexa", ele diz enquanto abaixa minhas calças e geme ao ver a evidência da minha excitação. "Veja como seu corpo anseia pelo meu toque, amor." Ele desliza o dedo pela minha fenda e o esfrega até chegar ao meu clitóris. Meu queixo cai e eu aperto as mãos contra a parede, tentando resistir à tentação de passar os dedos pelos seus cabelos e forçar sua boca contra meu centro pulsante.

Cameron olha para mim de relance, seus olhos tão cativantes que despertam algo em mim. Parece que ele só faz isso: revela coisas que eu achava que estavam há muito tempo escondidas.

morto.

Ele não desvia o olhar enquanto leva os lábios ao meu centro e desliza a língua pela minha vagina. Sua boca se fecha em torno do meu clitóris, e ele fecha os olhos como se estivesse saboreando um êxtase. Então, solta um gemido baixo enquanto aperta minhas coxas e enterra a língua dentro de mim.

Eu grito, meus joelhos cedendo enquanto o prazer me invade com força. Cameron lambe meu centro como se realmente quisesse que eu perdesse a sanidade. Minhas mãos encontram seus lindos e macios cabelos e meus quadris se movem levemente enquanto ele me suga e me lambe como uma fera selvagem. Chego ao clímax rapidamente e cravo meus dentes no lábio inferior para não gritar enquanto ele me devora por completo.

Ele absorve meu prazer avidamente e não para até que eu esteja me contorcendo toda. Suas mãos imploravam para que ele me desse um momento para recuperar o fôlego.

Cameron finalmente para e lambe os lábios enquanto eu deslizo pela parede até meu traseiro tocar o tatame de treino. Minha respiração está irregular e eu solto um suspiro quando ele me levanta como se eu não pesasse mais do que um fuzil de assalto.

"O que você está fazendo?", pergunto ofegante, pressionando minha mão contra o peito dele. Seus olhos, cheios de desejo, encontram os meus enquanto ele me coloca sobre a mesa, entre as facas de combate. Meu pulso dispara e o medo me invade quando ele pega uma lâmina de ébano.

"Vou te foder até você chorar, mas só por precaução, caso eu me perca"—ele coloca a faca na minha mão—"quero que você se sinta segura comigo, Em. Quero... que pelo menos uma pessoa se sinta segura comigo", ele sussurra, com os olhos desviados, angustiado.

Uma onda de dor percorre meu peito ao ouvi-lo admitir. Eu sei como é difícil para ele se mostrar vulnerável. Cameron não *lida bem* com vulnerabilidade.

Pego a faca e ofereço-lhe um sorriso tranquilizador. Ele hesita, com os polegares presos na calça, e encara meu corpo estendido sobre a mesa como se eu fosse um sacrifício. Forço meu olhar para baixo, sabendo que ele não sente nada por mim, o que faz com que emoções irracionais aflorem em meu coração.

É só sexo.

Um instante depois, o som de suas calças batendo no chão me chama a atenção. Voltei a olhar para ele. Seu pênis estava pulsando e vazando líquido pré-ejaculatório na ponta.

Lambo meus lábios enquanto o observo se masturbar e alinhar a ponta do seu membro à minha entrada. O cabelo de Cameron cai sobre sua testa enquanto ele penetra em mim. Suas sobrançelas se franzem e sua boca se entreabre enquanto ele me preenche com sua grossura. Minhas costas se arqueiam com a pressão e o prazer que tomam conta do meu estômago.

"Porra, você está apertando meu pau com tanta força", ele geme, pressionando os lábios contra minha clavícula enquanto encosta os quadris nos meus. Eu solto um gemido baixo em seu pescoço. Nunca me senti tão preenchida como ele me preenche.

Meus quadris se movem contra ele, implorando para que ele se mova e me faça gozar.

Cameron dá uma risadinha e belisca a pele macia na parte de trás do meu maxilar. Ele cede aos meus gritos e começa a me penetrar. Minhas pernas se enrolam em sua cintura e meus dedos se cravam em seus ombros.

O jeito como ele me abraça com tanta ternura, mas empurra os quadris com tanta brutalidade, faz com que todos os meus pensamentos se desviem do eixo. Eu o quero por inteiro.

Cada gota de seu corpo pecaminoso, seu toque assassino.

Eu quero tudo isso.

Meus dedos se entrelaçam em seus cabelos, e minhas palmas repousam suavemente em suas bochechas enquanto ele respira pesadamente sobre mim. Seus olhos sábios encontram os meus, e a frieza que mantém aquele coração congelado se dissipa um pouco. Ele diminui o passo, fitando minha alma com ternura a princípio, mas o medo lentamente se espalha por seu olhar.

Ele rapidamente encosta o peito no meu. Sou envolvida por uma onda de calor e pelo seu toque. aroma.

"Odeio quando você me olha assim", ele sussurra no meu ouvido, aquele tom frio retornando à sua voz. Ele me penetra com força, me fazendo soltar um gemido. Que merda acabou de acontecer?

Respiro fundo e mordo seu ombro.

Ele rosna, e a vibração percorre meu peito até chegar ao meu coração. "Odeio ter que te *proteger*", ele grita, e isso me assusta.

Então, mais suavemente. "Você é a pior coisa que me aconteceu." Sua voz falha.

"Cameron." Odeio o quão chateada minha voz soa. Tento engolir o nó na garganta.

"Esta é a última vez que vou transar com você. Não quero que você me toque nunca mais. *Eu odeio isso*. Odeio a sensação das suas mãos na minha pele", ele diz em voz baixa e desdenhosa. Seus braços me envolvem pelos ombros e me levantam até que meu peito esteja contra o dele.

"Eu te odeio", digo, reprimindo as lágrimas enquanto tento empurrá-lo para longe de mim, mas seus braços me prendem. "Eu te odeio pra caralho! Você acha que eu quero ficar presa nesse submundo psicótico com você, de todas as pessoas?!" Deixo cair a faca que ele me deu e soco suas costelas.

Ele não me solta; apenas me levanta da mesa, com o pênis ainda duro dentro de mim, ajudando a me sustentar, enquanto me carrega para um canto escuro.

Ele encosta as costas na parede e desliza para baixo até estar sentado no chão, e eu estou no colo dele.

Nossa conexão só me irrita ainda mais. Que merda ele está fazendo? Eu estou
Estou farta das mudanças repentinas de humor dele. *Um babaca que se sabota.*

"Cameron, me solta", digo com firmeza.

Ele solta os braços e os deixa cair ao lado do corpo, mas sua testa permanece em meu ombro. Nosso silêncio se prolonga por alguns segundos. Emoções queimam dentro da minha cabeça como labaredas.

"Você não me odeia, Em. Esse é o problema, não vê?", ele murmura. Por que ele precisa dizer isso com tanta tristeza? Sua respiração quente roça meu pescoço e me causa arrepios.

Engulo em seco ao sentir a pulsação do seu pau bem fundo em mim enquanto empurro lentamente seus ombros para trás até que ele levante a cabeça e se apoie encostado na parede. Seus olhos estão semicerrados e me atravessam, quebrados e mutilados, mas ele tem o sorriso mais fraco.

"Serei a sua ruína. Vou roubar os últimos lampejos de luz que ainda restam em você." Algo endurece em seu olhar. A determinação de um homem de coração de pedra. "Você não me trouxe nada além de desespero."

Pisquei freneticamente para afastar as lágrimas antes que pudessem cair, enquanto me levantava. Suas mãos pressionam meus quadris com força, me mantendo no lugar.

Nossos olhares se cruzam. *Que audácia!*

Eu me inclino para mais perto para deixar meu ponto de vista bem claro. "Eu não gosto de você, *Mori*. Você é um verdadeiro merda."

Ele sorri, mas há um lampejo de mágoa em seu olhar. Cam toca meu esterno com dois dedos. "Sai de cima de mim, porra."

Meu maxilar inferior treme e eu forço as paredes do meu coração a se fecharem mais uma vez. Me sinto tão estúpida por tê-lo deixado entrar. Eu sabia que ele era cruel e vil. Eu sabia que ele estava destruído demais para ser consertado... então por quê? Por que ainda dói tanto?

CAMERON

Nunca desejei tanto a morte como neste momento. Aqueles olhos. O jeito como ela me olhou, como se eu fosse mesmo um monstro... Me dá vontade de morrer.

O frasco de comprimidos chacoalha enquanto eu despejo cinco deles e os mastigo para que façam efeito mais rápido.

Não quero sentir nada. Desde que a conheci, tenho sido atormentado por emoções que não quero sentir.

Porra... *O que eu estou fazendo?*

ESMERIL

A primeira sorte que tive em anos finalmente caiu no meu colo.

Bree e Damian esperaram que eu voltasse ao quartel e pediram para formar um esquadrão comigo e com Cameron. Concordei, grato por os dois que eu pensava que seriam meus inimigos pelo resto das provas terem acabado se tornando conhecidos.

É claro que eu tive que contar a eles sobre o segredo que Cameron compartilhou a respeito dos coletes e das armas. Fiquei aliviado quando entramos na sala de armas e ele não estava mais lá.

"Tem certeza de que podemos fazer isso?", pergunta Bree, hesitante. Seus olhos se fixam em uma pistola preta fosca.

Assenti com a cabeça. "Consegui usar o colete sem que a sirene disparasse, e também o testei com uma pistola. Teremos que escolher opções menores para não alertar os outros." O sorriso de Damian se alargou enquanto ele vestia ansiosamente um dos coletes brancos e pegava uma pistola e uma adaga de tornozelo. Seus olhos percorreram o rifle de precisão. Uma pena que seja grande demais para levarmos conosco.

"Você é treinado em atirar de longe?", pergunto incrédulo, tentando não olhar para a mesa de facas em cima da qual acabei de ser fodido.

Damian ergue o queixo com orgulho. "Aqueles de nós que estão no treinamento básico há seis meses têm muito mais experiência do que você, novato", ele repreende. Bree balança a cabeça com um sorriso, testando a pistola preta em suas mãos para se familiarizar com ela.

"Como foi quando você chegou?" pergunto enquanto passo o dedo por uma KA-BAR branca com pintas cinzas. Ela deve se camuflar bem com a neve, e é a única branca na mesa, então a troco pela que eu já tenho.

"Bem, éramos mais de cem quando chegamos... muito *mais*. As primeiras semanas foram as piores, porque nos faziam brigar por comida, camas, qualquer coisa, na verdade", diz Bree, fazendo uma careta ao se lembrar. Meus olhos se arregalam e ela concorda com a cabeça. "É. Essa foi a primeira maneira que eles encontraram para eliminar os mais fracos. Depois, as coisas começaram a ficar mais parecidas com o que eu imagino ser um treinamento militar normal. Embora eu não tenha nada com que comparar, já que nunca servi nas forças armadas."

Damian acrescenta: "Adivinha quem aqui embaixo realmente tem experiência militar." Seu tom é sarcástico e eu sei imediatamente de quem se trata.

"Arnold e Wraith." Seus nomes têm um gosto amargo na minha língua.

"Bingo." Ele faz um gesto com os dedos como se estivesse apontando armas.

Reviro os olhos e sorrio. Fico pensando quantos anos Damian e Bree têm. Parecem ter a minha idade, mas poderiam ser mais novos. "Quantos anos vocês dois têm? Acho que nunca trocamos formalidades nem nada do tipo." Coço a nuca. Provavelmente não é tão constrangedor quanto estou fazendo parecer, mas não estou acostumada a conversar com as pessoas. Passei metade da minha vida presa ao Reed, e é basicamente isso, além de alguns casos passageiros ocasionais.

Bree envolve o braço de Damian com a mão e apoia a cabeça no ombro dele. "Bom, se você ainda não sabia, nós estamos meio que juntos." Eu concordo com a cabeça. Era bem óbvio. "Na verdade, nós dois somos de Boston. Eu tenho vinte anos e ele vinte e dois." Ela sorri para ele. O jeito como os olhos dele se suavizam quando ele olha para ela é como toda garota quer ser amada.

"Vocês dois foram trazidos ao mesmo tempo?", pergunto. Qual a probabilidade disso?

Eles trocam um olhar antes de Damian responder: "É, nós também éramos uma dupla lá em cima. Não pergunte o que fizemos, você sabe que não podemos te contar."

Meu Deus, eu só posso imaginar.

"E você, Emery?", pergunta Bree enquanto conferimos se temos nossa seleção final no arsenal e voltamos para o quartel antes que alguém desconfie.

"Sou apenas a filha de um riquinho babaca que foi pega matando pessoas."
Denunciada pelo próprio pai. "Tenho vinte e quatro anos."

Ambos assentem pensativamente enquanto viramos a esquina para o corredor. Seus sorrisos parecem tão fáceis e relaxados. Todos no Submundo tiveram que se desvencilhar do passado de uma forma ou de outra. Isso me dá esperança de que talvez eu também consiga.

Talvez eu não precise mais ser o carrasco. Um sorriso surge em meus lábios com esse pensamento. Meus olhos se estreitam ao se fixarem em Cameron, que fuma um cigarro com as costas encostadas na parede.

Ele deixa o olhar percorrer os dois, me ignora e olha para o outro lado. *Ele é tão infantil.* Quero dizer tantas coisas para ele, mas sei que não vai adiantar nada, então passo por ele com ar de superioridade. Bree e Damian trocam um olhar hesitante enquanto me seguem. Os passos de Cameron vêm atrás de nós.

A tarde se arrasta enquanto os cadetes restantes organizam seus esquadrões. Tenho certeza de que o nosso grupo vai pegar quem sobrar por último. Nenhum de nós está preocupado com isso, então descansamos o máximo possível e esperamos.

Quando terminamos o jantar, um cadete se aproximou da nossa mesa. Ele tem mais ou menos a minha altura. Tem uma expressão sombria no rosto e parece nervoso.

"Só me restou", murmura ele, sem tirar os olhos dos nossos ombros. Seus cabelos são castanho-claros, curtos e encaracolados, e sardas cobrem suas bochechas e nariz. Ele parece o jovem mais inocente do século. Eu o vi algumas vezes de relance no Subsolo. Leva um segundo para eu reconhecê-lo. Ah, ele é aquele cara que geralmente ficava na biblioteca, como eu. Ele sempre fica na dele.

Jesus, como ele sequer sobreviveu ao primeiro julgamento?

Cameron o encara friamente, parecendo fazer com que a criatura frágil se afunde ainda mais em si mesma.

Solto um suspiro ao ouvir a saudação salgada de todos.

"Qual é o seu nome?" Ofereci um sorriso e apontei para o assento ao meu lado. Ele faz uma pausa antes de ceder e se sentar.

"Bryce. Eu já sei o nome de todos vocês, então não precisam se apresentar." Ele lança um olhar hesitante ao redor da mesa antes de voltar a olhar para baixo. Bryce usa óculos grandes e redondos, presos à cabeça como óculos de proteção, para não caírem. Ele parece incrivelmente inteligente.

Pelo que pude apurar aqui, a inteligência é fundamental. Não é só força bruta. Afinal, há um motivo para ele ainda estar vivo.

"Então, Bryce, o que você tem a oferecer ao grupo?", pergunta Damian, com rigidez. Isso lhe rende um olhar feio de Bree, mas ela também parece um pouco incomodada com a presença de Bryce. Não é como se tivéssemos escolha.

Os olhos de Bryce se arregalam e ele balança a cabeça. "Não sou muito bom em combate ou em matar pessoas. Pelo menos não diretamente." Sua voz tem um tom suave. É assustador, já que ele vinha transmitindo uma aura tímida o tempo todo.

"Meu Deus, você envenena as pessoas, não é?", Bree dispara.

"Bem, sim, mas é difícil envenenar os outros nos julgamentos. Quer dizer, armas e facas contra uma garrafa da morte não são exatamente comparáveis, mas armadilhas são uma das minhas especialidades." Todos nós trocamos um olhar de horror, com exceção de Cameron. Ele mantém os braços cruzados e avalia Bryce em silêncio.

"Que tipo de armadilhas?" pergunto, achando-o mais interessante do que um instante atrás. Bryce transmite uma sensação de calma, embora pareça ser o menos propenso a sobreviver de todos.

Bryce sorri ao ouvir minha pergunta, parecendo adorar a oportunidade de explicá-la. métodos. "Meu favorito pessoal é uma mistura de venenos simples e pregos."

"Pregos?" Damian gagueja.

"Sim. Eu mergulho-as no veneno e alinho as armadilhas em faixas ao longo dos caminhos comuns usados pelos outros. O veneno também é útil em facas de combate para aqueles que preferem uma rota mais direta."

Literalmente todos nós, exceto esse cara.

"Você é assustador pra caralho", eu repreendo. Nem me passou pela cabeça que pudesse haver alguém como ele no Submundo. Veneno exige conhecimento e estudo para aprender quais funcionam mais rápido e quais efeitos causam. Será que era isso que ele estava estudando na biblioteca o tempo todo?

Graças a Deus eu não pisei em nenhuma das armadilhas dele no primeiro teste.

Bryce esfrega os joelhos, ansioso. "Você acha mesmo?"

Damian riu, deu um tapinha nas costas de Bryce e disse: "É, digamos que eu sei quem eu não quero irritar. Gosto de comer sem me preocupar se a comida vai me matar, obrigado." Bree não compartilhou da sua diversão; sua expressão era de apreensão pelo nosso novo...

colega de equipe.

Encaro Cameron fixamente. "Alguma sugestão?" Ele me ignora completamente e continua observando os outros grupos enquanto eles cochicham entre si da mesma forma que nós.

É óbvio que somos um dos times que mais serão alvos. E não ajuda em nada o fato de agora termos que nos preocupar também com o Bryce. Ele é franzino — basta uma respiração profunda e ele pode cair. Mas aposto que ele é o único que poderia nos matar a todos antes mesmo de percebermos.

“Qual é o problema dele? Vocês dois estão brigando? Não temos tempo para brigas entre vocês.” O tom de Bree é severo. Ela nos encara com um olhar penetrante. “Todos nós dependemos uns dos outros lá dentro. Vocês podem resolver o que quer que esteja acontecendo?” Ela gesticula entre nós com a mão antes de se levantar. “Vamos lá, Bryce, vamos te preparar.”

Bryce franziu os lábios, confuso, antes de segui-la, a contragosto, junto com Damian.

Ótimo, isso me deixa com o idiota. Cruzo os braços e me recosto na cadeira. Não conversamos. O silêncio é bem-vindo. Aproveito cada segundo para tentar estudar os outros esquadrões, tentando descobrir quem é mais problemático e quem seria bom rastrear.

Minha perna balança enquanto eu mordo a unha do polegar. A mão de Cameron vem O golpe cai com força sobre minha coxa e me faz estremecer.

Eu o encaro com um olhar fulminante. "O quê?", respondo rispidamente.

Sua expressão é inexpressiva quando finalmente olha para mim. "Não mostre a eles."

"Você está nervosa." Ele afasta minha mão da minha boca com um tapa.

"É mesmo? Bom, sabe de uma coisa? Estou *nervoso*."

"Esse julgamento é uma merda." Ele sorri, mas seus olhos estão vazios. "Você deveria estar nervosa, mas demonstrar isso é outra história." O aperto de Cameron na minha coxa se intensifica, e eu tenho que engolir meu orgulho para não passar vergonha. Literalmente todo mundo no refeitório está olhando para nós. Ele tem razão, mesmo que eu odeie admitir.

"Tire a mão antes que eu faça um escândalo", ameaço com um aperto firme.

Sorria. *Deus, me dê forças para superar o resto dessa merda toda.*

Cameron dá uma risada sombria. "Eu gostaria de ver, na verdade." Sua mão se contrai em desafio.

"Faça como quiser." Agarro a mão dele e a empurro, levantando-me abruptamente e me preparando para sair. Ele segura meu pulso e me puxa de volta para a cadeira. Mais olhares se voltam para nós e minhas bochechas queimam com sua audácia.

"Era só isso?" ele provoca, um pequeno brilho dançando em seus olhos. "Eu Esperava mais de um pirralho mimado como você.

"Você não morreria de tédio se fosse assim?" Dou-lhe um tapa na cara. O som ecoa pela sala como tiros, e as vozes ao nosso redor se calam.

Os olhos de Cameron permanecem impassíveis enquanto ele sorri de canto, uma mancha de sangue grudada no canto dos lábios. Sua língua passa por cima dela e ele saboreia o gosto.

gosto.

"Era só isso?" Ele me dá um sorriso largo dessa vez, e isso aciona o pino da granada na minha alma.

Eu o derrubo da cadeira e lhe dou dois socos no rosto antes que ele agarre minha perna e gire, me jogando no chão e me imobilizando rapidamente.

Meu coração dispara cem vezes por segundo enquanto a fúria me escapa na forma de um grito selvagem a centímetros do seu rosto.

Cameron nem sequer se mexe enquanto segura meus braços. O sangue escorre. Sai de seus lábios e queima minha pele enquanto escorre pela minha bochecha.

"Que cena, querida. Você é completamente louca." Sua voz grave faz Eu me contorci mais uma vez, tentando me libertar dele, mas sem sucesso.

"Sai de cima de mim, porra!" grito e me debato. Seus olhos se estreitam em triunfo e ele me solta. Me afasto de baixo dele e respiro fundo algumas vezes para me acalmar, observando todos os rostos que me encaram. Bree, Damian e Bryce estão entre eles, com expressões sombrias. *Droga, o que estou fazendo?* Cerrei os dentes e me levantei, sacudindo a poeira da minha calça tática.

Vamos acabar logo com isso antes que eu faça mais papel de idiota.

ESMERIL

Como prometido, estamos reunidos do lado de fora, ouvindo o sargento instrutor dar suas instruções. Ele nos direciona para cinco caminhões de transporte e nos faz entrar neles, sem praticamente nenhuma explicação sobre para onde estamos indo. Imagino que estejam nos transferindo para um local diferente para este teste, para que não estejamos familiarizados com a área.

Minha bunda dói depois de uma hora dirigindo por estradas de terra esburacadas. O ombro da Bree está encostado no meu, enquanto o Bryce está do meu outro lado. O Cameron está sentado encostado na porta traseira da caminhonete, e seus olhos me encaram de relance a cada poucos minutos. Só percebo pelo canto do olho, porque me recuso a olhar para ele agora.

Bryce se remexe desconfortavelmente. "Eu cheguei à conclusão de que Mori está sendo punido por seu mau comportamento no esquadrão, mas por que ele está ligado a você?", sussurra, a respiração ofegante no ar frio. As carrocerias dos caminhões estão cobertas apenas por lonas finas que não servem para nada além de nos proteger do ar gélido.

"Você quer a versão longa ou a versão curta?", pergunto sem muito entusiasmo.

Ele sorri e ajeita os óculos. "Curto, por favor."

"Ele tem um problema com o assassinato de seus parceiros em campo. Esta é a última chance dele de provar ao General Nolan que ele consegue *se comportar*."

Bryce faz uma careta. "Droga, e você é a cobaia?"

"Nem tudo é ruim. Pelo menos vou estar no mesmo esquadrão que ele, se ele decidir não me matar." Dou um sorriso falso para Bryce e ele dá uma risadinha. O som atrai o olhar de Cameron. Tento ignorar o jeito como o olhar dele me perfura e acelera meu coração.

"Eu sempre poderia cuidar dele discretamente para você." Bryce enfia a mão no bolso e revela um pequeno frasco o suficiente para eu ver antes de empurrá-lo de volta para dentro. *Ok, Bryce é assustador demais*, penso. O jeito como ele fala casualmente sobre envenenar pessoas é perturbador.

"Agradeço a oferta, mas mesmo que eu quisesse matá-lo, não tenho certeza se veneno resolveria. Ele está completamente dopado com o que quer que as Forças das Trevas estejam lhe dando há anos." Minha voz falha ao terminar a frase. Imagens do seu nariz sangrando e dos espasmos corporais passam pela minha memória. Rapidamente as afasto antes que a empatia por ele me domine. Ainda estou furioso.

"Ah, sempre há um jeito de resolver isso." Ele sorri enquanto seus olhos percorrem o chão. Acho que ele está vasculhando sua biblioteca mental, tentando encontrar as melhores misturas que consegue imaginar.

"Não deixe que ele ouça você dizer isso." Cubro a boca para que Cameron não veja enquanto digo isso.

Bryce dá de ombros no exato momento em que os caminhões param. Nossos corpos balançam com o movimento brusco, e saímos em fila, conforme ordenado, assim que chega a nossa vez.

Meus olhos se estreitam diante da escuridão. Estamos mais adentro da floresta. Agora, o tempo está surpreendentemente mais quente, mas não muito.

Adams está vestido com um equipamento tático branco que se camufla tão bem que quase não o vejo na beira de um penhasco íngreme. Ele olha para nós de cima e espera que todos se reúnam.

"Cadetes, sejam bem-vindos ao segundo teste: Nenhum companheiro de esquadrão deixado para trás." Como expliquei anteriormente, todos os cinco membros do seu esquadrão precisam chegar ao final desta prova para avançar para a próxima. Se eles estiverem vivos ou mortos, não importa, mas se você chegar sem o seu esquadrão completo, será eliminado. Há apenas vinte vagas disponíveis, então o último esquadrão a alcançar o sinalizador verde será eliminado. Recomendo que você se prepare para uma batalha feroz e sangrenta, mas lembre-se de que, para o sucesso de todo o esquadrão, uma abordagem mais cautelosa e menos impulsiva pode ser a melhor opção.

Meus olhos se voltam para o esquadrão de Arnold e Wraith. Eles estão cutucando um deles. Outro conselho estúpido do sargento instrutor é: "*É problema seu.*"

Os soldados percorrem o grupo, distribuindo fuzis enquanto Adams avança.

"Seus rastreadores foram reconfigurados para novos perímetros. Você vê aquela luz verde do outro lado do vale?" Uma luz verde-neon brilhante pisca lentamente à distância. É tão pequena e distante que pensei que fosse um farol de alguma cidadezinha. *Impossível, não pode ser.* Minhas mãos

Aperta nas minhas laterais. Como vamos conseguir percorrer essa distância com esse tempo e escapar dos outros esquadrões? Espero que o isolamento térmico dos nossos equipamentos aguarde.

"Essa luz é a sua tábua de salvação. Em uma missão, você não tem segundas chances." Se você perder o único voo de volta para casa, acabou. Você tem três dias para chegar lá. Soldados, por favor, escoltem os pelotões até os locais de liberação. Adams termina e salta da borda com facilidade. Ele saca uma pistola de sinalização e dispara para o céu. "Vocês começarão quando eu disparar o próximo sinalizador vermelho. Boa sorte, cadetes, estou ansioso para ver quem consegue sair daqui."

Bree e Damian lançam olhares incertos para Cameron e Bryce. Eu entendo as preocupações deles, mas me sinto muito mais segura com Mori do que com qualquer outra pessoa lá fora, mesmo que ele seja completamente maluco.

Um soldado guia nosso esquadrão para longe, enquanto outro fica na retaguarda. As outras equipes são conduzidas da mesma maneira. Movemo-nos em silêncio. Todos parecem sentir o mesmo nível de adrenalina que faz o ar praticamente vibrar.

Cinco minutos depois, descemos com cuidado por rochas irregulares e paramos na base de uma colina íngreme. A mata é definitivamente mais densa aqui do que na primeira trilha. O terreno é acidentado, com pedras que se projetam da neve, e é quase impossível atravessar a vegetação rasteira sem se enroscar em espinhos ou tropeçar em raízes de pinheiro.

Os homens armados estão atrás de nós com as mãos nos rifles, esperando o sinalizador disparar no mesmo instante que nós. Meus olhos se voltam para Cameron, observando-o todo paramentado com seu equipamento tático. Seus ombros largos sobem e descem com uma longa respiração enquanto ele examina a mata à frente.

Eu não deveria achá-lo tão atraente quanto acho, mas não consigo evitar. Nosso olhar se encontra enquanto ele ajeita a máscara no rosto, puxando-a para baixo até que tudo o que eu veja seja o crânio e aqueles olhos assustadores.

Eu desvio o olhar e abaixo minha máscara também. É uma merda que ainda tenhamos que usar essas máscaras de identificação, mas enquanto nos mantivermos nas sombras, tudo ficará bem.

Damian ajuda Bree a colocar o capacete. Eles parecem calmos e preparados para isso. Preciso estar no nível deles. Até o Bryce tem uma serenidade que demonstra sua experiência aqui embaixo. De repente, me arrependo de não ter passado meses no Submundo como os outros. Mesmo sendo eficiente em missões individuais ou com pequenos grupos para eliminar, não estou preparado para as Forças das Trevas. Nem de longe.

Engulo em seco e mantenho o olhar fixo à frente, vasculhando a floresta escura sem encontrar nada. O que eu não daria para ter aqueles óculos de visão noturna que o Tenente Erik me emprestou naquela noite. Meu estômago revira. Será que ele estava tentando me ajudar ao me deixar ficar com eles? Agora que penso nisso, ele nunca os pediu de volta; eu simplesmente os entreguei de bom grado.

Pare de pensar demais em tudo.

O sinalizador vermelho voa para o céu e tudo silencia ao meu redor. Apenas as batidas aceleradas do meu coração rugem enquanto abro o zíper da minha jaqueta num movimento fluido. Os outros fazem o mesmo. Desprendo a pistola branca com silenciador da alça do meu colete antes de fechar rapidamente o zíper do meu casaco para esconder o colete melhorado que peguei no arsenal.

Guardo a pistola no coldre do meu cinto e seguro firmemente a ACE 32 que estava... distribuídos pelos soldados.

Cameron olha por cima do ombro para nós e acena com a cabeça. "Fiquem perto." "Em, você está me flanqueando", ele ordena, agachando-se antes de se mover lentamente em direção à luz verde ao longe.

Meu coração dispara ao ver seu jeito ríspido, mas ele parece completamente diferente agora. É assim que o imagino em uma missão. Ele quase parece normal — concentrado e determinado a levar todos ao destino em segurança.

Eu fico perto das costas dele e observo frequentemente a direção oposta à que ele olha. Isso me parece tão estranho; pensei que seria mais fácil de entender.

Damian e Bree se movem como uma unidade, praticamente costas com costas, com os pés em completa sincronia. Eu vivo pisando sem querer na parte de trás das botas do Cameron, e ele solta um suspiro curto e irritado cada vez que isso acontece. Até o Bryce tem mais elegância nos passos.

Cameron congela e se abaixa. Todos nós o imitamos em uníssono. Ele levanta a mão esquerda, sinalizando para ficarmos imóveis. Eu procuro freneticamente no meio da vegetação rasteira o que o alertou. As árvores são imponentes, balançando lentamente com a brisa, mas a floresta abaixo está mortalmente estática.

O cheiro metálico de sangue já impregna o ar e arre pia os pelos da minha nuca. Não houve nenhum tiro, então ou os outros esquadrões estão optando por uma abordagem silenciosa ou alguns tiveram a precaução, como nós, de pegar silenciadores no arsenal.

Um galho estala a seis metros de distância e nos alerta. Cameron ergue sua pistola com silenciador num instante, puxando o gatilho sem hesitar. O som de um corpo caindo no chão. Depois, nada.

Cameron se vira e olha para nós. "É uma onça-parda. Não pensem nem por um segundo que os outros esquadrões são o único perigo para nós aqui fora." Ele se levanta, apaga o isqueiro Zippo, acende um cigarro e me encara com apatia.

Desviei o olhar e me juntei aos outros para inspecionar o puma. Nunca tinha visto um tão de perto. A pelagem era curta e de cor bege. As patas eram facilmente do tamanho da minha cabeça. Essa coisa poderia arrastar um humano adulto sem pensar duas vezes. Cameron atirou direto na têmpora dele. Parece impossível que ele tenha conseguido vê-lo no escuro e acertar um tiro tão preciso, mas é para isso que servem as pílulas experimentais, não é?

Pelo menos ele está estável agora.

Bree levanta o lábio superior da puma, revelando dentes enormes, vermelhos de sangue de outra criatura. Seus olhos se arregalam. "Meu Deus! Será que as pumas sabem dos testes?" Pode parecer bobagem a princípio, mas pumas são animais inteligentes com cérebros de mamíferos. Se este terreno é usado anualmente para os testes, então sim, elas saberiam que cadetes das Forças Sombrias estão sendo considerados.

temporada.

"Que porra é essa, isso não é possível." Damian parece incerto, mas olha para Cameron em busca de confirmação.

Bryce foi o primeiro a responder, expressando exatamente o que eu havia pensado.

Cameron apaga o cigarro entre o indicador e o polegar e abaixa a máscara novamente. "Vamos continuar. Precisamos percorrer pelo menos três quilômetros esta noite. Fiquem alertas."

A noite se arrasta. Felizmente, transcorre sem incidentes e em silêncio, mas as temperaturas congelantes dificultam manter minha mão pronta para atirar. Mal consigo sentir meus dedos quando finalmente chegamos a um lugar adequado para descansar.

A luz do sol ilumina o topo da colina que escolhemos. Não há neve perto das árvores, e o fato de haver tão pouca neve na área circundante é um sinal encorajador de que estamos caminhando para um clima melhor.

A luz verde ao longe desaparece à medida que o céu clareia. Minhas pernas estão bambas quando me sento no chão com uma árvore atrás de mim. Solto um longo suspiro e contemplo o vale à nossa frente. Temos apenas dois dias e algumas horas antes de chegarmos ao farol, e parece que não fizemos nenhum progresso depois de caminhar a noite toda.

Bree senta-se ao meu lado e abre o zíper da jaqueta até a metade, soltando um suspiro exasperado. "Isso é uma loucura. Por que isso é sequer um julgamento? Faça o Dark

"As forças militares são mesmo enviadas para todo o país assim? Para *lugares* como este?", ela resmunga.

Cameron a ignora, segurando o rifle junto ao peito e olhando fixamente para a mata atrás de nós. As olheiras profundas revelam seu cansaço e fazem com que seja fácil esquecer até mesmo o motivo da nossa discussão anterior.

Eu não quero que você me toque nunca mais. Eu odeio isso. Odeio a sensação das suas mãos na minha pele.

Ah, sim. *Que se dane ele.*

Eu lanço um olhar furioso e abraço meus joelhos.

Bryce e Damian estão sentados à nossa frente, de costas para a encosta da montanha. O cenário com o sol nascendo atrás deles é belíssimo.

As nuvens descem entre as copas das árvores e criam uma vista da floresta enevoadada que é de tirar o fôlego.

"Claro, você não leu nada sobre as Forças das Trevas?" Bryce se achata.

A expressão dele ao vê-la, e ela fica boquiaberta.

"Onde é que eu teria encontrado informações sobre isso?"

"A biblioteca", dizemos Bryce e eu em uníssono, acenando um para o outro em sinal de aprovação.

Ela levanta as mãos. "Vocês dois foram praticamente os únicos que entraram lá... nerds." Ela franze os lábios. "O resto de nós estava aprendendo a matar pessoas e a manter nossos companheiros de esquadrão vivos."

Reprimo um revirar de olhos. "Se você tivesse dado uma olhada rápida nos livros, teria notado todas as informações sobre sobrevivência em lugares traiçoeiros como este e juntado as peças." Não menciono que também havia muitos livros de psicologia com táticas de manipulação e coerção. Meus olhos encontram os de Bryce; há algo calculista neles que me deixa desconfortável. Ele certamente não tenta esconder o fato de ser fraco.

Se eu li esses livros, não é um salto supor que ele certamente os tenha lido.

também.

"Vamos fazer o turno de vigia. Só temos algumas horas para dormir antes de precisarmos nos mexer de novo, então chega de conversa fiada", diz Cameron em tom baixo.

Ele nem se dá ao trabalho de se virar para olhar para nós.

Damian bufou e murmurou: "Acho que o ouvi falar mais hoje do que nas últimas semanas."

"Cala a boca, vai dormir, idiota." Bree joga um dos seus pacotes de ração militar nele. Damian guarda no bolso e pisca para ela antes de tentar encontrar um pacote mais...

Uma forma confortável de descansar. Não temos muitas opções, então dormir sentado terá que servir.

Por mais que eu tente, não consigo descansar. Minhas costas doem. Meus pés estão me matando. Meus ossos estão rígidos. Duas horas passam num piscar de olhos, e no final, me sinto ainda mais desconfortável.

Cameron se mexe e está prestes a acordar Damian para o próximo turno quando eu intervenho. "Ei", sussurro, "eu posso fazer o próximo turno. Já estou acordado mesmo."

Ele me observa levantar e esticar os braços acima da cabeça. Eu bem que poderia usar esse movimento para me aquecer um pouco. Embora o equipamento nos impeça de congelar até a morte, ele não nos torna imunes ao frio.

Eu ocupo o lugar onde Cameron estava posicionado e movo minhas pernas e braços para fazer meu sangue circular novamente.

"Você conseguiu descansar?" Sua voz me assusta.

Penso em ignorá-lo, mas acho que não vai dar em nada, então lentamente...

Balanço a cabeça negativamente. O ar com aroma de pinheiros se transforma em aroma de bétulas à medida que ele se aproxima de mim.

"Você só vai ser um estorvo —"

Solto um suspiro forte, interrompendo-o. "Por que você não me deixa em paz? Estou tentando ser útil. Não consigo dormir aqui fora, e provavelmente não conseguirei até esta noite, então pode simplesmente ir embora?" O olhar pesado que lanço por cima do ombro o faz hesitar. Fico surpresa ao ver que ele tirou a máscara; seus cabelos brancos estão despenteados. Ele puxa a gola da camisa para baixo para ficar mais confortável, revelando as tatuagens em seu pescoço.

Desvio o olhar à força e mantenho-me firme.

Quando ele não vai embora e continua parado ali sem jeito, eu Apertei o cabo do meu rifle e comecei a caminhar em direção à mata mais densa.

"Aonde você vai?", ele pergunta quase instantaneamente, seus passos logo atrás. meu.

Não bata nele de novo, repreendo a mim mesmo.

"Vou patrulhar a área. Descanse um pouco ou *vai ficar me incomodando*", zombo, e então ouço sua mão voar para a boca. Me viro, com a sobrancelha arqueada, sem paciência para suas besteiras, mas tenho que conter um risinho ao ver sua expressão distorcida, tentando segurar o riso.

"Isso foi ridículo." Seus olhos estão semicerrados em divertimento, mas eu continuo irritado.

Ele para quando nossos peitos estão a apenas trinta centímetros de distância. Ele precisa inclinar o seu corpo. Ela abaixa a cabeça para me olhar enquanto eu tenho que levantar o queixo.

"O que você quer, Mori?", pergunto, de forma breve e direta.

Sua boca se fecha em um gesto abrupto, e a diversão desaparece de seu rosto. "Não gosto quando você me chama assim." Sua voz é suave e profunda.

"O quê? Seu codinome?" Dou um passo para trás, mas ele me acompanha sem hesitar.

"Você me chama de Cameron", ele murmura.

Eu odeio que ele faça isso. Ele é tão inconstante. "Eu não sou um objeto com o qual você possa brincar. Você não pode sempre ter as coisas do seu jeito só porque se acha especial, *Mori*", eu o retruco, sentindo um músculo se contrair em seu maxilar enquanto ele franze as sobrancelhas.

"Você quer que eu a deixe em paz?", ele pergunta friamente, e eu aceno com a cabeça bruscamente. Seus olhos sábios me estudam por um instante antes que ele ceda e se vire para voltar ao acampamento.

Isso é o melhor a se fazer. Afinal, ele vai ser a minha ruína mais cedo ou mais tarde. É melhor sermos indiferentes um ao outro do que amigos ou seja lá o que estivesse acontecendo entre nós. Cerrei os dentes, sabendo que era muito mais do que uma simples relação.

Passou-se quase uma hora quando voltei ao acampamento. Percorri o que considero um perímetro razoável antes de retornar.

A floresta está estranhamente silenciosa, especialmente para esta hora do dia. Uma sensação incômoda persiste em minha mente, a de que há esquadrões me observando neste exato momento. Cada passo parece mais pesado que o anterior.

"Aqui está você", diz Bree animadamente. Todos estão acordados e comendo suas rações militares. Meus olhos se voltam para Cameron. Ele não está comendo, apenas contemplando o vale lá embaixo.

"Aqui, você deveria comer." Ela me entrega uma ração e eu lhe ofereço um sorriso gentil.

"Obrigada, Bree." Ela retribui o sorriso e começa a fazer alguns alongamentos para o dia que temos pela frente.

Será que vamos sair em breve? Só espero que esta noite eu consiga.
Descanse mais do que descansei esta manhã.

"Alguém quer mergulhar as facas no veneno antes de começarmos?" Bryce balança o frasco como se fosse uma panqueca. Meu Deus, ele parece um louco quando não está com a máscara. Seu cabelo castanho-claro tem cachos grandes que vão para todos os lados. Eles contribuem para sua aparência inofensiva.

"Sim", respondo, enfiando um biscoito na boca antes de desembainhar a faca de combate branca. Bryce mergulha o dedo no frasco e espalha uma linha uniforme do líquido vermelho na lâmina. Ele sorri, claramente satisfeito consigo mesmo. Minha sobrancelha se arqueia. "Só isso?"

“É só isso”, diz ele com orgulho, olhando para os outros. Todos balançam a cabeça negativamente. Ele dá de ombros. “Façam como quiserem.”

Sorrio e espero a mistura secar antes de embainhar a lâmina novamente.

"Afinal, para que serve?", pergunto, vencido pela curiosidade.

O sorriso de Bryce é largo. "É um poderoso agente paralisante misturado com um forte coagulante."

Meus olhos se arregalam. "Putá merda."

Cameron olha para trás, para nós. "Parece letal."

“É exatamente essa a ideia, Mori”, diz Bryce sinistramente. Um arrepio percorre minha espinha ao ouvir seu tom. Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa quando vejo os olhos de Cameron se fixarem em algo atrás de nós. Suas pupilas se dilatam em uma fração de segundo, e eu sei que algo terrível está prestes a acontecer.

"E-esperem!" Damian grita para as nossas costas, sua voz ecoando no ar como tiros.

CAMERON

Meu coração dispara no peito quando um esquadrão de cinco homens sobe a colina a quase seis metros de distância. Como é que eu não os ouvi a tempo? Meus olhos se voltam rapidamente para Emery enquanto estendo a mão para o lado e levanto meu ACE 32.

Pop pop pop.

O apelo de Damian para que esperassem foi ignorado. Eles atiraram nele quase à queima-roupa três vezes no peito, e a força do impacto o arremessou para trás. Apontei a ponta da minha arma para o primeiro atirador e, mecanicamente, disparei duas vezes, fazendo sua cabeça voar pelos ares enquanto suas vértebras se estilhaçavam.

Meus companheiros de esquadrão congelam, olhando para mim como se eu fosse o arauto da morte. Aqueles idiotas deviam ter corrido enquanto tinham um segundo livre. Acertei facilmente os dois à esquerda na ponte do nariz. Suas cabeças se inclinaram violentamente para trás e seus joelhos bateram no chão simultaneamente. Os dois restantes ofegaram e se viraram para correr.

O sangue corre pelas minhas veias e um sorriso maníaco se espalha pelos meus lábios. *Ah, sim, era disso que eu precisava.* Desembainho minha faca e olho para o meu esquadrão. "Não podemos deixá-los escapar", digo impiedosamente, umedecendo meus lábios ressecados.

"Por que não? Você acabou de aniquilar mais da metade deles."

"Você mesmo em cinco segundos", diz o nerd de óculos.

Idiotas. Todos eles acabariam matando o Esquadrão Fúria. Meus olhos se voltam para Emery; ela me encara com os olhos arregalados, piscando. Como se nunca tivesse visto nada tão letal.

“Como vocês acham que eu venci esse desafio na primeira tentativa?” Deixo-os com essa pergunta e corro atrás dos dois cadetes.

Emery pragueja antes que eu a ouça me seguindo. O som de sua faca de marfim sendo desembainhada arranca um sorriso dos meus lábios. Não sei por que gosto tanto de vê-la matar, mas gosto. A sensação de bem-estar que isso me proporciona é surreal.

Os dois cadetes não têm a menor chance de escapar. Eles caem no chão várias vezes por causa do nervosismo e da inclinação acentuada da encosta. *É por isso que você não ataca quando o time adversário tem a vantagem da altura.* Não consigo evitar achar a estupidez deles excitante. Preciso dessa descarga de adrenalina mais do que imaginava. Ver a cabeça daquele cara voando pelos ares foi uma obra-prima. Preciso de mais.

Mais.

Salto de uma pedra que me dá uma vantagem aérea melhor antes de mirar e arremessar minha faca de combate com toda a força contra o retardatário. A faca atravessa a parte de trás do joelho dele e o faz rolar violentamente pela encosta. Uma gargalhada profunda ecoa do meu peito quando aterrisso com força e me aproximo rapidamente dele.

É uma cadete. Seus gritos são horrendos, e ela implora pela vida como uma criatura desavergonhada, agarrando-se à perna e balbuciando palavras que estou chapado demais para entender. Tudo o que vejo é vermelho.

Lindo, magnífico vermelho.

Eu me ajoelho sobre o peito dela e seus olhos se arregalam, o medo guiando cada respiração.

Emery não para para me observar trabalhar, ela persegue a cadete restante sem hesitar. *Essa é a minha garota.* Meus olhos se demoram nela um segundo a mais do que eu pretendia, e a cadete abaixo de mim aproveita a oportunidade.

Ela grita enquanto tira minha faca da perna e a crava na minha coxa. O metal raspa no meu fêmur, mas não sinto nada além da pressão na perna e do beliscão entre os músculos.

Eu a encaro, piscando os olhos sem expressão.

O horror empalidece em seu rosto ao perceber o que eu sou. Um monstro verdadeiramente insensível e impiedoso.

Grite, quero sussurrar para ela enquanto mordo meu lábio inferior. Grite. Tão alto que minha querida Emery vai ouvir o que eu fiz.

ESMERIL

Gritos esvaem cada pensamento meu enquanto persigo o último cadete. Minha garganta borbulha de vômito com o medo estridente que permeia o ar.

Ele está matando-a com tanta facilidade. O terror me consome enquanto me movo como se estivesse no piloto automático. As mesmas palavras se repetem incessantemente na minha cabeça.

“Você acha que é especial, não é? Que eu não vou arrancar seu coração?”

Foi isso que ele me disse quando nos conhecemos. Achei que ele estivesse blefando, mas depois de saber da morte daquela garota, seja lá quem for, estou mergulhada em medo dele.

Essa poderia ser eu, morrendo, gritando e implorando por um fio de vida.

Afasto esses pensamentos enquanto agarro o cadete. Ele grunhe quando caímos no chão e rolamos algumas vezes. Sentamo-nos simultaneamente, encarando-nos com olhares fervorosos, respirando pesadamente e segurando nossas facas com firmeza enquanto nos avaliamos mutuamente.

Um gorgolejo agonizante corta o ar, e ambas as nossas cabeças se voltam para ele. Meu estômago embrulha. *Será que ele precisava prolongar isso por tanto tempo?*

“Me solta, eu já estou perdida mesmo... Por favor, não me deixe morrer como ela. Juro que seu esquadrão nunca mais vai me ver. Por favor!” implora o homem, já cambaleando para se levantar, encarando-me com desconfiança. Eu também não confiaria em mim. Estou usando uma máscara igual à de Mori.

Prefiro não matar a menos que seja absolutamente necessário. Antes de Bree e Damian, e até mesmo Cameron, eu provavelmente o teria matado. Mas estar perto deles está me tornando mais sensível, me fazendo desejar me livrar da minha antiga pele, aquela que Reed e meu pai me impuseram. Agora que estou longe da minha antiga vida, estou descobrindo

mais de quem eu realmente sou. Nunca tentei a misericórdia antes. Não vejo como isso poderia se voltar contra mim, então estou disposto a tentar.

Faço uma pausa antes de acenar com a cabeça. "Depressa."

Seus olhos se enchem de alívio, e ele solta um suspiro profundo antes de sair correndo. para dentro da densa vegetação rasteira.

Um longo suspiro escapa dos meus lábios enquanto me levanto. Meu tornozelo arde, mas não é nada demais. Volto para onde passei por Cameron e cubro a boca ao ver o que ele fez.

A máscara da garota ainda está no rosto, então não sei quem ela é, mas seus olhos estão vermelhos e revirados. A lâmina de Cameron está cravada em sua boca escancarada, prendendo sua cabeça ao chão congelado. Sua caixa torácica está aberta, algumas costelas quebradas e jogadas descuidadamente na neve. O vapor que sai de seu corpo faz meus olhos arderem.

Por que é tão belo vê-lo me encarando com sangue espalhado sobre a máscara, aqueles olhos sábios absorvendo meu espanto e esperando que eu diga algo?

"Eu *realmente* precisava disso." Cameron finalmente quebra o silêncio. Eu me encolho ao ouvir sua voz. Este é o verdadeiro Mori. Por que me sinto tão arrepiada por conhecer alguém tão perturbado quanto eu?

"Você é..." Faltam-me palavras.

Cameron se levanta e começa a me dar uma volta lenta.

"Perversa?", ele sussurra no meu pescoço, deslizando os dedos pela minha lombar. Me viro bruscamente, ficando cara a cara com seus olhos famintos. Ele abaixou a máscara, revelando um sorriso distorcido. "Cruel?", ele murmura contra meus lábios, e o calor faz meu coração disparar. Meu corpo inteiro estremece quando ele mordisca meu lábio inferior por cima da máscara, antes de pressionar a testa contra a minha e me envolver com um braço, puxando-me para mais perto. Ele roça o nariz na minha bochecha, inspirando profundamente ao chegar aos meus cabelos.

Dou um passo para trás, um arrepio percorrendo minha espinha ao ver o brilho selvagem em seus olhos. Não consigo dizer se ele está em si agora.

"Lindo." Minha voz é baixa, mas preenche o espaço entre nós.

Os olhos de Cameron se arregalam como se as palavras o tivessem atingido em cheio.

Desta vez, ele não me persegue. Ele olha para baixo e parece processar aquela única palavra. Aproveito a brecha para examiná-lo. Cameron está completamente coberto de sangue. A maior parte não é dele, mas há uma faca de combate cravada em sua coxa, visível apenas pelo cabo. Será que ele sabe disso? Respiro fundo e me obrigo a parar de tremer.

"Hum, Cameron. Você tem uma faca espetada na coxa", digo lentamente.

Seus olhos se estreitam e um sorriso encantador surge nos cantos de sua boca.

"Estou bem ciente disso." Ele estala a língua, arrancando a faca de uma só vez e embainhando-a rapidamente para poder fazer um torniquete no ferimento. Ele tira fita adesiva do bolso da perna e a enrola firmemente na coxa.

Faço uma careta. "Vamos voltar antes que você desmaie e outros esquadrões venham nos atacar. Já perdemos muito tempo esta manhã." Tento distraí-lo da possibilidade de me matar. Ele ainda tem aquele olhar selvagem. Como se estivesse meio presente e meio perdido em algum lugar distante.

"É para isso que ela serve." Ele aponta para a cadete morta. Ergo uma sobrancelha. "Um aviso. Um aviso muito bom, por sinal. Você tentaria ir atrás de alguém que abandonou uma pessoa assim?", diz ele com um sorriso irônico.

Meu sangue gela e eu balanço a cabeça negativamente. "Não, claro que não faria isso."

"Boa garota. Não fique correndo atrás de homens como eu." Sua voz está rouca por causa da perseguição, e sangue começa a escorrer pelo seu nariz. Desvio o olhar, lembrando-me do que aconteceu da última vez que demonstrei que me importava com ele.

O que eu não faço.

Faço um gesto para que Cameron caminhe à minha frente. Deixá-lo fora do meu campo de visão não é uma opção agora. Sinto curiosidade para ver seus métodos. É difícil evitar que meus olhos voltem para a mulher mutilada, mas consigo. O cheiro de ferro queimando minha garganta ajuda.

Ele caminha com naturalidade, sem nem mancar. Ainda me custa acreditar que ele não sinta nada. Mesmo vendo isso de perto, parece tão irreal. *Ele está como um zumbi.* Suas mãos enluvadas estão vermelhas, ainda pingando neve e deixando um rastro.

"Eu consigo sentir seu olhar. Você ainda acha que eu mereço sua atenção, Em?"

Não respondo de imediato. Parece uma isca para algo que ele esteja pensando, e não quero ceder ao que quer que seja. Me contento em murmurar: "Mais cedo você disse: 'Como você acha que eu ganhei da primeira vez?' O que você quis dizer com isso?" Concentro-me nas pegadas na neve atrás de seus pés.

Sentir-me impotente não é algo a que esteja habituada, e Cameron faz-me sentir assim. Mesmo ferido, não tenho dúvidas de que ele conseguiria enfrentar um esquadrão inteiro sozinho, se fosse preciso. Será que os medicamentos são mesmo tão eficazes? Observo o bolso dele, curiosa para saber quantos comprimidos ele já tomou só hoje.

Seu passo diminui. "Você realmente quer saber?", diz ele, com indiferença.

Penso nisso por alguns segundos antes de responder: "Sim".

Cameron olha por cima do ombro para mim. Seus olhos perderam o brilho novamente, e ele parece ter superado o perigoso pico de adrenalina. Diminuo o passo quando chego ao seu lado.

"Acredite ou não, eu nem sempre fui... tão ruim assim", ele murmura com um sorriso falso. Todo o resto em sua expressão é de pedra. "Eu era como qualquer outro e tinha a mesma probabilidade de morrer. Talvez até mais, porque fui escolhido a dedo pelo Tenente Erik. Os cadetes da infantaria repararam nessas coisas, sabe?"

"Eu não sabia que foi ele quem te buscou", murmurei, lembrando-me de como Erik observou Cameron treinar na manhã em que o conheci.

Será que é por causa dele que Cameron está tão determinado a continuar tomando os medicamentos experimentais? Ele quer deixá-lo orgulhoso. Só de pensar nisso, fico de mau humor.

Eu nunca consegui orgulhar meu pai. Mas acho que grande parte disso se deve ao fato de eu não ser homem. Não importa o que eu conquistasse, para ele seria inútil a menos que eu tivesse um pênis. Isso me faz pensar se ele teria me denunciado tão facilmente se eu fosse seu filho e não sua filha. Duvido que ele teria feito o mesmo com Reed se os nossos lugares fossem invertidos.

Cameron acena com a cabeça. "Ele era. Ele me apresentou a um mundo terrível, no qual, infelizmente, me encaixei muito bem." Ele me lança um sorriso irônico, então retribuo com um pequeno sorriso. "Este julgamento também foi o meu segundo. Me juntei a uns idiotas que iam tentar me usar como escudo e carregar meu cadáver até a linha de chegada. Não sabíamos que havia dois esquadrões trabalhando juntos. Eles nos cercaram no último dia. Escapei com um tiro no braço e metade da garganta cortada."

Eu faço uma careta. "Isso é horrível."

Ele dá uma risadinha. "É difícil lembrar da dor, mas sei que a senti na época. Foi agonizante, mas a raiva por terem usado meu corpo para proteger o deles acendeu uma chama sombria no meu coração, Em. Despertou algo maligno dentro de mim. Amarrei cordas nos tornozelos deles e arrastei os quatro corpos até o farol. *Eu* fui o único sobrevivente do nosso grupo." Seus olhos estão duros e distantes.

Putá merda. Talvez eu não devesse ter deixado aquele cara ir. Estou mordendo meu lábio inferior. Não achava que alguém seria capaz de carregar todo o esquadrão nas costas.

Cameron respira fundo e me olha de soslaio. "Eu sei que você deixou o último escapar."

Eu me assustei. Droga, fui pego. Não adianta mentir. "Como você sabia?"
Digo baixinho. A vergonha toma conta das minhas bochechas, e eu queria tê-lo matado.

"Sua faca está limpa, querida. Eu tenho olhos e cérebro."

Meus lábios se apertam firmemente enquanto olho para baixo. Parece que a lâmina de marfim não foi uma ideia tão boa afinal.

"Ele implorou... e eu não achei que ele fosse nos causar problemas."

"Só estou curioso para saber o porquê. Você não teria feito algo assim antes, sabe, como carrasco." Ele parece genuinamente interessado em saber o motivo.

Deixei meus ombros caírem. "Essa era a pele em que eu era forçada... e embora eu não possa mudar quem me tornei ou o que fiz, posso ser um pouco mais eu mesma novamente. Não pensei que deixá-lo ir causaria algum problema."

Será que o único caminho a seguir é a insensibilidade? Reed diria um sonoro "sim".

Cameron para e vira meu ombro para que eu fique de frente para ele. Ele não está mais maníaco, voltou a ser o Cam calmo e sereno de sempre — o soldado fragilizado por quem, infelizmente, eu tenho um carinho enorme.

"Você acha que ele teria feito o mesmo por você?", pergunta ele, sinceramente.

Não preciso pensar nisso. "Não."

"É você ou eles, Emery. Não existe meio-termo. Não há meio-termo. Se eles não fazem parte do seu grupo imediato, você precisa escolher a si mesmo e aos seus em primeiro lugar. Sempre. Eu sei que é diferente do que você está acostumado na família. Receber um nome e um alvo é fácil. Tem alguém te dizendo o que fazer, então você faz. Mas aqui fora, você precisa saber que eles vão te devorar vivo se você der a chance."

Ele coloca a mão no meu capacete e inclina minha cabeça para cima, de modo que eu o encaro. Tudo o que vejo nele é tristeza e saudade. Dói olhar para ele, então abaixo minha cabeça bruscamente. *Não vou deixar passar tão fácil as besteiras que ele disse antes.*

"Entendo", respondi.

"Você acha mesmo? Isso é sério", ele insiste.

"Eu sei que é!"

"Então pare de ser tão infantil. E pare de aceitar coisas de pessoas que você não conhece bem." Cameron estende a mão para minha faca de combate e a retira do cabo. Tento segurar sua mão enquanto ele a pega, mas ele a afasta com um tapa.

"Ter veneno na lâmina é uma péssima ideia."

Ele pega um punhado de neve e limpa a mancha vermelha da faca. Quando termina, me devolve a faca. Quero protestar e

Discuti com ele, mas considerando que a faca estava cravada profundamente em sua coxa, cedi.

"Se eu tivesse deixado aquele moleque suspeito passar veneno na minha faca, eu estaria morto."
"Agora mesmo." Ele se vira, dando-me as costas.

Bem, eu me sinto completamente exausto. Caminho ao lado dele enquanto voltamos para o acampamento.

Damian está bastante abalado por ter levado três tiros no peito. Ele teve sorte de estar usando um colete à prova de balas reforçado. Os coletes padrão que tínhamos no primeiro teste não teriam resistido aos tiros à queima-roupa. Graças a Deus eu contei para ele e para a Bree sobre os coletes; senão ele estaria morto e nós ficaríamos carregando o corpo dele por dois dias.

Bryce pareceu imperturbável com toda a situação e preparou algumas de suas armadilhas de veneno enquanto Cameron e eu perseguíamos os membros restantes do esquadrão. Ele as espalhou e as cobriu com neve, deixando-as completamente escondidas.

Cameron me lança um olhar significativo, como quem diz "*Suspeito, não acha?*", antes de nos guiar por uma ladeira íngreme em direção às montanhas a leste. Observo Bryce enquanto ele caminha alguns passos atrás de Bree. Ele está preocupantemente calmo após o ataque surpresa, considerando que o resto de nós parece abalado, com exceção de Cameron. *Há algo diferente nele*. Embora eu não tenha certeza se é o suficiente para pensar que ele tenha más intenções. Todos nós somos um pouco excêntricos.

O farol verde não é visível durante o dia, mas estava exatamente a leste na noite passada, então é para lá que vamos. O sol não ajuda em nada a nos aquecer. Estou com tanto frio que preciso fechar as mãos dentro das luvas para aquecer os dedos a cada trinta minutos.

Tiros ecoam ocasionalmente e viajam pelo ar em ondas, mas Felizmente, não cruzamos o caminho de mais ninguém durante o dia.

Ao pôr do sol, Cameron encontra uma caverna na encosta da montanha. Não é como as cavernas que vemos nos filmes, onde o chão é plano e praticamente perfeito para acampar; ela está repleta de rochas pontiagudas na base, e um pequeno riacho serpenteia entre as fendas. Gotas de líquido pingam das estalactites acima, *fazendo tique-taque* em nossos capacetes enquanto atravessamos a caverna com cuidado.

A luz nunca conheceu este lugar. Cada um de nós tem pelo menos um bastão luminoso verde-acinzentado pendurado no pescoço, então não é um tiro no escuro. Ainda tenho quatro no bolso e pretendo usá-los com moderação.

De repente, sinto como se estivéssemos de volta ao conforto do Submundo. Certamente, é tão assustador aqui quanto era lá embaixo.

Cameron para quando encontramos uma área relativamente plana perto da parte de trás. Agora que a área está livre, relaxamos e descansamos por algumas horas.

Ontem à noite, dormir parecia impossível, mas hoje estou exausto. Sei que não terei problemas para pegar no sono e estou ansioso por isso.

Cameron não nos deixa passar sem alguém de guarda, mesmo depois de Bryce ter espalhado armadilhas de pregos pela entrada. Provavelmente é protocolo dos esquadrões das Forças das Trevas ter sempre alguém de vigia.

Bree assume o primeiro turno, sentando-se em uma pedra um pouco distante de onde vamos dormir. Damian desmaia antes mesmo de conseguir comer sua ração militar. A sacola permanece fechada em sua mão e roncos suaves chegam até nós.

Vou beliscando o conteúdo da minha marmita. Concentro-me principalmente no pão de milho e depois no purê de maçã. O pó proteico desta marmita é de chocolate. Misturo com água e bebo rapidamente, saboreando o gosto familiar pelo máximo de tempo possível.
pode.

Cameron senta-se ao meu lado, observando atentamente Bryce sentado do outro lado da pequena caverna antes de dar uma mordida no pão.

"Não confie no envenenador?", pergunto com ironia.

Ele ri com desdém e dá outra mordida. "Regra número infinito: não confie em ninguém."

"Parece certo." Sorrio ao perceber que é exatamente assim que Reed diria.

Terminamos nossas refeições em silêncio. É ruim não ter um travesseiro, mas sou grato por podermos deitar para dormir esta noite em vez de nos encostarmos em árvores.

No momento em que minha cabeça toca o chão, começo a cochilar.

Cameron se acomoda atrás de mim. Volto à realidade num sobressalto e olho por cima do ombro para ele com uma expressão *de "que porra é essa?"*, porque, até onde me lembro, ele detestava meu toque.

"Vá dormir", ele ordena suavemente.

Franzi a testa e sussurrei: "Pensei que você me odiasse, e a ideia de até mesmo..."

Seu toque te causou repulsa e —"

"*Shhh*", ele murmura em tom de brincadeira e pressiona a mão suavemente contra a minha. capacete até minha cabeça encostar no chão novamente. "Estou te protegendo."

Encaro a escuridão, mal conseguindo distinguir a figura de Bree enquanto ela observa o Entrada da caverna. "Protegido de quê? Você também precisa dormir."

Ele balança a cabeça. "Eu não durmo em missões."

Ou ele é o soldado mais forte do planeta, ou ele é literalmente dedicado.
para morrer de uma morte miseravelmente lenta. Na verdade, pode ser ambos, decido.

"Sempre?"

"Sempre."

Eu franzo os lábios e sussurro: "O que te deixa tão irritada com o Bryce?"

Cameron fica em silêncio por um momento antes de pressionar o peito completamente contra minhas costas e aproximar os lábios do meu ouvido. "Ele está nos observando. Ele analisa cada pequeno hábito que cada um de nós tem e, durante a incursão mais cedo, ele não moveu um dedo para ajudar. Acho que ele não foi o último cadete escolhido. Ele é muito esperto e confiante. Sua verdadeira aliança não é conosco." Ele parece tão convicto.

Se há alguém em quem confio, é no Cameron. E ele é muito mais intuitivo no mundo de Dark Forces do que eu. Agora que ele mencionou isso, notei que o Bryce está de olho na minha faca desde a luta. Será que ele estava tentando descobrir se eu a usei? Ou se o veneno ainda está na ponta?

Um pequeno suspiro escapa dos meus lábios quando uma revelação me atinge. "Por que ele esfregou veneno na *lâmina* se não ia nos ajudar na luta?", sussurro. O Bryce nem sequer nos disse que não era bom em combate corpo a corpo? *Um deslize na sua postura fabricada.*

Cameron murmura baixinho, e a vibração percorre minha espinha, enviando uma Um arrepio percorreu meu corpo. "Exatamente. Agora descanse um pouco."

Eu franzo a testa, embora ele não consiga ver. "Pare de me dar ordens. Você tem sido implacável hoje."

Ele ri baixinho e enrola minha trança no dedo. O movimento Me faz sorrir quando fecho os olhos.

ESMERIL

Ainda está escuro quando retomamos nossa caminhada em direção ao farol.

Os pinheiros não facilitam a visão, mas o brilho verde distante é um tanto visível quando chegamos a aberturas entre os galhos acima. O céu estrelado está imenso esta noite.

Paro para contemplar a paisagem. Ela me lembra tanto da vista em Montana que, por um instante, me sinto em casa. Embora, depois das consequências da última operação familiar, acho que não tenho mais um lar de verdade. Estou curiosa para saber o que Nolan escreveu na minha certidão de óbito e se alguém acredita nisso. Espero que minha mãe ainda se pergunte se estou realmente morta ou não. Será que Reed me procurou? Se alguém se importa comigo, é ele.

Bree me cutuca e me lança um olhar preocupado. Afasto esses pensamentos e lhe dou um sorriso tranquilizador. Estamos seguindo Cameron, Damian e Bryce. O ritmo é lento, mas estamos ficando mais vigilantes à medida que nos aproximamos do sinalizador. Outros esquadrões provavelmente estão por perto.

"Em que você estava pensando?", pergunta Bree.

Dou uma olhada rápida nela antes de olhar para frente. "Meus pais, se eles se importam que eu esteja morta ou não. Será que algum dia eu consegui ser quem eu realmente queria ser?" Minha voz é indiferente, mas dói encarar esse pensamento. Bryce lança um olhar por cima do ombro ao ouvir minhas palavras antes de voltar a olhar para frente.

Seus olhos se estreitam em compaixão. "Ah, não fale nisso. Eu entrei numa espiral negativa por um mês depois que comecei a remoer meu passado." Ela ri e levanta o queixo para olhar para o céu. "Esta é a sua vida agora. Pode terminar hoje. Pode terminar amanhã. Ou você ficará aqui por mais tempo do que Mori. Um

Uma coisa é certa: você nunca poderá voltar à sua vida antiga. Portanto, não adianta ficar remoendo o passado. Aquela garota está morta, e isso pode até ser uma coisa boa. Não sei quais eram as suas circunstâncias, mas agora você está livre para simplesmente ser você mesmo.

Eu aceno com a cabeça e sorrio. "Sim, você tem razão."

"Claro que sim." Bree levanta o queixo com um sorriso, puxando o tecido da máscara.

Damian olha por cima do ombro e nos encara com uma expressão carrancuda. "Concentrem-se, vocês!" dois. Não é hora de fofoca."

"Cala a boca." Bree coloca a bota na bunda dele e ri.

Eu me deixo levar pelos sons suaves e pelo humor leve, me perguntando se Cameron ainda tem a capacidade de aproveitar esses momentos ou se já sabe que não deve se entregar a eles.

O olhar gélido que ele lança por cima do ombro me diz que é a segunda opção.

O último dia parece surreal. O sol está a meio do céu enquanto atravessamos um trecho de terra sem árvores. Cameron nos avisa que estamos nos aproximando e que devemos ficar em alerta máximo dali em diante. Vigiamos a área por quase trinta minutos, deitados no chão, aguardando qualquer sinal de movimento em ambos os lados do vale, antes de Cameron nos dar o sinal para prosseguirmos.

Mantenho-me abaixado como Cameron, seguindo-o de perto. Meu dedo no gatilho está praticamente congelado, mas estou preparado para tudo. É tão diferente de tudo que já fiz antes, não estou acostumado a ficar exposto assim. Vulnerável e esperando que alguém atire em nós. Tremo só de pensar que provavelmente estamos sendo observados neste exato momento.

Damian está ao meu lado e, quando chegamos ao outro lado, ele solta um suspiro audível. "Droga, achei que não íamos conseguir", diz ele, inclinando-se para a frente e colocando as mãos nos joelhos enquanto respira fundo algumas vezes.

Bryce ajusta os óculos e tenta desembaçá-los. "Eu também, estou suando como um porco." Concorde com a cabeça, sentindo o suor frio que se acumula na minha lombar e no pescoço.

Cameron agarra o colete de Bryce pelas alças e o puxa para a frente. "Vamos, não podemos ficar parados aqui. Não é seguro."

Damian geme e caminha ao lado de Bryce. Bree se aproxima de mim e dá um tapa nas minhas costas. "Isso não foi nem de longe tão ruim quanto o primeiro julgamento. Eu poderia fazer merda assim o dia inteiro." A última palavra sai de seus lábios quando um tiro ecoa.

A flecha sai e quase a atinge no rosto. A árvore ao lado dela tem um buraco aberto pelo vento. Estilhaços de madeira voam em nossa direção, e o pânico dispara meu coração.

"Abaixe-se!" grita Cameron. Imediatamente caio de joelhos e observo seus olhos procurando freneticamente pelo atirador.

Meu sangue pulsa forte nos meus ouvidos, dificultando ouvir passos. *Droga*. Levo a mira do meu rifle ao olho e procuro freneticamente pelo esquadrão que nos ataca. Tudo o que consigo distinguir são árvores, arbustos e pedras. Meus olhos rapidamente encontram algo mais escuro que a folhagem. Volto atrás, com o coração disparado.

Um cadete mascarado me encara fixamente. Não hesito. Aperto o gatilho e disparo uma bala direto em seu pescoço. Ele se levanta e acidentalmente dispara sua arma contra as copas das árvores. Cameron o rastreia rapidamente e acerta outra bala direto em sua testa.

"Movam-se!" ele nos ordena. Bree está atirando em um cadete escondido atrás de uma árvore enquanto Bryce e Damian nos protegem pela frente. Eles nos conduzem para longe, e nos movemos o mais furtivamente possível na tentativa de despistar os perseguidores restantes. Não consigo encontrá-los, por mais que vasculhe a área, mas sei que existem mais deles por aí.

Esses tiros vão atrair outros esquadrões. Engulo o pavor que cresce dentro de mim, somando-se à adrenalina já a mil. O sinalizador está perto agora, a luz verde piscando a cada poucos segundos, e a luz do sol poente facilita sua visibilidade.

Bryce desliza por uma encosta íngreme e se agarra a uma árvore perto da beira de um precipício. "Cuidado na descida!", ele grita para nós. Damian e Bree vão primeiro, agarrando-se ao mesmo pinheiro que Bryce.

Dou o primeiro passo, pronto para deslizar da mesma forma que eles, quando uma faca atravessa minha panturrilha. Uma dor aguda sobe pela minha perna e me derruba no chão. Bryce grita alguma coisa, mas não consigo ouvir nada além do zumbido nos meus ouvidos enquanto rolo ladeira abaixo. Tudo fica embaçado enquanto o mundo gira a cada queda. Tiros ecoam entre as árvores.

Ufa! Solto um suspiro de surpresa quando meu corpo para abruptamente. Minha visão está turva, mas consigo me levantar e arrancar a faca que ainda está cravada na minha perna.

Bree me impediu de rolar direto do penhasco. Eu a encaro em choque. Se antes eu duvidava dela, com certeza não duvido mais.

"Levante-se, Emery! Precisamos encontrar um abrigo", ela diz bruscamente, agarrando-me. Ele segurou minha jaqueta pela gola e me puxou para ficar junto com os outros.

Assim que a tontura passa, olho rapidamente ao redor. "Onde está Mori?", pergunto bruscamente.

Bryce pragueja e olha para o topo da encosta. Cameron está lutando sozinho contra três cadetes. Ou eles perderam seus rifles ou Cameron já os desarmou. Mais quatro estão subindo a encosta adjacente correndo e avançando em sua direção, com seus ACE 32 em punho.

Cameron enfrenta os três cadetes com facilidade, desviando-se principalmente de suas facas e mantendo-se na defensiva, mas não sei quantos mais ele conseguiria enfrentar ao mesmo tempo.

"Temos que ajudá-lo. Bree e Damian, fiquem pela esquerda. Bryce, você vem comigo e nós os flanquearemos pela direita", ordeno, apertando o rifle com força. "Vamos lá."

Levamos apenas trinta segundos para voltar ao topo do cume. Cameron já matou dois deles e está apontando o rifle para eliminar o terceiro. Os quatro recém-chegados desviam a atenção dele e se viram.

para nós.

"É aquele pirralho? Vem cá, sua vadiazinha!" Eu reconheceria a voz cruel de Wraith em qualquer lugar. Seus olhos assassinos estão ainda mais frios e famintos do que o normal. Seu braço ferido parece não estar lhe causando nenhum problema com a arma. *Merda.*

Bryce se esconde atrás de uma árvore à sua esquerda, e eu me escondo atrás de uma à minha direita, enquanto Wraith levanta o rifle e atira em mim. Imagino que Arnold esteja com ele, atirando em Bryce com a mesma intensidade.

Eu praguejo e me viro para o lado oposto ao que ele está favorecendo com todas as suas balas, disparando dois tiros contra ele. Um erra o alvo e o outro se aloja em sua cintura.

Wraith solta um grito e cai de joelhos. Aproveito a oportunidade e atiro em Arnold. Ele se assusta facilmente e salta para a encosta em busca de cobertura. Bryce grita algo que não consigo entender e vai atrás dele.

Rapidamente, aponto minha arma para Wraith e puxo o gatilho para abater o cão selvagem, mas alguém me empurra pelo ombro no exato momento em que estou prestes a dar o tiro fatal. A bala atinge o chão em cheio. Me viro para o meu agressor.

Meus olhos se arregalam. É o homem que eu poupei. Suas mãos estão cobertas de sangue. E na luz tênue do pôr do sol, mal consigo ver o branco dos seus olhos.

Cameron estava certo, é meu último pensamento enquanto o homem atira em mim bem no peito. Mesmo com o colete à prova de balas, dói demais. Não consigo dizer se a bala atravessou e perfurou meu esterno ou não, mas a força me faz rolar morro abaixo, só que dessa vez Bree não está lá para me impedir de cair.

Eu rolo direto da borda e caio no barranco.

A última coisa que ouço é o grito rouco de Cameron ecoando pelo vale lá embaixo.

CAMERON

As tranças rosas de Emery são a última coisa que vejo dela antes de ela cair para sua provável morte. Algo dentro de mim se quebra e um grito de horror escapa dos meus pulmões: "Emery!" Tento correr atrás dela, mas os idiotas que estão tentando acabar com meu grupo me impedem.

O maior deles brande sua faca de combate em direção ao meu olho e o fere de raspão. Não sinto dor, mas a visão daquele lado fica completamente vermelha e um líquido quente escorre pelo meu rosto.

Esses desgraçados não têm ideia do que fizeram.

Eu fecho meu canivete KA-BAR e o enfio na boca do grandalhão. Ele fica imóvel, provavelmente com o cérebro tentando desesperadamente reunir algum pensamento final que eu não vou lhe conceder. Meu joelho se levanta com força e eu cravo a faca em seu crânio até que a extremidade do cabo fique rente à sua mandíbula.

Ele desaba como um troll. Meus olhos se voltam para os outros. Eles empalidecem e tentam fugir. Bree e Damian acabam com o cadete antes de impedir que os dois fujam de mim.

Respiro fundo antes de me virar e descer a ladeira em disparada.

"Espere! Mori, é muito íngreme!" grita Damian.

"*Que se dane*", penso enquanto meus pés escorregam da borda. Desembainho minha segunda faca, que estava presa no meu tornozelo, e a uso para amortecer a queda e me manter em pé enquanto literalmente caio montanha abaixo.

Meus olhos percorrem o chão lá embaixo, e o medo pulsa em minhas veias ao ver um borrão de vermelho, rosa e preto no fundo da ravina coberta de neve. Ela não se mexe.

O que eu faço? Que merda eu devo fazer? O pânico percorre minhas veias. A sensação é tão rara que me faz perder a firmeza na faca.

Meu Deus, o que essa mulher me faz sentir. Enterro minha mão enluvada na terra e nas pedras como uma âncora e rapidamente sigo para o fundo.

Assim que meus pés tocam o chão, tento correr até o corpo dela, caído no chão como um anjo caído, mas minhas pernas tremem e cedem, me fazendo cair de joelhos. Minha respiração fica ofegante e entrecortada enquanto range os dentes contra o lábio inferior. Devo tê-los machucado na queda, ou será apenas a ansiedade que está me paralisando? Não sei dizer.

Só vejo ela.

Ela jazia ali imóvel, sangrando na terra.

Ela não. Por favor, não ela. Podem tirar qualquer coisa de mim, menos a Em.

Apoio-me nos antebraços e arrasto meu corpo pela neve e cascalho até chegar ao lado dela. Ela está encolhida em posição fetal. Seu corpo é tão pequeno. Tudo o que eu quero é mantê-la segura e aconchegada em meus braços.

Sento-me ao lado de Emery e estendo a mão para virá-la delicadamente, mas minha mão congela a um centímetro de distância antes que eu a toque.

E se ela estiver morta?

Meu coração dói agudamente, como se uma adaga me tivesse atravessado e eu estivesse sangrando. Fora. É a maior dor que senti em anos. *Não.* Ela está bem. Ela está ótima.

"Emery", sussurro, fazendo uma careta ao perceber o quão rouca minha voz soa em meio ao silêncio que nos envolve.

Ela não se mexe, e seu equipamento é tão grosso que não consigo dizer se ela está respirando ou não. Retiro a mão e a aperto contra o peito. Minhas mãos nunca tremeram tanto em toda a minha vida.

"Emery", digo mais alto. Ainda nada.

As nuvens escurecem e o mundo parece desmoronar enquanto minha respiração se torna ofegante. Uma tontura me domina, a histeria se instala e meus lábios formigam de dormência. *Que sensação é essa?* Nunca me senti assim antes.

Nunca fiquei tão perturbado com nada.

Eu odeio isso.

Levo as duas mãos à cabeça, arranco o capacete e a máscara, atirando-os para o lado. Não consigo respirar. Agarro meus cabelos e reprimo as lágrimas. Balançando a cabeça, grito: "Se controla!" Meu punho se choca contra minha cabeça várias vezes enquanto tento recuperar o juízo.

Meu maxilar treme enquanto me obrigo a me aproximar dela, envolvendo-a com meus braços e puxando-a contra meu peito. Um pequeno suspiro.

escapa de seus lábios e se enrola no ar gélido.

No exato segundo em que ouço aquela respiração, cada parte da minha alma se despedaça.

Deixei minha cabeça cair suavemente contra a dela e murmurei: "Pensei que tinha te perdido, porra." Minha voz está frágil.

Ela solta um leve gemido e abre os olhos lentamente. Um arrepio percorre meu corpo, e me vejo hipnotizado e fraco até os ossos apenas com o seu olhar. Eu não conseguiria me mexer agora, nem que o mundo dependesse disso.

"Cameron?" A voz dela está tão baixa que quase não consigo ouvi-la.

"Quem mais?" Minha voz falha, e eu a aperto ainda mais contra mim.

Um pequeno sorriso se forma em seus lábios, uma mancha de sangue no canto da boca. boca. "Pensei que você me odiasse."

Eu a encaro, perplexa por um instante por ela sequer tentar fazer uma piada numa hora dessas, depois rio, sentindo um alívio imenso. Ela também dá uma risadinha e aperta a barriga, fazendo uma careta.

"Ai."

Uma preocupação me invade o peito. "Você consegue ficar de pé? Onde dói?" Deixo que ela se levante no seu próprio tempo. Seu maxilar se contrai, indicando que ela está com dor. Só de pensar nela sentindo dor, me dá náuseas. Quero tirar tudo isso dela.

Ela se mantém o mais ereta possível e tenta dar um passo à frente. Sua perna cede, e antes que ela caia, eu a seguro pelos quadris e lhe ofereço um sorriso frágil, na esperança de não demonstrar o quanto estou preocupada.

"Estou bem", Emery tenta me convencer, mas ela é a pior mentirosa do mundo. O sorriso dela é sempre muito fraco quando ela mente.

Eu me agacho e a examino, catalogando todos os ferimentos que ela sofreu. Seu braço está mais baixo do que o normal, então seu ombro pode estar deslocado. Seu rosto está bastante arranhado, mas suas pernas parecem ser as mais afetadas. A panturrilha que foi esfaqueada ainda está sangrando muito, mas fico aliviado por ter sido o ferimento de faca que sangrou tanto e não sua preciosa cabeça da queda.

Meus lábios se contraem enquanto rapidamente pego o kit de primeiros socorros e começo a enfaixar a parte inferior da perna dela.

"Cam... Seu olho e nariz estão sangrando." Sua voz suave me traz um fio de conforto. Só ela se importaria com alguém como eu. Mesmo depois de eu ter sido cruel com ela. Por que ela se importa comigo? Por que ela continua sendo gentil comigo quando eu não mereço?

Não quero o afeto dela, porque isso significa que ela estará em perigo.
constantemente, mas não tenho certeza se suportaria perdê-lo agora também.

Eu estava preocupado que ela estivesse se aproximando demais do meu coração, mas agora
tenho certeza disso.

ESMERIL

Cameron tenta continuar enrolando a faixa na minha perna e ignora minha preocupação com ele, mas eu coloco minhas mãos em seus ombros.

"Cameron. Olha para mim." Minha frustração transborda em minhas palavras.

Ele faz uma pausa e deixa as mãos caírem no colo, franzindo a testa. "Não me importo onde estou sangrando, Em." Seus olhos finalmente encontram os meus, e cada fibra do meu ser mergulha nas profundezas da sua alma. Sangue escorre do seu olho cicatrizado como se ele estivesse chorando. Levo minha mão à sua bochecha e passo o polegar pela corrente de sangue. Ele se inclina em direção à minha mão e fecha os olhos.

"Só me importo com onde você está machucada... Você está bem?", ele murmura na minha palma, depositando um beijo suave ali.

Ele já roubou minha vida, agora temo que tenha roubado também meu coração.

Eu me ajoelho e encaro aqueles olhos escuros e melancólicos pelos quais tanto anseio. Tento aliviar o clima. "Pensei que você tivesse dito que era incapaz de ca—" Ele se inclina para a frente e beija as palavras, arrancando-as da minha boca.

Todos os meus pensamentos se dissolvem em seu abraço suave.

"Nem uma palavra disso." Ele sorri por cima dos meus lábios.

Ergo uma sobrelance para ele. "Só depois que você se desculpar."

"Desculpe. Mil vezes me desculpe, tá bem?" ele murmura suavemente na minha testa, dando outro beijo na minha têmpora antes de se levantar cambaleando. Ele me oferece a mão e eu a aceito com gratidão. Ele pisca algumas vezes, tentando estancar o sangue do olho, mas continua escorrendo.

"Aqui." Uso minha luva para remover o máximo possível antes de pressionar um chumaço de gaze contra a área. "Você precisa segurar aí." Ele obedece. Eu mordo.

Reforçar a preocupação que quero expressar a ele terá que esperar até voltarmos ao bunker. Ainda estamos correndo contra o tempo.

Cameron olha para meu braço mole e fecha os lábios. "Vou ter que colocar isso no lugar antes de começarmos a subida", diz ele, relutantemente. Eu sabia que isso ia acontecer. Já precisei colocar meu ombro no lugar antes, e a dor nunca diminui.

Assinto com a cabeça e olho para o outro lado, levando a manga da minha blusa à boca para mordê-la. Cameron segura meu braço na posição necessária. "Pronta?", pergunta ele. Dou-lhe outra assentida firme, e ele a coloca de volta no lugar sem hesitar. Gemei contra a manga e respirei fundo algumas vezes antes de encará-lo novamente.

"Isso doeu pra caralho."

Ele sorri com simpatia. "Bem, se você não tivesse caído de uma montanha..." Ele dá uma risadinha. "É melhor irmos, estamos com pouco tempo."

Minha cabeça está girando e meu corpo todo dói. Não quero preocupá-lo mais do que já está, então faço o possível para caminhar ao seu lado. Ele me deixa usar seu braço como apoio enquanto subimos lentamente a ladeira.

Dou uma olhada na encosta da montanha e meu coração dispara. É tão íngreme que é um milagre estarmos ambos caminhando. A luz verde do farol brilha e pisca constantemente contra o céu escuro.

"Quanto tempo nos resta?" pergunto, mancando e procurando meu rifle. Ele pode até estar quebrado, se eu tiver caído em cima dele durante a queda. Coloco a palma da mão na testa e suspiro; tudo está tão confuso. Lembro-me de ter caído do penhasco e de ter acordado com Cameron olhando para mim e me abraçando com ternura.

Sinto minhas bochechas corarem só de pensar nisso. Que bom que está frio aqui fora e que estamos coberto de sangue para que Cameron não perceba.

Ele olha para o céu como se pudesse dizer as horas pelas estrelas. "Eu diria uma hora, no máximo. Você consegue subir?" Seus olhos voltam para mim e eu aceno firmemente com a cabeça. Um olhar cético surge em seu rosto, e ele balança a cabeça com um sorriso irônico. "Vamos lá, querida, suba."

Ele se ajoelha. O gesto me toca profundamente. Ele não havia declarado, ao final do primeiro teste, que jamais me carregaria assim? Reprimos um sorriso.

"Eu consigo fazer isso", digo com leveza. Ele precisa conservar suas energias. Passo direto por ele.

Cameron segura meu pulso, forçando meu olhar a voltar para ele, e eu o encontro.

Os olhos são verdadeiramente suplicantes.

Eu cedo com bastante facilidade.

Ele me carrega nas costas enquanto ziguezagueia pelas partes menos íngremes da encosta da montanha.

Meu Deus, e eu que pensava que só Montana tinha montanhas enormes assim. Respiro fundo e sinto o cheiro dos pinheiros misturado com os tons terrosos de Cameron. O ar fresco os combina de forma brilhante. É difícil não me concentrar em seus músculos definidos se movendo entre minhas coxas enquanto ele me carrega sem esforço.

Apoio minha cabeça em seu ombro e escuto sua respiração. "Ei, Cam."

"Sim?"

Você acha que o que Nolan disse sobre conquistarmos nossas cartas na escuridão realmente importa? "É verdade?" Eu traço um pequeno círculo em seu colete.

Ele pensa por um instante. "Sim, claro, por que ele mentiria sobre isso?"

Cameron faz parte das Forças das Trevas há tanto tempo e não está muito motivado para se libertar, visto que se orgulha muito de ter sido sua cobaia, então apenas concordo com a confiança que ele deposita em seus superiores.

"Só acho estranho que ninguém tenha conquistado ainda, é tudo." Tenho a impressão de que há algo mais por trás disso, mas terei que esperar até estar de fato em um time antes de me preocupar muito com isso. Talvez eu nem consiga passar dos testes.

Meu corpo inteiro está em chamas, meu ombro lateja sem piedade e minha perna está destruída. Vai levar semanas para esse corte cicatrizar direito, e eu não tenho esse tempo todo. Vou ter que imobilizá-la quando voltarmos e tomar muitos analgésicos.

Eu não estou insensível como o Cameron. O terceiro julgamento pode ser onde tudo termina para ele. meu.

"Cam", murmuro novamente.

Ele inclina a cabeça suavemente contra a minha. "Em?"

"Obrigado por terem vindo me buscar."

Ele apenas resmunga em reconhecimento, mas passa o polegar pelo meu tornozelo com carinho.

O resto do nosso esquadrão não está no cume onde os vimos pela última vez, então decidimos seguir em frente até o farol. Eles não poderiam ter ido para outro lugar, com certeza. Se eles não estiverem lá quando o teste terminar, estamos perdidos.

Encaro indiferentemente os cadetes mortos no topo da crista. Seu sangue forma um pequeno riacho que escorre em direção ao penhasco onde caí.

Que bom que se foram. Ignoro o fato de que eles estavam apenas tentando sobreviver. nós somos.

Cameron tinha razão; os julgamentos preliminares nos tornam insensíveis aos horrores. ao seu redor. As coisas que fazemos só para respirar mais um pouco são trágicas.

Eu não quero morrer. Eu quero ser livre.

Caminhamos juntos, mancando, e depois de cinco minutos chegamos à luz verde. Três outros esquadrões estão parados em seus próprios grupos separados. Apenas dois ou três deles estão de pé em cada equipe; os demais companheiros de esquadrão estão mortos e foram trazidos até aqui.

Solto um suspiro de alívio ao avistar Bree, Damian e Bryce. Eles parecem igualmente aliviados ao nos ver.

"Eu juro por Deus que vocês dois são imortais", murmura Damian enquanto me dá um abraço de urso enorme e coloca a mão nas minhas costas. Bree sorri docemente para mim e retribui o abraço depois que eu me afasto de Damian.

Cameron volta a assumir uma expressão impassível e mantém os braços firmemente cruzados, imagino que apenas mantendo as aparências.

Bryce acena para nós dois. "Não são muitas as pessoas que caem de uma montanha e conseguem subir de volta." Ele parece genuinamente feliz por estarmos aqui. Dou uma olhada em Cameron e vejo que ele ainda parece cheio de dúvidas em relação ao nosso camarada viciado em veneno.

"Você faz parecer que foi fácil", digo secamente enquanto observo quem são os outros sobreviventes.

Todos estão com as máscaras abaixadas e conversando livremente, ignorando os membros mortos a seus pés como se não fossem nada. *Eu seria assim se não tivesse me tornado amigo deles?* Gostaria de pensar que não.

Os três me conquistaram, e Cameron é literalmente uma extensão de mim neste momento.

Dois homens enormes conversam em sussurros baixos e só olham para nós quando percebem que estou observando. Wraith e Arnold. Por que não me surpreende que esses dois, dentre todos, tenham chegado à terceira fase? Estão completamente cobertos de sangue seco, e todos os seus companheiros estão mortos. Reconheço o gigante imóvel no chão; ele estava lutando com Cameron antes de eu ser arremessado morro abaixo. A ponta de um cabo de espada é mal visível na parte inferior de sua mandíbula.

Eu faria uma careta ao ver aquilo, mas estou impressionado demais para deixar que me afete.

"Não acredito que eles vão estar no terceiro inning", brinca Bree. Será que ela já jogou beisebol antes disso? Ela certamente tem as mãos calejadas para o esporte.

"Eu imaginei que eles seriam o casal definitivo", retruca Bryce, mudando o peso de um pé para o outro. esfregando os resíduos dos óculos com o forro da manga.

Cameron bufou. "O que os entregou? Os esforços deles para manter seus..."

"Meus companheiros de esquadrão estão seguros?" Seu tom é carregado de sarcasmo.

Aproveito o momento pelo que ele é: nós cinco somos o único time completo a chegar ao final do teste. Isso tem que valer alguma coisa, não é?

Sinto um orgulho imenso. Talvez fazer parte das Forças Sombrias e de um esquadrão não seja tão ruim assim. De um jeito estranho, me sinto mais em casa aqui do que jamais me senti em casa.

O som de um Black Hawk rasga o céu em nossa direção. O ponto de referência é uma plataforma de pedra elevada com bastante espaço para o pouso. Aguardamos pacientemente enquanto ele desce. Fico surpreso que Wraith não tente nada, mas ele provavelmente está tão exausto quanto nós depois de alguns dias na floresta.

Adams sai do helicóptero e nos examina bem. *Estamos com uma aparência horrível. Sabemos disso. Nos tirem daqui o mais rápido possível.* Atribuo meu mau humor ao ferimento na minha panturrilha e a todas as dores no meu corpo por causa da queda. Já estou com receio de me olhar no espelho quando voltarmos, mas o banho quente vai valer a pena.

"Parabéns, cadetes, vocês chegaram à prova final", diz Adams com um sorriso sinistro enquanto continua nos encarando. Provavelmente, um milhão de pensamentos insanos estão passando pela cabeça daquele homem agora. Será que ele cria as provas ou elas são predeterminadas? Ele certamente me deixou com essa dúvida. "Vamos então, vamos voltar para o bunker."

Algumas das outras equipes olham para os seus companheiros mortos aos seus pés.

"Deixem-nos em paz, nós nos encarregaremos deles", grita o sargento instrutor por cima do barulho das hélices do helicóptero.

A viagem de volta ao bunker leva um quarto do tempo que levei para chegar aqui. O cheiro de ferro impregna o pequeno espaço, mesmo com toda a ventilação que a porta aberta permite. Encaro minhas mãos vermelhas e me pergunto quantas pessoas vou eliminar na próxima hora. Não sinto nada.

Como disse Cam, era eu ou eles.

ESMERIL

Todos estão no chuveiro, mas agora parece tão vazio. Só restam treze de nós.

A água acumulada nos ralos está vermelha brilhante. Meu cabelo rosa está manchado, mais para um tom rosado do que pastel, por causa de todo o sangue. Coloco mais xampu na mão e esfrego o cabelo com força usando o lado que não está ferido.

Cameron está com uma das mãos apoiada na parede enquanto deixa a cabeça cair na correnteza. Seus cabelos claros também apresentam manchas vermelhas. Meus olhos percorrem sua forma, seguindo o rastro de tatuagens que descem do pescoço até o torso e os braços. Seus músculos ainda estão contraídos, relaxando lentamente sob o calor. O ferimento na omoplata deve ter se aberto um pouco durante o julgamento; um fio escuro de sangue escorre pelas costas e sobre as costelas.

Ele percebe meu olhar e lentamente se dirige para mim. Seu olho ferido está fechado e o sangramento parou em grande parte. O outro está semicerrado, cansado e pesado de pensamentos. Seu olhar percorre meu corpo, examinando os hematomas e cortes. A única ferida em que seus olhos se demoram por um instante é a minha panturrilha latejante. Preciso dar pontos, mas queria limpá-la bem primeiro. Uma infecção é a última coisa que eu quero.

"Estou bem", eu o tranquilizo enquanto dou a última enxaguada. As manchas no meu cabelo ainda estão visíveis, mas está melhor do que antes. Desligo o chuveiro e me enrolo em uma toalha. Pontos vermelhos rapidamente atravessam o tecido e desenharam uma carranca no meu rosto.

Cameron solta um suspiro suave enquanto gira o registro do chuveiro. Ele enrola uma toalha na cintura e caminha até mim. "Vamos lá, você..."

"Vamos cuidar dos nossos ferimentos." Ele para um instante para analisar minha expressão e então acrescenta:

"Vamos cuidar dos ferimentos de nós *dois*."

Analiso seu andar enquanto caminhamos pelo quartel. Aqui dentro está pior do que nos chuveiros, o que significa que suas pernas estão mais machucadas do que ele admite.

Minha atenção se volta para o quarto. Todas as camas no centro estão vazias; os poucos aliados que restam se concentram nas laterais. Arnold e Wraith estão mais próximos da porta que dá para o corredor.

Procurei por Bree e Damian na área, mas não os encontrei.

Um mar de camas. Provavelmente estão jantando antes de descansar.

Só de pensar em comida agora me dá náuseas. Não consigo comer depois de uma morte tão brutal e sem sentido. O cheiro de sangue fica no nariz por muito tempo — cada mordida teria um gosto horrível.

Meus olhos se voltam para meus dedos arranhados e avermelhados. Hematomas roxos estão... já está desabrochando sob a minha pele.

"Ei, pirralho, será que seu tratador vai conseguir te proteger na prova final?", grita Wraith enquanto passamos rapidamente por ele. Arnold ri baixinho. comentário.

Abro a boca e estou prestes a responder com alguma grosseria, mas Cameron segura meu pulso e me impede de continuar andando. Ele me lança um olhar severo por cima do ombro assim que passamos por algumas portas adiante.

"Você sabe que é inútil tentar discutir com ele", murmura, olhando para frente mais uma vez. Seu aperto em meu pulso é quente.

Sinto minhas bochechas corarem com a suavidade do seu toque. "Eu sei."

"Sabe, eu era muito parecido com você quando entrei pela primeira vez no Under."

"Enérgico." Ele parece achar a ideia terrivelmente divertida.

"Bem, você não tinha alguém que ao mesmo tempo te protegesse e tentasse te apunhalar pelas costas, então não poderíamos ser *tão* parecidos assim", murmurei com um sorriso irônico.

Cameron balança a cabeça e ri. "Acho que você me pegou nessa. Mas "Mesmo assim, é divertido ver como é fácil te irritar", ele murmura.

As luzes da enfermaria acendem lentamente, uma de cada vez. Por um segundo, eu Acho que nem todas vão acender, mas elas continuam a acender depois de um tempo.

"Sobe aí, agora é minha vez de te consertar." Cameron sorri enquanto dá um tapinha na mesa. Eu gemo antes de abaixar as calças e subir no aço frio. Minhas coxas queimam com o toque gélido do metal antes de se acalmarem e Aquece.

Quero dizer a ele que tudo dói. Que estou com tanta dor que mal consigo me manter firme, mas tenho medo de que ele veja fraqueza em mim. Já o conheço o suficiente para saber que seus gatilhos para perder o controle são a fraqueza em seu esquadrão e quando ele acaba de matar ou se esforça demais. Minha dor pode ficar em segundo plano.

Ele desliza os dedos quentes pela parte de trás da minha canela, avaliando o ferimento antes de limpá-lo. Agarro-me à borda da mesa e cerro os dentes, preparando-me para o choque que meu corpo está prestes a sentir.

Os olhos de Cameron se voltam para o meu rosto. Eu não esperava que ele fizesse isso, mas ele claramente percebe a apreensão na minha expressão.

Ele se endireita lentamente e enfia as mãos nos bolsos, olhando para mim, através de mim, enquanto sua voz penetra meu coração. "Tenho algo que acho que devo te contar."

Sinto meus lábios ressecarem enquanto observo seu desconforto aumentar. Suas bochechas coram e seus olhos se enchem de tensão. "O que foi?"

Cameron fecha as mãos nos bolsos e cerra o maxilar, desviando o olhar do meu. "Eu realmente *não* quero que você sofra. Não suporto te ver com dor. Isso... me faz sentir coisas de que não gosto, e prefiro que você não esteja sofrendo."

Eu o encaro com um olhar interrogativo. Será que ele está tentando dizer que gosta de mim?

Ele tensiona os ombros e olha para mim enquanto murmura: "Não há muitas coisas que eu escolheria em vez de mim mesmo, ou do meu esquadrão, e eu não sei por que ou como você conseguiu se insinuar no meu coração, mas..." Ele tira a mão do bolso e me oferece dois pequenos comprimidos pretos no centro da palma da mão.

Meus pulmões param de funcionar e volto minha atenção para ele. "Cameron... você sabe que eu não posso tomar isso. Vai me matar."

Seus olhos estão cheios de pensamentos inquietos. "Os primeiros não vão te machucar, e essas são as versões mais recentes. Nolan acha que estão prontas para outros experimentarem, então tenho certeza de que algumas não te fariam mal."

Uma dor latejante sobe pela minha perna, e o sobressalto que se espalha por todo o meu corpo.

Minhas costas doem profundamente, meu ombro fica com uma dor intensa. Algumas lágrimas começam a brotar nos meus olhos.

"Você está me dizendo a verdade, Cameron? Ou está tentando me matar?"

Minha voz é insensível. Seus olhos se estreitam em tormento.

"Eu prometo, Emery, quando eu te matar, será com a minha faca no seu coração. Você vai me ver chegando. Você saberá, sem sombra de dúvida, que eu vou tirar a sua vida." Os cantos de seus lábios se curvam inocentemente, como se o que ele acabou de dizer fosse verdade.

Disseram que isso nunca vai acontecer. Eu acredito nisso facilmente. "Os comprimidos levam tudo embora tão rápido que você nem se lembra da dor que estava sentindo no momento anterior."

Encaro os comprimidos na palma da mão dele. *Comprimidos da morte*. Mas nós dois sabemos que eu não consigo correr, muito menos andar rápido com esse corte na perna. Se a última prova exigir corrida, estou ferrado. A dor no ombro é tão forte que não consigo levá-lo acima do peito sem gritar de agonia.

Eu os quero mais do que posso admitir. A morte aqui embaixo não passa de uma aposta. Tudo é uma aposta. Se eu não os aceitar, provavelmente morrerei. Se eu os aceitar, posso *morrer*. Essas são as probabilidades que enfrento.

Cameron fecha os dedos sobre a palma da mão e coloca os comprimidos na boca. sua boca. Minhas sobrancelhas se franzem em meio à agitação.

Ele se inclina sobre mim e segura a minha nuca, erguendo meu rosto enquanto pressiona seus lábios contra os meus. Meus olhos se fecham enquanto inalo seu perfume e memorizo a sensação de seus lábios contra os meus.

"Desculpe, meu amor. Não posso deixar você morrer", ele sussurra sobre meus lábios enquanto aprofunda o beijo e enfia os comprimidos na minha boca. Meus olhos se arregalam quando o sabor amargo dos comprimidos se espalha pela minha língua.

Cameron se afasta o suficiente para que nossos olhares possam finalmente contemplar a alma um do outro. Ele segura um punhado do meu cabelo para manter minha cabeça erguida e leva a outra mão ao meu queixo.

Não quero engoli-los, mas também não quero morrer por ser inútil no próximo teste. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas me esforço para manter uma expressão impassível.

"Engula." Ele massageia minha garganta. A sensação faz minha boca... água e a vontade repentina de engolir o conteúdo da minha boca.

A expressão suave de Cameron desapareceu, substituída por seus olhos insensíveis e um desejo frio e impiedoso por trás deles. Um olho está completamente vermelho, o outro tão claro quanto o dia. Enquanto contemplo sua beleza cativante, percebo que eu estava certa o tempo todo. Homens bonitos não são confiáveis. Cameron sempre foi implacável por natureza e enganador como poucos.

"Engula", ele ordena novamente, apertando minha garganta com mais força. Eu Não consigo mais me conter.

Eu engulo os comprimidos.

CAMERON

O jeito como ela me olha faz aquela dor desagradável voltar a me atingir o peito. Os olhos de Emery estão cheios de traição e raiva.

Assim que tenho certeza de que ela os engoliu, solto sua garganta e seus cabelos.

Estou familiarizada com os efeitos que os comprimidos causam nas pessoas na primeira vez. Ela vai desmaiar em exatamente dois minutos, e quando acordar, não estará mais sentindo dor. Ela vai experimentar a maior euforia que já sentiu.

"Você pode me odiar o quanto quiser, Em. Eu não posso deixar você morrer", digo enquanto me afasto dela para preparar o material para suturar sua perna. Como ela não responde, me viro para olhá-la.

Tapa.

Fiquei atordoada com a força do golpe. Tudo o que sinto é um formigamento agudo na minha bochecha, mas estou surpresa por ela ter me batido. Estou ficando cada vez menos paciente com ela fazendo isso.

"Eu não disse que os queria", sussurra Emery, como se estivesse escondendo algo. Mais lágrimas.

Eu apenas a encaro, sem saber o que poderia lhe dizer agora. Para tranquilizá-la. Vai ficar melhor quando ela acordar.

Ela tenta sair da mesa de operação e perde o equilíbrio. Seus olhos
Ela está atordoada e suas sobrancelhas se franzem em confusão. Eu a amparo com cuidado.

"Cam? O que está acontecendo?" ela murmura contra meu ombro. Seus braços e pernas já estão moles.

Encosto minha cabeça na dela. "Você vai tirar um cochilo enquanto eu cuido de você." Coloco minha mão atrás da cabeça dela enquanto a guio de volta contra a mesa fria de aço.

Ela sorri sonolenta enquanto seus olhos se fecham lentamente. "T-tudo bem", ela murmura, arrastando as palavras. então suas pálpebras pesadas finalmente se fecham.

Uma expressão de preocupação se forma em meus lábios enquanto afasto uma mecha de cabelo rosa do rosto dela. *Não posso deixá-la morrer.* Por motivos egoístas, mais do que cumprir minha missão de provar a Nolan que consigo manter a compostura. Mesmo que ela me odeie depois disso, não me importo. Ela precisará estar o mais insensível possível para o terceiro julgamento.

Os comprimidos parecem pesados no meu bolso. Quero tomar cinco deles e deixar que o vazio fresco me invada, como está acontecendo com ela.

Mas preciso me concentrar. Deixo meus olhos encontrarem sua perna ferida e começo a limpá-la, suturá-la e enfaixá-la. Termino em vinte minutos.

A pia da enfermaria tem um espelho bem em cima. Eu tento evitar. Estou tentando me olhar no espelho, se puder, mas esta noite não me sinto eu mesma.

Estou curioso. Quero saber o que ela vê. O sangue dela se lava do meu. minhas mãos parecem tinta, e quando termino, lentamente levanto o olhar para o espelho.

Um homem sombrio e sem coração me encara. Suas bochechas são finas e encovadas, marcas de sua curta vida, moldadas pelas drogas que ingere. As cicatrizes em seu rosto não são nada comparadas às que sei que ainda permanecem sob sua camisa. Seus olhos estão cansados. Tão cansados. Um deles tão vermelho que parece que o sangue substituiu o branco.

Eu pareço estar com dor. Não reconheço o homem no espelho.

Meus dedos traçam delicadamente a cicatriz ao redor do meu olho antes de descerem até o meu esterno. *Mãe, por que você tentou me matar?* Penso nela com raiva enquanto desenho uma linha onde ela me abriu. Isso foi há quase uma década, mas nunca esquecerei o que ela destruiu dentro de mim naquele dia. Não havia mais confiança, nenhuma esperança de que alguém me visse e quisesse me proteger. Que se importasse comigo.

Levo a mão ao coração e deixo que meus olhos encontrem Emery no espelho. Ela está dormindo tão profundamente, mais do que em qualquer outra noite aqui. Já a observei dormir por incontáveis horas, inquieta e buscando a aprovação de sua família problemática, da mesma forma que eu fazia com a minha mãe.

Ela alguma vez me ouviu sussurrando para ela? Dizendo que ela estava segura. Dizendo a ela que, enquanto eu pudesse suportar, não deixaria nada lhe fazer mal. Nem mesmo eu.

Não vou.

Meus olhos encontram meu reflexo mais uma vez.

Eu não vou machucá-la. Eu não vou matá-la.

Se ao menos eu pudesse confiar em mim mesmo. Derramo cinco comprimidos na palma da mão e os engulo antes de levantar Emery da mesa e levá-la para o canto do quarto, onde encosto minhas costas na parede e deslizo até estarmos no chão. Acaricio seus cabelos suavemente e sussurro doces palavras, muito depois das luzes se apagarem. Muito na escuridão, uma escuridão que só algo tão monstruoso quanto eu consegue enxergar.

ESMERIL

Luzes brilhantes piscam enquanto corro pela floresta escura, descalça e vestindo um dos vestidos que minha mãe costumava comprar para mim. Sei que estou sendo caçada na prova final, só não sei por quem. Por que não estou com meu equipamento tático? Onde está Cameron?

Eu piso em falso e caio no chão. Uma dor aguda se espalha pela minha lateral, e o perseguidor já está em cima de mim antes mesmo que eu consiga pensar em me levantar.

O cano de um rifle está apontado para minha testa, e todos os pelos da minha nuca se arrepiam ao reconhecer o soldado mascarado. Seus olhos estão preguiçosos, semicerrados de desinteresse enquanto seu dedo acaricia o gatilho.

"Cameron? Sou eu, Emery!" Tento trazê-lo de volta à realidade, mas ele apenas me ignora, como se eu não fosse nada.

"Mori. Meu nome é Mori, e infelizmente chegou a sua hora, Emery. Minha promessa para você." Sua voz é como um rio de luar. Ele aperta o gatilho, e eu me afogo naquele oceano de escuridão em que ele vive.

Meus olhos se abrem de repente, e meu coração bate tão forte que me sento ereta na cama. Está escuro, mas consigo enxergar bem melhor do que o normal. Ainda não apagou as luzes? Procuro as luzes do teto no corredor, mas está tudo apagado.

"Como você se sente?" Sua voz me causa um arrepio na espinha. A imagem dele me dando um tiro na cabeça com tanta facilidade ressurgiu, seguida pela realidade de que ele me fez engolir dois comprimidos letais.

Eu o observo, com um tom sonolento nos olhos. Ele tenta me alcançar, mas eu rapidamente salto do seu colo e volto para o centro do quarto. Seu rosto se fecha e uma expressão de angústia se forma em suas feições.

Eu não deveria conseguir ver o rosto dele no escuro. Eu não deveria conseguir...

Minha atenção se volta para o meu corpo. Passo as mãos suavemente sobre as áreas que doíam tanto antes de eu desmaiar que eu temia morrer na próxima tentativa. Meu ombro está totalmente funcional, sem nenhuma dor, e minha perna não me incomoda em nada, embora eu saiba que deveria.

"Não sinto mais dor." Minha voz está rouca de choque.

Cameron se levanta e se aproxima de mim. Dou um passo cauteloso para trás. Ele para e me observa por um instante antes de levantar a mão para que eu me aproxime. "Eu te consertei, Em."

Franzo a testa e sinto uma pontada no peito. "Eu não te pedi isso." Ele parece desanimado por um instante. Caminho sem esforço de um lado para o outro da sala, e um pequeno sorriso incerto surge em meus lábios. "Não estou mais sentindo dor."

Seus olhos brilham ao ouvir minhas palavras. Eu aperto a mão que ele estende.

"Consegue ver a escuridão como ela realmente é agora?", ele murmura contra a concha da minha orelha. Um arrepio percorre minha pele. Nunca me senti tão leve em toda a minha vida.

Estou com raiva dele por ter me imposto isso. Mas o alívio que sinto é ainda maior. Eu sei que ele só está fazendo o que acha certo, e ele é tão corrupto que eu deveria ter imaginado que ele faria isso, independentemente de eu concordar ou não.

"Sim." Encosto minha bochecha em seu peito largo.

Ele fica em silêncio por longos segundos, como se estivessem se estendendo. Afastando-se, ele traça meu lábio inferior com o polegar, pensativo. "Você consegue me ver como eu realmente sou agora? O quão torto eu posso ser para você?"

"Sim", digo sem fôlego, deixando meus olhos percorrerem cada ângulo marcante de seu lindo rosto, cada cicatriz escura e tatuagem.

"E você me aceita por isso?"

Sustento o olhar saudoso do meu soldado vilão, terrivelmente atormentado, e então aceno com a cabeça.

"Ótimo." Ele levanta meu queixo. Aqueles olhos brilhantes exigem minha atenção. "Agora não preciso me conter." Solto um suspiro enquanto ele rouba todo o ar que resta em meus pulmões. Ele me beija com força, fervorosamente, como se nunca mais fôssemos ter um momento como este.

Agarro seus ombros, deixando meus dedos deslizarem por seu pescoço tenso enquanto ele me devora. Sua língua abre minha boca à força e eu cedo, baixando completamente a guarda para a besta criada para me destruir. Ele se afasta.

Por um instante, ele joga uma pilha de toalhas no chão antes de me ajudar a voltar para cima delas. Ele paira sobre mim.

"Você me tirou da escuridão, Em. Eu não teria sentido nada para sempre se você não tivesse aparecido na minha vida. Eu teria esquecido a ternura que ainda resta em um coração muito tempo depois da morte espiritual", ele sussurra entre nossos beijos.

Meu coração se aperta com essas palavras. Imagino em que lugar sem luz eu estaria. Se não fosse por ele, eu teria permanecido lá. Eu talvez nem estivesse vivo.

Mas ele está sendo muito mole agora. Será que ele vai me rejeitar de novo depois disso? Não sei quanto mais consigo aguentar entre esses momentos de crueldade e esses momentos de ternura.

"Cameron, o que eu sou para você?" pergunto enquanto ele desliza a língua pela minha garganta, mordendo atrás da minha orelha.

"De novo com isso? Você realmente quer saber?" ele diz lentamente, com um sorriso divertido se iluminando em seus lábios. Aqueles olhos embriagados de desejo se voltam para os meus, devorando cada pedacinho de mim.

Assenti com a cabeça. Estava bem ciente de como ele reagiu da primeira vez.

"Quando eu vi você cair daquele penhasco... algo se quebrou dentro de mim."

"Foi o fim de tudo." Ele faz uma pausa e apoia os braços de cada lado da minha cabeça, olhando nos meus olhos. "Eu sabia naquele momento que, se não conseguisse te ter de volta, nunca mais ia querer respirar. Não importava o que eu tivesse que fazer, eu faria se isso significasse que eu poderia ficar com você", ele murmura possessivamente sobre meus lábios.

Um sorriso irônico surge nos meus lábios. "Você não respondeu à minha pergunta", digo suavemente, embora meu interior esteja agitado como se eu fosse feita de borboletas. Eu não imaginava que Cameron fosse capaz de dizer tais palavras, muito menos para mim.

Ele semicerra os olhos, e um brilho reluz neles. "Você é a portadora da minha alma." Ele não espera que eu responda, aproximando seus lábios dos meus, engolindo o suspiro de surpresa que me escapa.

Que peso enorme para carregar. Sorrio ao pensar nisso enquanto ele me beija febrilmente, abaixando minhas calças com as mãos e levantando minha blusa com avidez. Suas mãos estão gélidas ao roçarem minha pele. Minhas costelas não doem, meu ombro, nem minha perna. É um alívio tão grande que me entrego ao prazer que se espalha por onde seus dedos deslizam. Nunca me senti tão livre antes.

Nunca me senti tão *bem*.

Um gemido escapa dos meus lábios entreabertos. "É uma sensação incrível", sussurro.

Cameron ri baixinho enquanto morde meu lábio inferior e o puxa delicadamente. "É porque você não sente mais dor onde antes havia." Ele solta meu lábio e o gosto de sangue invade minha língua.

Estou sangrando? Meus olhos se arregalam. Só sinto a euforia inconfundível que seus dentes e mãos me proporcionam. É assim que tem sido para ele todo esse tempo?

Cameron observa enquanto eu sugo meu lábio inferior e saboreio plenamente o que é uma existência sem dor.

Um sorriso sinistro se forma em seu rosto. "Boa garota, você sente isso? Isso é só o começo do que eu vou fazer com você."

Seus dedos deslizam pelo meu pescoço e esterno, causando arrepios. Em seguida, vêm seus lábios quentes, o fogo emanando de sua língua enquanto ele a gira em torno do meu mamilo. Minhas costas se arqueiam e minhas mãos encontram seus cabelos despenteados, agarrando-os e puxando-o ansiosamente para mais perto.

Ele ri baixinho e morde a parte de baixo do meu seio. Uma onda de prazer sobe pela minha garganta e um gemido ecoa pelo quarto. Cameron não me solta, mas enfia dois dedos na minha boca. Eu os chupo sem pudor, mordendo-os com a mesma força com que ele me morde.

Um gemido vibra em seu peito. "Porra, eu estava esperando você me morder. Eu amo esses seus dentes." Ele passa a língua no meu seio mais uma vez antes de se afastar e desabotoar as calças.

Eu o observo libertar seu pênis pulsante e esfregar minhas coxas uma na outra, antecipando o momento de tê-lo dentro de mim novamente.

Ele baixa a mão até seu pênis saliente e o acaricia lentamente, olhando para meu corpo exposto e absorvendo cada centímetro do meu ser.

"Foda-se, Cam", eu imploro.

Cameron sorri e se senta sobre os calcanhares, com o pau na mão. "Quero que você use meu pau e goze primeiro. Só então eu te darei o que você quer, amor." Seus olhos estão semicerrados enquanto ele bombeia o pau algumas vezes. Observo o movimento, hipnotizada e tão extasiada com a minha existência que nem me importo.

Eu sorrio de canto e me levanto. Ele ergue uma sobancelha enquanto passo por ele. Pego na fita adesiva médica que está sobre a mesa. Uma ideia maliciosa me invade a mente, e penso que chegou a minha vez de lhe dar um choque.

"O que você está fazendo, Em—" Cameron para de falar quando começo a enrolar a fita adesiva em seus pulsos. Seus olhos encontram os meus. O lampejo de excitação em seu olhar faz meu coração disparar.

"Ah, então você quer jogar esse tipo de jogo, é?", diz ele, sombriamente. Aqueles olhos se tornam vorazes.

Não digo uma palavra enquanto o faço deitar de costas e o amarro a um cano de água de cinco centímetros de diâmetro que vai até o teto. Ele está completamente à minha mercê. Vulnerável, com os braços presos.

O pau dele está mais duro do que estava há um instante. Engulo em seco ao ver a grossura dele.

Me inclino sobre o pau do Cameron, de frente para ele. A ponta é suficiente para me fazer gemer enquanto seu comprimento me abre. Tento aceitá-lo devagar, mas Cameron tem seus próprios planos.

Ele impulsiona os quadris contra mim com força, enfiando o pau todo até o fundo e penetrando fundo em mim. Eu grito e aperto as mãos contra o peito dele para não cair de cara no chão.

O cano range violentamente enquanto ele tenta libertar as mãos para me agarrar. De alguma forma, isso me excita ainda mais, ver o quanto ele deseja me segurar pela cintura e me jogar sobre ele.

Cravo minhas unhas em suas costelas e ele geme, paralisando os quadris e me deixando montá-lo por alguns instantes antes de retomar os movimentos leves de empinada.

"Já está voltando atrás na sua palavra? Você disse que eu tinha que me virar sozinha." "Vem." Eu rio enquanto minha cabeça cai para trás em êxtase puro por tê-lo dentro de mim.

"*Porra*, Em, você precisa tirar isso. Quero te foder até seus joelhos sangrarem. Até você gritar meu nome sem parar." Seus olhos acompanham o movimento dos meus quadris, sua boca entreaberta e a respiração pesada.

"Ainda não terminei", digo em tom de brincadeira, e aproveito cada segundo da chama que se acende em seu olhar.

Ele contrai o maxilar e puxa os braços para baixo impiedosamente. O cano fodendo A solda se rompe e a água jorra sobre nós.

Soltei um suspiro agudo, rapidamente silenciado pelos lábios de Cameron. Ele envolveu minha cabeça com os braços e deslizou seus pulsos amarrados para a minha lombar. Estou completamente sentada em seu colo, com seu pênis vinte centímetros dentro de mim.

Uma risada suave escapa entre nós enquanto a água cai sobre nós. Beijo seu ombro docemente enquanto ele morde o meu. Ele me penetra com tanta força que não consigo ouvir nada além de nós dois. Onde estamos conectados. Onde respiramos contra a pele um do outro. Onde ele sussurra coisas que não consigo compreender em cada beijo.

Nossos gritos e gemidos aumentam cada vez mais até que ele me segura contra seus quadris e para. Cameron distribui beijos do meu pescoço até meus lábios enquanto ele

Ele ejacula dentro de mim, me preenchendo com seu sêmen. Seu pênis pulsa várias vezes, e eu gemo baixinho contra seus lábios a cada pulsação.

"Você é minha. Eu nunca vou te deixar ir, Em", ele sussurra.

Eu sorrio e encosto minha testa na dele.

"Promete?" Deslizo minha mão sobre o ombro dele, onde ele havia levado a faca. me proteja.

"Sempre." Sua voz preenche a sala e minha mente.

Talvez dois monstros como nós realmente possam encontrar a felicidade.

CAMERON

"O que é isso?" , pergunto , ainda grogue por ter dormido pouco na noite passada.

O General Nolan caminha com as mãos para trás, uma expressão sombria no rosto enquanto passamos pelo corredor.

Por que diabos ele me acordou? Eu sei que é costume os oficiais superiores comparecerem ao julgamento final, mas Nolan geralmente não aparece. É indigno dele.

Então, por que não desta vez?

Nolan para em frente a uma porta de metal preta e digita um código. "Temos um novo soro que acreditamos que será o fim de todas as drogas experimentais para vocês. Se sobreviverem a esta, talvez tenhamos encontrado a fórmula perfeita que manterá a estabilidade mental dos soldados e, ao mesmo tempo, impedirá a letalidade. Os comprimidos ainda serão necessários para chegar aos níveis ideais, mas acho que já resolvi os problemas."

Meus olhos se arregalam. "Você está falando sério?", eu respondo bruscamente.

Ele me lança um olhar por cima do ombro enquanto abre a porta. "Sou eu. Então vamos acabar logo com isso, certo?"

Hesito. "Mas e se não der certo?"

Nolan dá de ombros. "Acho que vamos ver o que acontece."

Sigo-o por outro corredor que termina em uma pequena sala de laboratório. Parece-se com a do Submundo. Uma vez, esse lugar me deixou apavorado. Lembro-me de como minha respiração estava irregular e do terror que senti.

Toda vez que me injetavam algo, todos viam como os outros homens que usavam drogas experimentais morriam.

Mas a cada tratamento, eu só ficava mais forte. Mais fria. Mais louca.

Passo os dedos pelo apoio de braço enquanto contorno o banco e me sento. Nolan já preparou a agulha, desta vez com um líquido cinza-escuro.

“É bom ver que você conseguiu se controlar com o Cadete Maves. É esse tipo de controle que eu quero ver em você, Mori. É esse o soldado que precisamos. Um que escuta. Um que obedece. Um que consegue controlar a loucura que as injeções provocam.” A voz de Nolan está carregada de veneno enquanto ele desliza a agulha sob minha pele e injeta a escuridão dentro de mim.

“Vamos ver se você consegue controlar este.” Ele fala como se quisesse que eu perdesse o controle. Solto um suspiro, olhando para o meu braço.

Minhas veias ficam azul-escuras e a escuridão se espalha por todo o meu corpo. Meu corpo se contrai bruscamente no assento e minha respiração fica descontrolada. O pânico me invade.

"O-o que está acontecendo?" Eu pergunto, com a voz embargada, antes que meus olhos se fechassem à força.

Só ouço Nolan rir antes de dizer: "Você está preparado para a prova final, Mori."

ESMERIL

Doze de nós somos conduzidos para fora, na entrada do bunker. Não está nevando hoje. O céu está limpo e os pássaros têm a audácia de cantar como se fosse uma manhã alegre.

Fomos levados para cá assim que as luzes se acenderam. Não. Chuveiros, sem café da manhã... Sem Cameron.

Olho em volta nervosamente, mas não consigo encontrá-lo. Para onde diabos ele foi?

Bree fica ao meu lado e também se mexe inquieta, ansiosa.

"Onde está o garoto assassino?", ela pergunta sem olhar para mim. Estamos todos observando os soldados armados que formam uma barreira de cada lado, que leva à floresta. O único caminho desimpedido é em frente.

O suor escorre pelas minhas costas e faz com que minha respiração fique curta.

"Não faço a mínima ideia." Minha resposta é lacônica, e meu desconforto só piora o dela.

Damian está com os braços cruzados e resmunga: "Por que o General Nolan está aqui?" Meus olhos logo encontram Nolan subindo a rampa do bunker, conversando com o Sargento Instrutor Adams e o Tenente Erik.

"Não faço ideia", murmuro. Bryce está estranhamente quieto. Não é do feitio dele, mas parece muito nervoso com este julgamento em particular. Ele é menor do que a maioria, como eu. Eu entendo, especialmente se for uma luta um contra um.

Adams dirige-se ao centro do nosso pequeno grupo, com um sorriso radiante. estampada em seu rosto, uma que eu sei que não transmite nenhum calor real.

“Parabéns por chegarem à prova final, Cadetes. Esta é a primeira vez que aplicamos um desafio como este, então espero que todos se orgulhem de estarem aqui hoje.” Todos nós nos remexemos desconfortavelmente. Até mesmo Wraith e Arnold parecem tensos, não tão ansiosos e sedentos de poder como estavam durante a primeira prova. Adams diz em voz alta: “Vocês serão testados em sua capacidade de escapar de um inimigo em perseguição. Um de vocês será a presa, correndo desesperadamente para salvar a própria vida, em direção ao posto de controle. O outro será o predador, armado com uma faca de combate. Se a presa chegar ao posto de controle antes de ser morta, vocês vencem, e o predador será eliminado. Mas se a presa for morta antes, bem, isso é óbvio.”

Meu estômago se revira. Os outros também parecem sombrios, olhando ao redor para os rostos de seus colegas cadetes uma última vez.

Só metade de nós vai sair dessa vivo. Meus olhos procuram mais uma vez a identidade dos guardas, mas não o vejo. *Cameron, onde você está?* Mordo meu lábio inferior.

O sargento instrutor Adams caminha até nós e nos rodeia lentamente enquanto continua: “Seis grupos no total. Vocês permanecerão onde estão até serem chamados.”

Se você tentar retaliar, será demitido. Se você se recusar a obedecer —”

Bree bufa baixinho. “Deixe-me adivinhar: você será demitida.”

Adams a ouve e vira a cabeça bruscamente em nossa direção. Ela se enrijece, os olhos se arregalam enquanto sua atenção se volta imediatamente para o chão.

“Desculpe, parece que a cadete Pazely gostaria de ir primeiro.” Ele gesticula com o braço para que ela se mova para a frente do grupo. O queixo dela cai e suas pupilas dilatam de horror. “Vá para a frente!” Adams grita quando ela hesita.

Neste momento, lembro-me de que não temos escolhas aqui embaixo. Não quando se trata de obedecer aos nossos superiores. Isso me atinge em cheio — o fato de eu ainda estar onde sempre estive, apenas sob uma gestão diferente — eu ainda sou um pequeno carrasco.

Meu coração afunda ao vê-la parada, tremendo como uma folha diante de si. todos.

“Você vai ficar bem”, sussurro, esperando que minhas palavras de encorajamento lhe deem um pouco de confiança. Ela acena com a cabeça e me oferece um sorriso preocupado, mas agradecido.

“Cadete Belkin, suba lá.” A voz de Adams é um verdadeiro rugido. Arnold se aproxima lentamente e fica parado, hesitante, ao lado de Bree.

Ai, meu Deus, por que Arnold? Minhas palmas estão suadas e não consigo parar de mudar o movimento de uma perna para a outra, inquieto.

Fecho os olhos e tento acalmar meus nervos. É quase como se, quanto mais tento me acalmar, pior fica.

“Cadete Maves.” Cada músculo do meu corpo se tensiona, e um suspiro suave escapa dos meus lábios. Bree acena nervosamente com a cabeça enquanto estou ao lado dela. Meu olhar encontra o de Arnold — ele está tão frio como sempre, parecendo imóvel e sem emoção. Não sei se é uma atuação ou se ele realmente não sente medo como nós, mas engulo em seco, esperando que isso não termine com a morte de Bree ou a minha.

Cameron tinha razão quando disse que eu morreria se não tivesse tomado aqueles comprimidos ontem à noite. Não teria a menor chance de eu correr pela maldita floresta com o ferimento que sofri ontem.

O general Nolan está encostado na muralha de soldados e inclina a cabeça para a frente quando olho em sua direção. Seus olhos brilham com malícia, por qual motivo, não sei ao certo, mas tenho uma sensação horrível se enrolando no meu estômago como um ninho de cobras.

“Cadete Bale”, Adams chama Bryce, que visivelmente empalidece ao se aproximar lentamente de mim. “Maves e Bale, vocês dois seguirão os cadetes Belkin e Pazely. São bem curtas, então não precisarão esperar muito.”

Você tem dez minutos para chegar ao posto de controle ou morrerá.” Bree parece ter visto um fantasma. Arnold apenas cerra os punhos ao lado do corpo.

Bryce treme tanto ao meu lado que aperto sua mão e lhe ofereço um...

Um sorriso tranquilizador. Ele parece petrificado, mas consegue esboçar um aceno fraco com a cabeça.

“Pazely, você será a presa. O ponto de controle é uma árvore com uma fita vermelha, bem em frente daqui, a cerca de um quilômetro e meio. Espero que você consiga correr rápido. Sua vantagem de cinco segundos começa em três, dois, um.” Adams mal termina de dizer a última palavra e Bree já está disparando o mais rápido que pode em um sprint final.

Neve e poeira são lançadas para cima com a força com que ela impulsiona as pernas.

“Corre, Bree!” grito, incapaz de me conter e a encorajando.

Isso me rende um olhar fulminante de Adams, mas ele volta a olhar para frente.

Aos cinco segundos, ele entrega uma faca de combate a Arnold e faz sinal para que ele o persiga.

Arnold é quase tão alto quanto Cameron. Ele tem pernas longas e é puro músculo. *Caramba, espero que Bree consiga se defender.* Ele vai pegá-la rapidinho.

Um nó se forma na minha garganta e aumenta à medida que os minutos passam em silêncio.

Um grito agudo corta o ar e suga todo o oxigênio dos meus pulmões.

O terror que ecoa pelas copas das árvores é palpável e faz meus olhos arderem. *Ela está bem.* Ela sabe como lidar com alguém com o dobro do seu tamanho. Bree é inteligente e gentil.

Bree não pode morrer. Meus punhos se fecham ao lado do meu corpo e luto contra o nó na garganta. Novas lágrimas ameaçam se formar em meus olhos, mas me agarro firmemente à crença de que ela está bem.

O silêncio que se segue àquele som arrepiante abre buracos em mim. mente, enquanto tento não pensar no que a fez gritar daquele jeito.

Ninguém diz uma palavra.

Aguardamos pacientemente onde estamos até que Arnold reapareça da floresta, arrastando um corpo sem vida atrás de si. Seus cabelos escuros se arrastam pelo chão, e listras vermelhas tingem a neve como tinta.

O vômito sobe pela minha garganta, mas eu o engulo e reprimo o gemido trêmulo que surge dentro de mim. *Desligue-o.* Tento me forçar a dissociar. Não posso me emocionar agora. Fecho as mãos em punhos com tanta força que minhas unhas cravam nas palmas. Não sei se dói, mas a pressão impede que as lágrimas que se formam nos meus olhos se acumulem.

Fúria e ódio se acumulam no meu peito. As Forças das Trevas são realmente para a escória da Terra. Não consigo me imaginar em um esquadrão com Arnold ou Wraith. Provavelmente os mataria enquanto dormiam.

Não consigo mais conter as lágrimas. Elas escorrem pelo meu rosto e desabam. Na neve. *Por Bree.* Lutarei com todas as minhas forças, por todos nós.

Viro o rosto à força enquanto ele deixa o corpo dela na extremidade da linha de soldados. Adams o parabeniza enquanto ele retorna ao grupo. Não me consola muito o fato de Arnold parecer traumatizado pelo que acabou de fazer. Seus olhos estão fundos, e, pela primeira vez, ele não tem aquele sorriso idiota nos lábios.

"Bale, você é a presa. Você tem cinco segundos", grita Adams. Em vez de sair correndo imediatamente como Bree fez, Bryce para por um segundo para me olhar, aceitação e medo dançando em seus olhos juvenis. *Por favor, não assim,* posso ouvi-lo implorar. Então ele se lança em uma corrida desenfreada e parte em direção à floresta.

Os segundos parecem minutos. Não quero correr atrás dele. Não quero nada disso.

"Maves", murmura Adams com indiferença, entregando-me a mesma lâmina que Arnold usou para matar Bree. Seu sangue vermelho vivo ainda está fresco na lâmina. Meus olhos se voltam para seu corpo sem vida no chão e meu coração dispara.

Seus lábios já estão arroxeados por causa do frio, e seu olhar está distante enquanto ela fita o céu. Uma emoção sombria se espalha por minha alma. Não pode ser assim que a história dela termina, e ainda assim é inegável que este é o seu fim.

As palavras de Cam penetram em minha carne. *"Ou você ou eles."*

Ou sou eu ou o Bryce.

Eu não quero morrer.

Meu aperto na faca se intensifica, e engulo todas as minhas emoções, deixando-as cair para trás como mãos decepadas tentando me manter presa a uma dura realidade.

Infelizmente, sou bom em caçar, mas nunca precisei matar alguém com quem tivesse criado laços. *Dissociar-me é a única maneira de superar isso.*

Corro o mais rápido que posso atrás de Bryce, lágrimas escorrendo dos meus olhos assim que ultrapasso a barreira da floresta, onde ninguém pode me ver. Deixo as lágrimas caírem enquanto corro mais rápido do que jamais imaginei ser capaz.

Porque eu não quero morrer.

Eu não quero morrer, e matarei Bryce mil vezes se isso significar que...
Poder ficar com Cameron.

Depois de um minuto, vejo o pelo encaracolado e o filhote de Bryce enquanto ele se move rapidamente pela vegetação rasteira. Se o alcancei tão depressa, é provável que ele tenha deixado armadilhas de veneno em seu rastro. Desvio meu caminho e me afasto uns três metros de onde estão suas pegadas.

Ele me nota pelo canto do olho e levanta as duas mãos.

Cerrei os dentes. *Que merda ele está fazendo?* Não posso me dar ao luxo de parar e ele
Ele sabe disso. Se ele está tentando se salvar, não vai funcionar.

Bryce solta um grunhido quando o derrubo no chão, imobilizando seus braços e me preparando para matá-lo rapidamente. Aqueles grandes olhos cor de avelã me atravessam enquanto sua respiração fica ofegante.

"E-espera! Em-Bee!" ele grita e meu braço congela com o apelido familiar. Só meu pai me chamava assim. Era nosso código para passar informações um para o outro. Pouquíssimas pessoas sabem disso.

Meus olhos se estreitam ao encarar Bryce. "Onde você ouviu esse nome?" Continuo segurando a faca acima da minha cabeça, pronta para cravá-la em seu coração e acabar com ele, por mais que eu não queira.

Os olhos de Bryce se movem rapidamente para os lados, como se ele estivesse procurando por câmeras de vigilância. "Gregory Mavestelli, quem mais?", ele diz em voz baixa.

tom.

É como levar uma pancada no peito com um taco de beisebol. "O quê?" Procuro em seus olhos por engano, mas não encontro nada. Pensei que Greg tivesse me abandonado. Ele mesmo me entregou, não foi? "Como você veio parar aqui? Você já estava no Submundo antes mesmo de eu chegar."

"Sou o informante dele. Ele me enviou para o Submundo meses atrás. Meu objetivo era voltar com informações sobre as drogas experimentais que as Forças das Trevas estão usando. Quando ele soube que você tinha sido tirada da prisão e trazida para cá, minha missão mudou para mantê-la em segurança. O Sr. Mavestelli não sabia que você tinha sido sabotada desde o início. Ele ficou furioso quando eu o informei que você já estava em uma aliança com Mori. Não temos muito tempo. Desativei as câmeras desta área ontem à noite, mas eles vão desconfiar se nada acontecer nos próximos minutos." Recosto-me e abaixo a faca, encarando Bryce incrédula.

Analiso suas feições sob uma nova perspectiva, tentando me lembrar se o vi entre os homens de meu pai, mas não me vem nenhuma pista.

"Meu pai sabe sobre as Forças das Trevas?" Minha mente está dividida ao meio.

Ele acena com a cabeça. "Quem você acha que os ajuda a se manterem informados sobre o submundo?" O Sr. Mavestelli praticamente declarou guerra ao General Nolan desde que você chegou aqui. A relação de trabalho já estava tensa, mas agora eles vão—" Bryce é interrompido com uma facada na garganta.

Solto um suspiro e viro a cabeça bruscamente para a direita. Cameron vem correndo direto para nós, seus cabelos brancos dançando na neve e contrastando com o verde escuro dos pinheiros. Mas sua expressão é completamente vazia.

Ele veio para nos matar.

Para me matar.

A histeria toma conta do meu peito. Não tenho muito tempo.

"Quem vai fazer o quê?" Eu pressiono a palma da minha mão contra a bochecha de Bryce com urgência. Ele me olha freneticamente, abrindo e fechando a boca algumas vezes enquanto o sangue borbulha entre seus dentes e faz minhas veias gelarem.

"E-eles... v-vão..." Ele tenta usar as mãos. "Fúria..." Bryce engasga com as palavras e estremece sob mim antes de ficar imóvel. Todos os seus músculos relaxam e seus olhos fitam o céu sem rumo, as copas das árvores. Todo o conhecimento que ele possuía se esvai como um sopro, escapando pelo ar gélido.

"Sinto muito", sussurro, lágrimas escorrendo enquanto me obrigo a levantar e sigo em frente. Bree, agora Bryce... O que está acontecendo com Cameron? Meu peito dói.

Tudo está embaçado e branco enquanto corro de Cam. Cada passo que ele dá engole dois dos meus. O zumbido do sangue nos meus ouvidos é tão alto que não consigo ouvir meus próprios passos rangendo na neve.

"Cam!" grito, olhando para trás para ver se ele está voltando a si como costuma fazer.

Ele está a três metros de distância, aproximando-se rapidamente. Os olhos de uma fera faminta me encaram fixamente.

"Cameron!" Eu grito. É desesperado e suplicante, mas não me importo. Preciso que ele me ouça. Preciso que ele me veja. Ele vai me ver, não é? Ele sempre viu. "Cameron", sussurro quando ele se aproxima o suficiente para que eu possa ver o vazio em seu olhar. A desconexão de quem eu sou para ele.

Ele se atira sobre mim, envolvendo-me pela cintura e me derrubando com uma força que me tira o fôlego. Não sinto dor; apenas o peso do seu peso sobre mim. E, no entanto, me pego desejando isso, porque talvez a agonia aliviasse a dor no meu coração. A traição que me afoga e me faz ansiar por qualquer realidade, menos esta.

Ele me encara como se não me conhecesse. Aqueles olhos sábios nunca foram tão aterrorizantes quanto agora. Será que ele saberá o que aconteceu comigo pelas suas próprias mãos? Será que ele dirá meu nome ou o esquecerá?

"Cam", imploro, e tento levar minha mão até seu rosto. Ele a afasta com um tapa e levanta sua faca reserva. O brilho dela me transporta de volta a cada momento precioso da minha vida. A maioria desses momentos foram com ele. Ele dissipou minha escuridão. Cada toque terno de nossos lábios, cada sussurro compartilhado e cada olhar furtivo.

Cameron abaixa sua lâmina e mira no meu coração. Bloqueio seu braço com o meu, a força do golpe fazendo meus membros tremerem. A ponta da lâmina atravessa meu casaco e perfura minha carne.

Sua faca ansiava pelo meu coração, exatamente como você prometeu.

"Cameron, fala comigo. *Ei. Cam*", sussurro entre dentes cerrados. Ele está olhando para o meu rosto, percorrendo suas linhas com o olhar, como sempre faz.

Engulo em seco antes de me erguer com toda a minha força e derrubar a faca da mão dele. Ela voa para a nossa esquerda. Aproveito o breve instante em que seus olhos seguem a faca e lhe dou uma cotovelada no rosto.

Ele cai para o lado, e eu me arrasto de quatro para longe dele. Sangue escorre do meu peito e cobre a neve. Cameron agarra meu tornozelo antes que eu consiga me levantar e sobe em cima de mim.

Eu luto como um animal selvagem. Me debato, chuto, grito e arranho meu caminho para escapar dele. Mas Cameron é exatamente quem disseram que ele era.
era.

Mori.

Eu grito quando ele me vira impiedosamente e me prende pelo pescoço. Ele levanta a mão, com uma pedra do tamanho da palma da mão em sua mão.

Mais uma vez, solto um gemido baixo enquanto ele balança o braço em direção à minha cabeça. Deixo-me afundar em seu olhar verde e respiro fundo uma última vez em seu aroma de bétula antes de fechar os olhos.

“Cameron, por favor, acorde.”

Pancada.

CAMERON

CAMERON, POR FAVOR, ACORDE .

Eu pisco os olhos e agarro minha cabeça enquanto Emery fala comigo docemente.

Por que estou com frio e suando? Tento focar a visão, que está embaçada a princípio, e então vejo a floresta ao meu redor. Que merda? Olho para baixo e meu corpo inteiro enrijece.

"Em?"

Sua cabeça está inclinada para o lado, com um círculo de sangue na têmpora esquerda. Sangue escorrendo de seu peito e cobrindo a neve. Ela está tão pálida.

Lágrimas escorrem por suas bochechas. Suas tranças rosas estão salpicadas de vermelho, e ela está toda cortada, como se tivesse saído de uma briga violenta. Um peso oprime meu peito, e meus olhos se arregalam de horror.

O que aconteceu? Quem diabos fez isso?

Sinto minha mão direita pesada.

Não tão pesado quanto meu coração.

Olho hesitante para minha mão e encontro uma pedra com sangue de um lado. *Dela*. Uma náusea nauseante me invade, fazendo minhas pernas tremerem e meus ombros se tensionarem.

Não. Isso não é real. Fecho os olhos e, depois de um instante, os abro novamente.

Ela continua deitada imóvel embaixo de mim.

"Não. Não, eu jamais faria isso", gaguejei, com lágrimas nos olhos, enquanto tentava desesperadamente alcançar seu rosto. Parei antes que pudesse tocá-la. "Não, não, não, não, não!", gritei, batendo com a mesma pedra na lateral da minha cabeça até que um líquido quente escorresse pelo meu queixo. Por que eu fiz isso? *Você é uma criatura perversa.*

Você precisa ser purificada. Palavras familiares giram na minha cabeça. "Emery. Em, *por favor*", eu grito, minha voz rouca e quebrada. Deixo a pedra cair, percebendo que ainda estou sentada em seu torso.

Rapidamente me afasto dela e a pego delicadamente, colocando-a em meu colo. Sangue escorre da minha cabeça e respinga em seu pescoço. A visão do meu olho cicatrizado fica vermelha, e um líquido aquece minha bochecha enquanto cai com a mesma intensidade das minhas lágrimas.

Hesito em verificar seu pulso, mas consigo levar meus dedos à maciez de sua garganta. Um leve tremor em sua artéria é suficiente para despedaçar o que restava dela. meu.

Eu desmorono como um soldado. Com os ombros curvados, eu a puxo para perto do meu peito o máximo que consigo. Eu a aconchego em meus braços e pressiono beijos de desculpas em sua cabeça.

Ela está viva, mas eu fiz isso... eu quase a matei.

Eu sou um monstro. Não sobrou nada de bom em mim.

Nada.

"Me desculpe, Em. Me desculpe mesmo." Minha voz treme a cada respiração. A respiração dela é superficial; o gemido baixo em seu peito me causa pânico. Ela precisa de atendimento médico.

Quase roboticamente, eu a carrego de volta para o bunker. Sussurrando palavras de coração partido que eu gostaria de ter dito a ela há muito tempo. *Acho que te amo.* Por que não lhe disse? Eu preciso dela.

Os olhos de Adams se arregalam quando chego ao topo da encosta e ele a vê em meus braços, ou talvez seja minha cabeça sangrando. Não me importo com onde estou machucado. Tudo o que importa é ela. Passo direto por ele e vou direto para Nolan. O verdadeiro filho da puta para quem tenho perguntas. A última coisa de que me lembro foi de tirar a injeção.

O General Nolan olha para Emery e sorri. "Ótimo, você a manteve viva." *Por pouco.* Tenho o prazer de anunciar que você passou no seu teste final, Mori. "Agora traga-a para o laboratório se quiser manter sua nova parceira viva." Seus olhos opacos demonstram indiferença, embora eu perceba que ele está aliviado por eu não tê-la matado.

Erik diminui a distância entre nós e coloca uma mão pesada no meu ombro. Raiva e preocupação se misturam em seu olhar enquanto ele alterna o olhar entre mim e Nolan. "Que porra é essa?", ele dispara em tom letal.

Meu aperto nela se intensifica, sua jaqueta tática escorregadia de neve derretida e sangue. "Você queria que eu fizesse isso", murmuro, encarando o General Nolan. Um vazio cresce em meu peito.

Erik lança um olhar hostil para Nolan. "Do que ele está falando?"

Nolan riu de nós dois antes de se virar e nos guiar.

para dentro do bunker. Eu os sigo rapidamente, pelo bem de Em.

"Não, Mori, você fez o que faz de melhor: tentou matá-la porque é um homem sem coração. Mas tenho boas notícias: você e Morphine participarão de uma missão especial no próximo ano, que só vocês dois poderão realizar." Sua gola de ébano está impecavelmente passada e os distintivos dourados das Forças das Trevas brilham enquanto ele caminha sob as luzes do corredor. "E Tenente Erik, creio que o senhor não tem nada a ver com isso, já que os julgamentos estão estritamente sob minha discrição."

Erik solta um palavrão, mas guarda para si tudo o que lhe vem à mente.

Morfina. Seu codinome. Não acho que seja coincidência que seja um analgésico. Ela é a única coisa que já aliviou o peso da vida da minha alma cansada.

Ela é a minha morfina, e sem ela, eu não passo de um ser sem rumo. monstro.

ESMERIL

Lençóis macios com cheiro de bétula me despertam.

Abro os olhos lentamente e percebo que estou em uma enfermaria.

Um homem senta-se ao meu lado — seus cabelos são de um loiro tão pálido que já vi. Seus olhos estão cansados e vermelhos de lágrimas e tristeza. Ele é belo, como um lago congelado repleto de eucaliptos cor de sálvia e rosas cor-de-rosa. Ele me encara como se eu fosse todo o peso de sua existência. Esperança e alívio florescem naqueles olhos cheios de anseio.

O que é que você tanto deseja? Fico pensando.

Analiso suas feições, mas não digo nada.

"Em?" ele diz baixinho, a preocupação franzindo suas sobrancelhas.

Balanço a cabeça lentamente, a culpa pesando no meu coração enquanto sussurro: "Desculpe... Eu... Eu não sei quem você é."

SNEAK PEEK INTO BOOK 2 IN THE DARK FORCES DUET

Minha lâmina, suas costas

PROLOGUE

DESCONHECIDO

"Que porra você quer dizer com 'ela não se lembra de quem é'?" Meu aperto no telefone se intensifica. Raramente me irrita com alguma coisa, mas isso não fazia parte do meu plano. Nem mesmo no plano B.

"Foi tudo o que ouvi, senhor... Precisa de mais alguma coisa?"

Fico em silêncio por alguns instantes. "Não. Obrigada pela atualização, Jayce." Desligo, certificando-me de apagar o número descartável do Jayce caso alguém encontre meu telefone.

Meus dedos tamborilam irritados no banco de metal sob mim. Meus olhos percorrem meu esquadrão enquanto eles realizam seus exercícios matinais. Faz um tempo desde nossa última missão. Também estive ocupado com outros assuntos, então é essencial que eu fique aqui por pelo menos algumas semanas. Caso contrário, eu mesmo avaliaria a condição de Emery.

Sinto um formigamento na mandíbula enquanto tento entender como fazer isso funcionar.

Que bagunça! Eu gemo e passo a mão pelo rosto.

Embora, suponho que coisas piores poderiam ter acontecido. Eu poderia tê-la perdido completamente, o que desmantelaria tudo por completo. Pelo menos a memória tem uma chance de retornar.

Reflico sobre isso, recostando-me e respirando fundo. A onda de ansiedade se dissipa. *É, isso pode dar certo.* Ela tem Mori, e por mais que eu não quisesse arriscar que ele a matasse, eu sabia que ele se apaixonaria por ela. Ele vai despertar a memória dela de um jeito ou de outro. A química entre eles é palpável; eles não conseguirão ficar longe um do outro.

Tsc. Claro, aquele que mata todos os seus parceiros acabou arruinando tudo. Ele não poderia ter sido enviado para sua punição de um mês em pior hora, coincidindo com a entrada de Emery para as Forças das Trevas.

Obstáculo após obstáculo, maldito. Cerrei os dentes.

Está tudo bem. Sou um homem paciente.

Qualquer coisa para me aproximar de uma dessas pílulas malditas do Nolan. O general as mantém trancadas a sete chaves, e sempre que Mori joga o frasco fora, ele está vazio.

Só preciso reorganizar algumas coisas; talvez eu consiga convencer o Nolan a dar o remédio diretamente para a Emery. A doce e confiante Emery. Uma parte de mim realmente sente pena dela.

Eu realmente me importo, mas tudo tem um preço.

Eu nunca me recusei a pagar.

CHAPTER 1

CAMERON

Trinta e cinco dias se passaram desde que Emery acordou e disse as piores palavras que já ouvi: "*Eu não sei quem você é*".

O olhar dela enquanto me observava, como se fosse a primeira vez, foi a coisa mais dilacerante que alguém poderia vivenciar. Pelo menos, eu acho.

Você colhe o que planta. Não é esse o ditado, afinal?

A miséria não se compara à minha. A agonia que corre nas minhas veias é como ácido sulfúrico. Eu me esforço para seguir em frente a cada dia, esperando e ansiando para que ela se lembre de mim... para que se lembre do que passamos juntas. Mas outra parte de mim espera que ela nunca encontre os pedaços de nós que ficaram no passado.

Dessa forma, é mais fácil mantê-la segura.

Eu *nunca* mais quero magoá-la.

Mesmo que isso signifique que eu vá sofrer por isso.

Respiro fundo o ar quente do inverno californiano e me recosto no banco enquanto observo Emery destruir completamente Gage em uma luta de sparring corpo a corpo.

Meus olhos se estreitam sobre ela. Ela luta melhor do que nunca, e isso porque é só nisso que ela concentra sua atenção agora. Raramente a vejo na biblioteca como acontecia frequentemente durante os Treinamentos de Recrutas. Também não a vejo ajudando outros a cuidarem de seus ferimentos após se machucarem durante o treinamento.

A única coisa que restou foi sua personalidade absurdamente atraente. Receio que ela tenha se tornado mais morbidamente cômica. Atribuo isso à sua tragédia esquecida.

passado, e é quase impossível manter minha expressão impassível perto dela. Acho que ela provavelmente aprendeu muita coisa por estar presa com o esquadrão. Embora eu ainda não tenha visto um sorriso genuíno cruzar seu rosto. Será que ela aprendeu isso com o Gage? De todos nós, ele é quem mais se esconde atrás daquele sorriso falso. Não me dou ao trabalho de tentar convencer as pessoas de que sou um idiota eufórico.

Fingir dá mais trabalho do que compensa.

Encaro Emery com um olhar fulminante quando seus olhos se voltam para mim. Ela se encolhe e rapidamente volta a se concentrar na luta. Isso me causa uma dor incômoda no peito.

Ninguém me obriga a manter distância dela, nem a afastá-la, mas não posso deixar que o que aconteceu no último julgamento se repita. Quanto mais me fechar, mais segura ela estará. Quanto mais eu deixar a dor no meu peito piorar, melhor.

Thomas apoia os pés em um caixote que ele pegou para usarmos como apoio para os pés e vira um longo gole de seu cantil. O cheiro de uísque me atinge antes de sua risada. "Caramba, aquela garota sabe mesmo dar uma surra em alguém, né? Ainda não consigo acreditar que alguém com cabelo *rosa* esteja no Esquadrão Fúria", ele comenta, inclinando o cantil e virando o resto da bebida.

Eu o encaro de soslaio antes de voltar meu olhar para ela. "Gosto do cabelo dela", digo casualmente enquanto a observo derrubar Gage com facilidade. Um pequeno sorriso quase surge em meus lábios, mas o contendo.

O tenente Erik deu a ela um pouco de tinta de cabelo para que ela pudesse retocar a raiz. Kayden a ajudou, já que era o único que realmente sabia como pintar cabelo.

Elas se afeiçoaram a ela rapidamente. Depois de analisarem as imagens das suas habilidades na categoria Sub-18 e de verem como trabalhamos bem juntas, ficaram mais do que felizes em ter uma nova companheira de equipe que não enfrentará a derrota pelas minhas mãos.

Mas ela quase conseguiu. Silêncio essa parte da minha mente, mordendo a bochecha.

Thomas resmunga enquanto se levanta, enfiando as mãos nos bolsos do casaco de couro marrom e cutucando minha bota. "É, tenho certeza que sim, Mori. Foi por isso que você a deixou sem cérebro?"

Não é segredo. Por mais que eu desejasse que fosse. Todos no esquadrão sabem. Pena que eu mereça ser envergonhado por eles, visto que já matei três dos nossos companheiros. Eles a levam.

Sobreviver é uma celebração. Gostaria que me ridicularizassem mais como faziam antes.

Naquela época, eu sentia que pertencia mais a algum lugar. Como se eu ainda fosse uma pessoa e não apenas um objeto. Eles precisavam de arma para cumprir ordens.

Encaro-o com raiva e ele me lança um sorriso displicente. Thomas é facilmente o maior idiota do meu esquadrão. Com seu mullet castanho-claro e olhos esbugalhados, você pensaria que ele estaria perdido em campo, mas ele é o melhor sinalizador com quem já trabalhei.

É vantajoso simplesmente ignorá-lo. Ele adora me irritar, então quanto mais eu reajo, mais ele se diverte. Respiro fundo e me levanto enquanto Gage e Emery terminam seu treino. Meu camarada está preso em seu golpe e batendo repetidamente em seu braço. Suas bochechas estão vermelhas.

Por um instante, questiono se ela vai deixá-lo ir ou não. Seus olhos voltam a encontrar os meus, mais frios desta vez. Um arrepio percorre meus braços. Meu maxilar se contrai e reprimo todas as emoções que anseio deixar transparecer. Por que ela continua me olhando com esses olhos tão curiosos? O que será preciso para fazê-la parar? Cerro os punhos.

Por ela, é assim que eu tenho que ser.

"Minha vez", resmungo, abrindo o zíper da minha jaqueta tática e deixando-a cair no chão atrás de mim.

ACKNOWLEDGMENTS

Gostaria de agradecer a todos os meus leitores pelo apoio e por amarem minhas histórias! Isso significa muito para mim, e eu não conseguiria alcançar tantos novos leitores sem vocês. Espero que tenham gostado desta história tanto quanto eu e que estejam ansiosos pelo próximo livro da série!

Agradeço à minha editora, Christa, por ter trabalhado comigo nos detalhes e por ter tornado a história o mais maravilhosa possível para os leitores. Sua perspicácia é excepcional!

Obrigada ao meu agente, Brent. Você é a pessoa mais trabalhadora do planeta, e eu me sinto muito sortuda e honrada por trabalhar com você. Você abriu tantas portas, especialmente no mundo internacional dos livros. Agradeço por tudo que você faz!

Obrigada à minha avaliadora e assistente pessoal, Cierra! Não consigo imaginar como estaria minha mente sem você. Obrigada por sempre me apoiar e me manter focada em tudo.

Obrigada ao meu marido, Sr. Moronova. Você tem sido a rocha em toda essa jornada e me apoiou desde o primeiro dia. Eu não conseguiria fazer metade das coisas que faço sem a sua ajuda com as edições autografadas e sem você me ouvir divagar a qualquer hora da noite sobre enredos de livros! Beijos!

ABOUT THE AUTHOR

KM Moronova é uma autora de fantasia sombria e romance. Ela mora em Montana com seu parceiro, dois cachorros e três gatos. Ela adora tomar chá e escrever histórias com mundos nos quais ela possa se perder completamente. Seus personagens favoritos são os vilões incompreendidos.

Site: kmmoronova.com TikTok:

@KMMoronova Facebook: KM

Moronova Instagram:

@KMMoronova Tópicos:

@KMMoronova
